

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

EDSON CÉSAR DE SOUSA SOBRINHO

AUTOBIOGRAFIA DO DR. CAETANO LOPES DE MOURA:
[HOMEM NEGRO], NATURAL DA BAHIA, TRADUTOR DE SIR WALTER SCOTT.
CIRURGIÃO NO EXÉRCITO DE NAPOLEÃO BONAPARTE.

SEGUIDO DE ENSAIOS CRÍTICOS

EDIÇÃO INTERPRETATIVA

Salvador
2024

EDSON CÉSAR DE SOUSA SOBRINHO

**AUTOBIOGRAFIA DO DR. CAETANO LOPES DE MOURA:
[HOMEM NEGRO], NATURAL DA BAHIA, TRADUTOR DE SIR WALTER SCOTT.
CIRURGIÃO NO EXÉRCITO DE NAPOLEÃO BONAPARTE.**

SEGUIDO DE ENSAIOS CRÍTICOS

EDIÇÃO INTERPRETATIVA

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura – Crítica e Processos de Criação em Diversas Linguagens, do Departamento de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Arivaldo Souza Sacramento

Salvador
2024

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Sobrinho, Edson César de Sousa.

Autobiografia do Dr. Caetano Lopes de Moura: [homem negro], natural da Bahia, tradutor de Sir Walter Scott, cirurgião no exército de Napoleão Bonaparte: seguido de ensaios críticos: edição interpretativa / Edson César de Sousa Sobrinho. - 2024.
179 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2024.

1. Filologia. 2. Tradução e interpretação. 3. Moura, Caetano Lopes de, 1780-1860 - Autobiografia. 4. Moura, Caetano Lopes de, 1780-1860 - Crítica e interpretação. 5. Scott, Walter, Sir, 1771-1832. I. Souza, Arivaldo Sacramento de. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 418.02

CDU - 801.82



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA
(PPGLITCULT)**

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA (PPGLITCULT), realizada em 22/03/2024 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM LITERATURA E CULTURA no. 1, área de concentração Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, do(a) candidato(a) EDSON CÉSAR DE SOUSA SOBRINHO, de matrícula 2019125237, intitulada AUTOBIOGRAFIA DO DR. CAETANO LOPES DE MOURA: [HOMEM NEGRO], NATURAL DA BAHIA, TRADUTOR DE SIR WALTER SCOTT. CIRURGIÃO NO EXÉRCITO DE NAPOLEÃO BONAPARTE. EDIÇÃO INTERPRETATIVA. Às 14:00 do citado dia, ILUFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA, Profª. Dra. DEBORA DE SOUZA, Profª. Dra. ROSINES DE JESUS DUARTE, Profª. Dra. ANA CAROLINA BARBOSA PEREIRA e Profª. Dra. ANA RITA SANTIAGO DA SILVA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, que diz: a pesquisa revela a emergência histórica de um intelectual negro, natural da Bahia, Caetano Lopes de Moura, e destaca a contribuição do trabalho para outras áreas, fornecendo um modelo de análise crítica que explicita as lacunas na memória disciplinar da Filologia e campos afins, tais como a História Intelectual e História das Ideias. Dada a importância do estudo, sugerimos a publicação da tese. Assim, a banca examinadora aprova o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente



ANA RITA SANTIAGO
Data: 12/04/2024 11:44:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ANA RITA SANTIAGO DA SILVA, UNEB

Documento assinado digitalmente



ANA CAROLINA BARBOSA PEREIRA
Data: 23/04/2024 11:07:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Externa à Instituição

Dra. ANA CAROLINA BARBOSA PEREIRA, UFBA

Examinadora Externa ao Programa

Documento assinado digitalmente



DEBORA DE SOUZA
Data: 23/04/2024 21:47:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. DEBORA DE SOUZA, UFBA

Examinadora Interna



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA
(PPGLITCULT)**

Documento assinado digitalmente



ROSINES DE JESUS DUARTE

Data: 15/04/2024 12:40:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. ROSINES DE JESUS DUARTE, UFBA

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA

Data: 25/03/2024 11:01:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA, UFBA

Presidente

Documento assinado digitalmente



EDSON CESAR DE SOUSA SOBRINHO

Data: 25/03/2024 15:33:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Doutorando(a)



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA
(PPGLITCULT)**

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 1

Autor(a): **EDSON CÉSAR DE SOUSA SOBRINHO**

Título: **AUTOBIOGRAFIA DO DR. CAETANO LOPES DE MOURA: [HOMEM NEGRO],
NATURAL DA BAHIA, TRADUTOR DE SIR WALTER SCOTT. CIRURGIÃO NO
EXÉRCITO DE NAPOLEÃO BONAPARTE. EDIÇÃO INTERPRETATIVA**

Banca examinadora:

Prof(a). ANA RITA SANTIAGO DA SILVA	Examinadora Externa à Instituição
Prof(a). ANA CAROLINA BARBOSA PEREIRA	Examinadora Externa ao Programa
Prof(a). DEBORA DE SOUZA	Examinadora Interna
Prof(a). ROSINES DE JESUS DUARTE	Examinadora Interna
Prof(a). ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA	Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. [] INTRODUÇÃO
2. [] REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. [] METODOLOGIA
4. [] RESULTADOS OBTIDOS
5. [] CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA



Universidade Federal da Bahia

***PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA
(PPGLITCULT)***

Orientador(a)

RESUMO

Esta pesquisa realizou a edição interpretativa da autobiografia (escrita em duas partes) do médico e tradutor baiano Dr. Caetano Lopes de Moura por meio dos testemunhos coletados, a saber: a primeira parte de 1852, com 59 folhas manuscritas e mais duas edições impressas, uma integral de 1902 e outra com a segunda parte de 1912. Caetano Lopes de Moura foi um homem negro, *natural da Bahia*, nascido livre em Salvador no ano de 1780, e nos relata algumas experiências da sua vida em uma correspondência manuscrita em Paris a pedido de D. Pedro II, datada e enviada ao Brasil em 1852. Assim, com a postura de um intelectual discreto que assistiu a grandes transformações na Europa e no mundo no século XIX, narra de modo geral parte de sua infância em Salvador na Bahia, a sua partida em direção à Europa com o sonho de estudar medicina, a sua vida como estudante, algumas perdas e conturbações da vida, o serviço como médico no exército de Napoleão Bonaparte por mais ou menos seis anos e o desejo perpetuo em retornar à pátria. É também um importante relato autobiográfico sob um ponto de vista ainda escasso, o de pessoas negras no século XIX, haja vista a dificuldade por que passavam justamente no século de maior intensificação do domínio colonial em transição para o imperialismo. Contudo, além da sua autobiografia, foram identificadas ao menos 35 obras de sua autoria: ao menos 23 traduções, 4 edições incluindo a primeira edição brasileira de *Os Lusíadas* de Camões (1847), e *Os cancioneiros de D. Diniz* (1847), e mais 8 obras diretamente como autor, além da *autobiografia*. Portanto, diante dos testemunhos citados acima, elegeu-se a edição impressa, de 1902, o único testemunho integral entre os coletados, como o texto base para a produção desta edição interpretativa. De tal modo, seguiu-se a identificação e coleta dos testemunhos; a transcrição; a colação; e finalmente a modernização gráfica do texto e com a devida anotação das disjunções entre os testemunhos, das intervenções do editor e as notas explicativas. E para além da realização desta edição, buscou-se analisar em quais contextos a obra de Caetano Lopes de Moura se afigura relevante, tendo em vista as suas traduções de romances históricos que serviram de modelo e exemplo à prosa romântica nacional, ainda em germen, sobretudo a de José de Alencar. E finalmente, buscou-se ainda analisar alguns contextos de recepção da sua obra, circulação, reedição e influência, mas sem perder do horizonte as questões relativas à sua “cor particular”, as questões raciais que emergem tanto das cenas e situações de racismo que narra quanto da recepção de sua obra, através de alguma crítica, *grosso modo*, parcial, superficial em muitos casos e estereotipada historicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia, Edição Interpretativa, Caetano Lopes de Moura, Autobiografia, Tradução.

RESUMÉ

Cette recherche a réalisé l'édition interprétative de l'autobiographie (écrite en deux parties) du médecin et traducteur bahianais Dr. Caetano Lopes de Moura à travers les témoignages recueillis, à savoir la première partie de 1852, avec 59 feuilles manuscrites et deux éditions imprimées, une intégrale de 1902 et une avec la deuxième partie de 1912. Caetano Lopes de Moura était un homme noir, *natural da Bahia*, né libre à Salvador en 1780, et nous raconte quelques expériences de sa vie dans une correspondance manuscrite à Paris à la demande de D. Pedro II, datée et envoyée au Brésil en 1852. Ainsi, avec l'attitude d'un intellectuel discret qui a assisté à de grandes transformations en Europe et dans le monde au XIXe siècle, il raconte en général une partie de son enfance à Salvador à Bahia, son départ vers l'Europe avec le rêve d'étudier la médecine, sa vie d'étudiant, quelques pertes et troubles de la vie, le service comme médecin dans l'armée de Napoléon Bonaparte pendant environ six ans et le désir perpétuel de retourner dans son pays natal. Il s'agit également d'un récit autobiographique important d'un point de vue encore rare, celui des Noirs au XIXe siècle, compte tenu des difficultés qu'ils ont traversées précisément au siècle de la plus grande intensification du régime colonial en transition vers l'impérialisme. Cependant, en plus de son autobiographie, au moins 35 de ses œuvres ont été identifiées : au moins 23 traductions, 4 éditions incluant la première édition brésilienne d'*Os Lusíadas* de Camões (1847), et *Os cancioneros de D. Diniz* (1847), et 8 œuvres directement comme auteur, en plus de l'autobiographie. Par conséquent, face aux témoignages cités ci-dessus, on a choisi l'édition imprimée de 1902, le seul témoignage intégral parmi ceux recueillis, comme texte de base pour la production de cette édition interprétative. De cette façon, il a été suivi par l'identification et la collecte des témoignages, la transcription, le collage, et enfin la modernisation graphique du texte et la bonne annotation des disjonctions entre les témoignages, les interventions de l'éditeur et les notes explicatives. Et en plus de réaliser cette édition, nous avons cherché à analyser dans quels contextes l'œuvre de Caetano Lopes de Moura apparaît pertinente, compte tenu de ses traductions de romans historiques qui ont servi de modèle et d'exemple à la prose romantique brésilienne, encore à ses balbutiements, notamment celui de José de Alencar. Et enfin, on a cherché à analyser certains contextes de réception de son œuvre, circulation, réédition et influence, mais sans perdre de l'horizon les questions relatives à sa "couleur particulière" les questions raciales qui surgissent à la fois des scènes et des situations de racisme qu'il raconte et de la réception de son œuvre, par quelque critique, en gros, partielle, superficielle dans de nombreux cas au-delà des stéréotypé historiquement.

MOTS CLÉS : Philologie, Édition interprétative, Caetano Lopes de Moura, Autobiographie, Traduction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 SOBRE OS TESTEMUNHOS E A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO INTERPRETATIVA	12
1.1 SOBRE OS TESTEMUNHOS	12
1.2 SOBRE A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO INTERPRETATIVA	16
2 EDIÇÃO INTERPRETATIVA DA AUTOBIOGRAFIA DE CAETANO LOPES DE MOURA	20
2.1. NOTA FILOLÓGICA	20
2.2. BIOGRAFIA DO D ^r . CAETANO LOPES DE MOURA ESCRITA PELO MESMO.....	24
3 DA BIOGRAFIA E DA AUTOBIOGRAFIA	104
3.1. CRÔNICAS: QUEM É ESSE ~~MULATO~~ ?.....	104
3.2. ESTUDOS MEDIEVAIS NO BRASIL: ALGO PÍCARO.....	115
3.3. INTEPRETAÇÃO E CRÍTICA E INTEPRETAÇÃO	123
4 A OBRA-VIDA AUSENTE: VIDA E VIDA... ..	132
4.1. A BIOGRAFIA COMO OBRA ACIMA DE TODA OBRA.....	132
4.2. A TRADUÇÃO DAS OBRAS DE WALTER SCOTT: EDIÇÕES E REEDIÇÕES:.....	135
4.3. UM ROMÂNTICO FORA DO ROMANTISMO: OUTRA VEZ A NAÇÃO.	140
CONSIDERAÇÃO LIMINAR	157
REFERÊNCIAS.....	161
BIBLIOGRAFIA DE CAETANO LOPES DE MOURA	167
ANEXO A - BIOGRAFIA DE CAETANO L. DE MOURA, 1ª PARTE DO MANUSCRITO, 1852.	170
ANEXO B - BIOGRAFIA DE CAETANO L. DE MOURA, JORNAL DO COMMERCIO, 1902.	171
ANEXO C - BIOGRAFIA DE CAETANO L. DE MOURA, NA REVISTA DA ABL, 1912.	172
ANEXO D - ARTIGOS E CRÔNICAS.....	175

INTRODUÇÃO

Em 1780, nascia em Salvador, na Bahia, Caetano Lopes de Moura, o mais novo de três irmãos. Seu pai, Maximiano Lopes de Moura, foi mestre carpinteiro, e a sua mãe, Teodora Maria da Conceição, cujo nome consta apenas da certidão de óbito do filho, sabe-se praticamente nada¹.

Durante a juventude em Salvador, através de Aulas Régias, aprendeu bem latim, grego e algum tempo depois, por meio de um importante amigo, aprendeu a língua francesa e com ela muito da sua literatura. Em se tratando do século XIX, essas seriam as línguas de cultura mais consideráveis: o francês e o latim e ainda o grego em certa medida. Mais tarde, Caetano Lopes de Moura teria contato com outras línguas na Europa, nesse continente que ele desembarcou no começo do século XIX e permaneceu até o final da vida em 1860, ano da sua morte, em Paris, aos 80 anos de idade. E é ainda nessa capital francesa onde permanece enterrado, no célebre cemitério do *Père Lachaise*, em um mausoléu custeado por D. Pedro II, seu “admirador” e correspondente, e por ter sido Caetano Lopes de Moura um “prestigiado” intelectual e então mordomo imperial de 1846 até o fim da sua vida². E é justamente a pedido de D. Pedro II³ que um manuscrito autobiográfico é redigido por Caetano Lopes de Moura e enviado da França para o Brasil como uma correspondência direta para o Imperador. E é justamente esse documento (auto)biográfico que apresento como resultado desta pesquisa sob a rubrica de edição interpretativa ou crítico-interpretativa.

Mas, ainda antes de entrarmos nos pormenores desta edição interpretativa, expandirei um pouco mais as questões em torno do médico, tradutor e editor baiano, Caetano Lopes de Moura sem, no entanto, ser exaustivo. Mesmo porque, mais adiante, a sua *Autobiografia* já editada adicionará muito mais informações sobre a sua vida, em contextos muito diversos.

Além do mais, nos capítulos seguintes à edição serão retomados alguns fatos específicos da sua vida e obra, sob a luz de questões que se mostraram importantes para a melhor compreensão da própria personagem histórica em questão sob variados lugares de observação. No entanto, é bom ter em mente que, apesar deste trabalho apresentar a edição de uma narrativa autobiográfica como objetivo primeiro, isso não deve representar a ideia de que se elaborou aqui uma pesquisa de caráter biográfico-biografista, cujo objetivo seria talvez recobrir

¹ VEIGA, C. *Um brasileiro soldado de Napoleão*. 2ª. ed. Salvador: P55 Edições, 2013 p. 14.

² ARQUIVO NACIONAL, Registro de Decretos da Mordomia da Casa Imperial (1840 – 1846).

³ O império brasileiro, sob D. Pedro II, lhe concedeu uma série de prêmios: como a promoção a Oficial da ordem da Rosa, Sócio Correspondente do IHGB, Cirurgião Mór da Casa Real, membro da mordomia real etc. Ibid., p.200-204

integralmente a vida de um indivíduo em supostamente toda a sua temporalidade ou algo semelhante. Não foi isso que se realizou aqui.

Pelo contrário, insistiremos em fatos já debatidos, problemas e/ou situações que já mereceram alguma atenção, acontecimentos que não passaram necessariamente despercebidos. E alguns desses fatos ainda merecerão alguma atenção por não se esgotarem definitivamente com as informações que se apresentaram ou com as já apresentadas por obras de outras e outros pesquisadores. Por exemplo: a obra do professor e pesquisador Claudio Veiga, *Um brasileiro soldado de Napoleão* (2013), entre outrora, que com alguma estilística ficcional, é uma obra-biográfica ou biografista da vida do tradutor baiano através de uma pesquisa extensa e bem documentada. Ou ainda, as pesquisas da Prof^a Isadora Tavares Maleval, que, da graduação ao doutorado, pesquisou diversamente Caetano Lopes de Moura. Evidentemente, essas e outras pesquisas nos ajudaram em diversos pontos, seja de forma propositiva, em inúmeras vezes, mas também como locais de crítica, quando construíram ilações e hipóteses sem dados ou fontes, ou mais gravemente quando na presença das informações do manuscrito de Caetano Lopes de Moura, a que tiveram acesso integral, preferiram ignorá-las. Algo que será tratado aqui e ali nos capítulos 3 e 4.

Sendo assim, tendo nascido em 1780, e crescido em meio as grandes revoluções que habitavam o mundo entre o último quarto do século XVIII e o começo do XIX, como testemunham a Revolução nos Estados Unidos (até pelos menos 1791), a Revolução na França (1789-1799), sem esquecer a Revolução Haitiana (1791-1804), Caetano Lopes de Moura, mais ou menos dois anos após a Revolta do Búzios (1798)⁴, em Salvador, partiu em direção a Portugal, provavelmente em 1801, depois de desatar algumas dificuldades financeiras que descreve em sua *Autobiografia*. Mas, apesar dessa constante limitação financeira, consegue realizar grande parte dos seus estudos com apoio de um mecenas em Portugal e outros dois, em momentos distintos, já em Rouen, na França, aonde chega muito provavelmente em 1803, país em que permaneceu maior parte da vida e onde se deu o seu crepúsculo em 1860.

Mas, em 1804, algum tempo após a sua chegada na França, ainda como consequência do período da revolução francesa, irrompem as guerras revolucionárias na França lideradas por

⁴ Há, na *Autobiografia* de Caetano Lopes de Moura, um momento em que ele decide passar um tempo em uma fazenda de um amigo em Santo Amaro. Esse retiro mais ou menos 16 meses e coincide com o período das prisões e execuções daqueles que participaram da revolta dos búzios. Cláudio Veiga afirma, com toda certeza, que o médico baiano não participou, outras fontes apontam o contrário; ao que parece, ninguém tem como negar completamente ou afirmar definitivamente o que fazia Caetano Lopes de Moura naqueles tempos. Um fato é que não há provas que o coloque entre os participantes. O outro fato é que o Visconde da Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, dono da fazenda em que ficou hospedado, era muito simpático à causa republicana e muito interessado no que ocorria em Paris. Vide a sua bibliografia. Além disso, um fato curioso, é que Domingos Borges de Barros é o pai da preceptora da Princesa Isabel, A Condessa de Barral.

Napoleão I, o futuro Napoleão Bonaparte. Inclusive, antes de ter escrito a própria biografia, o médico baiano teria escrito a biografia do próprio Napoleão Bonaparte, publicada em 1846, em Paris, pela editora/editor J.-P. Aillaud. Mas nesta altura, com mais ou menos dez anos de trabalho com esse editor francês, o tradutor baiano já terá publicado mais de 20 livros, quase todos como tradutor do francês, algo em inglês, talvez uma obra do alemão, um livro sob o próprio nome, além de ter realizado serviços como editor e revisor e a já citada biografia de Napoleão Bonaparte. Esse é o primeiro Imperador que ocuparia um trecho importante na vida de Caetano Moura⁵ desde quando estudante de medicina na França. Pois, algum tempo depois do começo das guerras, entre 1808 e 1814, o médico baiano atuará nos exércitos napoleônicos como Ajudante de cirurgia na Legião Portuguesa, que estava submetida ao imperador francês. É também ao final deste período que consegue obter o grau de médico, por ter realizado parte do seu “estágio” no exército francês.

Essa passagem de sua biografia terá repercussões diversas, se criarão muitas fabulações em torno do seu nome e da sua relação com imperador francês, e igualmente com D. Pedro II. Com o francês esteve frente a frente apenas uma vez, tratou-se de uma promoção. Com o brasileiro trocou correspondências com propósitos diversos. Estes foram os limites que desenrolaram diversas questões em torno de Caetano Moura, os Imperadores e o fato do tradutor ser um homem negro. Voltaremos a estas questões após a edição da sua biografia, quando se ensaiarão algumas compreensões sobre essas e outras questão correlatas.

Mas, ainda nessa direção, a própria obra do Prof. Claudio Veiga, *Um brasileiro soldado de Napoleão*, 2013, escolhe retirar o nome de Caetano Moura do título para enfatizar a relação “desse alguém” com Napoleão. Essa imagem de um *certo alguém ausente*, apesar de ele ser o assunto central, imediatamente impôs-se a esta pesquisa por sua recorrência: a explicitude dessa presença-ausente em nossa história, sintetizada na ausência do nome próprio [Caetano Moura] na principal obra que pretende biografá-lo.

Enfim, independente da estratégia que Claudio Veiga tenha se utilizado para intitular a sua obra, ele repetirá a mesma ausência de alguns outros antes dele através de fórmulas substitutivas, talvez, “edições”: há metáforas de Caetano Moura, talvez um jogo de adivinhação, como no título acima mencionado. Quem foi o *brasileiro soldado de napoleão*? Seguindo nessa direção, Caetano Moura foi quem realizou a primeira edição brasileira de *Os Lusíadas* (1847), de Camões; realizou também a primeira edição dos *Cancioneiros de D. Diniz* (1847); realizou a edição, revisão e notas, a partir dos manuscritos de J.C.R. Milliet de Saint-Adolphe, do

⁵ A partir daqui citarei apenas o primeiro e o último nome de Caetano Lopes de Moura.

Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil [...] (1845; reeditada em 2014); em resumo, traduziu ao menos vinte e três livros, incluindo os principais prosadores do movimento romântico do século XIX, como Walter Scott, Fenimore Cooper, Chateaubriand exercendo, com isso, uma importante influência no sistema literário brasileiro em sua época, ainda que esta influência ainda não tenha sido considerada devidamente. Em resumo, eis o soldado de Napoleão!

Sendo assim, o objetivo primeiro desta pesquisa é o de apresentar a edição interpretativa da *Biografia do Dr. Caetano Lopes de Moura escrita pelo mesmo*, originalmente dividida em duas partes, e escrita e datada de Paris no ano de 1852. Essa edição foi possível a partir da identificação e coleta de 3 (três) testemunhos dessa *Biografia*, a saber:

1. O *fac-símile* da primeira parte do *manuscrito autobiográfico* somando 59 folhas; estima-se que o documento integral tenha pouco mais de 80 folhas⁶;
2. Uma reprodução digital da publicação integral da autobiografia, extraída do *Jornal do Commercio* (RJ) de 1902⁷;
3. E, finalmente, a segunda parte da *autobiografia*⁸ publicada integralmente em dois números na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em 1912⁹. Foi localizado apenas o *tomo II* dessa publicação, justamente onde consta publicada a segunda parte da *autobiografia*.

Com isso, e mais precisamente, uma edição interpretativa desse conjunto material quer dizer que se trata de uma

[1] Edição crítica de um texto de testemunho único; nesta situação, o editor transcreve o texto, corrige os erros por conjectura (*emendatio ope ingenii*), e regista em aparato todas as suas intervenções. [2] Edição de um texto de testemunho único, ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público não diferenciado; para além da transcrição e da correção de erros, o editor atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de caráter geral¹⁰.

Sendo assim, a edição interpretativa é um modo próprio de edição crítica sem recorrer ao modelo fixado pela tradição textual como um modo exclusivo de edição de manuscritos

⁶ LOPES DE MOURA, Caetano. *Biografia de Caetano Lopes de Moura*. 15 jul. 1852. Localização: Biografia de Caetano Lopes de Moura escrita por ele mesmo, IHGB, T. 24, p. 703, 1861.

⁷ DA C. DE ARAUJO, Ernesto. *Biographia do Dr. Caetano Lopes de Moura* - Escripita por elle mesmo. *Jornal do Commercio*, n. 88, p. 1-2, 29 mar. 1902.

⁸ Na página que serve como a capa das folhas manuscritas de Caetano Lopes de Moura vem gravado em seu título a palavra *biografia*. Portanto, o acréscimo do prefixo “auto” se dá à título de uma percepção mais direta do que se trata. Já que o termo *autobiografia* informa imediatamente se tratar de um texto biográfico em primeira pessoa. Sendo assim, não se trata aqui de algum tipo de discussão sobre a melhor nomenclatura para esse tipo de escritura, gênero narrativo, literário.

⁹ AUTOBIOGRAFIA do Dr. Caetano Lopes de Moura: editado por Alberto de Oliveira. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano III, v. 2, ed. 10, p. 205-230, Outubro 1912.

¹⁰ DUARTE, Luiz Fagundes. *Os palácios da memória: ensaios de crítica textual*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 386, verbete.

antigos ou documentos equivalentes. Por exemplo, nesta pesquisa partiu-se de uma tradição múltipla, ou três testemunhos, mas se elegeu como base para a edição interpretativa o único testemunho integral (1902) entre os encontrados desta autobiografia, colacionando-o com a transcrição da primeira parte do manuscrito de 1852 e com a segunda parte do impresso de 1912, anotando em aparato crítico as disjunções entre os testemunhos e outras eventualidades. No caso das emendas, ou das correções de erros etc., sobretudo causadas por limitações de leitura dos documentos ou por erros tipográficos, não se operou por conjectura (*emendatio ope ingenii*) em nenhuma situação específica que valha apontar agora, pois, diante de três testemunhos, foi mais eficiente a correção de um pelo outro ou segundo a *emendatio ope codicum*. Eis o resumo do objetivo mais geral desta pesquisa.

Além disso, quis compreender com mais proximidade algumas complexidades relacionadas ao trânsito intelectual desse homem negro e, fundamentalmente, algumas circunstâncias ou contextos de produção e recepção da sua obra. No entanto, essa compreensão, sobretudo no que diz respeito à recepção, não pareceu proveitosa sem que elementos biográficos de Caetano Moura se impusessem, muitas vezes, a despeito do que ele mesmo narrara. Se verá então como a biografia de um homem negro, sobretudo a sua miséria ao seu tempo, servirá para justificar seu heroísmo ou brilhantismo e do mesmo modo a sua vilania e malandragem numa mesma ação, um sujeito em que dúvidas sempre hão de pairar pelo fato de sua “cor”. Daí a necessidade em estabelecer um lugar mais estável para a sua voz, para sua própria história, através da sua *Autobiografia* ainda antes de qualquer consideração mais específica sobre os fatos nela contidos.

Ainda assim, apesar de ser uma correspondência enviada ao Imperador do Brasil, e se acreditar por isso que nela transparece apenas a formalidade de um servo a serviço do Imperador, lhe pedindo que narre a própria vida, se lerá um relato breve, mas honesto em seus fatos. No entanto, esse depoimento biográfico consegue, além de tudo, informar com certa naturalidade (no limite da formalidade escrita) fatos importantes e, de certa forma, algumas vezes surpreendentes, e cito de passagem apenas alguns: nos informa que o seu autor é “pardo”, assim como seu pai, sua mãe, seu avô e a sua avó; narra explicitamente cenas de racismo, no plural; é uma narrativa autobiográfica de um homem negro, que viveu no século XIX, fora do contexto de escravização, tendo se correspondido com o imperador da maior nação escravagista da história. É preciso lembrar ainda que Caetano Moura é aquele a quem pertence o “título” de primeiro tradutor profissional brasileiro. E até o momento não há alguma fonte que divirja a esse respeito. Em razão dessa singularidade biográfica, reafirmo a importância da edição da sua *autobiografia* como a parte sem a qual essa pesquisa se esvaziaria de sentido.

Pode-se, aqui, como exemplo primeiro e grave, sublinhar que o próprio Caetano Moura se narra como *pardo*, logo no início do seu relato, mas foi geralmente tratado como *mulato*, entre alguns outros epítetos que analisaremos algumas recorrências, no *Capítulo 3*. Esse é um fato importante, e se verá desdobramentos disso, pois, é como o autor relata a si mesmo, como então ele contextualiza esse *ser-pardo*, e como essa incerta determinação racial se provará durante o seu relato algo muito evidente: ele era um homem negro. Não apenas as narrações de racismo o provariam, mas já bastam. Narra os fatos, inclusive, a partir de situações cuja presença dele-mesmo no mundo era contestada intelectual e ontologicamente. Dessas situações que consideramos, ao menos, como potencialmente traumáticas, mas que ele quase sempre tentava demonstrar alguma forma de superação de tais dificuldades em sentido prático, tentando um certo pragmatismo com a realidade dada. Para isso, às vezes, apontava algum bom desempenho que teve a despeito das desconfianças que o pairavam quase sempre. Tais demonstrações orgulho e estima pessoal, que as vezes recorria, apesar das situações lamentáveis que as precederam, foram lidas às vezes como meros autoelogios, ou algum traço de vaidade vazia.

Portanto, a opção pela realização da edição interpretativa dessa autobiografia se deu, sobretudo, em razão da importância desse tipo de documento, do tipo de narrativa pessoal nele contido, pela relevância histórica – ainda por dimensionar – desse médico baiano. E, como parte objetiva deste tipo de edição, ampliar o acesso a sua vida e obra e à sua ainda mal conhecida relação com a história da cultura e da literatura brasileira, a isso não se poderia deixar de lado questões do tipo racial tendo em vista como o autor explicitou as suas origens, sempre estampando no frontispício dos seus livros, após o próprio nome, um certo epíteto de *natural da Bahia*, mas que se tentou editá-lo para o epíteto: “o mulato baiano”.

1 SOBRE OS TESTEMUNHOS E A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO INTERPRETATIVA

1.1 SOBRE OS TESTEMUNHOS

Assim, como Caetano Moura explica no próprio texto aqui editado, o manuscrito autobiográfico (1852) foi concebido em duas partes por força de adversidades, e datados a 15 de julho de 1852, em Paris, cidade em que residia quando escrevera e enviara para e a pedido de D. Pedro II, e como se sabe, Imperador do Brasil.

Pelas informações contidas no próprio manuscrito, talvez alguns outros documentos apenas tenham sido enviados como forma de corroborar, atestar ou simplesmente enfatizar a veracidade de algumas das narrações do seu autor. Talvez tenha sido remetidos de Paris, além do manuscrito, alguma publicação, recorte de jornal, algum diploma acadêmico e ou certificado; além de documentos que autor admite ainda possuir enquanto se desculpa da ausência de alguns outros que se perderam ou se destruíram ou que não estavam em condições de compor o rol ilustrativo da sua própria história, por assim dizer. Infelizmente, os documentos mencionados por Caetano Moura não foram encontrados¹¹.

Das duas partes mencionadas do manuscrito, consegui identificar e obter o *fac-simile* da primeira parte com 59 folhas soltas através do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – IHGB. A existência de apenas umas das partes do manuscrito sob posse desse instituto contradiz algumas informações pescadas entre aqueles que escreveram sobre Caetano Moura. No entanto, o estudo mais amplo e detalhado de sua vida e obra, já citado, realizado por Cláudio Veiga, aponta que a primeira das partes pode ser encontrada no IHGB e a segunda se encontra no Arquivo Grão-Pará, esses arquivos foram integrados ao Museu Imperial.

¹¹ Tudo leva a crer que a segunda parte do manuscrito e o restante dos documentos citados pelo próprio Caetano Moura, além de outras tantas correspondências deste com D. Pedro II, estejam no Arquivo do Museu Imperial. Isso após a indexação do Arquivo Grão-Pará ao Museu. Por dificuldades operacionais, causadas pela pandemia da COVID19, o governo brasileiro de Jair Bolsonaro e as chuvas de 2023, jamais obtive retorno das tentativas de contato para entender como o Arquivo do Palácio Grão-Pará está integrado ao Museu Imperial em Petrópolis. Assim, nenhum dos documentos relacionados à Caetano Moura aparecem entre os de posse do Museu do Arquivo Imperial, nem em consulta online, nem nos anuários nem nas outras publicações que informam sobre o acervo. Entretanto, segundo as fontes documentais citadas por Veiga encontradas no Arquivo Grão-Pará, estão as Cartas ao Imperador, Cartas a Paulo Barbosa da Silva, mordomo real e amigo de Caetano Moura, Cartas do Conde Daru, um trecho de uma delas vem transcrita na biografia publicada no Jornal do Commercio de 1912 e consta da edição aqui realizada e parte da Autobiografia. O Único documento encontrado por Claudio Veiga no Museu Imperial é o documento referente ao sepultamento de Caetano Moura, documento encontrado em outros arquivos e reproduzido algumas vezes em outras publicações da época que informavam a morte do tradutor e médico brasileiro.

No entanto, por força das adversidades causadas pela pandemia dos últimos anos não consegui obter sucesso na busca por respostas do Museu Imperial ou do Arquivo Grão-Pará sobre o acesso ou a possibilidade de obter *fac-símiles*. Acresce-se a esse fato as chuvas em Petrópolis e região que forçaram o fechamento parcial desses arquivos públicos a um tempo atrás.

Entretanto, foi localizada uma edição impressa – dessa vez integral – publicada no *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, n. 88, no sábado de 29 de março de 1902, cinquenta anos após ter sido escrita por Caetano Moura. A edição dessa publicação foi realizada por Ernesto C. de Araújo Viana, neto do Marquês de Sapucaí que havia copiado para si os manuscritos do Dr. Caetano Moura, antes de doar os originais em 1862 ao IHGB, encarregado por D. Pedro II para o fazê-lo após a morte do seu autor. Desse mesmo fato, há algo ainda que não se tem maiores explicações, pois, se o Marquês de Sapucaí fora encarregado pelo Imperador D. Pedro II em entregar o manuscrito ao IHGB, como consta inclusive dos arquivos desse instituto, porque apenas a primeira parte foi doada, já que uma cópia integral desses manuscritos realmente esteve sob posse do Marquês? Pois que, como acima mencionei, a publicação integral feita por Ernesto Viana, neto do Marquês, que afirma, na nota prévia à publicação de 1902, ter realizado a edição integral de uma cópia feita por seu avô antes de doar o manuscrito ao IHGB.



Uma breve nota: O *Jornal do Commercio* foi um periódico que circulou no Rio de Janeiro de 1827 até 2016, sendo um dos jornais mais antigos em circulação no Brasil. Durante o século XIX teve uma notável importância para a circulação de informações comerciais principalmente, mas também culturais e políticas. Foi na edição de sábado, 29 de março de 1902, que o manuscrito foi publicado, era o número 88 do ano 82 do jornal cuja edição contava com seis páginas ao todo, impresso em papel jornal a partir de linotipos ou monotipos. Não se encontrou dados sobre o tamanho das folhas impressas, pois todo acesso se deu exclusivamente por meio eletrônico sem informações ou metadados com tais informações.

Assim, o *Jornal do Commercio* foi um dos periódicos mais longevos do Brasil, tendo circulado por quase dois séculos, quando encerrou as operações depois de 189 anos. Mais precisamente, em 1827, o *Diário Mercantil* alterou o nome e sociedade para *Jornal do Commercio* três anos após ter sido comprado por Pierre René François Plancher de la Noé, tornando-se, logo, o principal jornal carioca e, conseqüentemente, do país. Nascido na França, Pierre Plancher já era editor de livros em seu país antes de chegar ao Brasil, e é considerado

como um dos pioneiros da tipografia nacional inclusive com a introdução de novas tecnologias para o ramo, a exemplo da litografia. Admirador de Napoleão Bonaparte, Plancher saiu da França por motivos políticos e pelas consequentes instabilidades causadas ao mercado literário francês. Apesar de ter sido um dos periódicos de maior circulação no país, não foram encontrados dados específicos sobre as tiragens e impressões médias ou gerais para a época.

Enfim, no período em que o manuscrito foi impresso o *Jornal* já estava sob propriedade José Carlos Rodrigues desde 1890 e permaneceu até 1915 aproximadamente. O *Jornal do Commercio* manteve a sua importância como a maior e mais moderna tipografia do Brasil até meados do século passado quando foi superado pelo *Jornal do Brasil*¹².



Retomando, após localizar essa edição integral da autobiografia publicada no *Jornal do Commercio* já se tinha o meio suficiente para perseguir a autobiografia em toda sua extensão. Inicialmente, cotejando a sua primeira parte manuscrita (previamente transcrita) com a sua correspondente da edição do jornal, como forma de verificar se de fato se tratava da mesma narrativa. O que se confirmou. Confirmada a identidade parcial da publicação de 1902, após colação com o manuscrito, restava ainda a lacuna da confirmação ao menos da integralidade da segunda parte da autobiografia publicada nessa mesma edição do *Jornal*, tendo em vista a certeza autenticidade publicação.

Ainda assim, expostos esses empecilhos e lacunas iniciais, e na tentativa de saná-las, foi localizada uma segunda edição integral do mesmo manuscrito publicado na *Revista*¹³ da *Academia Brasileira de Letras*¹⁴ divididos em dois números, cada um contendo uma das partes entre os demais textos ali publicados.

¹² HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil** sua história. Trad. 3ª ed. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p.147-162.

¹³ REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, n.10 (out.) de 1912. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.

¹⁴ A história e importância dessa publicação pode ser abreviada, segundo Ubiratan Machado, da seguinte maneira: “A ideia de uma publicação que registrasse as atividades da Academia nasceu com a instituição. Dois meses e pouco após a fundação oficial da Casa de Machado de Assis, em setembro de 1897, surgia o Boletim da Academia Brasileira de Letras. Trazia um importante material histórico, a ata da sessão inaugural, realizada em 20 de julho de 1897, discurso de abertura de Machado de Assis e do secretário-geral, Joaquim Nabuco, relatório de Rodrigo Otávio, estatutos da Academia, relação de seus membros. O segundo número só saiu em maio de 1901, retrato dos tempos difíceis, de carência de recursos. A Revista da Academia Brasileira de Letras, mais ambiciosa do que o Boletim, ao qual sucedeu, mantendo o mesmo espírito pioneiro, começou a circular em julho de 1910, com periodicidade trimestral. Teve duas interrupções, entre abril de 1913 e abril de 1920 e entre dezembro de 1923 e maio de 1924. A partir deste ano, até 1936, passou a circular mensalmente, adotando o critério de semestralidade entre 1937 e 1993. A partir de 1994, passou a se chamar Anais da Academia Brasileira de Letras. Durante os 83 anos em que circulou com o título de Revista da Academia Brasileira de Letras, totalizou 166 volumes, publicou centenas de ensaios, contos e poemas, nem sempre de acadêmicos, conferências, discurs-

Porém, os arquivos públicos digitais e físicos a que tentei acesso, e segundo consegui apurar, informavam não deter cópias dos números das *Revistas da Academia* em que foram publicados, cinquenta anos após a morte, a autobiografia integral de Caetano Moura. Ainda assim, e por outros meios, consegui adquirir o n. 10 dessa *Revista da Academia*, de outubro de 1912, contendo a segunda parte do manuscrito, dessa vez, editado por Alberto de Oliveira¹⁵. Trata-se, então, do terceiro testemunho, o segundo impresso.

Nesse número de outubro de 1912, consta a segunda parte do manuscrito, entre as páginas 205 a 230, com o título de *Autobiografia do Dr. Caetano Lopes de Moura* seguido da informação do seu editor, e, depois, em negrito, a informação de que se trata da 2ª parte e entre parênteses o acréscimo de que é a sua *continuação*. Não há nessa *Revista* alguma explícita separação de seções ou qualquer divisão temática, há apenas um sumário linear dos textos e os autores publicados naquele número da revista. Ao final dessa publicação consta a informação do índice geral do tomo anterior, nesse índice há a informação de que a *Autobiografia* inicia na página 75 do número anterior da *Revista*, de julho, mas não informa em que página se encerra. Além disso, consta ainda a informação de que a *Livraria Francisco Alves*, localizada na Rua do Ouvidor, n. 166, no Rio de Janeiro, foi a responsável pela comercialização direta ao público geral e responsável também pelo envio aos assinantes. Nesse período, essa livraria possuía também mais duas filiais, uma na cidade de São Paulo e a outra em Belo Horizonte. A confecção do exemplar físico que consultei, data de novembro de 1913, e foi produzido pela tipografia da *Livraria Francisco Alves*, mas não há dados sobre a quantidade de exemplares produzidos dessa *Revista* ou da sua edição especificamente.

Dessa maneira e de posse das múltiplas fontes testemunhais pude, mesmo que parcialmente, pela ausência da segunda parte do manuscrito e seus apensos, analisar e realizar por meio dos três testemunhos apresentados a edição interpretativa logo mais abaixo.

... sos de posse e recepção, material de importância fundamental para a história da instituição, o estudo da literatura brasileira e a difusão de literaturas estrangeiras.” ANTOLOGIA DA REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. [organização e apresentação] Ubiratan Machado. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. 240 p.; 21 cm. – (Coleção Afrânio Peixoto; 95).

¹⁵ A *Autobiografia* foi publicada nos números 09 e 10 dessa *Revista*, em julho e outubro respectivamente, de 1912. Editados por Alberto de Oliveira, poeta Parnasiano nascido no Rio de Janeiro em 1857, que ocupou a cadeira 8 como fundador da *Academia Brasileira de Letras*. Em vida publicou 10 livros de poesia, além de ter contribuído para essa *Revista*, foi articulista em muitos jornais da época, entre os quais, *A Semana*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Combate*, *Gazeta da Noite*, *Revista Brasileira*, *Correio da Manhã*, *Revista do Brasil*, *Revista de Portugal*, *Revista de Língua Portuguesa* entre outros, morreu em 1937. Ver: ACADÊMICOS: Alberto de Oliveira. In: **Biografia de Alberto de Oliveira**. Rio de Janeiro, 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia>. Acesso em: 15 nov. 2023.

1.2 SOBRE A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO INTERPRETATIVA

Logo após localização e coleta do manuscrito autógrafo parcial, no IHGB, ou a primeira parte da autobiografia, com 59 folhas, se afigurou a ideia de uma edição crítica, ainda que parcial, visto que a segunda parte desse manuscrito, que deve somar entre 20 e 25 folhas, até o momento não foi localizado.

Mas esse empecilho não impediu a realização de uma edição interpretativa integral da biografia de Caetano Moura, pois com a identificação e coleta de outros dois testemunhos (1902; 1912), sob a forma de publicações impressas, se estabeleceu um cenário possível para a consecução de um projeto de edição mais próprio para a documentação encontrada, mesmo que não tenha sido de modo ideal com a localização da segunda parte do manuscrito¹⁶.

Assim, na presença então de uma publicação integral da autobiografia, de 1902, somado a primeira parte do manuscrito de 1852, e ainda a segunda parte de uma outra edição dessa autobiografia publicada em 1912, tem-se, enfim, de forma compósita, o necessário para colacionar toda autobiografia do médico e tradutor baiano. A começar após a transcrição das 59 folhas do manuscrito.

Enfim, pelo fato de a autobiografia ter sido originalmente composta em duas partes, e por todas as suas edições considerarem essa divisão, a tomaremos igualmente por duas partes.

Assim, a colação se deu da seguinte ordem:

- a) A primeira parte já transcrita do *manuscrito* autógrafo, de 1852, foi colacionada com a sua parte correspondente publicada no *Jornal do Commercio* em 1902;
- b) A segunda parte impressa, publicada em 1912, na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, foi colacionada com a sua parte correspondente publicada também no *Jornal do Commercio* (1902);
- c) Dessa colação entre os testemunhos, tomando a integral como base, resultou a edição interpretativa apresentada logo mais.

Portanto, tem-se o testemunho de 1902, que por sua integralidade, foi eleito para o centro da colação e em seu entorno: inicialmente, foi colacionado com a primeira parte do

¹⁶ Ressalte-se que a ausência da segunda parte do manuscrito autógrafo de 1852 é um dado importante de nossas limitações materiais. Disso decorre que, apenas indiretamente pode-se fazer afirmações definitivas sobre todo o seu conteúdo, ou de sua menor parte, mais precisamente! Porém, poucas dúvidas devem pairar diante da quantidade informações que se dispõe sobre os fatos narrados na parte ausente do documento original. Apesar de haver momentos que não poderiam ser imediatamente confirmados ou infirmados, por outro lado, não foram identificados fatos que pudessem ser categoricamente tomados como mentira ou invenção por parte do médico baiano em qualquer das partes do texto biográfico. As dúvidas mais robustas a respeito do seu relato se sustentam em meras especulações, desconfianças, muitas vezes vestidas de algum aspecto racializante. Algo impossível de ser ignorado e veremos mais adiante alguns motivos para isso.

manuscrito encontrado no IHGB (1852); e, em seguida, com a segunda parte publicada na *Revista da Academia* em 1912. Assim, com a ausência da segunda parte do manuscrito autógrafa (1852), o que se buscou foi a apresentação de um texto que pudesse exprimir a integralidade da autobiografia do Dr. Caetano Lopes de Moura, seguros da autenticidade do narrado, através de suas duas edições impressas de 1902 e 1912. Contudo, todo esse processo, se não objetivou a restituição do texto como o fora escrito por seu autor, quis, de outra forma, confirmar que se tratavam todos da mesma narrativa e, obviamente, saber se essa narrativa sofrera com algum tipo exagerado de edição e publicadas, então, conforme o rigor da letra do seu autor. Felizmente, não há alguma ocorrência grave a ser relatada, apenas problemas comuns a qualquer edição, erros comuns do processo de editoração e tipografias e logicamente o tempo agindo sobre os arquivos.

De modo semelhante ao que ocorreu no passado, esta edição interpretativa atualizou graficamente o texto aqui em questão, como parte do trabalho de crítica, anotando-se devidamente em aparato as disjunções entre os testemunhos, apresentados sob nota de rodapé ao longo do texto estabelecido, o texto-corpo da edição. Além das notas do editor que em geral serviram para localizar melhor no tempo alguma figura notória citada, locais importantes ou eventos significativos.

Portanto, a edição desta autobiografia nos servirá muito mais do que como uma fonte em primeira pessoa – apesar da sua notável importância – dos fatos da vida de um homem negro nascido no século XVIII, nos dará também a oportunidade de encarar nuances sociais e raciais que ele atravessou ao seu tempo, algumas das suas relações com figuras notórias da história do Brasil, incluindo o Imperador D. Pedro II, o destinatário dessa carta-biografia, cujo interesse por Caetano Moura¹⁷ se mostrou diversamente. Nos dará, também, alguma oportunidade para compreendermos como se deu a trajetória do seu trabalho como médico, tradutor e editor, algo sobre a sua família no Brasil e a que formou mais tarde em Portugal e França, em meio a tantas adversidades para um homem negro na Europa do século XIX, em um breve relato.

Além disso, será interessante perceber de que modo figurava Caetano Moura no imaginário literário e intelectual brasileiro ao seu tempo e após, através da recepção de sua obra ou alguma crítica ao seu nome e, mais especialmente, a recepção dos seus relatos biográficos agora acessíveis e confrontáveis com o já dito sobre sua vida.

Durante alguns anos de sua vida, Caetano Moura participou efetivamente da produção literária brasileira, não em terras nacionais, mas a partir da Europa. Essa perpétua distância da

¹⁷ A partir deste ponto mencionarei seu nome desse modo mais breve. No entanto, em citações sobretudo, se manterá a forma encontrada.

sua pátria, deve ter tido alguma participação na forma como se desenrolou a sua recepção, inclusão ou apagamento na história brasileira, na própria cultura. E veremos como o seu nome poderia tranquilamente figurar entre tantas e tantos outros nomes relevantes da cultura no Brasil, sobretudo por sua relevância na constituição definitiva do cenário literário ainda nascente no séc. XIX.

Com efeito, apesar de ter sido descrito e ou tratado como um “herói” ou um “mito”, ideias que se locupletam em alguns pontos, cujos méritos se devem antes aos seus feitos e se lerá essa trajetória, ainda assim não conseguirei separá-los, esses feitos, como já mencionei, do fato indelével de sua cor. E isso, logicamente, afeta a produção e o desenvolvimento de qualquer pesquisa que se depare com tais questões intimamente relacionadas, ainda mais, em se tratando de sociedades hierarquizadas em todos os sentidos, incluindo aí hierarquias intelectuais, a partir de ideologias nominalmente racistas.

A esse respeito, o século XIX, o mesmo em que Caetano Moura viveu maior parte de sua vida, é particularmente profuso na emergência de práticas pseudocientíficas¹⁸ aliadas às teorias racistas nascentes na França, Alemanha, Itália e Inglaterra, sem esquecer que é também o período da consolidação do colonialismo europeu em transição para o imperialismo como modelo hegemônico de organização global¹⁹.

Se pode dizer ainda que é o século do romantismo como expressão também da ascensão burguesa em gérmen; do positivismo filosófico e científico; da História como manifestação do “espírito dos povos²⁰” e não exatamente como a ciência das temporalidades das coisas no mundo.

Sobre tudo isso, é preciso dimensionar a História como um valor discursivo para que se compreenda muitas das razões de certas ausências. Sendo assim, o potencial discursivo contido

¹⁸ A esse respeito trata a reunião de ensaios publicados em 1960, pela UNESCO, sob o título de *Le Racisme devant la Science*, em que se apresentam exemplos significativamente fartos sobre as mais diversas teses pseudocientíficas em que elo comum é o racismo ou a racialização do pensamento científico. No Brasil, esses ensaios foram publicados em dois volumes sob o título *Raça e Ciência I e II*. Além das teses racistas forjadas pela ciência, existem ainda os textos religiosos e míticos que também constituem parte da composição de alguns dos imaginários raciais daquela e de épocas anteriores até nossos dias. Cf. LEIRIS, Michel; LEVI-STRAUSS, Claude; COMAS, Juan; LITTLE, Kenneth L. CHAPIRO, Harry L et. al. *Raça e Ciência*. Trad. Dora Ruhman e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1970 (Volumes I e II). Nesse sentido, e de modo muito abreviado, Edward Said analisa a composição do olhar ocidental na constituição histórica, através dos textos e livros, da região mais a leste da Europa e que arquetipicamente conhecemos hoje por *Oriente*, a terra dos Orientais. Concepção fruto de preconceitos diversos. Algo que o título da obra de Said, *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*, de 1978, tenta explicitar sinteticamente. SAID, Edward. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁹ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

²⁰ HEGEL. *Filosofia da História*. 2ª edição. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Editora UnB: Brasília, 2008.

em documentações desse tipo, autobiográficos, de pessoas negras atuando e transitando em lugares quase inacessíveis a este tipo de gente humana, sobretudo no século XIX, nos informa sobre outros modos, outras implicações e trânsitos também difíceis e complexos. Essa edição interpretativa serve também para alimentar outras pesquisas nesse sentido e a curiosidade sobre a nossa história.

2 EDIÇÃO INTERPRETATIVA DA AUTOBIOGRAFIA DE CAETANO LOPES DE MOURA

2.1. NOTA FILOLÓGICA

Após transcrever a primeira parte do manuscrito autobiográfico de 1852, foi possível colacioná-lo com a sua respectiva parte constante da edição realizada por Ernesto Viana, que a publicou integralmente no *Jornal do Commercio* em 1902. Em seguida, por força da ausência da segunda parte manuscrita, a colação da segunda parte da *Autobiografia* se deu entre as suas respectivas edições publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, em 1912, sob a edição de Alberto de Oliveira, com a publicada no *Jornal do Commercio* em 1902, já citada, possibilitando, então, a realização integral dessa edição interpretativa.

Essa etapa de colação objetivou também confirmar se essas edições realmente partiram do mesmo manuscrito atribuído²¹ à Caetano Lopes de Moura, pois que, sem ter acesso à sua integralidade manuscrita, foi através das duas publicações impressas que se constituiu a edição integral que se sucede. Assim e dado que o objetivo principal aqui é o de apresentar a *Autobiografia* do médico e tradutor baiano Caetano Moura em toda a sua extensão, acessível para leitura e, portanto, dentro do padrão ortográfico atuais da língua portuguesa, assim, o texto que se seguirá já é o resultado crítico e interpretativo das colações antes informadas.

Como se viu, a realização da transcrição do manuscrito não objetivou a sua apresentação tal e qual encontrada no manuscrito haja visto o tipo de edição proposta. E também porque a colação integral se deu através de testemunhos das suas duas edições e não do manuscrito como seria o ideal.

Enfim, durante a colação tirou-se proveito da numeração alógrafa que, ao que parece, se fez para efeitos arquivísticos. Ainda assim, a transcrição se deu a partir dos critérios usuais para esse fim, mantendo-se a ortografia e transcrevendo linha a linha, observando as peculiaridades do manuscrito: como a manutenção da paragrafação encontrada, o uso distintivo das maiúsculas e minúsculas, abreviaturas e etc. Essas abreviaturas foram desenvolvidas em

²¹ O uso da “atribuição a” não deve ser compreendido como uma forma de relativizar o fato de que se trata de um manuscrito autógrafa. A questão é que somente tive acesso a primeira parte do manuscrito, através do IHGB, sem os elementos necessários para a confirmação afastada de toda dúvida. Na segunda parte, espera-se haver assinatura, outra base testemunhal manuscrita e, talvez, os documentos apensos que o próprio manuscrito informa. No entanto, ninguém que tenha tido acesso para fins acadêmicos e outros, incluindo Cláudio Veiga, jamais contestaram a autenticidade do documento e as suas informações no sentido que o distanciasse do seu autor Caetano Lopes de Moura. Assim sendo, ratificarei o manuscrito como autógrafa guardando aqui uma ressalva sobre a necessidade de ter acesso à segunda parte manuscrita e, também, às cartas ao imperador enviadas por Caetano Moura. Ao que parece, apenas o Prof.^o Cláudio Veiga reuniu essas condições.

praticamente todos os casos que se julgou resultar em uma compreensão mais imediata do texto, entretanto, a maior parte se tratou de pronomes de tratamento sem ter sido necessário o seu desenvolvimento, salvo alguma atualização. Quanto à identificação de palavras ilegíveis ou parcialmente legíveis, esse último foi o caso mais comum, e foram quase completamente resolvidas através da colação, salvo algumas poucas exceções sem prejuízo geral ou específico. As anotações alógrafas presentes no manuscrito foram, fundamentalmente, a numeração das folhas e alguma outra para fins arquivísticos.

Mais exatamente acerca da materialidade do manuscrito, é importante ressaltar que não houve o manuseio físico direto, somente no momento da identificação do documento no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro. Portanto, toda análise para a sua caracterização e transcrição se deu por meio de documentos eletrônicos, em alta resolução, *fac-símiles* das folhas do manuscrito fornecidas pelo IHGB. O documento foi identificado através de consulta online no site de internet desse Instituto, registrado da seguinte forma: Biografia de Caetano Lopes de Moura: doação do manuscrito. RIHGB. Rio de Janeiro: IHGB; T. 24, p. 703, 1861. Essas informações fazem parte do registro oficial de 1861, publicados na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*²².

O arquivo conta com 59 *fac-símiles*, incluindo a primeira folha que é uma espécie de capa manuscrita com o título e o seu autor. As folhas não foram originalmente numeradas, mas como já se disse, uma numeração alógrafa foi feita à lápis a partir da folha 2 começando por 1 até o número 58, resultando em 58 folhas numeradas mais a capa. Assim, essa numeração foi utilizada no momento da transcrição e depois abandonada no estabelecimento do texto. As outras anotações alógrafas encontradas serão informadas em notas de rodapé e incluídas no aparato crítico.

O texto foi manuscrito em folhas de papel sem pautas, soltas, poucas corrosões, um pouco escurecidas, um pouco oxidadas, completamente legíveis e escritas em frente-e-verso, um pouco perceptível. Não há medições no arquivo eletrônico nem em qualquer das referências bibliográficas. As palavras apresentam uma angulação média aproximada de 40° à direita. Foi escrito em caligrafia cursiva humanística canonizada e, possivelmente, com pena de metal e tinta metaloácida na cor preta. Não há muitos pontos de acúmulos de tinta ou escorridos e a escrita se alterna entre leve e um pouco mais pesada, mas constante.

²² REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: IHGB, 1839-2021. ISSN 0101-4366. Trimestral. DOI 10.23927/issn.2526-1347.RIHGB.2021(487). Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107718-revista-ihgb-tomo-xxiv.html> . Acesso em: 15 jul. 2022.

O manuscrito está completamente legível e a não compreensão de algumas palavras se deveu mais a algum traço particular na escrita de alguma palavra ou letra e ao distanciamento, por parte do editor, da grafia usual da língua portuguesa à época. E pelo uso de palavras consideradas arcaicas ou de raro uso atualmente, mas correntes à época. Porém, a ocorrência de ilegibilidades foi consideravelmente pequena. Além disso, as palavras se sucedem respeitando a separação entre uma e outra, a separação silábica também segue a forma usual com poucas exceções. Há poucas variações no tamanho da letra, entre pequena e média. Além disso, as contrações com apóstrofes foram todas desenvolvidas exceto aquelas em que se tratava de nomes comuns ainda hoje grafados dessa forma. Em sentido constante, também se realizou a simplificação de todas as consoantes geminadas como nos pronomes “elle” e “ella” e diversos outros exemplos.

Por outro lado, requereram mais atenção os ditongos nasais átonos das desinências verbais dos verbos na terceira pessoa do plural, no pretérito perfeito, conforme a ortografia vigente em “ão” e passou a “am”. O que pode gerar alguns erros de leitura ao confundir com desinências do futuro verbal. Mas a escrita é de fácil leitura, tanto no teor quanto na grafia.

Assim, a primeira parte desta edição é o resultado da transcrição do manuscrito autógrafa colacionado com a sua parte correspondente constante da publicação do *Jornal do Commercio* de 1902. Essa colação será apresentada integralmente como o corpo-textual pronto para leitura, como texto estabelecido, que não somente objetivou confirmar a integralidade da publicação do manuscrito como também tentou dirimir dúvidas do processo de leitura paleográfica.

Dado que o manuscrito autobiográfico foi escrito em duas partes, no ano de 1852, adotaremos a sigla (**mp1**) (entre parênteses), em minúscula, em negrito, para indicar o aparato crítico, em nota de rodapé, dessa primeira parte do manuscrito. Em relação a parte correspondente da edição impressa publicada no *Jornal Commercio*, de 1902, será apresentado uma abreviatura em maiúsculas, entre parênteses e em negrito. Dessa forma: (**JC**), que o representará no aparato.

Essa publicação – a de 1902 – foi também dividida em duas partes conforme a divisão material do manuscrito, mas publicados na mesma edição do *Jornal*, ocupando seis colunas e meia da primeira página, das nove existentes, e três colunas da página seguinte também com nove colunas ao todo.

Nesse impresso, foram identificadas atualizações que compreendem alterações ortográficas. Também foram encontradas atualizações, e/ou traduções, na grafia de alguns antropônimos e topônimos presentes no manuscrito, cada caso foi tomado diversamente

segundo a grafia corrente em tempos mais recentes e sinalizados em notas de rodapé todas as alterações²³. Além dessas modificações, identificaram-se alterações na pontuação, não somente por causa da editoração ou revisão das publicações impressas, como também se alterou diversamente a paragrafação. Nessas alterações de parágrafos, apesar de não haver critérios explícitos ou explicações, suponho ter sido realizada para uma melhor distribuição visual para o formato em colunas do *Jornal*. Por outro lado, em se tratando de erros de leitura paleográfica, a publicação no jornal apresentou poucos equívocos, e assim foram tratados, por não apresentar uma explícita ou voluntária alteração de sentido do manuscrito e nem se tratou de uma substituição sinonímica discricionária por parte do editor, além disso, nada grave.

Entretanto, pela pouca distância temporal entre o manuscrito e a sua primeira publicação, em 1902, grande parte das palavras se manteve inalterada, apenas algumas modernizações. Existe ainda dois importantes acréscimos realizados nessa publicação; o primeiro, uma nota do editor Ernesto da C. de Araújo Viana, em que contextualiza brevemente a produção do manuscrito, a quem se endereçou e a procedência da cópia manuscrita em que se baseou aquela publicação; a segunda, a transcrição de uma carta, ou trecho, enviada pelo Conde Daru, que foi General Honorário e até Ministro de Estado, em que agradece à Caetano Moura o envio e dedicatória de um manual de cirurgia (não identificado) que traduziu para o português em 1812. Ambas as informações foram integradas à edição e anotada em aparato ou nota do editor: a primeira, no começo da edição; e a segunda, ao final da primeira parte.

Optou-se também por agrupar nas notas de rodapé lugares críticos consecutivos como forma de tornar viável o formato em notas de rodapé. Finalmente, o aparato crítico (ou as notas) apresentará lado a lado a diferença de ambos os testemunhos colacionados em cada parte (manuscrito e/ou impresso) antecedida pela sigla ou abreviatura sempre na ordem: o *manuscrito* e depois o *jornal*, para a 1ª parte; a *revista* e depois o *jornal*, para a segunda parte.

Enfim, quando o manuscrito e as suas edições impressas apresentaram acordo com a interpretação crítica, sem necessidade de atualização, não haverá logicamente indicação em nota. Pois, ambos os testemunhos estarão representados, contemplados, no corpo do texto interpretado. Com isso, o texto interpretado e seu aparato crítico suplementam-se ao apresentar a transcrição sintética, ou sinóptica, de todos os testemunhos. Além de anexá-los, todos, ao fim desta pesquisa. A seguir, a edição interpretativa da autobiografia de Caetano Moura em suas duas partes.

²³ Caso marcante é a tradução de Grenoble, cidade francesa, por Gracianópolis, que é a tradução antroponímica portuguesa utilizada à época, mas, por se tratar de um nome, optamos pela grafia francesa.

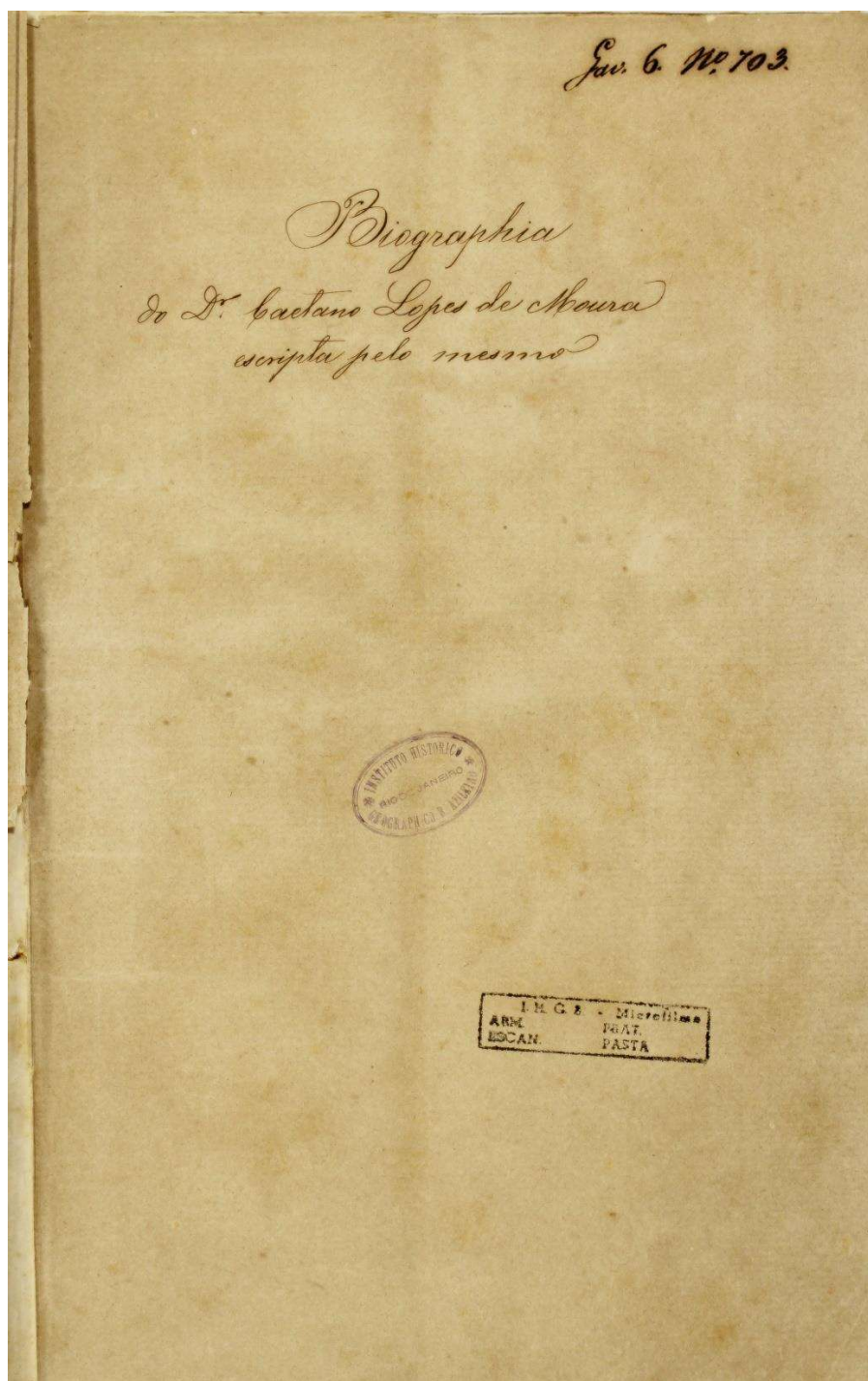
2.2. BIOGRAFIA DO D^o CAETANO LOPES DE MOURA ESCRITA PELO MESMO

Figura 1 Capa do Manuscrito (1852) da Autobiografia de Caetano Lopes de Moura

1ª PARTE²⁴

O Dr. Caetano Lopes de Moura escreveu esta sua biografia, em Paris²⁵, a 15 de julho de 1852. Endereçou-a, juntamente com uma súplica²⁶, ao imperador D. Pedro II. Este, depois de confiar os manuscritos para lê-los²⁷, a meu avô o Marquês de Sapucaí²⁸, ofereceu-os²⁹ ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro³⁰, em cujo arquivo se acham³¹.

O Marquês³², admirador dos talentos do Dr. Caetano Lopes de Moura, reputado por ele³³, com justos motivos, profundo na vernaculidade portuguesa, copiou o autógrafo³⁴, pacientemente e com toda fidelidade. Dessa cópia em meu poder extraí³⁵ integralmente o texto do qual algumas passagens me referi em *A Notícia* de 3 de fevereiro.

O Dr. Caetano Lopes de Moura, falecido em Paris³⁶ a 3 de dezembro de 1860, fora um notável brasileiro, escritor castiço, exímio tradutor³⁷ de muitas e valiosas obras francesas e inglesas³⁸. A publicação, na íntegra da sua autobiografia³⁹ proporcionará aos cultores das letras pátrias oportunidade inestimável de esboroarem⁴⁰ uma produção inédita, interessantíssima, escrita em puro português⁴¹. – Ernesto da C. de Araújo Viana.

²⁴ Transcrição da nota introdutória à publicação integral do manuscrito no Jornal do Commercio, 1902 (JC):

²⁵ (JC) *biographia*

²⁶ (JC) *supplica*

²⁷ (JC) *manuscriptos para lêl-os*

²⁸ (JC) *Marquez de Sapucahy*

²⁹ (JC) *offereceu-os*

³⁰ (JC) *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*

³¹ (JC) *archivo se achão.*

³² (JC) *Marquez*

³³ (JC) *elle*

³⁴ (JC) *portuguesa [...] autographo*

³⁵ (JC) *extrahi*

³⁶ (JC) *fallecido em Pariz*

³⁷ (JC) *fôra um notavel brasileiro, escriptor castiço, eximio traductor*

³⁸ (JC) *francezas e inglezas*

³⁹ (JC) *na integra [...] auto-biographia*

⁴⁰ (JC) *patrias [...] inestimavel de esborearem*

⁴¹ (JC) *producção inedita, interessantissima, escripta em puro portuguez.*

*Oferecido ao Instituto Geográfico Sua Majestade o Imperador*⁴²

Nasci na cidade da Bahia aos 7 de agosto de 1780, governando a província⁴³ D. Affonso⁴⁴ Miguel do Portugal e Castro, Marquês de Valença⁴⁵. Sou pardo, como o foram⁴⁶ meu pai⁴⁷ e mãe⁴⁸: meu avô e avó foram⁴⁹ também dessa cor⁵⁰ entremeia, que alguns brancos desestimam⁵¹, por isso que lhes traz à memória⁵² a de algum de seus antepassados.

Foi meu pai⁵³ Maximiano Lopes de Moura, mestre carpinteiro, homem sisudo e de são costumes, que gozava, e quer-me parecer que com justiça, da reputação de ser um dos mais insignes na sua profissão, e se não me herdou em riquezas, herdou-me certo em bons costumes. Tinha ele⁵⁴ por conclusão, que deviam⁵⁵ os pais⁵⁶, antes de destinar os filhos à⁵⁷ qualquer profissão, espreitar-lhes as inclinações e, como diziam⁵⁸ os nossos maiores, conhecer-lhes de⁵⁹ antemão o vidonho. Assim que, depois de nos ter feito aprender as primeiras letras, nos deixou estar largo tempo em casa sem nos dar outra ocupação, que a de ler e copiar quantos livros tinha e podia haver das pessoas de seu conhecimento, até que afinal, vendo-nos crescidos, nos chamou perante si um dia, e bem lembrado estou que era o derradeiro do ano, que então corria:

⁴² (mp1) *Oferecido ao Inst. G. S. M. o Imperador*

⁴³ (mp1) (JC) *provincia*

⁴⁴ (mp1) (JC) *Affonso*

⁴⁵ D. Affonso Miguel do Portugal e Castro, Marquês de Valença (1748 - 1802), em 1779 por meio de uma carta régia foi diplomado governador da Bahia e permaneceu até 1783. In: CARTA régia a Manuel da Cunha e Meneses, governador da Bahia, comunicando ter sido nomeado para este posto Afonso Miguel de Portugal e Castro, marquês de Valença]. Lisboa [Portugal]: [s.n.], 05 jul. 1779. 1 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssp0000437/mssp0000437.pdf. Acesso em: 30 Aug. 2023.

⁴⁶ (mp1) (JC) *forão*

⁴⁷ (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁴⁸ (mp1) *mãe* (JC) *mãe*

Segundo Claudio Veiga (2013, p.24), “A mãe [de Caetano Moura] deve ter morrido cedo, a mulata, Teodora Maria da Conceição”. Nome obtido através da certidão de óbito de Caetano Moura.

⁴⁹ (mp1) (JC) *forão*

⁵⁰ (mp1) (JC) *côr*

⁵¹ (mp1) (JC) *desestimão*

⁵² (mp1) (JC) *á memoria*

⁵³ (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁵⁴ (mp1) (JC) *elle*

⁵⁵ (mp1) (JC) *devião*

⁵⁶ (mp1) *pães* (JC) *pais*

⁵⁷ (mp1) *á*

⁵⁸ (mp1) (JC) *dizião*

⁵⁹ (mp1) *d'antemão* (JC) *de antemão*

éramos nós três⁶⁰, a saber: Antônio, Francisco e Caetano⁶¹; perguntou meu pai⁶² a cada um de nós que profissão desejávamos⁶³ abraçar! Respondeu⁶⁴ Antônio, que era o mais velho, que a de nosso pai⁶⁵, Francisco que a de ourives, e como fosse vinda a minha vez, disse que a que me agradava era a de mestre de escola. Desfechou meu pai⁶⁶ a rir, e outro tanto teriam⁶⁷ feito meus irmãos, se os não contivera⁶⁸ o respeito que lhe tinham, do que no depois bem se entregaram⁶⁹, quando nos achamos sós, desenfadando-se a seu sabor à⁷⁰ minha custa. Estrearam, pois, meus irmãos o seguinte ano, em consequência⁷¹ de sua deliberação e eleição própria⁷², no aprendizado das referidas profissões, e fiquei eu por então desocupado, e ocioso, por ter feito escolha de⁷³ uma que se não compadecia com a idade que nesse tempo tinha. Entretanto como meu pai folgasse sobremaneira com a leitura⁷⁴, nas horas que lhe perdoavam as ocupações de seu ofício⁷⁵ e profissão, mandava-me ler em voz alta algum dos bons escritores portugueses⁷⁶, únicos livros, que naquela época guarneciam⁷⁷ as estantes das livrarias da Bahia, e pode ser que as de todas as mais cidades do Brasil. Cansativo⁷⁸ se me assemelhava de princípio aquele exercício⁷⁹, assim que, se por maravilha acontecia meu pai⁸⁰ cerrar os olhos, no cabo de alguns minutos de leitura, começava eu logo a abaixar aos poucos a voz, fazia de longe em longe algumas pausas, e quando me persuadia tinha o dom do velho ferrado no sono⁸¹ dobrando a folha ao que estava lendo, ia já a escoar-me sem fazer ruído, abria ele os olhos, e dizia-me: “continua⁸², e lê mais alto; eu te direi onde há⁸³ de parar” tornava eu, mal a meu grado a enfiar

⁶⁰ (mp1) (JC) *anno*, [...] *eramos* [...] *tres*

⁶¹ Segundo Cláudio Veiga, (2013, p. 26): “Mais tarde, temos notícias de Antônio, já estabelecido como mestre carpinteiro”. Conforme uma nota de pagamento encontrada à Antônio Lopes de Moura, de 1805, no Arquivo da Santa Casa de Misericórdia.

⁶² (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁶³ (mp1) (JC) *desejavamos*

⁶⁴ (mp1) *Respondeo* (JC) *Respondeu*

⁶⁵ (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁶⁶ (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁶⁷ (mp1) (JC) *terião*

⁶⁸ (mp1) *contivera* (JC) *contivéra*

⁶⁹ (mp1) (JC) *tinhão*, [...] *entregarão*

⁷⁰ (mp1) (JC) *á*

⁷¹ (mp1) (JC) *Estrearão* [...] *consequencia*

⁷² (mp1) (JC) *propria*

⁷³ (mp1) *d'* (JC) *de*

⁷⁴ Segundo Cláudio Veiga (2013, p. 26) “Certamente iletrado, poderia, por meio do filho, engolfar-se naquele mundo escondido por entre as páginas dos livros.

⁷⁵ (mp1) (JC) *pordoavão* [...] *offício*

⁷⁶ (mp1) *Portuguezes* (JC) *portuguezes*

⁷⁷ (mp1) (JC) *unicos* [...] *naquella* [...] *guarnecião*

⁷⁸ (mp1) (JC) *Brazil. Cançativo*

⁷⁹ (mp1) (JC) *aquelle exercicio*

⁸⁰ (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁸¹ (mp1) (JC) *somno*

⁸² (mp1) (JC) *ruído* [...] *elle* [...] *continúa*

⁸³ (mp1) (JC) *has*

a história, que a renitência da puerícia⁸⁴ me havia feito interromper, e continuava a ler até que meu pai⁸⁵ dissesse basta.

Este exercício⁸⁶, que tão enfadonho me parecia, e a que me sujeitava violentado, tornou-se-me passados meses⁸⁷, primeiro menos fastidioso, logo depois agradável, e afinal necessário⁸⁸ e indispensável; de sorte que mal podia meu pai⁸⁹ subministrar-me suficiente⁹⁰ pasto para a sofreguidão de ler, de que me achava apoderado, e se por ventura me falecia⁹¹ o costumado alimento, e cevo⁹² em que se treinava a minha curiosidade, entregava-me com ardor a quantos jogos e travessuras costuma inventar a puerícia, e como um dia meu pai⁹³ severamente me⁹⁴ estranhasse, tornei-lhe lavado em lágrimas⁹⁵, que sua era a culpa, pois me deixava ocioso, em vez de me mandar para o estudo. Calou-se meu pai, e entrado das razões, que me alegara⁹⁶ para me desculpar, no outro dia pela manhã me conduziu à⁹⁷ aula de José Francisco Cardoso⁹⁸, que então regia com grande crédito uma das cadeiras régias⁹⁹ de latim da Bahia. Foram rápidos os progressos que fiz neste primeiro tirocínio¹⁰⁰ de estudo das Humanidades, sobretudo¹⁰¹ depois que, decorados os rudimentos, comecei a traduzir. Em abrindo qualquer dos clássicos, caia¹⁰² logo no entendimento do que neles ia¹⁰³ lendo, antes de ter tido o tempo necessário para inteirar-me da regência, e assim devia ser por isso que o fato¹⁰⁴, que o autor latino recontava, tinha-o eu lido e relido no romance, que falava¹⁰⁵, tão parecido com o latim. A mesma facilidade me acompanhava, quando tinha de verter ou trasladar em vulgar qualquer dos poetas latinos, por

⁸⁴ (mp1) (JC) *historia* [...] *renitencia* [...] *puericia*

⁸⁵ (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁸⁶ (mp1) (JC) *exercicio*

⁸⁷ (mp1) (JC) *mezes*

⁸⁸ (mp1) (JC) *agradável* [...] *necessario*

⁸⁹ (mp1) *páe* (JC) *pai*

⁹⁰ (mp1) (JC) *sufficiente*

⁹¹ (mp1); (JC) *fallecia*

⁹² (mp1); (JC) *cêvo*

⁹³ (mp1) (JC) *puericia* [...] *páe*

⁹⁴ (mp1) *m'o* (JC) *mão*

⁹⁵ (mp1) (JC) *lagrimas*

⁹⁶ (mp1) (JC) *páe* [...] *allegára*

⁹⁷ (mp1) (JC) *conduzio á*

⁹⁸ José Francisco Cardoso, nascido em Salvador (1761-1842), foi professor régio de gramática latina e poeta. Em 1800, publicou sua primeira obra poética; um canto heroico sobre as façanhas dos portugueses na expedição de Trípoli. Escrita em Latim foi traduzido para português. Ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro : Typographia Nacional, 1883-1902. v. 4, p. 431-432. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. 7 v.

⁹⁹ (mp1) *regias* (JC) *régias*

¹⁰⁰ (mp1) (JC) *Forão rapidos* [...] *tirocinio*

¹⁰¹ (mp1) *sobre tudo* (JC) *sobretudo*

¹⁰² (mp1) (JC) *classicos, cahia*

¹⁰³ (mp1) *nelles hia*; (JC) *nelles ia*

¹⁰⁴ (mp1) (JC) *necessario* [...] *regencia* [...] *facto*

¹⁰⁵ (mp1) *fallava* (JC) *faltava*

isso que também me eram¹⁰⁶ familiares os Portugueses, que tanto em os imitar se assinalaram¹⁰⁷. Assim que no cabo de ano e meio havia concluído¹⁰⁸ o estudo do latim, deixando ainda nele muitos daqueles que tinham¹⁰⁹ sido meus decúrias¹¹⁰.

Circunstanciarei pelo miúdo os sucedimentos¹¹¹ deste meu primeiro discipulado; porque de um acontecimento ocorrido no decurso dele, e do novo rumo que tomaram¹¹² as minhas ideias¹¹³ nesse primeiro período da vida, se derivou todo o mais dela¹¹⁴.

Achava-se o Cardoso em Lisboa, e ouvia eu as lições de¹¹⁵ um professor do apelido¹¹⁶ de Portella, que regia a cadeira de latim da Cidade Baixa, e dispunha-me a passar a outros estudos, quando para começar o que estava para deixar, se apresentou naquela¹¹⁷ aula um patrício¹¹⁸ meu chamado Pedro Gomes Ferrão Castello Branco¹¹⁹: como este novo condiscípulo¹²⁰ fosse já de¹²¹ uma idade, que se roçava com a da adolescência, começaram¹²² todos a pegar com ele¹²³, e a fazer-lhe inferno, como é costume entre estudantes. Em vez de fazer companhia aos demais condiscípulos¹²⁴ nas investidas que lhe davam, como era natural, tomei por ele¹²⁵ bando, e como fosse na aula o mais adiantado, acabei com os que o tomavam¹²⁶ para entremez, que o deixassem em paz, talvez pressago da influência, que aquele¹²⁷ adolescente, que então via pela primeira vez, havia de ter em meus futuros destinos.

¹⁰⁶ (mp1) *erão* (JC) *eram*

¹⁰⁷ (mp1) (JC) *Portuguezes, [...] assignalarão*

¹⁰⁸ (mp1) (JC) *anno [...] concluso*

¹⁰⁹ (mp1) (JC) *nelle mui daquelles, que tinham*

¹¹⁰ (mp1) *decuriões* (JC) *decuries*

¹¹¹ (mp1) (JC) *Circunstanciarei [...] miudo os succedimentos*

¹¹² (mp1) (JC) *d'um [...] ocorrido [...] delle [...] tomarão*

¹¹³ (mp1) *idéias* (JC) *idéas*

¹¹⁴ (mp1) (JC) *periodo [...] della*

¹¹⁵ (mp1) *d'um* (JC) *dum*

¹¹⁶ (mp1) (JC) *apelido*

¹¹⁷ (mp1) *n'aquella* (JC) *naquella*

¹¹⁸ (mp1) (JC) *patricio*

¹¹⁹ Filho do Coronel Pedro Gomes Ferrão Castello Branco, intelectual baiano e idealizador da Biblioteca Central do Estado da Bahia, a Biblioteca dos Barris, em Salvador, fundada em 1811, e cujo acervo inicial de 3000 livros foram doados pelo próprio coronel. Hoje em dia, nomeia o Solar do Ferrão, pertencente ao Ipac e funciona também como museu onde foi a residência dos Ferrão por 30 anos. Cf. Francisco Sérgio Mota Soares [et al]. *A Biblioteca Pública da Bahia: dois séculos de história*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011. 204p.:Il.

¹²⁰ (mp1) (JC) *condiscipulo*

¹²¹ (mp1) *d'uma* (JC) *duma*

¹²² (mp1) (JC) *adolescencia, começarão*

¹²³ (mp1) (JC) *elle*

¹²⁴ (mp1) (JC) *condiscipulos*

¹²⁵ (mp1) (JC) *davão [...] elle*

¹²⁶ (mp1) (JC) *tomavão*

¹²⁷ (mp1) (JC) *influencia, que aquella*

Como morássemos¹²⁸ na mesma freguesia¹²⁹, e à¹³⁰ pequena distância¹³¹, no caminho viemos a travar conversação, e bem depressa amizade; que era ela certa entre dois¹³² adolescentes, cujas índoles a tal ponto simbolizavam¹³³. Tinha ele¹³⁴ pouca lição¹³⁵ dos clássicos Portugueses¹³⁶, mas não assim dos franceses¹³⁷, em cuja literatura era assaz versado. Propôs-me de lhe ensinar o latim, obrigando-se ele a ensinar-me o francês, ao que de muita¹³⁸ boa vontade anuí, e de então¹³⁹ por diante com a mútua¹⁴⁰ prestança, e comunicação¹⁴¹ cobramos¹⁴² uma tal afeição, que éramos inseparáveis¹⁴³. Aprendi dentro de pouco tempo o francês¹⁴⁴, engolfei-me¹⁴⁵ na leitura dos melhores escritores¹⁴⁶ dessa nação, cujas obras o meu amigo me subministrava da livreria de seu pai¹⁴⁷ Alexandre Gomes Ferrão¹⁴⁸, livreria¹⁴⁹ que me consta foi, depois da morte de seu possuidor, e por doação sua, incorporada na biblioteca pública¹⁵⁰ da Bahia.

Entretanto ia¹⁵¹ eu prosseguindo no estudo das diversas disciplinas, de que costuma constar isso a que os nossos maiores intitularam¹⁵² Humanidades e como tivesse adquirido uma

¹²⁸ (mp1) (JC) *morassemos*

¹²⁹ (mp1) *freguezia* (JC) *freguesia*

¹³⁰ (mp1) *a* (JC) *à*

¹³¹ (mp1) (JC) *distancia*

¹³² (mp1) (JC) *ella* [...] *dous*

¹³³ (mp1) *indoles* [...] *simbolizavão*; (JC) *indoles* [...] *simbolizárão*;

¹³⁴ (mp1) (JC) *elle*

¹³⁵ (mp1) *lição* (JC) *licção*

¹³⁶ (mp1) (JC) *Classicos Portuguezes*

¹³⁷ (mp1) *francezes* (JC) *Francezes*

¹³⁸ (mp1) (JC) *litteratura* [...]. *Propoz-me* [...] *elle* [...] *francez*, [...] *mui*

¹³⁹ (mp1) *annui*, e *d'então* (JC) *annui*, e *de então*

¹⁴⁰ (mp1) (JC) *mutua*

¹⁴¹ (mp1) (JC) *comunicação*

¹⁴² (mp1) *cobramos* (JC) *cobrámos*

¹⁴³ (mp1) (JC) *affeição*, *que eramos inseparaveis*

¹⁴⁴ (mp1) (JC) *francez*

¹⁴⁵ (mp1) *engolfei-me* (JC) *engolfei me*

¹⁴⁶ (mp1) (JC) *escriptores*

¹⁴⁷ (mp1) (JC) *páe*

¹⁴⁸ Talvez haja aqui alguma controvérsia. Pois, como vimos mais acima Pedro Gomes Ferrão Castello Branco é quem idealiza e cria o plano apresentado e autorizado pelo Conde dos Arcos, então administrador. Nesse plano o próprio Pedro Ferrão escreve: “O Author deste Plano offerece desde já em dom perpetuo todos os seus Livros, e cinquenta mil reis para o Fundo do Estabelecimento” (2011, p.24). No entanto, Alexandre Gomes Ferrão é primo de Pedro Ferrão e também participou do projeto da primeira Biblioteca Pública do Brasil em 1811, mas não foi o autor do plano. No entanto, “Inicialmente, a Biblioteca Pública da Bahia dispõe de um acervo de 3.000 volumes, em sua maioria em língua francesa, oriundos das doações tanto de seu criador — que oferece toda a sua biblioteca particular —, quanto de outros intelectuais como Alexandre Gomes Castello Branco, o padre Agostinho Gomes e até mesmo o próprio governador da Capitania, que envia oitenta obras de autores escolhidos, a título de empréstimo [...]” (2011, p.27). Não encontrei informações sobre os filhos de Ver: Francisco Sérgio Mota Soares [et al]. *A Biblioteca Pública da Bahia: dois séculos de história*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011. 204p.:Il.

¹⁴⁹ (mp1) *libreria* (JC) *livreria*

¹⁵⁰ (mp1) (JC) *bibliotheca publica*

¹⁵¹ (mp1) *ia* (JC) *hía*

¹⁵² (mp1) *intitulárão* (JC) *intitularam*

certa nomeada, o tempo, que me sobrava, empregava-o em dar lições de latim, vindo assim a verificar-se a escolha de profissão, que havia feito, quando menino, e que metera em prazer meu pai¹⁵³ e irmãos. Os emolumentos, que deste professorado cobrava, ia-os¹⁵⁴ eu ajuntando com o pretexto ostensivo de passar-me a Coimbra; isto era coberta¹⁵⁵; que estava eu determinado a visitar a França; tão entusiasmado por ela¹⁵⁶ me havia deixado a leitura dos escritores, que a tinham ilustrado¹⁵⁷ no reinado do monarca, que teve a glória de dar o seu nome ao século¹⁵⁸, em que florescera. No decurso desse tempo como fosse necessário fazer-se leva de gente para o serviço, e houvessem prisões¹⁵⁹, como é entre nós estilo¹⁶⁰, tive a desgraça de cair¹⁶¹ em poder daqueles¹⁶² que estavam encarregados desse serviço, e sendo no outro dia levado à¹⁶³ presença de D. Fernando José de Portugal¹⁶⁴, depois Marquês¹⁶⁵ de Aguiar, que então governava a província¹⁶⁶, perguntou-me o que é o que tinha que alegar¹⁶⁷ para ser dispensado de um¹⁶⁸ serviço tão honroso, como era o d'El Rei? Respondi-lhe eu, que nenhum motivo justificado para isso tinha, mas que me parecia que muito melhor serviria¹⁶⁹ a El Rei, quando tivesse concluído os meus estudos; que naquela ocasião acabava de estudar o grego, e tencionava seguir o curso geométrico¹⁷⁰.

Escutou-me o governador com bondade, mandou-me conjugar alguns verbos, e como o fizesse bem, e a seu contente, disse-me que não me eximia da obrigação em que estava de servir a El Rei, mas que adiava o abrir-me praça para quando fosse mais crescido.

Absolvido por então da milícia, proseguei em meus estudos, e acabava de ouvir as lições do Dr. França, que nesse tempo lia Geometria, quando fui salteado de um¹⁷¹ pleuris¹⁷². Era o

¹⁵³ (mp1) (JC) *mettera* [...] *praser meu páe*

¹⁵⁴ (mp1) *hia-os* (JC) *ia-os*

¹⁵⁵ (mp1) (JC) *cuberta*

¹⁵⁶ (mp1) (JC) *enthusiasmado* [...] *ella*

¹⁵⁷ (mp1) (JC) *escriptores*, [...] *tinhão illustrado*

¹⁵⁸ (mp1) (JC) *monarca* [...] *gloria* [...] *seculo*

¹⁵⁹ (mp1) (JC) *necessário* [...] *prizões*

¹⁶⁰ (mp1) *estilo* (JC) *estylo*

¹⁶¹ (mp1) *cair* (JC) *cahir*

¹⁶² (mp1) (JC) *daquelles*

¹⁶³ (mp1) (JC) *á*

¹⁶⁴ D. Fernando José de Portugal, Marquês de Aguiar, nascido em Lisboa (1752 – 1817), foi governador e capitão-general da Bahia em 1788, em 1800 tornou-se vice-rei do Estado do Brasil, terminou seu governo em 1801 quando retornou à Portugal.

¹⁶⁵ (mp1) (JC) *Marquez*

¹⁶⁶ (mp1) (JC) *provincia*

¹⁶⁷ (mp1) *allegar* (JC) *alegar*

¹⁶⁸ (mp1) *d'um* (JC) *de um*

¹⁶⁹ (mp1) *serviria* (JC) *serveria*

¹⁷⁰ (mp1) (JC) *concluido* [...] *naquella ocasião* [...] *geometrico*

¹⁷¹ (mp1) *d'um* (JC) *de um*

¹⁷² (mp1) (JC) *pleuriz*

Dr. França o médico¹⁷³ assistente¹⁷⁴, e conferente o Dr. Alvarenga. Cedeu¹⁷⁵ a pontada à aplicação¹⁷⁶ de um¹⁷⁷ grande cáustico¹⁷⁸, continuava, porém, a febre com paroxismos semelhantes aos das sezões, e como ambos aqueles médicos¹⁷⁹ fossem zelosos admiradores de Brown¹⁸⁰, e da simplicidade da classificação dicotômica¹⁸¹ das doenças do célebre professor de¹⁸² Edimburgo em estênico e astênico¹⁸³, receitaram-me¹⁸⁴ a preparação conhecida com o nome da Água Inglesa¹⁸⁵. Exacerbaram¹⁸⁶ com o uso deste tônico¹⁸⁷ a dispneia¹⁸⁸ e mais sintomas¹⁸⁹, que acompanham de ordinário¹⁹⁰ as inflamações¹⁹¹ da pleura, e feito era de mim, se o cirurgião que me curava era o cáustico do apelido de Santa Anna, condoído¹⁹² do estado em que me via, e ponderando mais com ele¹⁹³ a compaixão, que lhe causava o ver posta em aventura a vida de um¹⁹⁴ seu compatriota, do que a autoridade de dois¹⁹⁵ tão famigerados médicos, me não dissesse, estado a sós comigo¹⁹⁶; que não entendia o por que me medicavam¹⁹⁷ conforme uma teoria, que a única coisa¹⁹⁸ que tinha a seu favor era a novidade, e não segundo o método geralmente reconhecido pelo mais razoável e eficaz¹⁹⁹. Avaliava eu tão mal o saber e perícia daquele meu patrício²⁰⁰, que em vez de agradecer-lhe pelo muito que em meu restabelecimento se interessava, perguntei-lhe se tinha porventura alguma luz de medicina²⁰¹, e

¹⁷³ (mp1) (JC) *medico*

¹⁷⁴ (mp1) *assistente* (JC) *assistente*

¹⁷⁵ (mp1) *Cedeo* (JC) *Cedeu*

¹⁷⁶ (mp1) (JC) *á aplicação*

¹⁷⁷ (mp1) *d'um* (JC) *de um*

¹⁷⁸ (mp1) (JC) *caustico*

¹⁷⁹ (mp1) (JC) *aquelles medicos*

¹⁸⁰ John Brown (1735 - 1788) foi um médico escocês. Em 1780, publicou o *Elementa Medicinae* que lhe rendeu por algum tempo certa popularidade. Consultar: Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2023, January 1). John Brown. Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/biography/John-Brown-British-physician>. Acesso em 30 de ago. de 2023.

¹⁸¹ (mp1) (JC) *dichotomica* [...] *celebre*

¹⁸² (mp1) *d'* (JC) *de*

¹⁸³ (mp1) *sthnicas e asthenicas* (JC) *sthnicas e asthnicas*;

¹⁸⁴ (mp1) *receitarão-me* (JC) *receitárão me*

¹⁸⁵ (mp1) (JC) *Agua Ingleza*

¹⁸⁶ (mp1) *Exarcebarão* (JC) *Exarderleárão*

¹⁸⁷ (mp1) (JC) *tonico*

¹⁸⁸ (mp1) *dyspnéa* (JC) *dispnéa*

¹⁸⁹ (mp1) (JC) *symptomas*

¹⁹⁰ (mp1) (JC) *acompanhão de ordinario*

¹⁹¹ (mp1) *inflamações* (JC) *inflamações*

¹⁹² (mp1) (JC) *caustico do apelido* [...] *condoido*

¹⁹³ (mp1) (JC) *elle*

¹⁹⁴ (mp1) *d'um* (JC) *de um*

¹⁹⁵ (mp1) (JC) *dous*

¹⁹⁶ (mp1) (JC) *medicos* [...] *commigo*

¹⁹⁷ (mp1) (JC) *medicavão*

¹⁹⁸ (mp1) (JC) *Theoria* [...] *unica cousa*

¹⁹⁹ (mp1) (JC) *methodo* [...] *razoavel e efficaz*

²⁰⁰ (mp1) (JC) *pericia d'aquelle meu patricio*

²⁰¹ (mp1) *medecina* (JC) *medicina*

se havia lido algum livro, em que se tratasse de minha doença, e com me tornasse que sim, pedi-lhe encarecidamente, que me²⁰² trouxesse quanto antes. Trouxe-me o Santa Anna com efeito à²⁰³ noite a Medicina²⁰⁴ de Cullen²⁰⁵ e a rogo meu leu o capítulo, que trata do pleuris²⁰⁶, esteve-o escutando com toda aquela atenção²⁰⁷, de que era capaz, e como acabasse de ler, disse-lhe estava decretoriamente resoluto a curar-me ou a morrer segundo os ditames daquele²⁰⁸ autor²⁰⁹, e com quanto meu pai²¹⁰ com razões, que lhe pareciam substanciais, me dissuadisse de tão precipitada resolução, à vista dos meus contínuos²¹¹ padecimentos, teve de fazer-me a vontade, com a ressalva porém, que se observaria em tudo o maior segredo, não o viesse a saber o Dr. França, o qual continuou as suas visitas até ver-me entrar em convalescência²¹², lançado erradamente aquela cura à conta da doutrina e teoria²¹³ de Brown. Desta doença e da leitura, que por ocasião dela²¹⁴ fiz de alguns tratados de Terapêutica, brotou em mim o desejo, e a resolução de me consagrar ao estudo da Medicina²¹⁵.

Recobrada a saúde²¹⁶ fui passar algum tempo para mudar de ares²¹⁷ em Santo Amaro da Purificação no Engenho de Domingos Borges de Barros²¹⁸, atualmente Visconde de Pedra Branca, a cujos irmãos lia nesse tempo latim: lá se lhes agregaram quatro ou cinco outros discípulos²¹⁹ alguns dos quais, com quanto sejam²²⁰ passados quarenta e tantos anos, ainda se

²⁰² (mp1) (JC) *m'o*

²⁰³ (mp1) (JC) *effeito á*

²⁰⁴ (mp1) *medecina* (JC) *medicina*

²⁰⁵ William Cullen (1710 - 1790) foi um professor de medicina, químico e psiquiatra escocês. Publicou, em 1769, o *Synopsis Nosologiae Methodicae* tendo alcançado alguma repercussão pela sua importante contribuição à nosologia. Consultar: Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2023, April 11). William Cullen. *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/biography/William-Cullen> . Acessado em 30 de ago. de 2023.

²⁰⁶ (mp1) (JC) *rôgo [...] capítulo [...] pleuriz*

²⁰⁷ (mp1) (JC) *aquella atenção*

²⁰⁸ (mp1) (JC) *dictames daquela*

²⁰⁹ (mp1) *auctor* (JC) *autor*

²¹⁰ (mp1) *páe* (JC) *pai*

²¹¹ (mp1) (JC) *parecião substaciaes [...] á [...] continuos*

²¹² (mp1) (JC) *resalva porém [...] convalescencia*

²¹³ (mp1) (JC) *aquella [...] á [...] theoria*

²¹⁴ (mp1) (JC) *ocasião della*

²¹⁵ (mp1) (JC) *Therapeutica [...] Medecina*

²¹⁶ (mp1) (JC) *saude*

²¹⁷ (mp1) *d'ares* (JC) *de ares*

²¹⁸ Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, (1780 - 1855) foi um advogado, escritor, diplomata, político e senhor de engenho brasileiro. Figura curiosa da história nacional, é o pai da Condessa de Barral que viria a ser a preceptora da Princesa Isabel. Domingos Borges de Barros lançou, entre outros, um livro de poema filosófico chamado *Os túmulos* (1825), cuja reedição de 1945, com um extenso estudo/apresentação escrito por Afrânio Coutinho também nos serviu como fonte. Nesse texto, A. Coutinho reivindica que Domingos de Barros seja reconhecido como o precursor do romantismo brasileiro.

²¹⁹ (mp1) (JC) *actualmente [...] agregarão [...] discipulos*

²²⁰ (mp1) *quaes, comquanto sejam* (JC) *quaes, com quanto sejam*

lembram²²¹ de seu antigo mestre, e pedem novas minhas a quantos desta capital à pátria tornam²²².

Tornando no cabo de 16 meses²²³ para a Bahia, na falta de estudos maiores, a que me pudesse²²⁴ dedicar repartia o tempo entre o professorado, e a leitura dos autores pátrios e estrangeiros. No decurso desse tempo a afeição e a amizade, que eu e o Ferrão reciprocamente professávamos²²⁵, longe de afrouxar-se²²⁶ se tinha a tal ponto invalecido que vindo ele lavado em lágrimas²²⁷ dizer-me era chegado o momento de nos apartarmos, por ter seu Pai resoluto mandá-lo²²⁸ a Coimbra, para onde devia partir no mês em que estávamos²²⁹, posto que sobremaneira²³⁰ me salteasse com semelhante nova, para que lhe não enevoasse o prazer de ir ver outras terras o dissabor de me não levar por companheiro, forçando a natureza, lhe tornei com desassombrado semblante, estreitando-o ao peito, que não podia vir mais apelo aquela determinação de seu pai²³¹, por quanto o meu tinha tomado, havia dias, igual deliberação a meu respeito, o que, por me não achar com ânimo²³², havia até ali diferido de lhe comunicar²³³. Com o que se foi o Ferrão contentíssimo²³⁴. Logo que me vi só, depois de aquietar o ânimo alvoroçado, fui-me à gaveta que encerrava o meu pecúlio²³⁵, contei-o e achei que não arribava de trezentos mil réis²³⁶. Para um mancebo de tão verdes anos, como então eu era, trezentos mil réis eram²³⁷ na verdade um Potosi, assim que nenhuma dúvida²³⁸ punha, que com tão avultada soma²³⁹ podia a bel-prazer²⁴⁰ peregrinar a maior parte da Europa, porém passados dias, comecei a entrar em mim, e a recear²⁴¹ de me haver embarcado em uma empresa superior às²⁴² minhas faculdades; que bem sabia eu que meu Pai²⁴³ não podia estabelecer-me em Coimbra uma

221 (mp1) (JC) annos [...] lembrão

222 (mp1) (JC) á [...] tornão

223 (mp1) 16 mezes (JC) dezeseis mezes

224 (mp1) podesse (JC) pudesse

225 (mp1) (JC) patrios [...] afeição [...] professavamos

226 (mp1) afrouxar-se (JC) affroxar-se

227 (mp1) (JC) elle [...] lagrimas

228 (mp1) Páe [...] mandal'o á (JC) pai [...] manda-lo a

229 (mp1) (JC) mez [...] estavamos

230 (mp1) sobremaneira (JC) sobre maneira;

231 (mp1) apello aquella [...] Páe (JC) a pello aquella [...] pai

232 (mp1) (JC) animo

233 (mp1) ali differido de lho comunicar; (JC) – alli differido de lhe comunicar;

234 (mp1) (JC) contetissimo

235 (mp1) (JC) animo [...] á [...] pecúlio

236 (mp1) trezentos mil reis (JC) – tresentos mil réis

237 (mp1) (JC) annos [...] erão

238 (mp1) (JC) duvida

239 (mp1) (JC) somma

240 (mp1) bel prazer (JC) belprazer

241 (mp1) receiar (JC) recear

242 (mp1) (JC) empreza [...] ás

243 (mp1) Páe (JC) pai

mesada²⁴⁴ por mais diminuta que fosse; motivo por que assentei de lhe não dar parte de tão precipitada resolução, senão depois de haver removido as principais dificuldades, que para o bom sucesso dela²⁴⁵ se me antolhavam. Estava de verga do alto a galera²⁴⁶ Real Fidelíssima em que²⁴⁷ tinha a passagem justa o Ferrão; pertencia aquele navio a um negociante Português²⁴⁸ chamado Hermenegildo Netto da Silva, a quem era bem aceito²⁴⁹, por isso que me tinha desvelado em ensinar ao filho o latim; fui-me ter com ele, expus-lhe²⁵⁰ o desejo que tinha de passar-me a Portugal, para prosseguir em meus estudos, os poucos teres de meu Pai²⁵¹, e a necessidade em que me via de lembrar-lhe a promessa, que repetidas vezes me havia feito, em contemplação das diligências²⁵² que fizera por lhe instruir o filho, de dar-me gratuita a passagem na Real Fidelíssima. Não tornou aquele honrado português atrás²⁵³ com a palavra, e a única condição que pôs²⁵⁴, foi que contribuiria com alguns centos de laranjas para o refresco. Certo da passagem, restava-me falar no negócio²⁵⁵ a meu pai, e dobrá-lo²⁵⁶ a consentir em tão desajuizado e temerário²⁵⁷ projeto, e não foi pequeno o trabalho, que tive para trazê-lo²⁵⁸ a fazer-me a vontade e tenho por certo, que o que o levou de vencida foi a ideia,²⁵⁹ que lhe sugeri²⁶⁰, de que partindo em companhia de um amigo; que levava largos créditos, não me faleceria o necessário para o prosseguimento de meus estudos, se por ventura ele²⁶¹ se visse na impossibilidade de me²⁶² subministrar mais tarde, conforme tencionava fazê-lo²⁶³: assim que, esperançou meu pai²⁶⁴ no Ferrão o consentiu²⁶⁵ em minha partida.

²⁴⁴ (mp1) (JC) *mezada*

²⁴⁵ (mp1) (JC) *pricipaes dificuldade [...] della*

²⁴⁶ (mp1) (JC) *d'alto a galera*

²⁴⁷ (mp1) *qué* (JC) *que*

²⁴⁸ (mp1) (JC) *aquelle [...] Portuguez*

²⁴⁹ (mp1) *aceito*; (JC) *acceito*

²⁵⁰ (mp1) (JC) *elle, expuz-lhe*

²⁵¹ (mp1) *Páe* (JC) *pai*

²⁵² (mp1) (JC) *diligencias*

²⁵³ (mp1) (JC) *aquelle [...] Portuguez atraz;*

²⁵⁴ (mp1) (JC) *unica [...] poz*

²⁵⁵ (mp1) (JC) *fallar no negocio*

²⁵⁶ (mp1) *Páe, e dobral'o* (JC) *pai, e dobra-lo*

²⁵⁷ (mp1) (JC) *temerario projecto*

²⁵⁸ (mp1) *trazel'o* (JC) *traze-lo*

²⁵⁹ (mp1) *ideia*, (JC) *idéa*

²⁶⁰ (mp1) (JC) *suggeri*

²⁶¹ (mp1) (JC) *creditos [...] falleceria o necessario [...] prosseguimento [...] elle*

²⁶² (mp1) (JC) *m'o*

²⁶³ (mp1) *tencionava fazel'o* (JC) *tencionnava faze-lo*

²⁶⁴ (mp1) *Páe* (JC) *pai*

²⁶⁵ (mp1) (JC) *consentio*

Não me descuidei todavia, conquanto²⁶⁶ tivesse²⁶⁷ bem pouca experiência dos negócios²⁶⁸, de aproveitar-me de quanto me veio à imaginação podia ser conducente senão a assegurar, pelo menos a probabilizar o bom sucesso da empresa; dando princípio à uma subscrição²⁶⁹, que um de meus irmãos ficou encarregado de continuar, e de que ainda hoje ignoro o resultado, e como fosse no entretanto, chegado o dia em que o navio devia largar, eu e o meu amigo dissemos adeus²⁷⁰ à pátria²⁷¹, alegres por que²⁷² partíamos juntos, e porque juntos fantasiávamos²⁷³ voltar. *Diis aliter visum*²⁷⁴.

Esta abnegação, se me é lícito²⁷⁵ trasladar²⁷⁶ este termo do sentido místico e alegórico para o genuíno²⁷⁷ e natural, esse desprego com que na juventude de mim me deslembra para aprazer e prestar a outrem achaque que tem de me acompanhar à cova²⁷⁸, nunca o aventou o Ferrão; que tinha eu para mim perderia muito de seu valor o sacrifício, que por ele fazia, se dele²⁷⁹ viesse a ser conhecido.

Chegados que fomos a Lisboa, no cabo de setenta dias de viagem, foi o meu amigo alojar-se em casa do Conde da Cunha²⁸⁰, a que vinha encomendado²⁸¹, sendo que o pai havia esposado uma filha natural daquela²⁸² casa, e eu depois de estar alguns dias em uma²⁸³

²⁶⁶ (mp1) (JC) com quanto

²⁶⁷ (mp1) tivesse (JC) tivesse

²⁶⁸ (mp1) (JC) experiencia dos negócios

²⁶⁹ (mp1) (JC) successo da empresa; [...] principio [...] subscrição

²⁷⁰ (mp1) adeos (JC) adeus

²⁷¹ (mp1) (JC) á pátria

²⁷² (mp1) por que (JC) porque

²⁷³ (mp1) (JC) partiamos [...] fantasiavamos

²⁷⁴ Expressão retirada da Eneida de Virgílio, Segundo Odorico Mendes, em um comentário ao livro II da sua tradução do livro de Virgílio, *Eneida Brasileira*, de 1854, diz que “*Alguns interpretam dis aliter visum como um princípio de impiedade, havendo o poeta quatro versos atrás affirmado que nada ha seguro sem a vontade divina [...]. Muitos, entre outros Chateaubriand, disseram com mais acêrto que Virgilio adivinhara o estilo christão; do que nestas palavras enxergo uma prova. Quantas vezes os christãos, ao referirmos qualquer infortunio acontecido a um homem virtuoso, exclamamos: altos juizos de Deus! Com isto não queremos significar que Deus foi injusto, mas tam somente que ignoramos as secretas causas dos seus decretos*”. Ver: ODORICO MENDES, Manuel. *Eneida brasileira ou traducção poetica da epopéa de publio virgilio maro*. Paris: Typographia de Rignoux, 1854. 550 p.

²⁷⁵ (mp1) (JC) licito

²⁷⁶ (mp1) trasladar (JC) trasladar

²⁷⁷ (mp1) (JC) mistico e allegorico [...] genuino

²⁷⁸ (mp1) (JC) á cóva

²⁷⁹ (mp1) (JC) sacrificio, [...] elle [...] delle

²⁸⁰ D. José Vasques Álvares da Cunha, 2.º Conde da Cunha, (1734 – 1812), foi um diplomata e embaixador Português. Além disso, foi Cap. Gen. de Mazagão, antiga possessão portuguesa em Marrocos. Tendo seu irmão, o D. António Álvares da Cunha, 1º Conde da Cunha, morrido em 1791, assim sendo, é justo acreditar que o “Conde da Cunha” citado no texto de Caetano Lopes de Moura tenha sido de fato José V. A. da Cunha, 2º Conde da Cunha.

²⁸¹ (mp1) (JC) encommendado

²⁸² (mp1) Páe [...] d'aquella (JC) pai [...] daquella

²⁸³ (mp1) n'uma (JC) em uma

estalagem, fui-me arrancar com um dos meus discípulos²⁸⁴, que se achava em Lisboa estudando a Cirurgia. Ia eu amiúde²⁸⁵ ver o Ferrão, não assim ele²⁸⁶, que rodeado de numerosos amigos ou conhecidos, que lhe granjearam²⁸⁷ dentro em pouco tempo as cartas de recomendação²⁸⁸, de que vinha munido, afrouxando do ardor, com que costumava procurar-me, rara era a vez que vinha à minha pousada. Bem lágrimas me há custado essa primeira experiência²⁸⁹, que fiz do coração do homem, por isso que ainda mal não foi em seu abono. Havia ajuntado quantas forças na alma tinha para fazer real e efetivo²⁹⁰ o *idem velle at quo nolle*²⁹¹ de Cícero sobre a amizade e no curto espaço de trinta dias via falsadas minhas esperanças e desvanecidos todos os sonhos da inexperta adolescência.

Desde então resolvi de voltar as costas à Coimbra e para pôr em esquecimento o desamorável amigo, de meter terra em meio a passar-me à França. Bem antevia as dificuldades²⁹² que tinha de superar, achando-me com tão poucas posses. Levou-me porém²⁹³ de rastos não sei se o despeito de me ver tratado com tamanha indiferença, se o amor-próprio, o qual com ser dos vícios o mais melindroso, é, todavia, o que mais resiste, a que nos dura até os últimos²⁹⁴ paroxismos. Ou fosse por estímulos dele, ou por efeito²⁹⁵ da feliz imaginação, de que me havia dotado a natureza em breve me consolei lançando o coração ao largo, como quem não tinha tomado senão a primeira salva dos trabalhos, por que tinha de passar.²⁹⁶

Partiu²⁹⁷ finalmente o Ferrão para Coimbra, e posto que de longe em longe tivesse eu ido vê-lo²⁹⁸ só na véspera da partida me inquiriu²⁹⁹ sobre o destino que pretendia seguir; respondi-lhe que não podia por então fazer-lhe companhia na jornada, por que estava aguardando as ordens de meu pai³⁰⁰, porém que em breve nos havíamos de ver; que era meu propósito³⁰¹ não estranhar-lhe o desprimor, com que tinha desatado da minha amizade, senão

²⁸⁴ (mp1) (JC) *discípulos*

²⁸⁵ (mp1) *Hia eu amiude (JC) Ia eu a miude*

²⁸⁶ (mp1) (JC) *elle*

²⁸⁷ (mp1) *grangearão (JC) grangeárão*

²⁸⁸ (mp1) (JC) *recomendação*

²⁸⁹ (mp1) (JC) *à [...] lágrimas me ha [...] experiencia*

²⁹⁰ (mp1) (JC) *n'alma [...] efectivo*

²⁹¹ Quer dizer, entre outras possíveis traduções: “*Querer o mesmo, rejeitar o mesmo*”, seria o valor que simboliza a verdadeira amizade. Provérbio latino atribuído diversamente a Cícero, a Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, e a Salústio em sua obra à Batalha da Catalina.

²⁹² (mp1) (JC) *desamoravel [...] matter [...] à [...] dificuldades*

²⁹³ (mp1) *porem (JC) porém*

²⁹⁴ (mp1) (JC) *indiferença [...] vicios [...] últimos*

²⁹⁵ (mp1) (JC) *estimulos delle, ou por effeito*

²⁹⁶ (mp1) Fim da folha 15.

²⁹⁷ (mp1) (JC) *Partio*

²⁹⁸ (mp1) *vel'o (JC) vê-lo*

²⁹⁹ (mp1) (JC) *vespera [...] inquirio*

³⁰⁰ (mp1) *Páe (JC) pai*

³⁰¹ (mp1) (JC) *haviámos [...] proposito*

quando já não estivesse em seu poder de congar-se comigo; mas esta vingança, única que tencionava tomar de tanto desamor tinha de ficar em embrião por falecimento³⁰² daquele³⁰³, que dela era o objeto³⁰⁴, o qual perdido de amores por uma das filhas de José Bonifácio de Andrade³⁰⁵, então professor de Metalurgia³⁰⁶ naquela³⁰⁷ universidade, se matou com um tiro de pistola. Assim me contaram³⁰⁸, passados meses, vários patrícios que lá estudavam³⁰⁹ vindo passar as férias³¹⁰ em Lisboa.

Desfiz-me em lágrimas³¹¹ quando fui inteirado do desastrado caso do amigo; então vim a entender, que o que eu tomava por um rompimento e quebra da amizade³¹² nada mais era, que um leve enfado, e cheguei até acusar-me secretamente de haver sido o causador da sua morte, por não o ter acompanhado à³¹³ universidade, sabendo o quão precipitoso fosse de seu natural.

Com a morte de Ferrão acendeu-se³¹⁴ em mim o desejo de passar para França, mas de que servia vontade sem braços; o que meu pai pôde³¹⁵ enviar-me apenas bastaria para me manter ali seis meses³¹⁶. Acudiu-me, porém, Deus com o remédio³¹⁷. Certo negociante, chamado João da Silva e Oliveira, a quem fui apresentado por um meu patrício, cujo nome as desgraças, os estudos, os longos anos, que passei privado do comércio³¹⁸ de meus conterrâneos³¹⁹, e finalmente o tempo, que tudo apaga, me hão delido da memória, cobrou-me tal afeição, que não duvidou mandar-me à³²⁰ França com a escassa mesada de dez mil réis³²¹.

³⁰² (mp1) (JC) *commigo* [...] *única* [...] *fallecimento*

³⁰³ (mp1) *d'aquelle* (JC) *daquelle*

³⁰⁴ (mp1) (JC) *que della era o objecto*

³⁰⁵ José Bonifácio de Andrade, (1763-1838), que viria a se tornar uma das figuras mais notórias da história do Brasil, a ponto ser considerado o Patrono da Independência do Brasil. Em 1800, foi nomeado para tomar posse, no ano seguinte, como professor da cadeira de metalurgia da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, com permanência mínima de 6 anos. A partir dessa cadeira foi nomeada para outras funções administrativas, econômicas e diplomáticas em Portugal. A sua participação na história brasileira é bastante intensa e apenas me limitei ao período em que Caetano Moura menciona. Enfim, Jose Bonifácio de Andrade foi, inclusive, tutor de D. Pedro II, exatamente para quem esta biografia fora destinada. Cf. CALDEIRA, Jorge (org.). *José Bonifácio de Andrada e Silva*. São Paulo: Ed. 34. 2002. (Col. Formadores do Brasil).

³⁰⁶ (mp1) *Metallurgia* (JC) *Metalurgia*

³⁰⁷ (mp1) (JC) *naquella*

³⁰⁸ (mp1) *m'o contarão* (JC) *m'o contárão*

³⁰⁹ (mp1) (JC) *mezes, varios patrícios* [...] *estudavão*

³¹⁰ (mp1) *ferias* (JC) *férias*

³¹¹ (mp1) (JC) *lagrimas*

³¹² (mp1) *d'amizade* (JC) *de amizade*

³¹³ (mp1) (JC) *accusar-me* [...] *à*

³¹⁴ (mp1) *accendeo-se* (JC) *accendeu-se*

³¹⁵ (mp1) *Páe pôde* (JC) *pai pôde*

³¹⁶ (mp1) (JC) *mezes*

³¹⁷ (mp1) *Acudio-me porém* [...] *remedio* (JC) *Acudio-me, porém,* [...] *remedio*

³¹⁸ (mp1) (JC) *patricio* [...] *annos* [...] *commercio*

³¹⁹ (mp1) *conterraneos* (JC) *conterreneos*

³²⁰ (mp1) (JC) *memoria* [...] *affeição* [...] *á*

³²¹ (mp1) *mezada de dés mil reis* (JC) *mesada de dez mil réis*

Aprontava-me para partir, quando um meu patrício, e condiscípulo³²², por nome Thomaz da Costa Ferreira, cujo irmão, disseram-me não há muito tempo, adquirira nessa capital uma triste celebridade com o apelido³²³ de³²⁴ Lansdorf, veio ter comigo³²⁵ todo sustos e temores, e contou-me, como havendo³²⁶ trasladado do inglês³²⁷ para a nossa língua³²⁸ a obra antirreligiosa de Payne³²⁹ num colégio³³⁰ em que se estava educando, havia sido denunciado³³¹ à³³² Inquisição, motivo por que encarecidamente me pedia houvesse de acoitá-lo³³³ em minha casa. Era então Intendente da Polícia em Lisboa o célebre Manique³³⁴ acérrimo³³⁵ perseguidor dos Pedreiros-livres, e de quantos nesse tempo por estultícia ou por vangloria se intitulavam Desabusados, o que não obstante prestei-me aos desejos de meu compatriota, com a condição porém que não sairia³³⁶ de minha casa, senão para se³³⁷ embarcar, cousa que cumpriu religiosamente, saindo somente uma vez e de noite para ajustar a passagem com um capitão Americano, que estava para se fazer à vela³³⁸ com brevidade, o que acertou de ser na mesma maré em que o Volante, do capitão Vicente de Queiroz, em que eu tinha de partir, devia largar do porto de Lisboa para o de Cherbourg³³⁹. Quando foi vindo o dia da partida, erguemo-nos

³²² (mp1) (JC) *Aprontava-me [...] patrício [...] condiscípulo*

³²³ (mp1) (JC) *ha [...] appellido*

³²⁴ (mp1) Fim da folha 17.

³²⁵ (mp1) *commigo* (JC) *conmigo*

³²⁶ (mp1) *havendo* (JC) *tendo*

³²⁷ (mp1) *Inglez* (JC) *inglez*

³²⁸ (mp1) (JC) *lingua*

³²⁹ Acredito tratar-se de Thomas Paine (1737-1809), anglo-americano, pai-fundador dos Estados-Unidos, tem longa trajetória política, intelectual e revolucionária, sobretudo na Revolução Estado-unidense. Escreveu diversas obras de cunho liberal, voltado para os direitos das pessoas humanas (“dos homens”) e apologias revolucionárias. Entre suas obras, *A era da razão* (1794), que crítica profundamente a autoridade da Igreja, suas corrupções e outras questões interligadas, obviamente, foi perseguida pela Igreja através da Inquisição. Consultar: Foner, P. S. (2023, August 11). *Thomas Paine*. Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/biography/Thomas-Paine>.

³³⁰ (mp1) *anti religiosa [...] n'um collegio*; (JC) *anti-religiosa [...] em um collegio*

³³¹ (mp1) *dennunciado*; (JC) *denunciado*

³³² (mp1) (JC) *á*

³³³ (mp1) *acoital'o* (JC) *acouta-lo*

³³⁴ *Diogo Inácio de Pina Manique* (1733-1805), nascido em Portugal, teve uma ascensão política na Lisboa de a partir de 1780, quando foi nomeado Intendente-Geral da Polícia e provedor da Real Casa Pia. Sua biografia é marcada por uma intensa criminalização de qualquer coisa que não representasse o *Anciën Régime*. No artigo citado abaixo, é possível ter alguma ideia de algumas de suas movimentações políticas através da sua encomenda de um momento em homenagem a D. Maria I, 1794-1797, Queluz. É sobretudo por causa da proximidade desta rainha com a Real Casa Pia, onde o Manique era um dos provedores, que a influência deste sobretudo se valeu. Ver: Degortes, M. (2018). Patronage and vanity of Diogo Inácio Pina Manique in the nineties of the eighteenth century: the monument to the Queen Mary I of Portugal. New documents. *ARTis ON*, (7). <https://doi.org/10.37935/aion.v0i7.186>. Acessado em 01 de ago de 2023.

³³⁵ (mp1) (JC) *Policia [...] celebre [...] acérrimo*

³³⁶ (mp1) (JC) *estulticia [...] intitulavão [...] sahiria*

³³⁷ (mp1) *se* (JC)

³³⁸ (mp1) *á vèla* (JC) *á vela*

³³⁹ (mp1) *Cherbourg* (JC) *Cherburgo*

Cherbourg é uma antiga comuna, situada na região Normandia, no departamento de Manche, noroeste da França. Em 2016, passou a se chamar *Cherbourg-en-Cotentin* após a unificação com algumas outras comunas

com cedo, e encaminhamo-nos de braço dado para o Cais³⁴⁰ do Sodré, e depois de nos abraçarmos, e dizermo-nos uma e outra vez adeus³⁴¹, metemo-nos³⁴² cada um em seu bote, e vegamos,³⁴³ eu para o navio, que devia transportar-me para a França, ele³⁴⁴ para o que o tinha de levar aos Estados-Unidos, donde tencionava transferir-se para a Bahia.

No navio, em que acabava de embarcar-me, passava também à França Joaquim Theodoro de Souza Soares outro Baiano³⁴⁵, que tendo-se formado em Leis em Coimbra, ia³⁴⁶ peregrinar e correr as principais³⁴⁷ cidades da Europa.

Durava ainda, quando largamos de Lisboa a paz de Amiens³⁴⁸ celebrada em 1802; e rompendo-se esta, quando já estávamos³⁴⁹ no mar, como atravessávamos³⁵⁰ o Canal, um brigue inglês³⁵¹, que ali³⁵² andava cruzando, depois de nos obrigar a firmar a bandeira com um tiro, fez nos vir à fala³⁵³, e sabendo havia o navio sido despachado para Cherbourg³⁵⁴, capturou-o declarando-nos que assim o fazia,³⁵⁵ por se achar aquele³⁵⁶ porto bloqueado³⁵⁷. Debalde alegou o Capitão Português, que tendo largado de Lisboa antes de se ter naquela³⁵⁸ praça notificado o bloqueio³⁵⁹ do porto, para onde se despachara³⁶⁰, contra toda a razão lhe capturavam o navio³⁶¹

francesas. Região colonizada inicialmente pelos normandos, daí deriva seu nome, sempre se mostrou um local estratégico, seja para as instalações portuárias e militares de Napoleão I, o *Bonaparte*, à invasão ocidental na segunda guerra mundial contra os alemães.

³⁴⁰ (mp1) (JC) *cêdo* [...] *Cães*

³⁴¹ (mp1) *adeos* (JC) *adeus*

³⁴² (mp1) (JC) *mettemo-nos*

³⁴³ (mp1) *bote, e vegamos* (JC) *bote, e vegamos*,

³⁴⁴ (mp1) (JC) *elle*

³⁴⁵ (mp1) (JC) *tambem á* [...] *Bahiano*

³⁴⁶ (mp1) [...] *hia* (JC) [...], *ia*

³⁴⁷ (mp1) (JC) *principaes*

³⁴⁸ O *Tratado de Amiens*, ou a paz de Amiens, foi um cessar fogo entre o Reino Unido e a França, com o envolvimento de outras nações. Trata-se do período das Guerras revolucionárias francesas decorrentes ainda da Revolução Francesa, que em 1802, ano do tratado, já se arrastavam por quase dez anos. O *tratado de Amiens* foi celebrado na cidade de mesmo nome, em 25 de março, mas negociado desde dezembro de 1801 com vistas a durar 18 meses; no entanto, teve fim em 15 de maio de 1803. Sendo assim, Caetano Lopes de Moura deve ter partido de Lisboa antes de 15 de maio de 1803 e logicamente ainda estava no mar após essa data ou nela. Ver: NAPOLÉON.ORG. UNE PAIX ÉPHÉMÈRE ENTRE LA FRANCE ET L'ANGLETERRE. In: **LA PAIX D'AMIENS (25 MARS 1802)** : . Paris, 2023. Disponível em: <https://www.napoleon.org/histoire-des-2-empires/dossiers-thematiques/la-paix-damiens-25-mars-1802-une-paix-ephemere-entre-la-france-et-langleterre/>. Acesso em: 19 set. 2023.

³⁴⁹ (mp1) *estávamos* (JC) *estavamos*

³⁵⁰ (mp1) (JC) *atravessavamos*

³⁵¹ (mp1) *Inglez* (JC) *inglez*

³⁵² (mp1) *ali* (JC) *alli*

³⁵³ (mp1) (JC) *á falla*

³⁵⁴ (mp1) *Cherbourgo* (JC) *Cherburgo*

³⁵⁵ (mp1) , (JC)

³⁵⁶ (mp1) (JC) *aquelle*

³⁵⁷ (mp1) *bloqueiado* (JC) *bloqueado*

³⁵⁸ (mp1) (JC) *allegou* [...] *Portuguez* [...] *naquella*

³⁵⁹ (mp1) *bloqueio* (JC) *bloqueio*

³⁶⁰ (mp1) (JC) *despachára*

³⁶¹ (mp1) *capturavão* o navio, (JC) *capturavão o navio*;

teve afinal de sujeitar-se à prepotência³⁶² do Capitão Inglês³⁶³, o qual fazendo passar para o seu brigue³⁶⁴ a tripulação do Volante, que substituiu³⁶⁵ por marinheiros de uma nação, ordenou nos conduzissem a Portsmouth³⁶⁶, onde chegamos³⁶⁷ no outro dia ao amanhecer.

Eis-me³⁶⁸, sem o querer, em Inglaterra, e conquanto³⁶⁹ arrebentasse por ir a Londres, resisti a todo o poder à tentação, por entender que a tanto não abrangiam as minhas posses, e converti-me ao estudo da língua³⁷⁰ inglesa³⁷¹, a que de todo em todo me entreguei no decurso de dois para três meses³⁷² que ali³⁷³ nos demoramos; que tanto tempo levou a conclusão dos embargos, que o capitão Português teve de sustentar perante o almirantado, e como estes saíssem³⁷⁴ a seu favor, tornamos³⁷⁵ a seguir viagem para Cherbourg³⁷⁶, onde chegamos a salvamento.

Requintavam³⁷⁷ nessa época os ingleses³⁷⁸ e os franceses³⁷⁹ no rancor e aversão que uns aos outros em todo o tempo professaram³⁸⁰, e cabia-lhes bem o *litora lituribus*³⁸¹ da imprecação

³⁶² (mp1) prepo- (JC) prepotência

³⁶³ (mp1) (JC) Inglês

³⁶⁴ (mp1) brigue (JC) Brigue

³⁶⁵ (mp1) (JC) substituiu

³⁶⁶ (mp1) (JC) Portsmouth

Portsmouth é uma cidade portuária do condado de Hampshire, na Inglaterra. A maior parte de Portsmouth está localizada na Ilha de Portsea, na costa sul da Inglaterra, em Solent. Cidade antiga, sua fundação remonta ao último quarto do século XII. Por sua localização avançada no mar, em relação “ao continente” do Reino Unido, sempre exerceu papel importante para a marinha inglesa. Atualmente é a cidade mais densamente povoada do Reino Unido, com uma população de 208.100 habitantes, segundo o recenseamento 2021. In: THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Portsmouth | Map, Population, History, & Facts. 20 jul. 1998. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Portsmouth-England>. Acesso em: 10 dez. 2023.

³⁶⁷ (mp1) chegamos (JC) chegámos

³⁶⁸ (mp1) Eis-me (JC) Eis

³⁶⁹ (mp1) com quanto (JC) comquanto

³⁷⁰ (mp1) (JC) á [...] abragião [...] lingua

³⁷¹ (mp1) Ingleza (JC) inglesa

³⁷² (mp1) (JC) dous [...] trez mezes;

³⁷³ (mp1) ali (JC) alli

³⁷⁴ (mp1) (JC) Demorámos [...] Portuguez [...] sahissem

³⁷⁵ (mp1) tornamos; (JC) tornámos

³⁷⁶ (mp1) Cherbourg; (JC) Cherburgo

³⁷⁷ (mp1) (JC) chegámos [...] Requintavão

³⁷⁸ (mp1) Inglezes; (JC) inglezes

³⁷⁹ (mp1) (JC) Francezes

³⁸⁰ (mp1) professarão (JC) professárão

³⁸¹ (mp1) litora lituribus (JC) littora littoribus

Da Eneida de Virgílio, *litora lituribus*, é parte dos versos das “imprecações de Dido”, em seu leito de morte, a Eneias. Neste momento, “ela deseja que os seus descendentes sejam sempre inimigos dos descendentes de Eneias e que um deles, proveniente de sua linhagem, leve, como vingador, a guerra aos romanos, numa antecipação das Guerras Púnicas”, [...] *Litora lituribus contraria, fluctibus undas / imprecator, arma armis; pugnent ipsique nepotesque*, versos 625-629.” In: MARQUES JUNIOR, Milton. *Dicionário da Eneida - Livro IV: O Amor Funesto de Dido e Eneias*. João Pessoa: Idea e Zarinha Centro de Cultura, 2012.

de Dido, que me veio ao pensamento, quando navegávamos³⁸² entre costa e costa, assim que fomos recebidos dos moradores, como se houvéramos³⁸³ escapado das masmorras africanas.

Agregaram-se nos³⁸⁴ nas vésperas³⁸⁵ da partida alguns passageiros mais, e entre eles um Dominicano de apelido³⁸⁶ de Mexia, que havia sido em Portugal mandado a desterro por ter fugido com certa fidalga, o qual na viagem, e no pouco tempo que nos demoramos³⁸⁷ em Cherbourg, veio a desavir-se com o meu patrício Joaquim Theodoro, particularidade de que não faria menção, se ela não tivesse sido para mim ocasião³⁸⁸ de não pequenos desgostos.

De Cherbourg passei-me para Rouen³⁸⁹ onde residia o meu correspondente, inglês³⁹⁰ de nação³⁹¹ e Vice-cônsul³⁹² de Portugal naquela³⁹³ praça, a quem entreguei a carta de recomendação e de crédito³⁹⁴ de que vinha munido. Leu-a³⁹⁵ o Fielder³⁹⁶ que tal era o seu nome, e depois de estar alguns momentos cuidadoso, perguntou-me se sabia bem o francês³⁹⁷, ao que lhe tornei que o tinha aprendido antes de partir. Sem embargo do que foi ele³⁹⁸ buscar um livro português³⁹⁹, e encarregou-me de lhe traduzir em francês⁴⁰⁰ certa página, que me mostrou, ao que satisfiz do melhor modo que pude. Depois de ler a tradução⁴⁰¹, que, segundo me deu⁴⁰² a entender, achou sofrível, ⁴⁰³ disse-me, que sendo a mesada⁴⁰⁴ que trazia de tão pouco vulto, era de parecer, que começasse os meus estudos naquela cidade, onde havia um magnífico hospital,

³⁸² (mp1) *navegavamos* (JC) *navegámos*

³⁸³ (mp1) *houveramos* (JC) *houvéramos*

³⁸⁴ (mp1) *Aggregarão-se nos* (JC) *Agregaram-se-nos*;

³⁸⁵ (mp1) *vesperas* (JC) *vésperas*

³⁸⁶ (mp1) (JC) *elles* [...] *apelido*

³⁸⁷ (mp1) *demoramos* (JC) *demorámos*

³⁸⁸ (mp1) (JC) *patricio* [...] *ella* [...] *ocasião* [...]

³⁸⁹ (mp1) *Ruão* (JC) *Ruão* ,

Rouen, localizada a noroeste da França, é a capital de Seine-Maritime, capital da Alta-Normandia na foz do Rio Sena, ponto equidistante de Paris e de Manche, 100km. Rouen é uma cidade muito antiga, sua história e fundação remontam a muito antes do período medieval europeu, alcançando a época do Imperador Augusto, na antiguidade. A região em que a cidade foi erguida é um sítio histórico habitado a pelo menos 9000 anos. No entanto, a cidade ficou muito famosa por ter sido o local do processo e execução de Joana D'arc em 1431. Além de outras batalhas, guerras, sobretudo contra a Inglaterra. In: BRAUNSTEIN, Jean. L'Histoire de Rouen | Rouen.fr. Disponível em: <https://rouen.fr/histoire>. Acesso em: 10 dez. 2023.

³⁹⁰ (mp1) *Inglez*; (JC) *inglez*

³⁹¹ (mp1) *nação* (JC) *nação* ,

³⁹² (mp1) *Visconsul* (JC) *Vice-Consul*

³⁹³ (mp1) (JC) *naquella*

³⁹⁴ (mp1) (JC) *recommendação* [...] *credito*

³⁹⁵ (mp1) *Leo-a* (JC) *Leu-a*

³⁹⁶ Através apenas do sobrenome *Fielder*, não se localizou informações precisas sobre esta personagem.

³⁹⁷ (mp1) *Francez* (JC) *francez*

³⁹⁸ (mp1) (JC) *elle*

³⁹⁹ (mp1) *Portuguez*; (JC) *portuguez*

⁴⁰⁰ (mp1) *Francez* (JC) *francez*

⁴⁰¹ (mp1) (JC) *pagina* [...] *tradução*;

⁴⁰² (mp1) *deo* (JC) *deu*

⁴⁰³ (mp1) Fim da folha 21.

⁴⁰⁴ (mp1) *mezada* (JC) *mesada*

e ótimos professores, e que ao depois quando me achasse neles adiantado me passaria para Paris a aperfeiçoar-me, e a fazer os competentes exames. Como lhe viesse recomendado⁴⁰⁵, conquanto⁴⁰⁶ fosse extremo o desejo que tinha de visitar a Capital da França, remeti-me ao seu arbítrio, e deixei-me guiar por seus ditames⁴⁰⁷. Comecei pois⁴⁰⁸ desde logo o curso anatômico do célebre⁴⁰⁹ Laumsonier⁴¹⁰ no hospital intitulado da Humanidade.

Vinha-me amiúde⁴¹¹ o meu companheiro de viagem Joaquim Theodoro, e como o visse algum tanto demudado e triste, perguntei-lhe o que tinha; contou-me então ele como esperava achar naquela cidade carta de crédito para um dos negociantes dela⁴¹², e que falecendo-lhe ela⁴¹³, e tendo despendido o pouco dinheiro que trazia, era tal o aperto em que se via, que não tinha outro regresso, que o de socorrer-se ao único⁴¹⁴ compatriota seu, que naquela⁴¹⁵ terra havia. Como podia ser que aquele meu patrício⁴¹⁶ ignorasse quão limitada era a minha mesada⁴¹⁷, depois de lhe⁴¹⁸ fazer saber, disse-lhe que sem embargo disso estava pronto⁴¹⁹ acudir-lhe⁴²⁰ em tão apertado transe, repartindo com ele⁴²¹ do pouco que tinha, enquanto lhe não chegava o esperado crédito⁴²²; e daquele⁴²³ dia em diante não teve aquele meu patrício outra mesa⁴²⁴, nem outra cama, que a minha. Apesar⁴²⁵ do acréscimo da despesa era tão regrado o meu modo de viver, que para tudo chegavam aqueles⁴²⁶ abençoados dez⁴²⁷ mil reis.

⁴⁰⁵ (mp1) (JC) *naquella [...] magnifico [...] optimos [...] nelles [...] Pariz [...] recomendado*

⁴⁰⁶ (mp1) *comquanto (JC) com quanto*

⁴⁰⁷ (mp1) (JC) *remetti-me [...] arbitrio [...] dictames*

⁴⁰⁸ (mp1) *pois (JC) , pois ,*

⁴⁰⁹ (mp1) (JC) *anatômico [...] celebre*

⁴¹⁰ Jean-Baptiste Laumonier (1749-1818) foi um cirurgião e anatomista francês. Em sua carreira, foi cirurgião-chefe do hospital de Metz, depois cirurgião-chefe do Hôtel-Dieu em Rouen, ou Hospital da Humanidade. Era também professor de anatomia e cirurgia na Escola de Medicina de Rouen. Escreveu e publicou algumas obras no campo da anatomia, Laumonier era considerado mestre em ceroplastia, técnica com a qual moldava partes do corpo para aulas. Devidos a problemas médicos, após 1815, foi substituído por seu aluno Achille Cléophas Flaubert (1784-1846) no Hotel-Dieu. In. LAUMONIER, Jean Baptiste. Jean Baptiste Philippe René Nicolas Laumonier (1749-1818) - Auteur - Ressources de la Bibliothèque nationale de France. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/10681833/jean_baptiste_philippe_rene_nicolas_laumonier/. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁴¹¹ (mp1) *ameude (JC) a miude*

⁴¹² (mp1) (JC) *ele [...] naquella [...] credito [...] della*

⁴¹³ (mp1) *fallecendo-lhe ella (JC) falecendo-lhe ella*

⁴¹⁴ (mp1) (JC) *socorrer-se ao unico*

⁴¹⁵ (mp1) *seu, que naquella (JC) seu que naquela*

⁴¹⁶ (mp1) (JC) *aquelle meu patricio*

⁴¹⁷ (mp1) *lho (JC) mesada*

⁴¹⁸ (mp1) *mezada; (JC) lh'o*

⁴¹⁹ (mp1) (JC) *prompto*

⁴²⁰ (mp1) *acudir-lhe (JC) acudir-lhe*

⁴²¹ (mp1) (JC) *elle*

⁴²² (mp1) *crédito (JC) credito*

⁴²³ (mp1) (JC) *daquelle [...] aquella [...] patricio;*

⁴²⁴ (mp1) *meza (JC) mesa*

⁴²⁵ (mp1) *Apesar (JC) Apezar*

⁴²⁶ (mp1) (JC) *acrescimo [...] despeza [...] chegavão aquelles*

⁴²⁷ (mp1) *dés (JC) dez*

Durou largos meses sem novidade aquele⁴²⁸ contubernio até que indo um dia pela mesada à casa do Fielder, observei que, em me vendo, se carregara⁴²⁹ no semblante, e logo entendi havia ali algum enredo; como, porém⁴³⁰ me não remordia a consciência, depois de me informar da sua saúde, disse-lhe era ali vindo pela mesada⁴³¹. Já lhe mando dar⁴³², tornou-me ele,⁴³³ porém antes há de prometer-me de despedir de casa esse mancebo com que está, que o há⁴³⁴ de arrastar a quantos desvarios, e desmanchos anda acompanhada a mocidade. Representei-lhe que aquele⁴³⁵ meu compatriota achando-se necessitado, e sendo português, (éramos então todos), tinha direito à proteção do Consul de Portugal, cujas vozes ele⁴³⁶ Fielder⁴³⁷ estava ali fazendo; que lhe perdoasse a ele o não ter vindo implorar a sua assistência⁴³⁸, e a mim o ter-me antecipado⁴³⁹ em ajudá-lo⁴⁴⁰ com aqueles auxílios⁴⁴¹ que se compadeciam⁴⁴² com os meus poucos teres. Como com estas razões⁴⁴³ o Fielder se assanhasse, e arcasse cada vez mais comigo⁴⁴⁴, tomei por barato retirar-me, por isso que suspeitava que o não demoveria do propósito em que estava, por lhe o ter sido sugerido pelo Dominicano, o qual havia tido a indústria de insinuar-se na graça daquele⁴⁴⁵ negociante, e como o governasse a seu querer, tratava de vingar-se do pouco caso que o conimbricense havia feito de alguns de seus sermões, que no decurso da viagem nos havia lido, dizendo que o que neles achara bom fora⁴⁴⁶ o tema,⁴⁴⁷ e mais textos latinos,⁴⁴⁸ que ali vinham⁴⁴⁹ citados.

Saí⁴⁵⁰ da casa do Consul indignado e fui-me ter com um negociante português⁴⁵¹ que sabia tinha relações com meu Benfeitor, a quem contei o acontecido, pedindo-lhe houvesse de

⁴²⁸ (mp1) (JC) *mezes [...] aquella*

⁴²⁹ (mp1) (JC) *mezada á [...] carregára;*

⁴³⁰ (mp1) *como porém* (JC) *como, porém,*

⁴³¹ (mp1) (JC) *consciência [...] saude [...] ali [...] mezada*

⁴³² (mp1) *lh'a mando* (JC) *lh'amando*

⁴³³ (mp1) *elle,* (JC) *elle ;*

⁴³⁴ (mp1) (JC) *ha de prometter-me [...] ha*

⁴³⁵ (mp1) *, que aquella* (JC) *que aquella*

⁴³⁶ (mp1) (JC) *Portuguez [...] eramos [...] á proteção [...] elle*

⁴³⁷ (mp1) *Fielder* (JC) *, Fielder ,*

⁴³⁸ (mp1) (JC) *elle [...] assistencia*

⁴³⁹ (mp1) *anticipado* (JC) *atecipado*

⁴⁴⁰ (mp1) *ajudal'o* (JC) *ajuda-lo*

⁴⁴¹ (mp1) (JC) *aquelles auxilios*

⁴⁴² (mp1) *compadecião* (JC) *compadecião ,*

⁴⁴³ (mp1) *razoes* (JC) *razões*

⁴⁴⁴ (mp1) *commigo* (JC) *comigo*

⁴⁴⁵ (mp1) (JC) *proposito [...] lh'o [...] suggerido [...] industria [...] daquelle*

⁴⁴⁶ (mp1) (JC) *nelles achára [...] fôra*

⁴⁴⁷ (mp1) *thema,* (JC) *thema*

⁴⁴⁸ (mp1) *latinos,* (JC) *latinos*

⁴⁴⁹ (mp1) (JC) *vinhão*

⁴⁵⁰ (mp1) (JC) *Sahi*

⁴⁵¹ (mp1) *Portuguez* (JC) *Portuguez,*

suprir⁴⁵² as vezes do Fielder, a quem por nenhuma condição me sujeitaria a implorar. Anuiu⁴⁵³ ele⁴⁵⁴ ao meu pedido, e dali em diante continuava a assistir-me.

Tendo rompido com o Fielder;⁴⁵⁵ entreguei-me de todo em todo ao estudo. Era findo o inverno⁴⁵⁶ e os que se seguiam eram a Química e a Botânica, e em ambos fui contínuo⁴⁵⁷. Era então estilo⁴⁵⁸ naquela escola sentar-se à ilharga do professor o discípulo, que ele⁴⁵⁹ acertava de nomear, e repetir aos outros a lição do dia antecedente, como se estivesse professando. Posto que sejam evidentes as excelências de semelhante método, tinha ele para mim o inconveniente de ser quase inexequível⁴⁶⁰, e confesso que mais de uma vez me fez desadorar, não só por não estar prático na língua francesa, como também por que ao princípio carecia do necessário⁴⁶¹ despejo para falar⁴⁶² diante de tanta gente, quanta era a que acudia àqueles cursos, principalmente ao de Botânica⁴⁶³. Para não ficar curto, se por ventura o professor me mandasse dar lição, via-me necessitado a ler os melhores autores, que haviam tratado da matéria, e depois de haver metodizado quanto neles⁴⁶⁴ achava esparso, de mandá-lo⁴⁶⁵ à memória⁴⁶⁶, no que bem vezes gastava as noites, e ainda assim, em sendo numeroso o auditório,⁴⁶⁷ acobardava-me⁴⁶⁸, como quem havia sido educado com demasiada severidade: o que não obstante em vez de interromper-me, ia⁴⁶⁹ por diante com o meu dizer, embora fosse o francês⁴⁷⁰ incorreto, e viciosa a pronuncia⁴⁷¹, e quando acontecia não me acudir⁴⁷² à memória⁴⁷³ o termo técnico francês, socorria-me⁴⁷⁴ ao que em latim, ao meu entender, lhe equivalia; que folguei sempre de ler os tratados que nessa língua se hão escrito sobre os diversos ramos das ciências naturais e mais

⁴⁵² (mp1) (JC) Bem-feitor [...] suprir

⁴⁵³ (mp1) Annuio (JC) Anuiu

⁴⁵⁴ (mp1) (JC) elle

⁴⁵⁵ (mp1) Fielder; (JC) Fielder,

⁴⁵⁶ (mp1) inverno (JC) inverno,

⁴⁵⁷ (mp1) (JC) seguiu [...] erão [...] chimica [...] Botanica [...] continuo

⁴⁵⁸ (mp1) estilo (JC) estylo

⁴⁵⁹ (mp1) (JC) naquella [...] á [...] discipulo, que elle

⁴⁶⁰ (mp1) (JC) seião [...] excellencias [...] methodo [...] elle [...] quasi [...] inexequivel

⁴⁶¹ (mp1) (JC) pratico [...] franceza [...] tambem [...] principio [...] necessário

⁴⁶² (mp1) fallar (JC) falar

⁴⁶³ (mp1) (JC) áquelles [...] Botanica

⁴⁶⁴ (mp1) (JC) lição [...] havião [...] materia [...] methodizado [...] nelles

⁴⁶⁵ (mp1) mandal'o (JC) manda-lo

⁴⁶⁶ (mp1) (JC) á memoria

⁴⁶⁷ (mp1) auditorio, (JC) auditorio

⁴⁶⁸ (mp1) (JC) acobardava-me

⁴⁶⁹ (mp1) hia (JC) ia

⁴⁷⁰ (mp1) Francez (JC) francez

⁴⁷¹ (mp1) pronunciação (JC) pronuncia

⁴⁷² (mp1) acodir (JC) acudir

⁴⁷³ (mp1) (JC) á memoria

⁴⁷⁴ (mp1) (JC) technico francez soccorria-me

disciplinas, por entender era esse o único meio de poder discorrer sobre elas⁴⁷⁵ com os meus compatriotas, coisa que aconselharei a quantos cursam⁴⁷⁶ as academias estrangeiras. Lembrado estou que em uma⁴⁷⁷ exposição que me coube fazer dos fenômenos que acompanham a florescência⁴⁷⁸, como não atinasse com o verbo *épanouir*⁴⁷⁹ e que meus camaradas comesçassem de sorrir-se do enleio em que me viam posto, prossegui⁴⁸⁰ dizendo,⁴⁸¹ que se tivera de expressar-me em latim diria: *dehiscere explicare aperire*.⁴⁸² com o que grangeei o aplauso de meus condiscípulos⁴⁸³, e até o dos curiosos⁴⁸⁴ que ali⁴⁸⁵ eram; que nada há que mais agrade, que um ânimo⁴⁸⁶ desacanhado: No concurso que houve no fim do curso, de 3⁴⁸⁷ prêmios que se deram, coube-me nesse ano o terceiro, e no ano⁴⁸⁸ seguinte o primeiro.

Quis juntar à⁴⁸⁹ esta exposição o certificado dos primeiros laureis de meus estudos na Academia Rotomagensse,⁴⁹⁰ mas não os achei em estado de serem postas na Augusta Presença de Vossa Majestade Imperial. O do segundo ano⁴⁹¹ levou sumiço, no do primeiro ainda se pode ler o seguinte.⁴⁹²

« *Le Maire de la ville de Rouen dans la séance publique du 29 Thermidor, an 13, a décerné le troisième prix de l'École de Botanique qui consiste en une médaille d'argent à Caetano Lopes de Moura de la ville de Saint Salvador au Brésil, etc*⁴⁹³.

*En l'hotel de ville, le jour et l'an ci dessus. Demadières*⁴⁹⁴. »

⁴⁷⁵ (mp1) (JC) *lingua* [...] *escripto* [...] *sciencias naturaes* [...] *unico* [...] *ellas*

⁴⁷⁶ (mp1) (JC) *cousa* [...] *cursão*

⁴⁷⁷ (mp1) *n'uma* (JC) *em uma*

⁴⁷⁸ (mp1) (JC) *fenômenos* [...] *acompanhão* [...] *florescencia*

⁴⁷⁹ (mp1) *épanouir* (JC) *épanouir*,
Épanouir, segundo o Littré, diz-se, falando das flores e dos botões cujas folhas, pétalas se abrem e se estendem, desabrocham. In: LITTRÉ EDITION. *Épanouir*. Disponível em: <https://www.littre.org/definition/%C3%A9panouir>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁴⁸⁰ (mp1) (JC) *vião* [...] *proseguir*

⁴⁸¹ (mp1) *dizendo*, (JC) *dizendo*

⁴⁸² (mp1) *aperire*: (JC) *aperire*,

⁴⁸³ (mp1) (JC) *grangeei o aplauso* [...] *condiscípulos*

⁴⁸⁴ (mp1) *curiosos* (JC) *curiosos*,

⁴⁸⁵ (mp1) *ali* (JC) *ali*

⁴⁸⁶ (mp1) (JC) *erão* [...] *ha* [...] *animo*

⁴⁸⁷ (mp1) 3 (JC) *tres*

⁴⁸⁸ (mp1) (JC) *premios* [...] *derão* [...] *anno* [...] *anno*

⁴⁸⁹ (mp1) (JC) *Quiz á*

⁴⁹⁰ (mp1) *Rotomagensse* (JC) *Rotomagensse*,

Academia Rotomagensse, propriamente Academia de Rouen. Esse nome remonta ao nome de Rouen à época do Império Romano, do latim, *rotomagi*.

⁴⁹¹ (mp1) (JC) *Magestade* [...] *anno*

⁴⁹² (mp1) *seguinte*. (JC) *seguinte*:

⁴⁹³ (mp1) *Brésil*. (JC) *Brésil*, etc.

⁴⁹⁴ Tradução: “O Prefeito da cidade de Rouen na sessão pública do 29 Termidor, ano 13, concedeu o terceiro prêmio da Escola de Botânica, que consiste em uma medalha de prata, a Caetano Lopes de Moura da cidade de São Salvador no Brasil etc. Na Câmara Municipal, dia e ano acima. Demadières.”

No decurso desse tempo,⁴⁹⁵ cansado⁴⁹⁶ Joaquim Theodoro de esperar pela tão suspirada carta de crédito, e não querendo ser-me mais tempo pesado, determinou-se a passar-se para o porto da cidade de Caen⁴⁹⁷ na Normandia onde, por não se achar bloqueado⁴⁹⁸, concorriam⁴⁹⁹ os navios das poucas nações, que na conflagração geral em que ardia a Europa, haviam⁵⁰⁰ podido conversar a neutralidade, uma das quais⁵⁰¹ era a Portuguesa⁵⁰². Contribui com o que era mister para aquela⁵⁰³ jornada, e disse-lhe adeus⁵⁰⁴. Aproveitou-lhe bem a deliberação que tomou, segundo ao⁵⁰⁵ depois vim a saber por outrem, pois dele⁵⁰⁶ nunca mais tive novas, porque ali⁵⁰⁷ deparou com⁵⁰⁸ meios de se transferir para a pátria e atualmente reside nessa Corte⁵⁰⁹, como da folhinha.

Descativado⁵¹⁰ daqueles⁵¹¹ grilhões, a que por patriotismo e humanidade me havia voluntariamente⁵¹² sujeitado, prossegui em meus estudos com manifesto proveito: apregoavam-me⁵¹³ na cidade por estudioso e bem-comportado, o que se não podia esconder ao Fielder⁵¹⁴, como cônsul que era de Portugal, e talvez estivesse ele⁵¹⁵ já secretamente arrependido do modo com que se tinha havido para comigo⁵¹⁶ por ter tão de leve acreditado nas calúnias⁵¹⁷ do Dominicano. Como quer que seja, veio-me um dia ver um seu caixeiro com recado, que o fosse ver no outro dia pela manhã. Como podia ser tivesse ele recebido de meu Benfeitor ordens, que

⁴⁹⁵ (mp1) tempo (JC) tempo,

⁴⁹⁶ (mp1) (JC) cansado

⁴⁹⁷ Caen é a capital do departamento de calvados, a 223 km de Paris, na confluência do Orne e do Odon. Situada a noroeste do território francês, na Normandia. Essa cidade, que remonta a sua fundação ao século XI, quase foi completamente destruída em 1944 nas ofensivas dos aliados contra o exército nazista. In. CAEN - data.gouv.fr. Disponível em: <https://www.data.gouv.fr/fr/territories/commune/14118@1952-06-05/Caen/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁴⁹⁸ (mp1) bloqueado (JC) bloqueado

⁴⁹⁹ (mp1) (JC) concorrião

⁵⁰⁰ (mp1) (JC) havião

⁵⁰¹ (mp1) (JC) quaes

⁵⁰² (mp1) Portuguesa (JC) portugueza

⁵⁰³ (mp1) (JC) aquella

⁵⁰⁴ (mp1) adeos (JC) adeus

⁵⁰⁵ (mp1) deliberação que tomou, segundo ao (JC) deliberação, que tomou segundo ao,

⁵⁰⁶ (mp1) (JC) delle

⁵⁰⁷ (mp1) ali (JC) alli

⁵⁰⁸ (mp1) com (JC) os

⁵⁰⁹ (mp1) (JC) patria e actualmente [...] Côte

⁵¹⁰ (mp1) Descativado (JC) Descativada

⁵¹¹ (mp1) (JC) daqueles

⁵¹² (mp1) voluntariamente (JC) []

⁵¹³ (mp1) (JC) prosegui [...] apregoavão-me

⁵¹⁴ (mp1) ao Fielder (JC) do Fulder

⁵¹⁵ (mp1) (JC) Consul [...] elle

⁵¹⁶ (mp1) commigo (JC) comigo

⁵¹⁷ (mp1) calumnias (JC) calumniums

me dissessem respeito, apresentei-me às⁵¹⁸ dez⁵¹⁹ horas em seu escritório⁵²⁰. Recebeu-me⁵²¹ o bom negociante com mais afabilidade, do que tinha por costume, e sem mais preâmbulos⁵²² disse-me⁵²³ que me tinha mandado chamar por que havendo-se demasiado comigo sem justificado motivo, estava-me em dívida, e desejava reparar a injúria, que me havia feito, castigando aquele, cujos enredos haviam⁵²⁴ sido disso causas; que me pedia lesse aquela carta, e nisto pôs-me nas mãos uma por ele de fresco escrita⁵²⁵, e endereçada a David Galwey seu correspondente em Paris, e depois de inteirado do conteúdo dela⁵²⁶ a fosse deitar no Correio. Nela ordenava o Fielder àquele seu correspondente houvesse de suspender a mesada⁵²⁷ que por sua ordem dava ao padre⁵²⁸ Mexia, que ali se achava tratando do negócio de sua secularização⁵²⁹, por estar então o Papa naquela⁵³⁰ Capital. Contou-me então ele, como não contente o Dominicano com a mesada⁵³¹ de trezentos francos, que lhe havia gratuitamente arbitrado, havia importado de um negociante da amizade dele Fielder uma subvenção mensal de igual importância⁵³², e a este tom foi-me dando tantas e tão graves queixas do Mexia, que a menor delas era mais que suficiente para justificar aquela⁵³³ sua determinação. Depois de o ter ouvido, respondi-lhe, que pelo que me dizia respeito folgava infinito tivesse ele⁵³⁴ caído⁵³⁵ na razão, e que no concernente ao Mexia assim como não cabia em mim erigir-me em advogado de um⁵³⁶ homem de tão ruim título⁵³⁷, e que tão mal se havia portado para com seu benfeitor, assim também não me quadrava ser o ministro da vingança que ele Fielder intentava dele⁵³⁸ tomar, dado que a reconhecesse justa, e que a Sua Senhoria⁵³⁹ não faltavam caixeiros a quem

⁵¹⁸ (mp1) (JC) elle [...] Bemfeitor [...] ás

⁵¹⁹ (mp1) dés (JC) dez

⁵²⁰ (mp1) (JC) escriptorio

⁵²¹ (mp1) Recebeo-me (JC) Recebeu-me

⁵²² (mp1) (JC) affabilidade [...] preambulos

⁵²³ (mp1) Fim da folha 28.

⁵²⁴ (mp1) (JC) commigo [...] divida [...] injuria [...] aquella [...] havião

⁵²⁵ (mp1) (JC) poz-me [...] elle [...] escripta

⁵²⁶ (mp1) (JC) Pariz [...] della

⁵²⁷ (mp1) (JC) Nella [...] áquelle [...] mezada

⁵²⁸ (mp1) Pe. (JC) padre

⁵²⁹ (mp1) secularização (JC) secularisação

⁵³⁰ (mp1) (JC) negocio [...] Papa naquella

⁵³¹ (mp1) (JC) elle [...] mezada

⁵³² (mp1) (JC) delle [...] importancia

⁵³³ (mp1) (JC) dellas [...] sufficiente [...] aquellaa

⁵³⁴ (mp1) (JC) elle

⁵³⁵ (mp1) caído (JC) cahido

⁵³⁶ (mp1) d'um (JC) de um

⁵³⁷ (mp1) (JC) titulo

⁵³⁸ (mp1) (JC) bemfeitor [...] tambem [...] elle [...] delle

⁵³⁹ (mp1) (JC) S.S.

podia encarregar daquele⁵⁴⁰ mister. Não lhe toaram⁵⁴¹ bem ao Fielder as razões com que escusava do encargo para que me havia escolhido; porém como refletisse, entendes que não andara bem, convidou-me a jantar para o dia seguinte, e acabou afinal oferecer-me⁵⁴² em sua casa um quarto decente, onde morei todo o tempo que residi dali⁵⁴³ em diante em Rouen. Ainda está vivo esse bom negociante, e nunca o encontro que me não aperte a mão, e me pergunte: como vai a Medicina⁵⁴⁴?

Concluído o estudo das diversas disciplinas, que em Rouen se ensinavam, parti para Paris⁵⁴⁵. Apenas tinha feito os dois⁵⁴⁶ primeiros exames, que quebra⁵⁴⁷ em Lisboa o meu Benfeitor⁵⁴⁸, e como as mais das vezes as infelicidades andam⁵⁴⁹ de conserva⁵⁵⁰ rompe-se a guerra entre Portugal e a França, bloqueiam⁵⁵¹ os ingleses todos os portos, cessa toda a correspondência⁵⁵² com o Ultramar, parte para o Brasil o Augusto Avô de Vossa Majestade Imperial, e vemo-nos⁵⁵³ todos quantos aqui estávamos estudando quase reduzidos à dura condição de prisioneiros, expostos às vexações dos empregados subalternos da polícia⁵⁵⁴, a quem éramos⁵⁵⁵ suspeitosos. Mal por nós, se rompíamos em queixas! Aquele⁵⁵⁶ que buscava dar algum desafogo à dor escrevendo a seus pais ou amigos,⁵⁵⁷ era mandado a desterro para as cidades do sertão da França, como aconteceu⁵⁵⁸ a muitos de meus condiscípulos sendo um deles o meu excelente⁵⁵⁹ amigo Dr. José Antonio Soares de Souza⁵⁶⁰, pai⁵⁶¹ do atual Ministro dos

⁵⁴⁰ (mp1) (JC) *faltavão* [...] *daquelle*

⁵⁴¹ (mp1) *toarão* (JC) *toárão*

⁵⁴² (mp1) (JC) *reflectisse* [...] *andára* [...] *offerecer-me*

⁵⁴³ (mp1) *d'ali* (JC) *dahi*

⁵⁴⁴ (mp1) *Medecina* (JC) *Medicina*

⁵⁴⁵ (mp1) (JC) *Concluido* [...] *ensinavão* [...] *Pariz*

⁵⁴⁶ (mp1) (JC) *dous*

⁵⁴⁷ (mp1) *quêbra* (JC) *quebra*

⁵⁴⁸ (mp1) (JC) *Bemfeitor*

⁵⁴⁹ (mp1) (JC) *andão*

⁵⁵⁰ (mp1) *conseva* (JC) *conserva*

⁵⁵¹ (mp1) *bloqueião* (JC) *bloqueão*

⁵⁵² (mp1) (JC) *Inglezes* [...] *correspondencia* [...] *Brazil* [...] *Magestade*

⁵⁵³ (mp1) *vemo-nos* (JC) *vimo-nos*

⁵⁵⁴ (mp1) (JC) *estavamos* [...] *quasi* [...] *á* [...] *policia*

⁵⁵⁵ (mp1) *eramos* (JC) *erão*

⁵⁵⁶ (mp1) (JC) *rompiamos* [...]. *Aquelle*

⁵⁵⁷ (mp1) *paes ou amigos* (JC) *pais amigos*,

⁵⁵⁸ (mp1) *aconteceo* (JC) *aconteceu*

⁵⁵⁹ (mp1) (JC) *condiscipulos* [...] *delles* [...] *excelente*

⁵⁶⁰ Dr. José Antonio Soares de Souza, nascido em 1780, em Paracatu, na província de Minas Gerais, faleceu em 1850. Seu filho, Visconde do Uruguai, no período citado, provavelmente estava entre o Ministério da Justiça e o Ministério dos Negócio Estrangeiro tendo permanecido até princípios da década seguinte. Foi sucedido pelo Visconde do Rio Branco e depois pelo seu filho o Barão do Rio Branco. Essa é a fase em que o atual Ministério das Relações Exteriores estabelece os seus princípios fundamentais que até hoje o norteiam, a partir do Visconde do Uruguai.

⁵⁶¹ (mp1) *páe* (JC) *pai*

Negócios Estrangeiros de Vossa Majestade⁵⁶² Imperial,⁵⁶³ que, passados anos, encontrei em Chateauroux⁵⁶⁴ indo⁵⁶⁵ ali⁵⁶⁶ tratar, sendo já Cirurgião Mór⁵⁶⁷, de vários oficiais da cavalaria⁵⁶⁸ Portuguesa⁵⁶⁹ que ali⁵⁷⁰ estava de guarnição. Escuso referir por miúdo os trabalhos que então passei, com quanto seja mais fácil⁵⁷¹ o retratá-los⁵⁷² do que o sofrê-los⁵⁷³, sobre dizer, que fui remando meu remo, e deitando remendos à⁵⁷⁴ vida conforme podia. Dois⁵⁷⁵ dos meus professores a quem era aceito, e o doutíssimo Abade Correa de Serra⁵⁷⁶, a quem tinha sido especialmente recomendado⁵⁷⁷, compadecidos da estreiteza e aperto⁵⁷⁸ em que, sem porque, me achava posto, temendo me não arrastassem os padecimentos a algum excesso, aconselharam-me⁵⁷⁹ requeresse exame, para ser empregado no Exército⁵⁸⁰ na qualidade de Ajudante de Cirurgia; assim o fiz⁵⁸¹, e como respondesse satisfatoriamente por escrito⁵⁸², e em presença de testemunhas, segundo o estilo⁵⁸³ de⁵⁸⁴ então aos três⁵⁸⁵ pontos que me saíram⁵⁸⁶, no cabo de algumas semanas fui nomeado 2º Ajudante de Cirurgia, e nessa qualidade recebi ordem de incorporar-me com o 11º Regimento de linha, o qual nesse tempo fazia parte da divisão⁵⁸⁷ do General Bondet, que estava em Lion⁵⁸⁸. Depois de haver servido com aceitação naquele

⁵⁶² (mp1) (JC) *actual* [...] *Negocios* [...] *Magestade*

⁵⁶³ (mp1) *Imperial*, (JC) *Imperial*

⁵⁶⁴ Châteauroux é uma comuna francesa na região administrativa do Centro, no departamento Indre.

COMPARATEUR de territoires – Commune de Châteauroux (36044) | Insee. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/1405599?geo=COM-36044>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁵⁶⁵ (mp1) *hindo* (JC) *indo*

⁵⁶⁶ (mp1) *ali* (JC) *alli*

⁵⁶⁷ (mp1) *Cirurgião Mór* (JC) *Cirurgião-mór*

⁵⁶⁸ (mp1) (JC) *varios* [...] *officiaes* [...] *cavallaria*

⁵⁶⁹ (mp1) *Portuguesa* (JC) *portuguesa*

⁵⁷⁰ (mp1) *ali* (JC) *alli*

⁵⁷¹ (mp1) (JC) *facil*

⁵⁷² (mp1) *retratal'os* (JC) *retrata-los*

⁵⁷³ (mp1) *soffrel'os* (JC) *soffrê-los*

⁵⁷⁴ (mp1) (JC) *á*

⁵⁷⁵ (mp1) *Dous* (JC) *Dois*

⁵⁷⁶ Abade Correa de Serra nasceu em Serpa, em 1751 e faleceu a 11 de Setembro de 1823, em Caldas da Rainha. Apesar de ter nascido em Portugal, “[...] foi educado na Itália, onde recebeu ordens sacras e formou-se em Direito. Estabeleceu reputação como botânico, foi um geólogo entusiasta e ajudou a fundar a Academia de Ciências de Lisboa.” Ver C. STANTON, Lúcia. José Correia da Serra. Disponível em: <https://www.monticello.org/research-education/thomas-jefferson-encyclopedia/jose-correia-da-serra/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁵⁷⁷ (mp1) (JC) *doutissimo Abbade* [...] *recomendado*

⁵⁷⁸ (mp1) *aperto* (JC) *aperto*,

⁵⁷⁹ (mp1) (JC) *aconselharão-me*

⁵⁸⁰ (mp1) *exercito* (JC) *Exercito*

⁵⁸¹ (mp1) *fiz* (JC) [ilegível]

⁵⁸² (mp1) (JC) *satisfactoriamente* [...] *escripto*

⁵⁸³ (mp1) *estilo* (JC) *estylo*

⁵⁸⁴ (mp1) *d'então* (JC) *de então*

⁵⁸⁵ (mp1) (JC) *tres*

⁵⁸⁶ (mp1) *sairão* (JC) *sahirão*

⁵⁸⁷ (mp1) *divizão* (JC) *divisão*

⁵⁸⁸ (mp1) (JC) *Lyão*

regimento obra de meses, tocou-lhe a sua vez de vir fazer a guarnição de Paris⁵⁸⁹. Eis-me de novo na capital da França, onde de tantas pessoas que conhecia apenas achei o Abade Correa, O Padre⁵⁹⁰ Francisco Manoel, o Dr. Monteiro, exímio metalúrgico⁵⁹¹, e o Marquês⁵⁹² de Marialva⁵⁹³; por via deste fiz conhecimento com o Visconde de Asseca⁵⁹⁴, que fazia nesse tempo as vezes de Ajudante de Ordens⁵⁹⁵ do General Gomes Freire de Andrade,⁵⁹⁶ a quem os destinos guardavam por prêmio de mais estremo valor, e acrisolado patriotismo uma morte afrontosa⁵⁹⁷. Apresentou-me o Visconde ao General, com quem estive praticando algumas horas,⁵⁹⁸ e soube de tal modo agradar-lhe, que me assegurou ia⁵⁹⁹ nesse mesmo dia pedir ao Ministro da Guerra a minha passagem e mudança para a Legião Portuguesa⁶⁰⁰ com um posto de acesso⁶⁰¹. O que em breve se verificou, concedendo-se-me a patente de 1º Ajudante de Cirurgia. Era o soldo que vencia enquanto⁶⁰² segundo⁶⁰³ Ajudante 66 francos e 66 cêntimos, exótico⁶⁰⁴ e mais que muito escasso estipendia, para quem tinha de vestir-se com decência⁶⁰⁵, e prover-se de livros e de instrumentos; assim que quase⁶⁰⁶ que me reputei um morgado, quando

⁵⁸⁹ (mp1) (JC) *naquelle [...] mezes [...] Pariz*

⁵⁹⁰ (mp1) *Pe. (JC) Padre*

⁵⁹¹ (mp1) (JC) *eximio metallurgico*

⁵⁹² (mp1) (JC) *Marquez*

⁵⁹³ “D. Pedro José Joaquim Vito de Meneses Coutinho (1775-1823), era filho do quinto Marquês de Marialva, e tornou-se o sexto Marquês de Marialva e oitavo Conde de Cantanhede. Atuou como conselheiro de Estado e estremo-mor de D. João VI. [...] Em 1814, Marialva, como embaixador extraordinário, foi encarregado de cumprimentar Luís XVIII, quando este regressou à França. Manteve-se como embaixador em Paris, tendo também negociado o casamento da arquiduquesa Maria Leopoldina da Áustria com o príncipe D. Pedro, depois Pedro I do Brasil.” MINUTA de Credencial enviada por D. João VI (1767-1826) para a Imperatriz da Áustria informando que Pedro José Joaquim Vito de Meneses Coutinho (1775-1823), o marquês de Marialva, será substituído por Rodrigo Navarro de Andrade para exercer as funções de encarregado de negócios em Viena. - Itamaraty Digital. Disponível em: <https://atom.itamaraty.gov.br/index.php/min-l203-m03-p02-1817-11-14-01>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁵⁹⁴ (mp1) (JC) *D'Asseca*

Salvador Correia de Sá Benevides Velasco da Câmara ou Salvador Correia de Sá, nasceu em Santos-o-Velho, Lisboa em 1760 e morreu em Sintra em 1817) sucedeu o seu tio paterno Martim Correia de Sá e Benevides Velasco no título de visconde de Asseca, tornando-se o 5º visconde de Asseca.

⁵⁹⁵ (mp1) *D'Ordens (JC) de Ordens*

⁵⁹⁶ General Gomes Freire de Andrade foi um militar português nascido em 1757 na cidade de Viena e 1817, três anos após o fim dos seus serviços à frente de tropas da legião portuguesa entre 1811 e 1814. Ver Eunice Relvas. A Lisboa de Gomes Freire (1781-1817) *Revista Militar* N.º 2605/2606 - Fevereiro/Março de 2019 - Número Temático, pp 339 - 358. <https://run.unl.pt/handle/10362/94383>.

⁵⁹⁷ (mp1) (JC) *guardavão [...] premio [...] affrontosa*

⁵⁹⁸ (mp1) *horas, (JC) horas*

⁵⁹⁹ (mp1) *hía (JC) ia*

⁶⁰⁰ (mp1) (JC) *Portuguesa*

⁶⁰¹ (mp1) *acesso (JC) assesso*

⁶⁰² (mp1) (JC) *em quanto*

⁶⁰³ (mp1) *segundo (JC) 2º*

⁶⁰⁴ (mp1) (JC) *centimos, exotico*

⁶⁰⁵ (mp1) (JC) *decencia*

⁶⁰⁶ (mp1) (JC) *quasi*

me vi possuidor de 125 francos mensais⁶⁰⁷. Achava-se a Legião Portuguesa⁶⁰⁸, em que acabava de alistar-me em Grenoble, escabrosa e dissonante corrupção de Gracianópolis, cidade assentada nas margens do Isara a 124 léguas⁶⁰⁹ de Paris⁶¹⁰, para onde me encaminhei a pé; modo, segundo Rousseau, o melhor para um homem se trasladar de⁶¹¹ um lugar em outro. Com vênua, porém de tão abalizado⁶¹² autor confessarei sem pejo, que a primeira vez que o pus em prática, disse mil leis dele⁶¹³ e de seu conselho, que tão mimosos ainda nesse tempo tinha os pés com os banhos a que somos necessitados quotidianamente pelo calor e umidade de nosso clima, coisas que,⁶¹⁴ sendo a origem da grossura, e fertilidade da terra, são também a causa da prodigiosa quantidade de insetos parasíticos, que nele se criam⁶¹⁵. De sorte que quando tive vencida a dilatada emposta que separa a Capital da França da do Delfinado⁶¹⁶, quase que me enchi de desvanecimento, por me parecer impossível deitar-se a pé mais longe, néscio⁶¹⁷ que não antevia devia ser eu dentre os Brasileiros aquele⁶¹⁸ que mais terras de Europa tinha de palmilhar! Chegado que fui a Grenoble entrei logo no serviço do hospital das ordens de um francês⁶¹⁹ chamado Caractery, homem mais versado no estudo das Humanidades, que no da Medicina⁶²⁰, e que na organização⁶²¹ da Legião Portuguesa⁶²² tinha sido elevado ao posto de Médico⁶²³ principal dela por proteção do Marquês de⁶²⁴ Alorna⁶²⁵, de cujos filhos era mestre. Deviam⁶²⁶ os diversos Ajudantes de Cirurgia, que a suas ordens obedeciam⁶²⁷, ficar cada um por sua vez de guarda no hospital e ali⁶²⁸ passar o dia e a noite para vigiar que fossem

⁶⁰⁷ (mp1) (JC) mensaes

⁶⁰⁸ (mp1) (JC) Portugueza

⁶⁰⁹ (mp1) legoas (JC) leguas

⁶¹⁰ (mp1) (JC) Pariz

⁶¹¹ (mp1) d'um (JC) do

⁶¹² (mp1) (JC) venia [...] abalisado

⁶¹³ (mp1) (JC) puz [...] pratica [...] delle

⁶¹⁴ (mp1) humidade [...] coisas que (JC) humidade [...] cousas, que

⁶¹⁵ (mp1) (JC) tambem [...] insectos parasíticos [...] nelle [...] criação

⁶¹⁶ (mp1) Delphinado (JC) Delfinado,

⁶¹⁷ (mp1) (JC) quasi [...] impossivel [...] nescio

⁶¹⁸ (mp1) (JC) Brasileiros aquelle

⁶¹⁹ (mp1) (JC) Francez

⁶²⁰ (mp1) Medecina (JC) Medicina

⁶²¹ (mp1) organização (JC) organização

⁶²² (mp1) (JC) Portugueza

⁶²³ (mp1) (JC) Medico [...] della

⁶²⁴ (mp1) Marquez d' (JC) Marquez de

⁶²⁵ “Nasceu a 16 de janeiro de 1754; faleceu em Koenigsberg a 2 de janeiro do 1813. Era filho do 2.º marquês de Alorna e 4.º conde de Assumar, D. João de Almeida Portugal, e de D. Leonor de Lorena e Távora, filha dos 3.ºs marqueses de Távora. Sucedeu na casa e títulos a seu pai, em 9 de janeiro de 1802.” In: RELVAS, Eunice. A Lisboa de Gomes Freire (1781-1817). *Revista Militar*, v. 2605/2606, Número temático, p. 339-358, mar. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/94383>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁶²⁶ (mp1) Devião (JC) Divião

⁶²⁷ (mp1) (JC) obedição

⁶²⁸ (mp1) ali (JC) alli

administrados aos doentes os remédios pelo médico⁶²⁹ receitados. Estando eu de serviço certo dia, chamaram⁶³⁰ para um doente que acabava de entrar, e era ele⁶³¹ um sargento da Legião, que havia sido assaltado inopinadamente de um ataque de apoplexia⁶³². Como fossem já 3 horas depois do meio-dia⁶³³, e que só na manhã seguinte podia o Médico vê-lo⁶³⁴, entendendo corria o doente perigo, administrei-lhe os remédios em tais casos aconselhados, e tendo sido rendido por um colega⁶³⁵ no outro dia antes da visita, recolhi-me ao meu quartel. No cabo de algumas⁶³⁶ horas veio um dos meus colegas⁶³⁷ dizer-me, que o Caractery me estava esperando, e contou-me como havia rompido contra mim em palavras de indignação por me haver descomedido⁶³⁸ ao ponto de receitar sua prévia autorização⁶³⁹ e ordem. Morava o Caractery nas mesmas casas que o Marquês de Alorna, com quem estava na ocasião, em que ante ele⁶⁴⁰ me apresentei. Logo que me viu, perguntou-me, carregando-se no semblante, e em mal português⁶⁴¹, se era a primeira vez que servia em um⁶⁴² hospital; pelo contrário⁶⁴³ tornei-lhe eu em bom francês⁶⁴⁴, aprendi em um dos mais célebres de Paris⁶⁴⁵, no de Val-de-Grace⁶⁴⁶ 615b. Como isto ouviu, fez-se noutro⁶⁴⁷ bordo, e reportando-se prosseguiu em francês⁶⁴⁸: Pois que assim é, devera V.M.^a⁶⁴⁹ saber, que nenhum ajudante de Cirurgia deva receitar à revelia do Médico⁶⁵⁰ ou Cirurgião principal do hospital. Essa é a prática⁶⁵¹, repliquei, salvo no caso de perigo evidente de morte, e tal assuntei era a do sargento. Pois enganou-se, acudiu ele⁶⁵² rompendo-me a palavra, como o verá amanhã achando-se presente à⁶⁵³ minha visita, conforme desde já⁶⁵⁴ o hei por ordenado.

629 (mp1) (JC) *remedios* [...] *medico*

630 (mp1) *chamarão* (JC) *chamarão*

631 (mp1) (JC) *elle*

632 (mp1) *d'um* [...] *d'apoplexia* (JC) *de um* [...] *de apoplexia*

633 (mp1) *3 horas* [...] *meio dia* (JC) *tres horas* [...] *meio dia*

634 (mp1) *Medico vel'o* (JC) *Medico vê-lo*

635 (mp1) (JC) *remedios em taes* [...] *collega*

636 (mp1) *d'algumas* (JC) *de algumas*

637 (mp1) (JC) *collegas*

638 (mp1) *descomedido* (JC) *descommedido*

639 (mp1) (JC) *autorisação*

640 (mp1) (JC) *Marquez D'Alorna* [...] *ocasião* [...] *elle*

641 (mp1) (JC) *mão portuguez*

642 (mp1) *n'um* (JC) *num*

643 (mp1) (JC) *contrario*

644 (mp1) (JC) *francez*

645 (mp1) (JC) *celebres de Pariz*

646 (mp1) *no de* (JC) *no*

647 (mp1) *n'outro* (JC) *noutro*

648 (mp1) (JC) *proseguio em francez*

649 (mp1) *devera V.M.^a* (JC) *devêra V.Mcê*

650 (mp1) (JC) *á* [...] *Medico*

651 (mp1) (JC) *pratica*

652 (mp1) (JC) *acodio elle*

653 (mp1) (JC) *á*

654 (mp1) *ja* (JC) *já*

Madruguei o outro dia no hospital, e soube era falecido⁶⁵⁵ o doente na tarde do dia antecedente. Não lhe saindo⁶⁵⁶ certo o prognóstico⁶⁵⁷, de envergonhado não me disse o Caractery uma só palavra, e dali⁶⁵⁸ em diante houve-se comigo⁶⁵⁹ com mais moderação. Sobressaltarei aqui esta história para acabar com o que me releva dizer acerca⁶⁶⁰ desse homem, que foi dar os fios à teia na desastrada companhia da Rússia, e também⁶⁶¹ para justificar o conceito que atrás⁶⁶² hei feito da mediocridade de seus talentos em Medicina, e direi que estando em Laufen na Francônia⁶⁶³, onde o General Gomes [...] havia assentado o seu quartel, tratava de um preto ascítico⁶⁶⁴, o qual pertencente ao Visconde de Asseca⁶⁶⁵, e tendo-lhe receitado um dia certa poção adoçada com o xarope de framboesas⁶⁶⁶, como a receita fosse concebida em latim, como é o costume na maior parte de Alemanha⁶⁶⁷, para indicar aquela⁶⁶⁸ composição farmacêutica⁶⁶⁹ escrevi em abreviatura; *sirop.rub.id.* Aconteceu⁶⁷⁰, que logo depois de mim foi o Caractery visitar o doente em companhia do Visconde, e como lhe dissessem que eu tinha receitado, foi-se muito açodado à botica, e examinando a receita, disse ao Boticário⁶⁷¹, que a não aviasse, e como eu aceitasse de por ali passar, chamou-me, e disse-me, que mandara⁶⁷² sobrestar⁶⁷³ ao aviamento daquela⁶⁷⁴ minha receita por lhe ter eu ajuntado certa dose de ruibarbo. De ruibarbo⁶⁷⁵! exclamei eu, isso deve ser engano. Não, senhor, acudiu ele⁶⁷⁶ assomando-se e mostrando-me as abreviaturas, que não soubera decifrar⁶⁷⁷; meteu-se⁶⁷⁸ porém nas conchas, logo que lhe ponderei, que o que ali⁶⁷⁹

⁶⁵⁵ (mp1) *fallecido* (JC) *fallicido*

⁶⁵⁶ (mp1) *sahindo* (JC) *saindo*

⁶⁵⁷ (mp1) (JC) *prognostico*

⁶⁵⁸ (mp1) *dali* (JC) *dalli*

⁶⁵⁹ (mp1) (JC) *commigo*

⁶⁶⁰ (mp1) (JC) *Sobresaltarei [...] historia [...] ácerca*

⁶⁶¹ (mp1) (JC) *Russia, e tambem*

⁶⁶² (mp1) *atrás* (JC) *atrás*

⁶⁶³ (mp1) (JC) *Franconia*

⁶⁶⁴ (mp1) *d'um [...] ascitico* (JC) *de um [...] ascitico*

⁶⁶⁵ (mp1) *D'asseca* (JC) *De Asseca*

⁶⁶⁶ (mp1) (JC) *framboezas*

⁶⁶⁷ (mp1) (JC) *Allemanha*

⁶⁶⁸ (mp1) (JC) *aquella*

⁶⁶⁹ (mp1) *farmaceutica* (JC) *pharmaceutica*

⁶⁷⁰ (mp1) *Aconteceo* (JC) *Aconteceu*

⁶⁷¹ (mp1) (JC) *Boticario*

⁶⁷² (mp1) (JC) *mandára*

⁶⁷³ (mp1) *sobre-estar* (JC) *sobrestar*

⁶⁷⁴ (mp1) (JC) *daquella*

⁶⁷⁵ (mp1) *ruibarbo [...] ruibarbo* (JC) *rhuibarbo [...] rhuibarbo*

⁶⁷⁶ (mp1) (JC) *acodio elle*

⁶⁷⁷ (mp1) *descifrar* (JC) *decifrar*

⁶⁷⁸ (mp1) *metteo-se* (JC) *metteu-se*

⁶⁷⁹ (mp1) *alli* (JC) *ali*

estava escrito⁶⁸⁰ significava xarope de framboesas⁶⁸¹ e não de ruibarbo⁶⁸², cujo nome botânico era em latim *Rheum palmatus*, e com isto me despedi para não aumentar⁶⁸³ a confusão em que o viu posto.

Pondo termo à intercadência que nesta narração hei feito não pelo vão desejo de desenrolar alheias histórias⁶⁸⁴, senão por ser o objeto, que a motivou, o único acontecimento notável⁶⁸⁵, ocorrido no começo da minha vida militar, direi que, poucos meses⁶⁸⁶ depois, tendo-se formado do melhor dos regimentos Portugueses⁶⁸⁷ quatro batalhões de infantaria com destino para a Alemanha⁶⁸⁸, conquanto⁶⁸⁹ não falecessem⁶⁹⁰ ali⁶⁹¹ cirurgiões-mores⁶⁹², fui o escolhido para acompanhar nessa qualidade, mas com o mesmo soldo, o corpo novamente organizado⁶⁹³, o qual recebeu⁶⁹⁴ em breve ordem de reunir-se ao exército francês⁶⁹⁵, que a marchas forçadas se adiantava pelos Estados da Confederação.

Eis-me a caminhar a pé, vingando a grandes jornadas quanta terra entremeia do Delfinado⁶⁹⁶ à Alsácia⁶⁹⁷, e por cumulo de males em companhia de uma⁶⁹⁸ oficialidade grosseira, e sobretudo acostuada a olhar por cima do ombro para todo aquele⁶⁹⁹ que não cingia banda, e particularmente para os cirurgiões, os quais na verdade, nesses tempos apagados, apenas se diferenciavam⁷⁰⁰ em Portugal dos barbeiros. O acidente da cor⁷⁰¹, e a terra da minha naturalidade longe de serem conciliadoras⁷⁰² da consideração deles para comigo, deviam⁷⁰³ motivar-lhes aversão, senão desprezo. Estava eu porém⁷⁰⁴ determinado a reprimir qualquer

⁶⁸⁰ (mp1) (JC) *escripto*

⁶⁸¹ (mp1) (JC) *framboezas*

⁶⁸² (mp1) *ruibarbo* (JC) *rhuibarbo*

⁶⁸³ (mp1) (JC) *botanico* [...] *augmentar*

⁶⁸⁴ (mp1) (JC) *á intercadencia* [...] *historias*

⁶⁸⁵ (mp1) (JC) *objecto* [...] *único* [...] *notavel*

⁶⁸⁶ (mp1) (JC) *occurrido* [...] *mezes*

⁶⁸⁷ (mp1) (JC) *Portuguezes*

⁶⁸⁸ (mp1) (JC) *Allemanha*

⁶⁸⁹ (mp1) *com quanto* (JC) *comquanto*

⁶⁹⁰ (mp1) (JC) *fallecessem*

⁶⁹¹ (mp1) *ali* (JC) *alli*

⁶⁹² (mp1) *cirurgiões môres* (JC) *cirurgiões-môres*

⁶⁹³ (mp1) *organizado* (JC) *organizado*

⁶⁹⁴ (mp1) (JC) *recebeo*

⁶⁹⁵ (mp1) (JC) *exercito francez*

⁶⁹⁶ (mp1) *Delphinado* (JC) *Delfinado*

⁶⁹⁷ (mp1) (JC) *á Alsacia*

De Grenoble (ou Delfinado) até Alsácia corresponde a mais ou menos 500 Km de distância.

⁶⁹⁸ (mp1) *d'uma* (JC) *de uma*

⁶⁹⁹ (mp1) (JC) *oficialidade* [...] *hombro* [...] *aquelle*

⁷⁰⁰ (mp1) (JC) *quaes* [...] *differenciavão*

⁷⁰¹ (mp1) (JC) *accidente da côr*

⁷⁰² (mp1) *conciliadoras* (JC) *conciliadores*

⁷⁰³ (mp1) (JC) *delles* [...] *commigo* [...] *devião*

⁷⁰⁴ (mp1) [...] *eu porém* (JC) [...] *eu, porém,*

insulto, e a fazer-me respeitar de todos, obrigando-os senão⁷⁰⁵ a estimarem-me, a tratarem-me com o devido decoro. Nem era natural que me marcasse por diverso rumo. Estava na flor da idade, tinha não vulgar instrução⁷⁰⁶, e bastante destreza nas armas, e como a maior parte de meus compatriotas, pecava mais pela arrogância⁷⁰⁷, que pela baixeza; numa⁷⁰⁸ palavra, acabava de estudar em França no começo do Império⁷⁰⁹, época em que, não obstante haver-se já trocado a incivildade do *Tu* pela meia cortesia⁷¹⁰ do *Vós*⁷¹¹, reinava ainda em geral de mistura com certa urbanidade palaciana uma grosseria própria de homens, que haviam sido criados ao som do ruído⁷¹² das armas e dos tambores, pelo mesmo teor⁷¹³ que ao passo que no anverso das moedas se via o busto do Imperador, se lia no reverso⁷¹⁴ República Francesa⁷¹⁵.

Andei bem, com efeito em tomar com cedo⁷¹⁶ a resolução que acima disse, por que logo no primeiro dia de marcha me adverti da estranheza, que motivava na maior parte dos meus companheiros⁷¹⁷ de jornada o ver-me entre eles⁷¹⁸ na qualidade,⁷¹⁹ de que me achava revestido⁷²⁰, e apenas teríamos⁷²¹ feito obra de meia légua⁷²², ouvi ao Alferes da 1ª companhia dizer para o Capitão provavelmente aludindo à⁷²³ minha cor.⁷²⁴ “Era o que nos faltava!” Calemo-nos⁷²⁵, tornou-lhe com mais siso o Capitão, não o julguemos pela casca; que vejo-lhe⁷²⁶ nos olhos bastante viveza, e pode⁷²⁷ ser que seja a melhor cousa que conosco⁷²⁸ levamos. Tinha eu na ocasião⁷²⁹ da partida recebido ordem do Coronel de mandar para o hospital os soldados, que adoecessem no decurso da marcha, e como, alguns dias depois do fato⁷³⁰ que acima deixo

⁷⁰⁵ (mp1) obrigando-os senão (JC) obrigando-os, se não

⁷⁰⁶ (mp1) (JC) instrução

⁷⁰⁷ (mp1) compatriotas, peccava [...] arrogancia (JC) compatriotas peccava [...] arrogancia

⁷⁰⁸ (mp1) n'uma (JC) em uma

⁷⁰⁹ (mp1) (JC) Imperio

⁷¹⁰ (mp1) (JC) cortezia

⁷¹¹ Manteve-se o itálico do *Tu* e *Vós* encontrado na edição impressa do Jornal Commercio.

⁷¹² (mp1) (JC) propria [...] havião [...] ruido

⁷¹³ (mp1) teor (JC) têor

⁷¹⁴ (mp1) no reverso (JC) no verso –

⁷¹⁵ (mp1) (JC) Republica Franceza

⁷¹⁶ (mp1) [...] bem com effeito [...] cêdo (JC) [...] bem, com effeito, [...] cedo,

⁷¹⁷ (mp1) coimpareiros (JC) companheiros

⁷¹⁸ (mp1) (JC) elles

⁷¹⁹ (mp1) qualidade, de que (JC) qualidade de que

⁷²⁰ (mp1) revestido (JC) investido

⁷²¹ (mp1) (JC) teriamos

⁷²² (mp1) legoa (JC) légua

⁷²³ (mp1) (JC) alludindo á:

⁷²⁴ (mp1) côr. (JC) côr:

⁷²⁵ (mp1) Callemo-nos (JC) Calemo-nos

⁷²⁶ (mp1) vejo lhe (JC) vejo-lhe

⁷²⁷ (mp1) pode (JC) pôde

⁷²⁸ (mp1) (JC) comnosco

⁷²⁹ (mp1) (JC) ocasião

⁷³⁰ (mp1) (JC) facto

referido, viesse ter comigo⁷³¹ o Alferes, que tão mal agourara⁷³² da minha presença no regimento, trazendo em sua companhia o soldado que o servia, e me pedisse houvesse de receitar-lhe algum remédio⁷³³, visto achar-se indisposto de saúde⁷³⁴; respondi-lhe que muito falaria de lhe fazer naquele particular a vontade, porém que me⁷³⁵ tolhia o receio de desobedecer as ordens, que me haviam⁷³⁶ sido dadas. Insistiu, todavia, aquele oficial⁷³⁷, pedindo-me que o fizesse por amizade; ao que lhe tornei, que⁷³⁸ pois de nenhuma lhe estava em dívida, cumpriria à⁷³⁹ risca com o que me havia sido ordenado, e aguardaria para o obsequiar, que ele me o⁷⁴⁰ merecesse. E com isto o despedi, estimando muito que se tivesse oferecido aquela ocasião⁷⁴¹ de dar aos meus novos camaradas uma amostra da firmeza do meu caráter⁷⁴².

De então⁷⁴³ por diante começaram os demais oficiais a familiarizarem-se comigo⁷⁴⁴ e a tratarem-me como a igual;⁷⁴⁵ para o que não contribuiu⁷⁴⁶ pouco a superioridade de minha educação, ajudada desse tal ou qual talento com que Deus me aquinhoou; assim que de sáfaros⁷⁴⁷ que eram⁷⁴⁸ se tornaram⁷⁴⁹ domésticos e conversáveis⁷⁵⁰. Adiantamo-nos⁷⁵¹ pela Alsácia e fomos passar o Reno⁷⁵² em Brisaco o Novo, praça fortificada pelo célebre⁷⁵³ Vauban, fronteira à do velho Brisaco então desmantelada e em ruínas⁷⁵⁴, entramos na Baviera, e demoramo-nos⁷⁵⁵ um só dia em Ratisbona, que achamos⁷⁵⁶ entulhada de mortos e feridos; passando adiante no cabo de alguns dias⁷⁵⁷ achamo-nos⁷⁵⁸ em Melch, ou Milicio,⁷⁵⁹ cidade

⁷³¹ (mp1) (JC) *commigo*

⁷³² (mp1) *agourara* (JC) *agourava*

⁷³³ (mp1) (JC) *remedio*

⁷³⁴ (mp1) *saúde* (JC) *saude*

⁷³⁵ (mp1) (JC) *naquelle [...] m'o*

⁷³⁶ (mp1) (JC) *havião*

⁷³⁷ (mp1) *Insistiu todavia aquella official*, (JC) *Insistiu, todavia, aquella official*,

⁷³⁸ (mp1) *tornei, que* (JC) *tornei que*

⁷³⁹ (mp1) (JC) *divida [...] á*

⁷⁴⁰ (mp1) (JC) *elle m'o*

⁷⁴¹ (mp1) (JC) *offerecido aquella ocasião commigo*

⁷⁴² (mp1) (JC) *character*

⁷⁴³ (mp1) *D'então* (JC) *De então*

⁷⁴⁴ (mp1) (JC) *começárão [...] officiaes [...] commigo*

⁷⁴⁵ (mp1) *igual*; (JC) *igual*.

⁷⁴⁶ (mp1) (JC) *contribuio*

⁷⁴⁷ (mp1) *sáfaros* (JC) *safáros*

⁷⁴⁸ (mp1) (JC) *erão*

⁷⁴⁹ (mp1) *se tornarão* (JC) *se tornárão*

⁷⁵⁰ (mp1) (JC) *domesticos [...] conversaveis*

⁷⁵¹ (mp1) *Adiantamo-nos* (JC) *Adiantámo-nos*

⁷⁵² (mp1) (JC) *Alsacia [...] Rheno*

⁷⁵³ (mp1) (JC) *celebre*

⁷⁵⁴ (mp1) (JC) *ruinas*

⁷⁵⁵ (mp1) *demoramo-nos* (JC) *demorámo-nos*

⁷⁵⁶ (mp1) *achamos* (JC) *achámos*

⁷⁵⁷ (mp1) *dia* (JC) *dias*

⁷⁵⁸ (mp1) (JC) *achámo-nos*

⁷⁵⁹ (mp1) *em Melch, ou Milicio*, (JC) *em Melch ou Milicio*,

situada a pequena distância do Danúbio, e enobrecida⁷⁶⁰ com um rico mosteiro de Bentos, a cujas abas pela primeira vez bicávamos⁷⁶¹, e de então⁷⁶² por diante em todo o restante da campanha não conhecemos outro alojamento que o descampado onde nos tomava a noite, nem outra cama que o duro chão, de maravilha alastrado de palha; assim nos fomos adiantando a marchas forçada até afinal chegamos⁷⁶³ a Viena⁷⁶⁴ e acampamo-nos em Eberdorf a pequena distância⁷⁶⁵ daquela⁷⁶⁶ capital. Era o sítio⁷⁶⁷ por ser alagadiço um pegamaço, onde mal se podia firmar os pés, porém⁷⁶⁸ como fossemos avisados que no outro dia devia o Imperador passar mostra ao corpo do exército, apelidado⁷⁶⁹ dos “Granadeiros-Reunidos⁷⁷⁰” de que fazíamos⁷⁷¹ parte, e que regia o Marechal Oudinot⁷⁷², demo-nos pressa logo ao romper da alvorada a alastrá-lo⁷⁷³ de palha de que deixamos esbulhados todos aqueles⁷⁷⁴ contornos, para podermos mais a nosso cômodo⁷⁷⁵ alinhar-nos. Assim que ao meio-dia, hora deputada para aquela⁷⁷⁶ revista estávamos⁷⁷⁷ prestes e formados: e não foi mal empregada a diligência⁷⁷⁸, que fizemos por *agalar-nos*⁷⁷⁹ ^{758b} no meio daquele⁷⁸⁰ lamaçal, porque dentro de poucos minutos a rufla dos tambores nos denunciou era chegado o homem extraordinário⁷⁸¹, que tendo remido a França

⁷⁶⁰ (mp1) (JC) *distancia do Danubio e ennobrecida*,

⁷⁶¹ (mp1) (JC) *bicavamos*

⁷⁶² (mp1) *e d'então* (JC) *e de então*

⁷⁶³ (mp1) *chegamos* (JC) *chegámos*

⁷⁶⁴ (mp1) (JC) *Vienna*

⁷⁶⁵ (mp1) (JC) *distancia*

⁷⁶⁶ (mp1) *d'aquella* (JC) *daquella*

⁷⁶⁷ (mp1) (JC) *sitio*

⁷⁶⁸ (mp1) (JC) *porem*

⁷⁶⁹ (mp1) (JC) *d'exercito, appellidado*

⁷⁷⁰ (mp1) *Granadeiros-Reunidos* (JC) *Granadeiros-Remidos*

⁷⁷¹ (mp1) (JC) *faziamos*

⁷⁷² Marechal Oudinot (nasceu em 1767, Bar-le-Duc, faleceu 1847, Paris), “general, administrador e marechal da França nas Guerras Napoleônicas, [...] foi promovido a marechal após a Batalha de Wagram (1809) e foi nomeado duque de Reggio em 1810. Depois de servir como administrador na Holanda (1809-12) e lutar na campanha russa, foi duramente derrotado em 1813 em Grossbeeren, Prússia., após o que foi substituído por Michel Ney. Após a abdicação de Napoleão em 1814, Oudinot uniu-se a Luís XVIII, permanecendo-lhe leal durante os Cem Dias (1815). Serviu na Espanha em 1823 e foi governador dos Invalides (hospital de veteranos) de 1842 até sua morte”. In: THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Nicolas-Charles Oudinot, duc de Reggio | Napoleonic Wars, Marshal, Commander. 20 jul. 1998a. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Nicolas-Charles-Oudinot-duc-de-Reggio>. Acesso em: 10 dez. 2023. Igualmente in.: BOUCHON, Lionel A.; GRAU, Didier. Biographie de Nicolas Charles Oudinot (1767-1847). 18 set. 2013. Disponível em: <https://www.napoleon-empire.net/personnages/oudinot.php>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁷⁷³ (mp1) *alastral'o* (JC) *alastra-lo*

⁷⁷⁴ (mp1) (JC) *aquelles*

⁷⁷⁵ (mp1) (JC) *commodo*

⁷⁷⁶ (mp1) (JC) *meio dia [...]* *aquella*

⁷⁷⁷ (mp1) (JC) *estavamos*

⁷⁷⁸ (mp1) (JC) *diligencia*

⁷⁷⁹ (mp1) (JC) *agalar-nos*

^{758b} O itálico foi mantido como no JC.

⁷⁸⁰ (mp1) *d'aquelle* (JC) *daquelle*

⁷⁸¹ (mp1) (JC) *extraordinaro*

dos horrores da guerra civil e das extorsões e gargantoíces dos Diretores, e com a conquista dos reinos confinantes a governava ao sabor de sua vontade. Escuso fazer aqui o seu retrato por isso que não há⁷⁸² terra, por mais remota que seja, onde senão encontro algum transunto dele⁷⁸³, direi tão⁷⁸⁴ somente⁷⁸⁵ que tinha nos olhos tal viveza, que quem neles⁷⁸⁶ acertasse de pôr os seus havia forçosamente de descê-los⁷⁸⁷ ao chão; que tal era o lume que deles⁷⁸⁸ dardejava. Tinha-o eu visto já por diversas vezes em Paris⁷⁸⁹, mas nunca o havia de tão perto contemplado. Vinha esse dia montado em um cavalo muserlo, ordinário⁷⁹⁰, e logo que foi defronte de nós, apeou-se⁷⁹¹, mandou abrir fileiras, e pôs-se⁷⁹² a examinar um por um os soldados⁷⁹³ de que constava o regimento, repreendendo aqueles⁷⁹⁴ em cujo uniforme e armamento observava o menor desconcerto ou falta de asseio⁷⁹⁵, louvando os que se achavam vestidos segundo as leis da milícia, que eram em muito maior número⁷⁹⁶, com o que pareceu⁷⁹⁷ folgar. Conquanto⁷⁹⁸ no que diz respeito à gentileza e garbo⁷⁹⁹ varonil fosse ótimo⁸⁰⁰ contraste, e que de maravilha se admirasse de ver um militar por mais bem feito que fosse de sua pessoa, quando foi diante de alguns dos nossos granadeiros e particularmente diante de um⁸⁰¹ sargento do apelido⁸⁰² de Abreu, parou-se e esteve-o algum tempo contemplando; o mesmo lhe aconteceu⁸⁰³ passando mostra à cavalaria à⁸⁰⁴ vista de um capitão daquela⁸⁰⁵ arma da Casa dos Mellos, irmão do Marquês de Sabugosa⁸⁰⁶.

⁷⁸² (mp1) (JC) *ha*

⁷⁸³ (mp1) (JC) *transumpto delle*

⁷⁸⁴ (mp1) *tam* (JC) *tão*

⁷⁸⁵ (mp1) (JC) *sómente*

⁷⁸⁶ (mp1) (JC) *nelles*

⁷⁸⁷ (mp1) *descel'os* (JC) *descê-los*

⁷⁸⁸ (mp1) (JC) *delles*

⁷⁸⁹ (mp1) (JC) *Pariz*

⁷⁹⁰ (mp1) (JC) *cavallo muserllo, ordinario*

⁷⁹¹ (mp1) *apeou-se* (JC) *apeiou-se*

⁷⁹² (mp1) *poz se* (JC) *poz-se*

⁷⁹³ (mp1) *soldados* (JC) *soldados,*

⁷⁹⁴ (mp1) (JC) *reprehendo aquelles*

⁷⁹⁵ (mp1) *aceio* (JC) *asseio*

⁷⁹⁶ (mp1) (JC) *achavão [...] milicia, que erão [...] numero*

⁷⁹⁷ (mp1) *pareceo* (JC) *pareceu*

⁷⁹⁸ (mp1) (JC) *Comquanto*

⁷⁹⁹ (mp1) *á gentileza e garbo* (JC) *a gentilesa e o garbo*

⁸⁰⁰ (mp1) (JC) *optimo*

⁸⁰¹ (mp1) *d'um* (JC) *de um*

⁸⁰² (mp1) (JC) *appellido*

⁸⁰³ (mp1) *aconteceo* (JC) *aconteceu*

⁸⁰⁴ (mp1) (JC) *á cavallaria á*

⁸⁰⁵ (mp1) *d'um [...] d'aquella* (JC) *de um capitão daquela*

⁸⁰⁶ (mp1) *Marquez de Sabugosa* (JC) *Marquez de Sabagosa*

Segundo a enciclopédia açoriana o Marquês de Sabugosa, mais precisamente José António de Melo da Silva César de Meneses (8.o conde de S. Lourenço, 2.o marquês de Sabugosa) (1763 – 1839) Capitão-general, 1804-1806. “Iniciou a carreira das armas como cadete em 1780, atingindo o posto de coronel e, depois de cumprir curta missão de governo nos Açores, retomou as fileiras militares sendo promovido ao posto de brigadeiro em

Em ambas estas ocasiões⁸⁰⁷ com andar afeito a ver homens de diferentes nações, não pôde o Imperador ocultar⁸⁰⁸ a admiração que lhe causaram⁸⁰⁹ aqueles dois protótipos da varonilidade Portuguesa. Concluída⁸¹⁰ a revista, que bem se poderia chamar inspeção⁸¹¹, determinamos⁸¹² de nos abarracarmos ali⁸¹³, por isso que devíamos⁸¹⁴ demorar algum tempo naquele sítio⁸¹⁵, e pusemos⁸¹⁶ imediatamente⁸¹⁷ mãos à⁸¹⁸ obra. Eram canas ver-nos acarretar às⁸¹⁹ costas, quais estacas e taboas, quais⁸²⁰ as portas, e as vidraças, arrancadas das casas das povoações vizinhas, mesas⁸²¹, cadeiras e o mais que era mister para a fábrica⁸²² daquela⁸²³ subitânea⁸²⁴ cidade de Volmo, e quadrava-nos bem o⁸²⁵

“Quais⁸²⁶ para a cova⁸²⁷ as providas formigas” de Camões, que cito de preferência a Virgílio⁸²⁸, para não renunciar o metal. Quão longe estávamos, quando assim nos atarefávamos⁸²⁹ com tão ingrato trabalho, de pensar que quanto andávamos edificando às⁸³⁰ expensas dos moradores dos vizinhos⁸³¹ povoados havia de ser pasto das chammas⁸³², depois de haver importado grandíssimo⁸³³ detrimento à saúde⁸³⁴ da maior parte dos que ali eram⁸³⁵. Era o

1808 e depois, sucessivamente, marechal de campo e tenente-general em 1810 e 1815, respectivamente”. In: DIREÇÃO Regional da Cultura. Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=8300>. Acesso em: 10 dez. 2023. Último acesso em 15/10/2023. E igualmente: Arquivo dos Açores (1878), edição fac-similada pela edição de 1888, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, XIII: 382-405. Arquivo dos Açores; publicação periódica destinada à vulgarização dos elementos indispensáveis para todos os ramos da história Açoriana

⁸⁰⁷ (mp1) (JC) *ocasiões*

⁸⁰⁸ (mp1) (JC) *affeito [...] différentes [...] occultar*

⁸⁰⁹ (mp1) (JC) *causarão*

⁸¹⁰ (mp1) (JC) *aqueles dous prototypos [...] Portugueza. Concluida*

⁸¹¹ (mp1) (JC) *inspecção,*

⁸¹² (mp1) *determinamos (JC) determinámos*

⁸¹³ (mp1) *ali (JC) alli*

⁸¹⁴ (mp1) (JC) *deviamos*

⁸¹⁵ (mp1) (JC) *naquelle sitio*

⁸¹⁶ (mp1) *pozemos (JC) puzemos*

⁸¹⁷ (mp1) (JC) *imediatamente*

⁸¹⁸ (mp1) *á (JC) a*

⁸¹⁹ (mp1) (JC) *Erão [...] accarretar ás*

⁸²⁰ (mp1) (JC) *quaes [...] quaes*

⁸²¹ (mp1) *vizinhas, mezas (JC) visinhas, mesas*

⁸²² (mp1) (JC) *fábrica*

⁸²³ (mp1) *d'aquella (JC) daquela*

⁸²⁴ (mp1) (JC) *subitanea*

⁸²⁵ Quebra inserida no manuscrito para inserir a citação.

⁸²⁶ (mp1) (JC) *Quaes*

⁸²⁷ (mp1) *cóva (JC) cova*

⁸²⁸ (mp1) (JC) *preferencia a Virgilio*

⁸²⁹ (mp1) (JC) *estávamos [...] atarefavamos*

⁸³⁰ (mp1) (JC) *andávamos [...] ás*

⁸³¹ (mp1) *vizinhos (JC) visinhos*

⁸³² (mp1) (JC) *chammas*

⁸³³ (mp1) *grandissimo (JC) gravissimo*

⁸³⁴ (mp1) *á saúde (JC) á saude*

⁸³⁵ (mp1) *alli erão (JC) ali erão*

sítio⁸³⁶ em que assentamos⁸³⁷ o campo uma das gândaras⁸³⁸ que forma⁸³⁹ o Danúbio⁸⁴⁰, e logo que as calmas começaram⁸⁴¹ a apertar, vimo-nos assaltados de febres, e de um⁸⁴² sem número⁸⁴³ de doenças. Chegada era a ocasião de mostrar àqueles que tão mal conceito haviam⁸⁴⁴ feito de mim o para quanto era. Caíram doentes quase todos os oficiais, acudi-lhes pronto⁸⁴⁵ com os remédios necessários, suprimindo com as plantas medicinais, que a terra dava, a penúria⁸⁴⁶ da botica do regimento,⁸⁴⁷ visitando de sobrepensado com mais frequência⁸⁴⁸, e tratando com o maior desvelo⁸⁴⁹ aqueles⁸⁵⁰ que sabiam⁸⁵¹ me não eram afeiçoados⁸⁵², havia-me pelo mesmo teor⁸⁵³ com os meus colegas⁸⁵⁴, sugerindo-lhes⁸⁵⁵ o curativo que convinha aos doentes, de que se achavam⁸⁵⁶ encarregados; fazendo-lhes⁸⁵⁷ até as receitas, por isso que não sabendo o latim não as podiam formular naquela língua, coisa indispensável em Alemanha.⁸⁵⁸ Tinha já tido a indústria⁸⁵⁹ de fazer-me bem aceito à nobreza que conosco⁸⁶⁰ militava, já por meus talentos e estudos médicos, já pela variada instrução⁸⁶¹ de que tinha ornado o entendimento, e era com especialidade familiar ao Visconde de Asseca⁸⁶², aos Marquês⁸⁶³ de Loulé e de Valença e a outros muitos; de sorte descativado⁸⁶⁴ do retraimento⁸⁶⁵, e continuar circunspecção, que ao

⁸³⁶ (mp1) (JC) *sítio*

⁸³⁷ (mp1) *assentamos* (JC) *assentámos*

⁸³⁸ (mp1) (JC) *gandaras*

⁸³⁹ (mp1) *forma* (JC) *fórma*

⁸⁴⁰ (mp1) (JC) *Danubio*

⁸⁴¹ (mp1) *começarão* (JC) *começárão*

⁸⁴² (mp1) *d'um* (JC) *de um*

⁸⁴³ (mp1) (JC) *numero*

⁸⁴⁴ (mp1) (JC) *ocasião* [...] *àquelles* [...] *máo* [...] *havião*

⁸⁴⁵ (mp1) (JC) *Cahirão* [...] *quasi* [...] *officiaes*, *acodi-lhes prompto*

⁸⁴⁶ (mp1) (JC) *remedios necesarios* [...] *medicinaes* [...] *penuria*

⁸⁴⁷ (mp1) *regimento*, (JC) *regimento*;

⁸⁴⁸ (mp1) (JC) *frequencia*

⁸⁴⁹ (mp1) *desvelo* (JC) *desvello*

⁸⁵⁰ (mp1) (JC) *aquelles*

⁸⁵¹ (mp1) *sabião* (JC) *sabia*

⁸⁵² (mp1) (JC) *erão afeiçoados*

⁸⁵³ (mp1) *teor* (JC) *teôr*

⁸⁵⁴ (mp1) (JC) *collegas*

⁸⁵⁵ (mp1) *sugerindo-lhes* (JC) *suggerindo lhes*

⁸⁵⁶ (mp1) (JC) *achavão*

⁸⁵⁷ (mp1) *fazendo-lhes* (JC) *fazendo-lhe*

⁸⁵⁸ (mp1) *por isso que não sabendo o latim não as podião formular naquella lingua, cousa indispensavel em Allemanha.* (JC) *por isso que naquella língua, cousanão* [sic] *as podia formular não sabendo o latim indispensavel na Allemanha.*

⁸⁵⁹ (mp1) (JC) *industria*

⁸⁶⁰ (mp1) (JC) *á* [...] *comnosco*

⁸⁶¹ (mp1) (JC) *medicos*, [...] *instrucção*

⁸⁶² (mp1) *D'Asseca* (JC) *de Asseca*

⁸⁶³ (mp1) (JC) *Marquezes*

⁸⁶⁴ (mp1) *desorte descativado* (JC) *de sorte descaptivado*

⁸⁶⁵ (mp1) (JC) *retrahimento*

princípio, vencendo a renitência⁸⁶⁶ do meu natural e idade, havia rigorosamente observado, para desbaratar os preconceitos de meus descaridosos camaradas, mostrei-me qual me havia formado a natureza jovial, afável⁸⁶⁷, obsequioso para com todos e entreguei-me⁸⁶⁸ inteiramente ao exercício⁸⁶⁹ de minha profissão, vindo a conquistar afinal as⁸⁷⁰ vontades de todos, menos um o Coronel Freire Pêgo, homem cascudo, opiniático⁸⁷¹ e assomado, o qual dado que me não denegasse algum merecimento, não me podia perdoar o haver sido escolhido para acompanhar as tropas de seu comando⁸⁷² na qualidade de cirurgião Mór com exclusão do de seu regimento que ele havia trazido consigo⁸⁷³ de Almeida, praça donde era natural.

Como por casualidade no cabo de alguns meses⁸⁷⁴ se ateasse o fogo em uma⁸⁷⁵ das barracas, e com o favor do vento que soprava rijamente se comunicasse às⁸⁷⁶ demais, vimonos necessitados a levantar⁸⁷⁷ o campo, e já nos congratulávamos⁸⁷⁸ por nos arredarmos d'um sítio⁸⁷⁹, onde a mais robusta saúde estava de contínuo⁸⁸⁰ em perigo, quando fomos chamados a outros maiores e mais certos. Abalamos uma tarde de Kagra, onde estávamos alojados, atravessamos, à noite no maior silêncio⁸⁸¹, por uma ponte de barcas um braço do Danúbio⁸⁸² e fomos bivacar em uma das ínsuas⁸⁸³ ou monchões a que os Franceses puseram⁸⁸⁴ o nome de

⁸⁶⁶ (mp1) (JC) *principio*, [...] *renitencia*

⁸⁶⁷ (mp1) (JC) *affavel*

⁸⁶⁸ (mp1) *entreguei-me* (JC) *entreguei me*

⁸⁶⁹ (mp1) (JC) *exercicio*

⁸⁷⁰ (mp1) *as* (JC) *ás*

⁸⁷¹ (mp1) (JC) *opiniatico*

⁸⁷² (mp1) (JC) *commando*

⁸⁷³ (mp1) (JC) *elle* [...] *comsigo*

⁸⁷⁴ (mp1) (JC) *mezes*

⁸⁷⁵ (mp1) *n'uma* (JC) *numa*

⁸⁷⁶ (mp1) (JC) *comunicasse às*

⁸⁷⁷ (mp1) *alevantar* (JC) *levantar*

⁸⁷⁸ (mp1) (JC) *congratulavamos*

⁸⁷⁹ (mp1) *d'um sitio* (JC) *de um sitio*

⁸⁸⁰ (mp1) (JC) *saúde* [...] *continuo*

⁸⁸¹ (mp1) *onde estavam alojados, atravessamos, á noite no maior silencio*, (JC) *onde estavam alojados, atravessamos a noite no maior silencio*,

⁸⁸² (mp1) (JC) *Danubio*

⁸⁸³ (mp1) (JC) *insuas*

⁸⁸⁴ (mp1) *Francezes poserão* (JC) *Francezes puzerão*

Lobau⁸⁸⁵, do general deste apelido, por ser debaixo da direção dele⁸⁸⁶, que se tinha obrado de um dia para outro aquela⁸⁸⁷ ponte, e outra em que na madrugada seguinte passamos outro braço do Danúbio⁸⁸⁸, encaminhando-nos para um lugarejo do nome de Wagram⁸⁸⁹, que seria desconhecido, se em sua vizinhança⁸⁹⁰ se não tivera dado a celebre batalha que dele⁸⁹¹ se intitula. Não referirei os casos particulares desta facção por andarem já escritos⁸⁹² com miudeza por diversas penas⁸⁹³, e pelos ter já resumidamente relatado em outra ocasião⁸⁹⁴; demais que em quanto de ambas as partes se pelejava⁸⁹⁵ com igual encarniçamento não estava eu ocioso; pelo contrário⁸⁹⁶ no meio da infernalidade de tiros de artilharia⁸⁹⁷ e de espingardaria desestimando o perigo iminente⁸⁹⁸ em que estava posto, desvelava-me no curativo dos feridos quer fossem Portugueses, quer Franceses⁸⁹⁹: o primeiro quem tive de amputar o braço direito acertou de ser um colega meu desta última⁹⁰⁰ nação o qual se encaminhava para onde eu estava a correr e a bradar:

*Où sont les docteurs?*⁹⁰¹ Tinha-lhe uma bala levado a mão na ocasião em que ele⁹⁰² fazia a outrem o benefício, que de mim se prometia⁹⁰³. Como nesse mesmo tempo chovesse sobre

⁸⁸⁵ General Lobau, ou “Maréchal Mouton, Conde de Lobau nasceu em 1770 e morreu 1838, aos 69 anos. Foi sepultado em 11 de dezembro de 1838, no Caveau des gouverneurs na Crypte des Invalides, entre Bessières e Lariboisière. Seu nome, Maréchal Mouton, Conde de Lobau, pode ser encontrado no lado leste do Arco do Triunfo, em Paris. Em Saint-Omer, Bonaparte, notando o regimento bem treinado de Mouton, sugeriu que ele entrasse em serviço como ajudante de campo. Mouton recusou inicialmente, tendo desaprovado a coroação e a sua “mascarada”, comentando “Não gosto das honras do palácio e elas não são para mim”. Mas após sua promoção a général de brigade em fevereiro de 1805, ele finalmente aceitou o posto de ajudante de campo de Napoleão (6 de março de 1805). Napoleão escreveu ‘Mouton é o melhor coronel que já comandou um regimento francês’.” Ver. ALLÉGRET, Marc. MOUTON Georges, comte and général - napoleon.org. Disponível em: <https://www.napoleon.org/em/history-of-the-two-empires/biographies/mouton-georges-comte-and-general/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁸⁸⁶ (mp1) (JC) *appellido* [...] *delle*

⁸⁸⁷ (mp1) *d'um* [...] *aquella* (JC) *em um* [...] *aquella*

⁸⁸⁸ (mp1) (JC) *Danubio*

⁸⁸⁹ Wagram Fels am Wagram é um município do distrito de Tulln, no estado austríaco da Baixa Áustria. Nessa cidade aconteceu a “Batalha de Wagram (5 a 6 de julho de 1809), com vitória de Napoleão, que forçou a Áustria a assinar um armistício e resultou então no Tratado de Schönbrunn em outubro, encerrando a guerra da Áustria em 1809 contra o controle francês da Alemanha.” THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Battle of Wagram* | Napoleon, Austria, Archduke Charles. 20 jul. 1998a. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Battle-of-Wagram>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁸⁹⁰ (mp1) (JC) *visinçaça*

⁸⁹¹ (mp1) (JC) *celebre* [...] *delle*

⁸⁹² (mp1) (JC) *escriptos*

⁸⁹³ (mp1) (JC) *pennas*

⁸⁹⁴ (mp1) (JC) *ocasião*

⁸⁹⁵ (mp1) (JC) *peleijava*

⁸⁹⁶ (mp1) (JC) *contrário*

⁸⁹⁷ (mp1) *d'artilharia* (JC) *de artilharia*

⁸⁹⁸ (mp1) (JC) *iminente*

⁸⁹⁹ (mp1) (JC) *Portuguezes* [...] *Francezes*

⁹⁰⁰ (mp1) *collega meu desta ultima nação* (JC) *collega meu desta nação*

⁹⁰¹ Tradução: *Onde estão os doutores?*

⁹⁰² (mp1) (JC) *ocasião* [...] *elle*

⁹⁰³ (mp1) (JC) *beneficio* [...] *promettia*

nós os tiros,⁹⁰⁴ confesso que estremeci sobre meu próprio⁹⁰⁵ destino e desejei ver-me dali longe; pungiu-me porém⁹⁰⁶ o brio, e fez que me não torcesse, como fizeram muitos de meus colegas⁹⁰⁷, e superiores, para onde o desejo me inclinava, e fazendo à natureza força, continuei no exercício⁹⁰⁸ da minha profissão desde as 10 horas da manhã até às⁹⁰⁹ 4 da tarde, sendo tantas as amputações que tive de fazer, que estive a ponto de não poder concluir a derradeira⁹¹⁰ por me sobrevirem vômitos⁹¹¹, por não ter dito vagar para tomar a menor refeição: o que fiz quando tendo concluído me subi em um cavalo⁹¹² que havia na véspera⁹¹³ comprado, e fui-me em demanda do regimento o qual, com os demais que se acharam presentes àquela ação⁹¹⁴, se tinha adiantado no encalço dos inimigos. Assim que, tive de atravessar o campo de batalha, e o horroroso espetáculo que ele oferecia⁹¹⁵ ainda se me não apagou de todo da memória⁹¹⁶. Requentam⁹¹⁷ os homens em crueldade, e correm parelhas com as feras⁹¹⁸. Estava o campo todo estradado de cadáveres⁹¹⁹, seria, porém, impossível⁹²⁰ estremarem-se os dos franceses dos dos Alemães⁹²¹; que tão depressa os haviam⁹²² desnudado ou por cobiça⁹²³ dos despojos, ou da indústria⁹²⁴ para que as tropas que por ali⁹²⁵ passassem tomassem quantas vissem assim fazer por alemães. Já se ia⁹²⁶ pondo o sol, e dava-me pressa em me afastar daquela⁹²⁷ sangrenta se bem dilatada campina, quando já quase⁹²⁸ na extrema dela⁹²⁹ veio-me ao encontro um Oficial⁹³⁰ General acompanhado de quatro soldados de cavalo⁹³¹, e mostrando-me um artilheiro

⁹⁰⁴ (mp1) tiros (JC) tiros ,

⁹⁰⁵ (mp1) (JC) proprio

⁹⁰⁶ (mp1) d'ali [...] pungio-me porém (JC) dalli [...] pungio-me , porém ,

⁹⁰⁷ (mp1) (JC) fizeram [...] colegas

⁹⁰⁸ (mp1) (JC) á [...] exercicio

⁹⁰⁹ (mp1) ás (JC) às

⁹¹⁰ (mp1) derradeira (JC) derradeira ,

⁹¹¹ (mp1) (JC) vomitos

⁹¹² (mp1) n'um cavallo (JC) num cavallo

⁹¹³ (mp1) (JC) vespera

⁹¹⁴ (mp1) o qual [...] se acharão presentes àquella acção (JC) o qual , [...] se achavão presentes àquella acção

⁹¹⁵ (mp1) (JC) espetaculo que elle offerecia

⁹¹⁶ (mp1) (JC) memória

⁹¹⁷ (mp1) (JC) Requentão

⁹¹⁸ (mp1) fêras (JC) feras

⁹¹⁹ (mp1) (JC) cadaveres

⁹²⁰ (mp1) seria porém impossivel (JC) seria , porém , impossivel

⁹²¹ (mp1) (JC) francezes dos dos Allemães

⁹²² (mp1) (JC) havião

⁹²³ (mp1) cubiça (JC) cobiça

⁹²⁴ (mp1) (JC) industria

⁹²⁵ (mp1) ali (JC) alli

⁹²⁶ (mp1) hia (JC) ia

⁹²⁷ (mp1) d'aquella (JC) daquela

⁹²⁸ (mp1) (JC) quasi

⁹²⁹ (mp1) extrema della (JC) extrema della

⁹³⁰ (mp1) (JC) Official

⁹³¹ (mp1) (JC) cavallo

francês⁹³², que a poucos passos d'ali jazia, me ordenou houvesse de amputar-lhe uma das pernas, e entregá-lo⁹³³ ao depois aos quatro soldados para o conduzirem ao hospital, acrescentando⁹³⁴ que sabia era eu o Cirurgião Mór dos portugueses⁹³⁵, e se queixaria ao Marechal, se eu não tivesse conta com aquele ferido, e assim dizendo se partiu⁹³⁶. Forçoso foi apear-me⁹³⁷, e ajoelhado por terra praticar aquela sangrenta operação, no que gastei perto de meia hora, depois do que tornei a seguir meu caminho, de sorte que era já noite fechada, quando cheguei ao Regimento. No outro dia e nos seguintes abalamos⁹³⁸ em alcance dos austríacos⁹³⁹ que se retiravam⁹⁴⁰ em boa ordem, e fomos-lhe picando a retaguarda até Znoimo (Znaim)⁹⁴¹ na Moravia, em cuja vizinhança⁹⁴² estivemos acampados até que se veio a celebrar a paz; sendo a principal condição dela⁹⁴³ o casamento do Imperador com a Arquiduquesa⁹⁴⁴ Maria Luiza.

Durante o ajuste fizemos diversas marchas e contramarchas, no decurso das quais⁹⁴⁵ curtimos bastantes trabalhos, sendo o maior de todos o da fome por isso que todo aquele país⁹⁴⁶ havia sido anteriormente depredado: assim nos fomos retirando, e achávamo-nos⁹⁴⁷ já em Altheim nos Estados D'El Rei da Baviera, à⁹⁴⁸ pequena distância⁹⁴⁹ de Braunau quando se efetuou a entrega da Arquiduquesa⁹⁵⁰ e sua partida para França pelo meio do exército francês⁹⁵¹, posto em alas, para lhe fazer honras desde Viena⁹⁵² até as fronteiras. Seguiu-se desde logo a evacuação da Alemanha⁹⁵³, e nossa volta e regresso para a França por Mogúncia⁹⁵⁴, cidade que nesse tempo lhe era anexa⁹⁵⁵.

⁹³² (mp1) (JC) *francez*

⁹³³ (mp1) *entregal'o* (JC) *entrega-lo*

⁹³⁴ (mp1) (JC) *acrescentando*

⁹³⁵ (mp1) *Portuguezes* (JC) *portuguezes*

⁹³⁶ (mp1) (JC) *aquelle [...]* *partio*

⁹³⁷ (mp1) *apear-me* (JC) *apeiar-me*

⁹³⁸ (mp1) (JC) *abálamos*

⁹³⁹ (mp1) *Austriacos* (JC) *austriacos*

⁹⁴⁰ (mp1) (JC) *retiravão*

⁹⁴¹ Znoimo (Znaim) ou ainda Znojmo é uma cidade checa localizada na região de Morávia do Sul, distrito de Znojmo. Fica perto da fronteira com a Baixa Áustria e a 55 km a sudoeste de Brno. É ainda uma cidade real fundada pelo rei Ottokar I da dinastia Přemyslid. In: INFO o Znojme: *Znojmo*. Disponível em: <https://www.znojmocity.cz/info-o-znojme/ms-96717/p1=96717>. Acesso em: 10 dez. 2023..

⁹⁴² (mp1) *visinhança* (JC) *vizinhança*

⁹⁴³ (mp1) (JC) *della*

⁹⁴⁴ (mp1) (JC) *Archiduqueza*

⁹⁴⁵ (mp1) (JC) *quaes*

⁹⁴⁶ (mp1) (JC) *aquelle paiz*

⁹⁴⁷ (mp1) *achavamo-nos* (JC) *achavamo nos*

⁹⁴⁸ (mp1) *a* (JC) *à*

⁹⁴⁹ (mp1) (JC) *distancia*

⁹⁵⁰ (mp1) (JC) *effectuou [...]* *Archiduqueza*

⁹⁵¹ (mp1) *exercito francez* (JC) *Exercito francez*

⁹⁵² (mp1) (JC) *Vienna*

⁹⁵³ (mp1) (JC) *Allemanha*

⁹⁵⁴ (mp1) (JC) *Moguncia*

⁹⁵⁵ (mp1) (JC) *annexa*

Demoramo-nos ali⁹⁵⁶ três meses, findo os quais⁹⁵⁷, fomo-nos internando no coração do país e avizinhando-nos de Paris⁹⁵⁸, e achávamo-nos⁹⁵⁹ já a dez léguas⁹⁶⁰ desta capital em Meaux, quando, um dia às⁹⁶¹ 11 horas da manhã recebemos ordem de nos acharmos à noite em Paris⁹⁶², por isso que no outro dia devia o Imperador passar mostra da Legião. Abalamos⁹⁶³ pois de Meaux muito depois do meio-dia⁹⁶⁴, mas foi tal a diligência⁹⁶⁵ que fizemos, que às oito⁹⁶⁶ horas da noite estávamos em um⁹⁶⁷ dos subúrbios⁹⁶⁸ desta cidade, que tem por nome *Lavillette* onde passamos⁹⁶⁹ a noite. No outro dia pela manhã,⁹⁷⁰ depois de nos ataviarmos, endireitamos⁹⁷¹ para a Cidade, e fomo-nos postar defronte do palácio⁹⁷² das Tulherias na praça chamada do Carrousel, ou das Cavalhadas, nome que lhe veio d'uma⁹⁷³ mui esplêndida⁹⁷⁴ que ali⁹⁷⁵ houve no reinado de Luiz XIV.

Como tivesse deliberado de falar naquele⁹⁷⁶ dia ao Imperador, certo de que sendo Brasileiro, ninguém⁹⁷⁷ se lembraria de advogar por mim, fui ter com o General, a quem para isso pedi licença, e tendo-me ele⁹⁷⁸ benevolmente concedido, procurei o Coronel, a quem fiz igual pedido; depois de me⁹⁷⁹ outorgar; tratou ele⁹⁸⁰ de saber de mim qual à⁹⁸¹ mercê que entendia pedir ao Imperador, dando-me a entender que sendo o hábito⁹⁸² da Legião da Honra, nenhuma dúvida poria⁹⁸³ em ajuntar o meu nome aos dos oficiais, que ele⁹⁸⁴ esperava haviam⁹⁸⁵

⁹⁵⁶ (mp1) *Demoramo-nos ali* (JC) *Demorámo-nos alli*

⁹⁵⁷ (mp1) (JC) *tres mezes [...]* *quaes*

⁹⁵⁸ (mp1) (JC) *paiz [...]* *Pariz*

⁹⁵⁹ (mp1) (JC) *achavamo-nos*

⁹⁶⁰ (mp1) *déz legoas* (JC) *dez leguas*

⁹⁶¹ (mp1) *as* (JC) *ás*

⁹⁶² (mp1) (JC) *á [...]* *Pariz*

⁹⁶³ (mp1) (JC) *Abalámos*

⁹⁶⁴ (mp1) (JC) *meio dia*

⁹⁶⁵ (mp1) (JC) *diligencia*

⁹⁶⁶ (mp1) *ás oito* (JC) *ás 8*

⁹⁶⁷ (mp1) *estavamos n'um* (JC) *estavamos em um*

⁹⁶⁸ (mp1) (JC) *suburbios*

⁹⁶⁹ (mp1) (JC) *passámos*

⁹⁷⁰ (mp1) *No outro dia pela manhã*, (JC) *No outro dia, pela manhã*,

⁹⁷¹ (mp1) *endireitamos* (JC) *endireitámos*

⁹⁷² (mp1) (JC) *palacio*

⁹⁷³ (mp1) *d'uma* (JC) *de uma*

⁹⁷⁴ (mp1) (JC) *mui esplendida*

⁹⁷⁵ (mp1) *ali* (JC) *alli*

⁹⁷⁶ (mp1) (JC) *fallar naquelle*

⁹⁷⁷ (mp1) (JC) *Brazileiro, ninguem*

⁹⁷⁸ (mp1) (JC) *tendo-m'a elle*

⁹⁷⁹ (mp1) *mo* (JC) *m'o*

⁹⁸⁰ (mp1) (JC) *elle*

⁹⁸¹ (mp1) (JC) *a*

⁹⁸² (mp1) (JC) *habito*

⁹⁸³ (mp1) *duvida pôria* (JC) *duvida poria*

⁹⁸⁴ (mp1) (JC) *officiaes, que elle*

⁹⁸⁵ (mp1) (JC) *havião*

de ser agraciados por sua recomendação com aquele distintivo agradecei-lhe por aquelas⁹⁸⁶ mostras de benevolência⁹⁸⁷, e sem rejeitar⁹⁸⁸, nem aceitar o oferecimento⁹⁸⁹, dei-lhe a entender estimava mais o proveito que me podia vir⁹⁹⁰ do acréscimo⁹⁹¹ de soldo, sendo Cirurgião Mór efetivo, que a glória⁹⁹² que resultaria de tão honrado distintivo⁹⁹³, e assim me desobriguei de manifestar-lhe a repugnância⁹⁹⁴ que tinha de aceitar um distintivo⁹⁹⁵ que, em meu entender em certo modo me afrancesava e quase que me desnaturava da pátria⁹⁹⁶, e andei bem ocultando-lhe a ele⁹⁹⁷ e aos demais os meus escrúpulos por que⁹⁹⁸ decerto não duvidariam⁹⁹⁹ de almagrar-me por insensato, pois que a maior parte deles¹⁰⁰⁰ acabarão¹⁰⁰¹ afinal por se naturalizarem¹⁰⁰² em França.

Deu o Imperador princípio à revista ao meio-dia¹⁰⁰³ em ponto: descido que foi do palácio, subiu-se a cavalo¹⁰⁰⁴, e acompanhado de um luzidíssimo cortejo de Ajudantes de ordens, percorreu¹⁰⁰⁵ ao longo da frente dos cinco¹⁰⁰⁶ batalhões, de que constava então o nosso regimento; depois do que apeou-se¹⁰⁰⁷, e encostando-se a um dos marcos ou frades de pedra, que acompanham a frontaria do palácio¹⁰⁰⁸, ordenou ao General Lobau¹⁰⁰⁹, seu Ajudante de ordens, que nessa ocasião¹⁰¹⁰ estava de dia, mandasse fazer a¹⁰¹¹ Legião diversas evoluções. Determinava o Imperador aquelas que lhe vinham¹⁰¹² ao pensamento e o General dava as vozes, as quais eram repetidas pelos comandantes¹⁰¹³, e incontinente os batalhões se abalavam a

⁹⁸⁶ (mp1) (JC) *recommendação com aquella distintivo [...] aquellas*

⁹⁸⁷ (mp1) (JC) *benevolencia*

⁹⁸⁸ (mp1) *regeitar* (JC) *rejeitar*

⁹⁸⁹ (mp1) (JC) *offerecimento*

⁹⁹⁰ (mp1) *vir* (JC) *provir*

⁹⁹¹ (mp1) (JC) *acrescimo*

⁹⁹² (mp1) (JC) *effectivo [...] gloria*

⁹⁹³ (mp1) (JC) *distintivo*

⁹⁹⁴ (mp1) (JC) *repugnancia*

⁹⁹⁵ (mp1) (JC) *distintivo*

⁹⁹⁶ (mp1) (JC) *afrancezava e quasi [...] patria*

⁹⁹⁷ (mp1) (JC) *occultando-lhe a elle*

⁹⁹⁸ (mp1) *escrupulos por que* (JC) *escrupulos porque*

⁹⁹⁹ (mp1) (JC) *duvidarão*

¹⁰⁰⁰ (mp1) (JC) *delles*

¹⁰⁰¹ (mp1) *acabarão* (JC) *acabarão*

¹⁰⁰² (mp1) *naturalizarem* (JC) *naturalisarem*

¹⁰⁰³ (mp1) *Deo o [...] principio á [...] meiodia* (JC) *Deu o [...] principio á [...] meio-dia*

¹⁰⁰⁴ (mp1) (JC) *palacio, subio-se a cavallo*

¹⁰⁰⁵ (mp1) *d'um luzidissimo [...] d'ordens, percorreo* (JC) *de um luzidissimo [...] de ordens, percorreu*

¹⁰⁰⁶ (mp1) *sinco* (JC) *cinco*

¹⁰⁰⁷ (mp1) *apeou-se* (JC) *apeiou-se*

¹⁰⁰⁸ (mp1) (JC) *acompanhão [...] palacio*

¹⁰⁰⁹ (mp1) *Lobau* (JC) *Lobon*

¹⁰¹⁰ (mp1) (JC) *ocasião*

¹⁰¹¹ (mp1) (JC) *á*

¹⁰¹² (mp1) (JC) *aquellas [...] vinhão*

¹⁰¹³ (mp1) (JC) *quaes erão [...] commandantes*

executá-las¹⁰¹⁴. No cabo de uma hora de exercício aproximou-se¹⁰¹⁵ do Coronel, e perguntou-lhe se estava paga a tropa; tornou-lhe o coronel, que pelo que dizia respeito aos soldados¹⁰¹⁶ nada se lhes devia; porém¹⁰¹⁷ que no concernente aos oficiais¹⁰¹⁸ estava o Estado alcançado com eles de dois meses¹⁰¹⁹ de soldo.

Era o Imperador naturalmente pálido¹⁰²⁰, e como tal ouvisse, tingiram-se lhe¹⁰²¹ as faces de uns¹⁰²² longes de rubor, e voltando-se para o Duque de Feltre¹⁰²³ que então tinha a pasta da guerra, lhe disse: Como! E é assim que vos haveis em tropas! Se estas a que hoje passo mostras estão por pagar, que será daquelas¹⁰²⁴ que não posso ver? Balbuciou o Ministro não sei que desculpas, e passou a dar tais providências¹⁰²⁵, que acabada a revista fomos inteirados de todo o atrasado¹⁰²⁶.

Como o Imperador, depois de nos fazer uma breve fala, se subisse a cavalo em ação¹⁰²⁷ de ir passar mostras a outras tropas, cheguei-me a ele e levando a mão ao chapéu cortesia¹⁰²⁸ usada pelos militares quando falam¹⁰²⁹ a seus superiores, lhe disse: que tendo naquela¹⁰³⁰ companhia feito as vezes de Cirurgião-Mór¹⁰³¹ a contento de meus superiores, vinha com licença deles¹⁰³² pedir a S.M.I¹⁰³³ a confirmação do cargo, que havia servido na qualidade de serventuário¹⁰³⁴. Como me expressasse em assaz bom francês¹⁰³⁵, perguntou o Imperador ao General e ao coronel, se era português¹⁰³⁶ e se dizia a verdade? E como ambas lhe respondessem

¹⁰¹⁴ (mp1) *abalavão a axecutal'as* (JC) *abalavão a executa-las*

¹⁰¹⁵ (mp1) (JC) *exercicio aproximou-se*

¹⁰¹⁶ (mp1) *soldados* (JC) *soldados*,

¹⁰¹⁷ (mp1) *porem* (JC) *porém*

¹⁰¹⁸ (mp1) (JC) *officiaes*

¹⁰¹⁹ (mp1) (JC) *elles de dous mezes*

¹⁰²⁰ (mp1) (JC) *pallido*

¹⁰²¹ (mp1) *tingirão-se lhe* (JC) *tingirão-se-lhe*

¹⁰²² (mp1) *d'uns* (JC) *de uns*

¹⁰²³ O título de Duque de Feltre refere-se a Feltre, uma comuna na província de Belluno, na região de Veneto, na Itália. Esse título nobiliárquico foi criado por decreto em 1809 em favor de Henri Jacques Guillaume Clarke, Ministro da Guerra de Napoleão I, o título de Duque de Feltre foi extinto em 1852 com seu filho Edgard Clarke, 2º Duque de Feltre, que faleceu sem descendência. REVUE DE L'EMPIRE. Edité par M. CH.-ED. TEMBLAIRE, DIRECTEUR-RÉDACTEUR. AN 4. Paris. Imprimerie de Lacombe, 1845. P. 368-371. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6518638p/f389.item>. Acesso em 27 nov. 2023.

¹⁰²⁴ (mp1) *d'aquellas* (JC) *daquellas*

¹⁰²⁵ (mp1) (JC) *taes providencias*

¹⁰²⁶ (mp1) (JC) *atrazado*

¹⁰²⁷ (mp1) (JC) *falla [...]* a cavallo em acção

¹⁰²⁸ (mp1) (JC) *elle [...]* chapéo cortezia

¹⁰²⁹ (mp1) (JC) *fallão*

¹⁰³⁰ (mp1) (JC) *naquella*

¹⁰³¹ (mp1) *Cirurgião Mór* (JC) *Cirurgião-Mór*

¹⁰³² (mp1) (JC) *delles*

¹⁰³³ Sua Majestade o Imperador

¹⁰³⁴ (mp1) (JC) *serventuário*

¹⁰³⁵ (mp1) (JC) *francez*

¹⁰³⁶ (mp1) (JC) *Portuguez*

afirmativamente¹⁰³⁷, voltou-se para o Príncipe¹⁰³⁸ de Neufchatel, seu Major General, e revestindo-se de certo ar de Majestade¹⁰³⁹ lhe disse: apeai-vos, Príncipe, ao passo que endereçando-me em afabilidade¹⁰⁴⁰ a palavra, ajuntava: dai-lhe por escrito¹⁰⁴¹ o vosso nome, ao que satisfiz e feita estava à¹⁰⁴² mercê.

Demoramo-nos¹⁰⁴³ em Paris ao redor de quatro meses, no decurso dos quais¹⁰⁴⁴ passei os meus últimos¹⁰⁴⁵ exames, e cumpro com as demais formalidades, que então se requeriam¹⁰⁴⁶ para o Doutorado, e além¹⁰⁴⁷ disto nas horas desocupadas¹⁰⁴⁸, como a maior parte de meus colegas não soubessem o francês, traduzi para o uso deles¹⁰⁴⁹ desse idioma no nosso um pequeno tratado das feridas das de fogo, obra do Barão Percy, um dos meus professores e talvez um dos mais hábeis cirurgiões militares daquela¹⁰⁵⁰ época, a qual dediquei ao Conde Daru¹⁰⁵¹ então Ministro Secretário de Estado¹⁰⁵². Muito folgaria de ver, agora que estou idoso¹⁰⁵³, de meus talentos como tradutor¹⁰⁵⁴, concebido e executado na flor da adolescência¹⁰⁵⁵, baldei

¹⁰³⁷ (mp1) (JC) *afirmativamente*

¹⁰³⁸ (mp1) (JC) *Príncipe*

Príncipe de Neufchatel, Louis-Alexandre Berthier, (1753 - 1815) 1.º Príncipe de Wagram, Príncipe Soberano de Neuchâtel, foi um Marechal do Império, Ministro da Guerra e chefe do estado-maior de Napoleão. In. BERTHIER, Louis-Alexandre - napoleon.org. Disponível em: <https://www.napoleon.org/en/history-of-the-two-empires/biographies/berthier-louis-alexandre/>. Acesso em: 10 dez. 2023. E, igualmente em: THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Louis-Alexandre Berthier, prince de Wagram | Napoleonic Wars, Military Strategist, Diplomat. 20 jul. 1998b. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Louis-Alexandre-Berthier-prince-de-Wagram>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰³⁹ (mp1) (JC) *Magestade* (JC) *magestade*

¹⁰⁴⁰ (mp1) (JC) *Príncipe* [...] *affabilidade*

¹⁰⁴¹ (mp1) (JC) *escripto*

¹⁰⁴² (mp1) (JC) *a*

¹⁰⁴³ (mp1) *Demoramo-nos* (JC) *Demorámo-nos*

¹⁰⁴⁴ (mp1) (JC) *em Pariz* [...] *mezes* [...] *quaes*

¹⁰⁴⁵ (mp1) (JC) *ultimos*

¹⁰⁴⁶ (mp1) (JC) *requerião*

¹⁰⁴⁷ (mp1) (JC) *alem*

¹⁰⁴⁸ (mp1) (JC) *desoccupadas*

¹⁰⁴⁹ (mp1) (JC) *collegas* [...] *francez* [...] *delles*

¹⁰⁵⁰ (mp1) (JC) *habeis* [...] *daquella*

¹⁰⁵¹ Pierre-Antoine, Conde Daru, (1767 – 1829), foi um administrador militar francês durante o período das guerras napoleônicas. “Daru ingressou na administração militar em 1784, serviu aos governos revolucionários e em janeiro de 1795 foi chamado para o ministério da guerra em Paris. [...] Ele aparentemente gozava da total confiança de Napoleão, que o encarregou da administração dos territórios prussianos e austríacos conquistados em 1807. Daru retirou-se quando Bonaparte foi derrotado em 1814 mas regressou à causa imperial durante os Cem Dias. Em 1806, Daru foi eleito para o Institut de France em reconhecimento à sua tradução em quatro volumes das obras de Horácio (1804-1805). [...] Em 1819 ele publicou a Histoire de la République de Venise (“História da República de Veneza”) em sete volumes e em 1826 a Histoire de la Bretagne (“História da Bretanha”) em três volumes.”

¹⁰⁵² (mp1) *Secretario de Estado* (JC) *Secretario de Estado*

¹⁰⁵³ (mp1) *dioso* (JC) *idoso*

¹⁰⁵⁴ (mp1) (JC) *traductor*

¹⁰⁵⁵ (mp1) (JC) *adolescencia*

porém¹⁰⁵⁶ quantas diligências¹⁰⁵⁷ até aqui hei feito; assim que, o único documento que encontrei deste fato¹⁰⁵⁸ e que o comprova é a resposta daquele¹⁰⁵⁹ Ministro que aqui junto confiando que Vossa Majestade¹⁰⁶⁰ Imperial levará em gosto ver a letra e firma de um¹⁰⁶¹ dos melhores tradutores de Horácio¹⁰⁶². Citarei por me acudirem à memória¹⁰⁶³ os versos em que ele exprimiu em francês¹⁰⁶⁴ o

*Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinae
Si le ciel en éclats
S'écroulait sur ma tête,
Je ne tremblai pas*¹⁰⁶⁵.

Recebemos finalmente ordem de partir para Bourges¹⁰⁶⁶ onde nos detivemos seus meses¹⁰⁶⁷ e assim fomos percorrendo por diversas províncias¹⁰⁶⁸ de França, mudando a espaços de lugar, conforme as ordens que recebíamos¹⁰⁶⁹, até que chegamos¹⁰⁷⁰ a Toul¹⁰⁷¹ na Lorena¹⁰⁷². Por esse tempo já se estava armando a trovada, que se devia desatar em um¹⁰⁷³ chuveiro de sangue nos páramos da Rússia¹⁰⁷⁴. Na previsão pois de um¹⁰⁷⁵ rompimento com aquela potência, foram quantas tropas eram¹⁰⁷⁶ em França postas em pé de guerra, e o regimento, em

¹⁰⁵⁶ (mp1) porém (JC) porém

¹⁰⁵⁷ (mp1) (JC) diligências

¹⁰⁵⁸ (mp1) (JC) facto [...] unico

¹⁰⁵⁹ (mp1) d'aquelle (JC) daquela

¹⁰⁶⁰ (mp1) (JC) Magestade

¹⁰⁶¹ (mp1) vêr a letra [...] d'um (JC) ver a letra [...] de um

¹⁰⁶² (mp1) (JC) traductores de Horacio

¹⁰⁶³ (mp1) acodirem á memoria (JC) acudirem á memoria

¹⁰⁶⁴ (mp1) (JC) elle exprímio em francez

¹⁰⁶⁵ Tradução: Se o céu despedaçado / Caísse sobre a minha cabeça / Eu não tremeria

¹⁰⁶⁶ Bourges é uma comuna francesa, prefeitura do departamento de Cher. Com 64.362 habitantes em 2020, é a comuna mais populosa do departamento e a terceira comuna mais populosa da região Centro-Vale do Loire, depois de Tours e Orléans, e à frente de Blois, Châteauroux e Chartres. In. RÉSULTATS de la recherche | Insee. Disponível em: https://www.insee.fr/fr/statistiques?debut=0&geo=TOUTES_COMMUNE-1. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁰⁶⁷ (mp1) (JC) mezes

¹⁰⁶⁸ (mp1) (JC) provincias

¹⁰⁶⁹ (mp1) (JC) recebíamos

¹⁰⁷⁰ (mp1) (JC) chegámos

¹⁰⁷¹ Toul é uma comuna francesa localizada no departamento de Meurthe-et-Moselle. Localizada na Lorena, a comuna faz parte da região administrativa do Grand Est. Antigo principado episcopal do Sacro Império Romano germânico, Toul ficou sob o controle da França em 1552, até ser definitivamente anexado em 1648 em virtude do Tratado de Vestefália.

¹⁰⁷² (mp1) Lorrena (JC) Lorena

¹⁰⁷³ (mp1) n'um (JC) em um

¹⁰⁷⁴ (mp1) (JC) Russia

¹⁰⁷⁵ (mp1) d'um (JC) de um

¹⁰⁷⁶ (mp1) (JC) aquella potencia, forão [...] erão

que servia, recebeu¹⁰⁷⁷ uma nova organização¹⁰⁷⁸, cuja execução foi cometida¹⁰⁷⁹ ao Coronel; o qual achando aquela¹⁰⁸⁰ aberta para descartar-se de mim, cobrindo¹⁰⁸¹ com dissimulo a má vontade que me tinha com aparências¹⁰⁸² de justiça, representou ao Ministro da Guerra, que havendo na Legião Portuguesa¹⁰⁸³ muito Cirurgiões-móres¹⁰⁸⁴ não lhe parecia justo coubesse a um só a glória de assinalar-se¹⁰⁸⁵ no serviço de S. M. I.¹⁰⁸⁶, motivo por que, como estivesse encarregado da nova organização daquela milícia¹⁰⁸⁷, havia feito escolha para me suceder naquele¹⁰⁸⁸ posto de um¹⁰⁸⁹ que já em Portugal havia dado provas de sua perícia¹⁰⁹⁰; demais que no cabo de uma campanha tão laboriosa como fora a antecedente, era mui natural desejasse eu lograr algum descanso¹⁰⁹¹, dado que o não desse¹⁰⁹² a demonstrar.

Com estas e outras razões, que armavam ao mesmo fim, tendo aparentemente¹⁰⁹³ justificado a minha exoneração, ordenou-me de me recolher a Grenoble¹⁰⁹⁴, para onde parti envolto em lágrimas de despeito e dizendo mal à¹⁰⁹⁵ minha ventura por me ver esbulhado da glória, que fantasiava adquirir na próxima¹⁰⁹⁶ campanha. Logo em chegando incumbiram-me¹⁰⁹⁷ do serviço do hospital e prisão militar daquela praça, ocupações que me divertiram¹⁰⁹⁸ da pena de que vinha assoberbado. Passados meses, como andasse já acesa¹⁰⁹⁹ a guerra, chegaram à França numerosos prisioneiros¹¹⁰⁰ Russos em consequência¹¹⁰¹ do que fui mandado a Romans para organizar para eles um hospital, o que concluído¹¹⁰², tornei-me para Grenoble¹¹⁰³, onde continuei a residir.

¹⁰⁷⁷ (mp1) *recebeo* (JC) *recebeu*

¹⁰⁷⁸ (mp1) *organização* (JC) *organisação*

¹⁰⁷⁹ (mp1) (JC) *commettida*

¹⁰⁸⁰ (mp1) (JC) *aquella*

¹⁰⁸¹ (mp1) *cubriendo* (JC) *coabrindo*

¹⁰⁸² (mp1) (JC) *apparencias*

¹⁰⁸³ (mp1) (JC) *Portuguesa*

¹⁰⁸⁴ (mp1) (JC) *móres*

¹⁰⁸⁵ (mp1) (JC) *gloria de assignalar-se*

¹⁰⁸⁶ Sua Majestade o Imperador

¹⁰⁸⁷ (mp1) *organização d'aquela milicia* (JC) *organisação daquela milicia*

¹⁰⁸⁸ (mp1) (JC) *succeder naquelle*

¹⁰⁸⁹ (mp1) *d'um* (JC) *de um*

¹⁰⁹⁰ (mp1) (JC) *pericia*

¹⁰⁹¹ (mp1) (JC) *descanço*

¹⁰⁹² (mp1) *desse* (JC) *dêsse*

¹⁰⁹³ (mp1) (JC) *armavão [...]* *apparentemente*

¹⁰⁹⁴ (mp1) *Gracianopole* (JC) *Gracianopolis*

¹⁰⁹⁵ (mp1) (JC) *lagrimas [...]* *á*

¹⁰⁹⁶ (mp1) (JC) *gloria [...]* *proxima*

¹⁰⁹⁷ (mp1) (JC) *incumbirão-me*

¹⁰⁹⁸ (mp1) (JC) *daquella [...]* *occupações [...]* *divertirão*

¹⁰⁹⁹ (mp1) (JC) *mezes [...]* *accessa*

¹¹⁰⁰ (mp1) *chegarão a França [...]* *prizioneiros* (JC) *chegarão á França [...]* *prisioneiros*

¹¹⁰¹ (mp1) (JC) *consequencia*

¹¹⁰² (mp1) (JC) *elles [...]* *concluido*

¹¹⁰³ (mp1) *Gracianopole* (JC) *Gracianopolis*

Entretanto começava a fortuna a virar à Bonaparte as costas, e conquanto¹¹⁰⁴, depois do desastre de Moscou, ele¹¹⁰⁵ se esforçasse em fazer-lhe bom rosto nas batalhas de Bautzen¹¹⁰⁶ e de Lutzen¹¹⁰⁷, levaram-no¹¹⁰⁸ de vencida a deserção e abandono das tropas da Confederação, vendo-se necessitado a recolher-se a França e a dar-se por bem livrado se dentro dos limites dela se pudesse defender, e como nenhum alicerce pudesse¹¹⁰⁹ fazer nas tropas estrangeiras que trazia a saldo mandou-as desarmar e internar. Coube igual sorte à Legião Portuguesa¹¹¹⁰, o que vendo, e presumindo era o Império¹¹¹¹ chegado ao seu derradeiro bocejo, determinei de aproveitar aquela ocasião¹¹¹² para dar renúncia a um gênero de vida, que não me levara¹¹¹³ a abraçar o gosto, senão a necessidade, e dado que me ponderassem que com mais dois anos¹¹¹⁴ de serviço teria jus ao soldo dos reformados, com o que poderia procurar-me uma honesta subsistência, quis antes devê-la à minha própria indústria¹¹¹⁵ e trabalho por me não desbater¹¹¹⁶ do nome de Brasileiro¹¹¹⁷. Demiti-me¹¹¹⁸ pois do serviço, quando já nos tinham¹¹¹⁹ internado em Bourges, e parti com o desígnio de entregar-me à prática¹¹²⁰ de Medicina em Grenoble, onde cheguei quando já dela se aproximavam as tropas austríaca de militar transfigurado em paisano¹¹²¹.

¹¹⁰⁴ (mp1) (JC) *á Bonaparte [...] conquanto*

¹¹⁰⁵ (mp1) *Moscou, elle* (JC) *Moscow, elle*

¹¹⁰⁶ A Batalha de Bautzen foi uma vitória francesa das tropas de Napoleão I vencida em 20 e 21 de maio de 1813 sobre as tropas russo-prussianas comandadas pelo general russo Wittgenstein. In. BERENTSEN, William H. Saxony | History, Capital, Map, Population, & Facts. 20 jul. 1998. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Saxony-state-Germany>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹¹⁰⁷ A Batalha de Lützen, também chamada pelos historiadores alemães de Batalha de Großgörschen, ocorreu em 2 de maio de 1813, durante o retorno do exército napoleônico após o desastre da campanha russa. Wittgenstein ataca uma coluna avançada de Napoleão perto de Lützen, a fim de retomar a cidade de Leipzig. Após um dia de intensos combates, as forças prussianas e russas recuaram. A ausência de cavalaria impediu que os franceses os perseguissem. In. UNIVERSALIS; GODECHOT, Jacques. NAPOLÉON Ier BONAPARTE (1769-1821) empereur des Français (1804-1814 et 1815). Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/napoleon-ier-bonaparte/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹¹⁰⁸ (mp1) (JC) *levarão-no*

¹¹⁰⁹ (mp1) (JC) *della se podesse [...] podesse*

¹¹¹⁰ (mp1) (JC) *à [...] Portugueza*

¹¹¹¹ (mp1) (JC) *Imperio*

¹¹¹² (mp1) (JC) *aquella ocasião*

¹¹¹³ (mp1) (JC) *genero [...] levára*

¹¹¹⁴ (mp1) (JC) *dous annos*

¹¹¹⁵ (mp1) *subsistencia, quiz [...] devêl'a a [...] propria industria* (JC) *subsistencia, quiz [...] devel-a á [...] propria industria*

¹¹¹⁶ (mp1) *desbaptizar* (JC) *desbatar*

¹¹¹⁷ (mp1) (JC) *Brazileiro*

¹¹¹⁸ (mp1) (JC) *Demitti-me*

¹¹¹⁹ (mp1) (JC) *tinhão*

¹¹²⁰ (mp1) (JC) *designio [...] á pratica*

¹¹²¹ (mp1) (JC) *della se approximavão [...] austríacas [...] paizano*

CÓPIA DA CARTA DO CONDE DARU
DE QUE MAIS ACIMA SE FAZ MENÇÃO¹¹²²

« J'ai reçu, Monsieur, avec la lettre que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire, le manuscrit d'un ouvrage de Chirurgie que vous avez traduit du français en portugais, et que vous avez bien voulu me présenter et me dédier. Je vous prie d'en agréer l'expression de ma reconnaissance et de recevoir l'assurance de la considération avec laquelle j'ai l'honneur de vous saluer.

O Conde Daru. Paris, le 5 Février 1812. M. de Moura, aide Major à la Legion Portugaise¹¹²³. »

¹¹²² A transcrição da carta do Conde Daru encontra-se ao final da primeira parte da edição do manuscrito de C. L. de Moura publicada pelo *Jornal Commercio*, em 1902. Esse documento está entre aqueles que C. L. de Moura enviou juntamente com o manuscrito autobiográfico ao Imperador D. Pedro II.

¹¹²³ Tradução: “Recebi, Senhor, com a carta que me fez a honra de escrever, o manuscrito de uma obra de Cirurgia que traduziu do francês para o português, e que gentilmente me apresenta e me dedica. Queira aceitar a expressão da minha gratidão e a certeza da minha consideração com a qual tenho a honra de vos saudar. O Conde Daru, Paris, 5 de fevereiro, 1812. Senhor Moura, ajudante Mór na Legião Portuguesa.”

2ª PARTE
(CONTINUAÇÃO)
IMPERIAL SENHOR¹¹²⁴

Foi mate forçado haver de destroçar a narração, que começava a fazer¹¹²⁵ de minha atribulada vida,¹¹²⁶ para acudir a um dos meus compatriotas, o mui distinto literato¹¹²⁷ Odorico Mendes, o qual achando-se assaltado de uma grave enfermidade, quis¹¹²⁸ que fosse eu o seu médico, conquanto¹¹²⁹ não ignorasse que havia largos anos¹¹³⁰, tinha encostado a borla e trocado a profissão de medico pela de literato¹¹³¹: agora, porém, que, fazendo o zelo¹¹³² as vezes de talento, se acha de todo em todo convescido¹¹³³, prosseguirei¹¹³⁴ com este grosseiro debuxo.

Desobrigado do serviço no cabo de seis anos¹¹³⁵, disgregado dos companheiros com quem havia militado, e tornado a¹¹³⁶ escuridão da vida privada, tão casadas andavam comigo as lembranças da pátria¹¹³⁷, que nenhum pesar¹¹³⁸ me haviam¹¹³⁹ deixado, nem a autoridade do cargo, de que voluntariamente me havia demittido¹¹⁴⁰, nem a perda do soldo que com ele¹¹⁴¹ vencia. Afiguravas-me que acabava de descativar-me¹¹⁴² do jugo a que a duras me havia submetido¹¹⁴³ a necessidade; que mercês à¹¹⁴⁴ injustiça que pelo Coronel me havia¹¹⁴⁵ sido feita, acabava outra vez de abrazeirar-me¹¹⁴⁶; assim que dei-me pressa em desfazer-me do uniforme e mais librés, não sei se por quê¹¹⁴⁷ de continuo¹¹⁴⁸ me estavam¹¹⁴⁹ acordando o passado

¹¹²⁴ Autobiografia do Dr. Caetano Lopes de Moura editada por Alberto de Oliveira 2ª Parte (Continuação)

¹¹²⁵ (RA) fazer (JC) fazer,

¹¹²⁶ (RA) atribulada vida, (JC) attribulada vida

¹¹²⁷ (RA) distinto literato (JC) distincto litterato

¹¹²⁸ (RA) quis (JC) quiz

¹¹²⁹ (RA) (JC) medico, comquanto

¹¹³⁰ (RA) anos (JC) annos

¹¹³¹ (RA) medico [...] literato (JC) medico [...] litterato

¹¹³² (RA) zelo (JC) zelo

¹¹³³ (RA) em todo convescido (JC) em tudo convescido

¹¹³⁴ (RA) (JC) proseguirei

¹¹³⁵ (RA) anos (JC) annos

¹¹³⁶ (RA) (JC) á

¹¹³⁷ (RA) andavam comigo [...] patria (JC) andavão commigo [...] patria

¹¹³⁸ (RA) (JC) pezar

¹¹³⁹ (RA) haviam (JC) havião

¹¹⁴⁰ (RA) demittido (JC) demittido

¹¹⁴¹ (RA) ele (JC) elle

¹¹⁴² (RA) Afigurava-se-me [...] descativar-me (JC) Affigurava-se-me [...] descativar-me

¹¹⁴³ (RA) submetido (JC) submettido

¹¹⁴⁴ (RA) (JC) á

¹¹⁴⁵ (RA) havia (JC) tinha

¹¹⁴⁶ (RA) abrazeirar-me (JC) abrazeirar-me

¹¹⁴⁷ (RA) (JC) porque

¹¹⁴⁸ (RA) (JC) continuo

¹¹⁴⁹ (RA) estavam (JC) estavam

cativeiro¹¹⁵⁰, se pelo receio de que não me sobreviessem arremetimentos de torná-las¹¹⁵¹ a vestir. Como quer que seja, transbordou-se de contentamento o coração quando me vi de militar transfigurado em paisano¹¹⁵², como quem, depois de haver cursado por mil trabalhos e mágoas¹¹⁵³, tinha afinal alcançado aquilo¹¹⁵⁴ a que estendia o pensamento, quando da pátria¹¹⁵⁵ se partira. O que mais então me relevava era ajuntar o necessário¹¹⁵⁶ para ela¹¹⁵⁷ tornar-me.

Com este pressuposto¹¹⁵⁸ internei-me no estudo e na prática da medicina, na qual como me achasse corrente com a contínua¹¹⁵⁹ conversação dos hospitais¹¹⁶⁰, fosse assaz¹¹⁶¹ conhecido na cidade e não malsucedido¹¹⁶² em minhas curas, acudiu-me logo alguma freguesia¹¹⁶³, e ao cabo de poucos meses achei-me com suficiente, para afinal assentar ali¹¹⁶⁴ casa. No entretanto havia a fortuna, virando as costas ao Imperador, se lançado com aqueles que maquinavam¹¹⁶⁵ a sua ruína, assim que vencido às abas de sua própria¹¹⁶⁶ Capital, viu-se¹¹⁶⁷ obrigado, passando pelas forcas caudinas da necessidade, a trocar a Coroa¹¹⁶⁸ Imperial da França pelo duvidoso senhorio da Ilha Ilua ou Elba¹¹⁶⁹. Corria o ano¹¹⁷⁰ de 1815 e já os povos começavam a respirar de tão cansadas¹¹⁷¹ guerras, debaixo do governo do Conde de Provença¹¹⁷², que havia sido

¹¹⁵⁰ (RA) *cativeiro* (JC) *captiveiro*

¹¹⁵¹ (RA) *arremetimentos de tornal-as* (JC) *arremettimentos de torna-las*

¹¹⁵² (RA) *paisano* (JC) *paizano*

¹¹⁵³ (RA) *maguas* (JC) *maguas*

¹¹⁵⁴ (RA) *aquilo* (JC) *aquillo*

¹¹⁵⁵ (RA) (JC) *patria*

¹¹⁵⁶ (RA) (JC) *necessario*

¹¹⁵⁷ (RA) *ela* (JC) *ella*

¹¹⁵⁸ (RA) *presuposto* (JC) *presupposto*

¹¹⁵⁹ (RA) (JC) *pratica* [...] *continua*

¹¹⁶⁰ (RA) *hospitais* (JC) *hospitaes*

¹¹⁶¹ (RA) (JC) *assás*

¹¹⁶² (RA) *mal sucedido* (JC) *mal succedido*

¹¹⁶³ (RA) (JC) *freguezia*

¹¹⁶⁴ (RA) *mêses* [...] *suficiente* [...] *ali* (JC) *mezes* [...] *suficiente* [...] *alli*

¹¹⁶⁵ (RA) *se lançado com aqueles que maquinavam* (JC) *lançado-se com aqueles que machinavão*

¹¹⁶⁶ (RA) (JC) *ruína* [...] *ás* [...] *propria*

¹¹⁶⁷ (RA) *viu-se* (JC) *vio-se*

¹¹⁶⁸ (RA) (JC) *Côroa*

¹¹⁶⁹ A Ilha de Elba é a maior ilha do arquipélago toscano com uma área de 224 km² e a terceira maior da Itália. Está localizada entre a Córsega, a cinquenta quilômetros de distância, e a Toscana, no Mar Tirreno. Nesta ilha, Napoleão I ficou exilado por 300 dias entre 1814 e 1815. In. ROUX, Michel. ÎLE D' ELBE. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/ile-d-elbe/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹¹⁷⁰ (RA) *ano* (JC) *anno*

¹¹⁷¹ (RA) *começavam* [...] *cansadas* (JC) *começávão* [...] *cançadas*

¹¹⁷² Mais precisamente: Luís XVIII – nascido em 17 de novembro de 1755 em Versalhes com o nome de Louis Stanislas Xavier da França e também Conde de Provença (1755-1795) – foi rei da França e de Navarra de 6 de abril de 1814 a 20 de março de 1815 e depois de 8 de julho 1815 até sua morte, 16 de setembro de 1824, em Paris. Ver. LOUIS XVIII. Disponível em: <https://www.chateauversailles.fr/decouvrir/histoire/grands-personnages/louis-xviii>. Acesso em: 11 dez. 2023.

sublimado ao trono¹¹⁷³ com o nome de Luís XVIII¹¹⁷⁴, quando na entrada do mês¹¹⁷⁵ de março se difundiu a notícia¹¹⁷⁶ que alçando o degredo a que havia sido mandado, tinha o Imperador desembarcado no golfo Juan¹¹⁷⁷, de onde¹¹⁷⁸ se encaminhava para Grenoble.

O General Marchand que então comandava aquela¹¹⁷⁹ praça e divisão militar, tratou sem demora de impedir-lhe a passagem¹¹⁸⁰ pelas terras d'aquela¹¹⁸¹ divisão e sobretudo de estorvar-lhe a entrada na cidade, para cujo fim ajuntou nela¹¹⁸² obra de quatro mil homens, afora¹¹⁸³ outra muita tropa, que ordenou em partidas avançadas, disposições, se bem que acertadas, inúteis¹¹⁸⁴, porquanto, logo que o Imperador foi chegado a¹¹⁸⁵ povoação de La Mure, a uma pequena jornada da cidade, todas aquelas¹¹⁸⁶ tropas e a mais que havia nas vizinhanças, se lhe foram agregar¹¹⁸⁷, ao passo que, as que guarneciam e presidiavam¹¹⁸⁸ a cidade, estavam roendo as trelas¹¹⁸⁹ e debatendo-se para se irem juntar com as outras, o que poriam em efeito¹¹⁹⁰, seguindo o exemplo do Conde *de Labedoyère*, mancebo¹¹⁹¹ de grande esperança, que de soldado raso se tinha elevado ao posto de coronel por extremados feitos de armas¹¹⁹², o qual não duvidou abalar à¹¹⁹³ vista de todos, com a maior parte do regimento¹¹⁹⁴, se o general não mandara¹¹⁹⁵ a tempo fechar as portas da cidade, providência que também¹¹⁹⁶ lhe desarmou em vão, por isso que, tanto os paisanos¹¹⁹⁷ como os militares, todos conspiravam para facilitar ao Imperador a entrada. Os que estavam de sentinela¹¹⁹⁸ nas muralhas, descendo-se¹¹⁹⁹ pelos

¹¹⁷³ (RA) trono (JC) throno

¹¹⁷⁴ (RA) Luis (JC) Luiz

¹¹⁷⁵ (RA) mês (JC) mez

¹¹⁷⁶ (RA) (JC) Março [...] noticia

¹¹⁷⁷ (RA) golpho Juan (JC) golfo Juan

¹¹⁷⁸ (RA) d'onde (JC) donde

¹¹⁷⁹ (RA) aquela (JC) aquella

¹¹⁸⁰ (RA) passagem (JC) passagem

¹¹⁸¹ (RA) d'aquela (JC) daquela

¹¹⁸² (RA) nela (JC) nella

¹¹⁸³ (RA) (JC) afora

¹¹⁸⁴ (RA) (JC) inuteis

¹¹⁸⁵ (RA) (JC) á

¹¹⁸⁶ (RA) aquelas (JC) aquellas

¹¹⁸⁷ (RA) foram agregar (JC) forão aggregar

¹¹⁸⁸ (RA) guarneciam e presidiavam (JC) guarnecião e presidiavão

¹¹⁸⁹ (RA) estavam [...] trelas (JC) estavam [...] trellas

¹¹⁹⁰ (RA) poriam em efeito (JC) porião em effeito

¹¹⁹¹ (RA) mancêbo (JC) mancebo

¹¹⁹² (RA) (JC) d'armas

¹¹⁹³ (RA) (JC) á

¹¹⁹⁴ (RA) rejimento (JC) regimento

¹¹⁹⁵ (RA) (JC) mandára

¹¹⁹⁶ (RA) (JC) providencia que tambem

¹¹⁹⁷ (RA) paisanos (JC) paizanos

¹¹⁹⁸ (RA) estavam de sentinela (JC) estavam de sentinella

¹¹⁹⁹ (RA) decendo-se (JC) descendo-se

dentes delas¹²⁰⁰, se baldeavam para fora, ao passo que os que estavam¹²⁰¹ de guarda às¹²⁰² portas, as arrombavam¹²⁰³, de sorte que às¹²⁰⁴ 9 horas da noite achava-se o Imperador na cidade, cujos moradores, quais festejavam¹²⁰⁵ a sua vinda com luminárias¹²⁰⁶, quais entrados de temor se acolhiam às¹²⁰⁷ casas de campo e povoações vizinhas. Segui o exemplo dos primeiros por serem os mais numerosos, senão os mais abastados, e passei a noite desvelado e repartido entre o desejo de não mudar de teor¹²⁰⁸ de vida e o receio de me tornar suspeito ao Governo, se porventura ao Imperador lhe sucedessem bem as coisas¹²⁰⁹; de mais, que achando-me ainda então no vigor da idade e havendo tão pouco tempo que tinha deixado o serviço, porque terei pejo de confessá-lo!¹²¹⁰ devolvias-me¹²¹¹ o coração para a milícia¹²¹², ou fossem saudades do recamo de ouro, da farda, que ainda via pendurada à porta do adelo¹²¹³, ou influxo do pernicioso exemplo, que de contínuo me estavam¹²¹⁴ dando quantos se achavam¹²¹⁵ nas minhas circunstâncias¹²¹⁶.

Durou boa parte da noite o conflito¹²¹⁷ entre a ambição e a razão; venceu porém esta, e olhando para as coisas¹²¹⁸ com o entendimento desprevenido, assentei de pairar até ver o assento que elas tomavam; em consequência desta¹²¹⁹ deliberação no decurso dos dias que o Imperador se deteve na cidade, por mais que me motinassem quantos me eram bem afetos¹²²⁰ e com razão especiosa me compelissem a agregar-me ao exército¹²²¹, permaneci em propósito de me tornar à pátria¹²²², logo que as circunstâncias me¹²²³ permitissem¹²²⁴ e às¹²²⁵ razões com que

¹²⁰⁰ (RA) d'elas (JC) dellas

¹²⁰¹ (RA) baldeavam [...] fôra [...] estavam (JC) baldeavão [...] fôra [...] estavam

¹²⁰² (RA) (JC) às

¹²⁰³ (RA) arrombavam (JC) arrombavão

¹²⁰⁴ (RA) (JC) às

¹²⁰⁵ (RA) quais festejavam (JC) quaes festejavão

¹²⁰⁶ (RA) (JC) luminarias

¹²⁰⁷ (RA) quais [...] acolhiam às (JC) quaes [...] acolhião às

¹²⁰⁸ (RA) teor (JC) teôr

¹²⁰⁹ (RA) coisas (JC) cousas

¹²¹⁰ (RA) confessal-o! (JC) confessa-lo!

¹²¹¹ (RA) (JC) devolvia-se-me

¹²¹² (RA) (JC) milicia

¹²¹³ (RA) (JC) á [...] adêlo

¹²¹⁴ (RA) continuo me estavam (JC) continuo me estavam

¹²¹⁵ (RA) achavam (JC) achavão

¹²¹⁶ (RA) (JC) circunstancias

¹²¹⁷ (RA) conflito (JC) conflictô

¹²¹⁸ (RA) coisas (JC) cousas

¹²¹⁹ (RA) elas tomavam; em consequencia d'esta (JC) ellas tomavão; em consequencia desta

¹²²⁰ (RA) eram bem afetos (JC) erão bem affectos

¹²²¹ (RA) compellissem a agregar-me ao exercito (JC) compellissem a aggregar-me ao exercito

¹²²² (RA) (JC) proposito [...] á patria

¹²²³ (RA) (JC) circunstancias m'o

¹²²⁴ (RA) permitissem (JC) permittissem

¹²²⁵ (RA) (JC) às

tratavam¹²²⁶ de demover-me dava-lhes as evasões que me ocorriam, ocultando¹²²⁷ o verdadeiro motivo que me obrigava a reger-me¹²²⁸ por diverso norte.

Tem porém o hábito¹²²⁹, já não digo o de mandar, mas até mesmo o de obedecer sobre nós tal predomínio¹²³⁰, que conquanto¹²³¹ muito me relevasse que o Imperador me não visse, de seu me levavam¹²³² os pés para as casas onde ele¹²³³ residia e lá por detrás da turba que era contínua na frontaria delas¹²³⁴, passava esquecidas horas, aguardando que ele assomasse à janela para a furto contemplá-lo¹²³⁵. Era na verdade o mesmo que tantas vezes já havia visto em Paris, já na Alemanha¹²³⁶ no campo de batalha, parecia-me, porém,¹²³⁷ que já não tinha aquela seguridade de ânimo¹²³⁸ que em outro tempo lhe transluzia no semblante, que se lhe divisavam nele uns longes de tristeza, presságio¹²³⁹ das desgraças que lhe estavam aparelhadas em consequência¹²⁴⁰ da grande derrota e¹²⁴¹ arrancada de Waterloo.

Entrou-me¹²⁴², depois de o ter visto, uma tristeza, a qual não sabia dar saída¹²⁴³, de sorte que me deixei estar em casa o mais do tempo, tirado aquele que era mister¹²⁴⁴ para visitar alguns doentes.

Como afinal se dispusesse¹²⁴⁵ o Imperador a partir para Lion¹²⁴⁶, vazou-se a cidade e quase¹²⁴⁷ todo o Delfinado¹²⁴⁸, de quantos haviam¹²⁴⁹ servido debaixo de suas bandeiras, e era tal o concurso de gente que havia acudido, quais para vê-lo, quais¹²⁵⁰ para acompanhá-lo¹²⁵¹,

¹²²⁶ (RA) *tratavam* (JC) *tratavão*

¹²²⁷ (RA) *ocorriam*, *ocultando* (JC) *ocorrião*, *occultando*

¹²²⁸ (RA) *rejer-me* (JC) *reger-me*

¹²²⁹ (RA) (JC) *habito*

¹²³⁰ (RA) (JC) *predominio*

¹²³¹ (RA) *comquanto* (JC) *com quanto*

¹²³² (RA) *levavam* (JC) *levavão*

¹²³³ (RA) *ele* (JC) *elle*

¹²³⁴ (RA) *continua* [...] *d'elas* (JC) *continua* [...] *dellas*

¹²³⁵ (RA) *ele* [...] *à janela* [...] *contemplal-o* (JC) *elle* [...] *à janella* [...] *contempla-lo*

¹²³⁶ (RA) *Paris* [...] *Allemanha* (JC) *Pariz* [...] *Allemanha*

¹²³⁷ (RA) *parecia-me porém*, (JC) *parecia-me*, *porém*,

¹²³⁸ (RA) *aquela* [...] *animo* (JC) *aquella* [...] *animo*

¹²³⁹ (RA) *divisavam nele uns longes de tristeza*, *presajio* (JC) *divisavão nelle uns longes de tristeza*, *pressagios*

¹²⁴⁰ (RA) *estavam aparelhadas em consequencia* (JC) *estavão aparelhadas em consequencia*

¹²⁴¹ (RA) *derrota e* (JC) *derrota*, *e*

¹²⁴² (RA) *Entrou-me* (JC) *Entrou me*

¹²⁴³ (RA) *saída* (JC) *sahida*

¹²⁴⁴ (RA) *aqule* [...] *mistér* (JC) *aquelle* [...] *mistér*

¹²⁴⁵ (RA) *dispusesse* (JC)

¹²⁴⁶ (RA) *Lião* (JC) *Lyão*

¹²⁴⁷ (RA) (JC) *quasi*

¹²⁴⁸ (RA) *Delfinado* (JC) *Delphinado*

¹²⁴⁹ (RA) *havam* (JC) *havião*

¹²⁵⁰ (RA) *quais para ve-lo*, *quais* (JC) *quaes para ve-lo*, *quaes*

¹²⁵¹ (RA) *acompanhal-o* (JC) *acompanha-lo*

que as praças estavam dela¹²⁵² cobertas, e encrespadas quase¹²⁵³ até os cocurutos das árvores¹²⁵⁴ que acompanhavam a estrada por onde ele¹²⁵⁵ tinha de fazer caminho.

O alvoroço em que todos estavam¹²⁵⁶, a alegria que lhes saía à¹²⁵⁷ cara, o seu louco e contínuo devanear, longe¹²⁵⁸ de me tresloucarem¹²⁵⁹ o entendimento, me induziam¹²⁶⁰ temor e recomendavam grandíssima circunspecção¹²⁶¹, por isso, que não me cumpria, sendo estrangeiro¹²⁶², tomar bando por nenhum dos dois soberanos que contendiam sobre o trono¹²⁶³ de França.

Vi-me, porém,¹²⁶⁴ desassombrado destes¹²⁶⁵ e de outros receios, quando com a partida do Imperador ficou a cidade despejada de quantos me conheciam¹²⁶⁶ por haverem comigo¹²⁶⁷ militado, muitos dos quais eram¹²⁶⁸ da minha profissão, particularidade que fez muito para que se me aumentasse o número¹²⁶⁹ dos fregueses¹²⁷⁰, fazendo muitos, principalmente os que pertenciam à¹²⁷¹ nobreza, eleição de mim para tratá-los¹²⁷² em suas moléstias¹²⁷³, na suposição de que era adicto¹²⁷⁴ ao seu partido, e como fosse discreto e em minha prática médica¹²⁷⁵ sucedessem as coisas à¹²⁷⁶ medida de meu desejo e de sua expectativa, vim a ficar com eles¹²⁷⁷ bem acreditado e juntamente com o clero e o povo, um ser continuo em visitar aqueles¹²⁷⁸ doentes, que sabia, não me podiam¹²⁷⁹ remunerar.

¹²⁵² (RA) estavam d'ela (JC) estarão della

¹²⁵³ (RA) (JC) quasi

¹²⁵⁴ (RA) (JC) arvores

¹²⁵⁵ (RA) acompanhavam [...] ele (JC) acompanhavão [...] elle

¹²⁵⁶ (RA) estavam (JC) estavam

¹²⁵⁷ (RA) saía á (JC) sahia á

¹²⁵⁸ (RA) continuo [...] lonje (JC) continuo [...] longe

¹²⁵⁹ (RA) tresloucarem (JC) trastrocarem

¹²⁶⁰ (RA) induziam (JC) induzião

¹²⁶¹ (RA) recomendavam [...] circumspeção (JC) recommendavão [...] circumspeção

¹²⁶² (RA) estrangeiro (JC) estrangeiro

¹²⁶³ (RA) dois [...] contendiam [...] trono (JC) dous [...] contendião [...] throno

¹²⁶⁴ (RA) Vi-me porém (JC) Vi-me, porém,

¹²⁶⁵ (RA) d'estes (JC) destes

¹²⁶⁶ (RA) conheciam (JC) conhecião

¹²⁶⁷ (RA) comigo (JC) commigo

¹²⁶⁸ (RA) quais eram (JC) quaes erão

¹²⁶⁹ (RA) aumentasse o numero (JC) augmentasse o numero

¹²⁷⁰ (RA) (JC) freguezes

¹²⁷¹ (RA) pertenciam á (JC) pertencião á

¹²⁷² (RA) tratat-os (JC) trata-los

¹²⁷³ (RA) (JC) molestias

¹²⁷⁴ (RA) suposição de era adicto (JC) suposição que era addicto

¹²⁷⁵ (RA) (JC) pratica medica

¹²⁷⁶ (RA) succedessem as coisas á (JC) succedessem as cousas á

¹²⁷⁷ (RA) eles (JC) elles

¹²⁷⁸ (RA) continuo [...] aqueles (JC) continuo [...] aquelles

¹²⁷⁹ (RA) podiam (JC) podião

Depois de ter assistido ao enterro de um Império¹²⁸⁰ que tinha achado nas mantilhas quando pela primeira vez aportara¹²⁸¹ em França, continuei a residir na capital do Delfinado¹²⁸², onde afinal tomei estado. Corria-me, entretanto,¹²⁸³ tudo a sabor da vontade, e como me achasse com dois¹²⁸⁴ filhos tratava de ajuntar o necessário¹²⁸⁵ para transferir-me à pátria¹²⁸⁶, e para esse efeito¹²⁸⁷, tinha dado¹²⁸⁸ a juro ao negociante, que andava em foro¹²⁸⁹ de ser o mais abonado daquela¹²⁹⁰ praça, o fruto de quantas economias havia feito, que andava por perto de vinte mil francos; de repente quebra o negociante e dá consigo¹²⁹¹ na América Inglesa¹²⁹².

Veio de volta com esta desgraça uma doença, de que, com dificuldade convalesci¹²⁹³; e entendendo que perdido o fruto de cinco anos de trabalho no exercício¹²⁹⁴ da medicina, seriam mister¹²⁹⁵ outros tantos para ajuntar igual quantia, se continuasse a residir numa cidade de tão limitada população e também porque daquele¹²⁹⁶ sertão da França não podia ter notícias frequentes do Brasil¹²⁹⁷, determinei de me passar para esta Capital, onde, como em mais vasto teatro, imaginava, deviam¹²⁹⁸ ser mais avultados os emolumentos da profissão que exercitava, bem que se me¹²⁹⁹ não escondesse teria de princípio não poucas dificuldades¹³⁰⁰, que superar.

Movido destas e doutras¹³⁰¹ considerações, desarme a tenda, que havia assentado em Grenoble¹³⁰² (que por tal deve reputar quem peregrina por estranhos reinos o domicílio¹³⁰³ em que se acha) e fui armá-la em Paris¹³⁰⁴, onde apenas cheguei, desvelado em conservar a minha naturalidade, apresentei-me nas casas da Embaixada de Portugal para me referendarem o

¹²⁸⁰ (RA) *de um Imperio* (JC) *dum Imperio*

¹²⁸¹ (RA) (JC) *aportára*

¹²⁸² (RA) *Delfinado* (JC) *Delphinado*

¹²⁸³ (RA) (JC) *Corria-me entretanto*

¹²⁸⁴ (RA) *dois* (JC) *dous*

¹²⁸⁵ (RA) (JC) *necessario*

¹²⁸⁶ (RA) (JC) *á patria*

¹²⁸⁷ (RA) *efeito* (JC) *effeito*

¹²⁸⁸ (RA) *dado* (JC) *dato*

¹²⁸⁹ (RA) (JC) *fôro*

¹²⁹⁰ (RA) *d'aquela* (JC) *daquella*

¹²⁹¹ (RA) (JC) *comsigo*

¹²⁹² (RA) *America Inglêsa* (JC) *America Inglesa*

¹²⁹³ (RA) *difículdade convaleci* (JC) *difficuldade convalesci*

¹²⁹⁴ (RA) (JC) *exercicio*

¹²⁹⁵ (RA) (JC) *mistér*

¹²⁹⁶ (RA) *tambem d'aquale* (JC) *tambem daquelle*

¹²⁹⁷ (RA) *noticias [...]* Brasil (JC) *noticias [...]* Brazil

¹²⁹⁸ (RA) *teatro, imaginava, deviam* (JC) *theatro, imaginava, devião*

¹²⁹⁹ (RA) *me* (JC) *mo*

¹³⁰⁰ (RA) *principio [...]* dificuldades (JC) *principio [...]* difficuldades

¹³⁰¹ (RA) *Movido d'estas e d'outras* (JC) *Movido destas e doutras*

¹³⁰² (RA) (JC) Grenoble

¹³⁰³ (RA) (JC) *domicilio*

¹³⁰⁴ (RA) *armal-a em Paris* (JC) *arma-la em Pariz*

passaporte; entreguei-o pois a um dos contínuos¹³⁰⁵, que o foi levar ao Secretário¹³⁰⁶ da sobredita Embaixada; não eram¹³⁰⁷ passados muitos minutos quando vi vir-me ao encontro o meu patrício e condiscípulo¹³⁰⁸ Gameiro, depois Visconde de Itabaiana¹³⁰⁹, já falecido, que ocupava então aquele¹³¹⁰ posto junto do Marquês de Marialva¹³¹¹. Tão penhorado fiquei da cortesia e afabilidade¹³¹² com que me recebeu aquele¹³¹³ meu compatriota, como admirado de o achar em um emprego tão desviado do comércio¹³¹⁴, profissão que primeiro havia abraçado e em que o deixara¹³¹⁵ ao partir de Lisboa¹³¹⁶. Tanto é verdade que o homem é as mais das vezes filho de suas próprias¹³¹⁷ obras e das circunstâncias¹³¹⁸ em que se acha colocado.

Enchido aquele¹³¹⁹ dever, como a necessidade me trouxesse sempre o agulhão nas costas, tratei para logo de pôr casa e ajuntar freguesia¹³²⁰. Saiu-me¹³²¹ a coisa a meu molde e em breve acudiram-me¹³²² alguns doentes, os quais curados me inculcaram¹³²³ a outros. Como, porém,¹³²⁴ não fossem eles tantos que me levassem todo o tempo, o que me sobrava empregava-o na leitura e particular estudo de nossos bons escritores¹³²⁵; para não travar da língua que falava¹³²⁶ havia tantos anos¹³²⁷, quando houvesse de expressar-me na materna; assim que era assíduo na biblioteca¹³²⁸ e tinha travado amizade com alguns dos empregados. Um dia estando eu praticando com um deles¹³²⁹ chamado Dubeux, atualmente¹³³⁰ professor de persiano e turco,

¹³⁰⁵ (RA) (JC) *continuos*

¹³⁰⁶ (RA) (JC) *Secretario*

¹³⁰⁷ (RA) *eram* (JC) *erão*

¹³⁰⁸ (RA) (JC) *patricio e condicipulo*

¹³⁰⁹ Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa, Visconde de Itabaiana – é natural de Portugal e brasileiro pela constituição do Império, faleceu em 22 de janeiro de 1846, sendo ministro plenipotenciário do Brasil junto a Côrte do rei das Duas Sicílias, grã-cruz da ordem do Cruzeiro e comendador da de Christo. Foi nomeado em 1822 por José Bonifácio ministro plenipotenciário na França. AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883, Volume VI, p.189-190.

¹³¹⁰ (RA) *falecido, que ocupava então aquele* (JC) *fallecido, que occupava então aquella*

¹³¹¹ (RA) (JC) *Marquez*

¹³¹² (RA) *cortezia e afabilidade* (JC) *cortezia e affabilidade*

¹³¹³ (RA) *aquele* (JC) *aquelle*

¹³¹⁴ (RA) *comercio* (JC) *commercio*

¹³¹⁵ (RA) (JC) *deixára*

¹³¹⁶ (RA) *Lisbôa* (JC) *Lisboa*

¹³¹⁷ (RA) (JC) *proprias*

¹³¹⁸ (RA) (JC) *circumstancias*

¹³¹⁹ (RA) *aquele* (JC) *aquelle*

¹³²⁰ (RA) (JC) *freguezia*

¹³²¹ (RA) *Saiu-me* (JC) *Sahio-me*

¹³²² (RA) *acudiram-me* (JC) *acudirão-me*

¹³²³ (RA) *quais [...]* *inculcaram* (JC) *quaes [...]* *inculcarão*

¹³²⁴ (RA) *Como, porém,* (JC) *Como porém*

¹³²⁵ (RA) *escritores* (JC) *escriptores*

¹³²⁶ (RA) *lingua que falava* (JC) *lingua que fallava*

¹³²⁷ (RA) *anos* (JC) *annos*

¹³²⁸ (RA) *assiduo na biblioteca* (JC) *assiduo na bibliotheca*

¹³²⁹ (RA) *d'eles* (JC) *delles*

¹³³⁰ (RA) *atualmente* (JC) *actualmente*

contou-me ele, entre outras coisas¹³³¹, que certo Inglês que era também muito assíduo naquela biblioteca¹³³², tendo necessidade para a conclusão de uma obra que se obrigara a dar ao prelo¹³³³ dentro de certo tempo, de inteirar-se cabalmente do merecimento literário¹³³⁴ do poema latino de Petrarca¹³³⁵, intitulado — *África*¹³³⁶ — e não tendo vagar para examinar por si mesmo uma epopeia¹³³⁷ de doze cantos, havia encomendado aquele¹³³⁸ trabalho sucessivamente a três dos colegas dele¹³³⁹ Dubeux, que passavam¹³⁴⁰ por mui bons latinistas, e que nenhum lhe havia enchido as medidas, assim que pagando-lhes conforme o ajuste das análises¹³⁴¹ que cada um havia feito do primeiro canto do sobredito poema, os despedira, dizendo cometeria¹³⁴² a totalidade do trabalho a quem saísse¹³⁴³ mais airoso que eles daquele¹³⁴⁴ breve ensaio. A singularidade do caso, e a arduidade da empresa, malgrado¹³⁴⁵ aos murmúrios do amor-próprio¹³⁴⁶, me estimularam a abalar-me a ela¹³⁴⁷. Perguntei ao empregado se ali era o Inglês¹³⁴⁸ e se duvidava a ele apresentar-me; encaminhamo-nos para uma mesa, a qual se achava lendo por um livro o Sr. Bruce Whyte; disse-lhe que folgaria muito de encarregar-me da análise, e que ele¹³⁴⁹ necessitava, assegurando-lhe que não ficaria por mim, que se não pagasse de minha exatidão¹³⁵⁰ e imparcialidade.

Esteve o Inglês¹³⁵¹ algum tempo indeciso se aceitaria ou não a minha proposta e no modo com que de tempos a tempos em mim punha a furto os olhos, conjecturei¹³⁵² duvidava da minha suficiência, atenta a cor¹³⁵³ particular de minha tez, para um mister¹³⁵⁴, em que três

¹³³¹ (RA) *ele* [...] *coisas* (JC) *elle* [...] *cousas*

¹³³² (RA) *Inglês* [...] *tambem* [...] *assiduo naquela biblioteca* (JC) *Inglez* [...] *tambem* [...] *assiduo naquella bibliotheca*

¹³³³ (RA) (JC) *obrigára* [...] *prélo*

¹³³⁴ (RA) (JC) *literario*

¹³³⁵ (RA) (JC) *Petrarcha*

¹³³⁶ (RA) (JC) *Africa*

¹³³⁷ (RA) (JC) *epopéa*

¹³³⁸ (RA) *encomendado aquele* (JC) *encommendado aquella*

¹³³⁹ (RA) *sucessivamente a tres dos colegas d'ele* (JC) *successivamente a tres dos collegas delle*

¹³⁴⁰ (RA) *passavam* (JC) *passavão*

¹³⁴¹ (RA) *analises* (JC) *analyses*

¹³⁴² (RA) *cometeria* (JC) *commetteria*

¹³⁴³ (RA) *saísse* (JC) *sahisse*

¹³⁴⁴ (RA) *eles d'aquele* (JC) *elles daquela*

¹³⁴⁵ (RA) *empreza, máu grado* (JC) *empreza, máo grado*

¹³⁴⁶ (RA) *murmúrios* [...] *proprio* (JC) *murmúrios* [...] *proprio*

¹³⁴⁷ (RA) *ela* (JC) *ella*

¹³⁴⁸ (RA) *ali* [...] *Inglês* (JC) *alli* [...] *Inglez*

¹³⁴⁹ (RA) *análise* [...] *ele* (JC) *Analyse* [...] *elle*

¹³⁵⁰ (RA) *exatidão* (JC) *exactidão*

¹³⁵¹ (RA) *Inglês* (JC) *Inglez*

¹³⁵² (RA) *conjecturei* (JC) *conjecturei*

¹³⁵³ (RA) *suficiência, atenta a côr* (JC) *sufficiencia, attenta a côr*

¹³⁵⁴ (RA) (JC) *mistér*

literatos franceses haviam¹³⁵⁵ desacertado; como se os dotes do entendimento coubessem em partilha e vínculo de morgado somente aos que têm a pele¹³⁵⁶ branca. Talvez nenhum fundamento tivesse a minha conjectura¹³⁵⁷, e a indecisão de que falei nascesse¹³⁵⁸ do justo receio que tinha de despender o seu dinheiro em tentativas que para nada aproveitavam¹³⁵⁹. Ou fosse assim, ou não, passados alguns minutos, esporeado pela necessidade, resolveu fazer uma nova experiência e cometeu-me a análise¹³⁶⁰ de que tenho falado, recomendando houvesse de concluí-la com a possível¹³⁶¹ brevidade. Pedi à biblioteca¹³⁶² emprestado o volume *in-folio*, em que se continham¹³⁶³ as obras latinas do cantor de Laura, e logo que cheguei à casa comecei com espírito a análise¹³⁶⁴ do 1º canto do poema composto em louvor de Publio Cornelio Scipião, apelidado o Africano, e quando a tive concluída, a fui levar àquele moderno Aristarco¹³⁶⁵, o qual depois de a ter lido com a maior atenção¹³⁶⁶ e segundo no semblante lhe divisei, entre alegre e admirado, me perguntou como quem não podia acreditar houvesse num homem de minha cor engenho¹³⁶⁷ para tanto, se fora¹³⁶⁸ eu quem fizera aquele papel e como com todo o desenfado lhe tornasse que sim, chamou-me a exame, pedindo-me lhe explicasse certa passagem difícil¹³⁶⁹ que se encontra no meado¹³⁷⁰ do 4º canto.

Dei-lhe incontinente a tradução literal dela, segundo a regência¹³⁷¹, com o que removi a escuridão que nela à¹³⁷² primeira vista se notava.

Ficou o Inglês contentíssimo¹³⁷³, encarregou-me do restante do trabalho, pagou-me¹³⁷⁴ sem regatear e disse-me que se não esqueceria de fazer de mim menção, quando desse à¹³⁷⁵ luz a sua obra.

¹³⁵⁵ (RA) *tres literatos francêses haviam* (JC) *tres litteratos francêzes havião*

¹³⁵⁶ (RA) (JC) *vínculo [...]* sómente [...] *pelle*

¹³⁵⁷ (RA) *conjetura* (JC) *conjectura*

¹³⁵⁸ (RA) *falei nacesse* (JC) *fallei nascesse*

¹³⁵⁹ (RA) *aproveitavam* (JC) *aproveitavão*

¹³⁶⁰ (RA) *experiencia e cometeu-me a analise* (JC) *experiencia e commetteu-me a analyse*

¹³⁶¹ (RA) *recomendando [...]* concluil-a [...] *possivel* (JC) *recommendando [...]* conclui-la [...] *possivel*

¹³⁶² (RA) *á biblioteca* (JC) *á bibliotheca*

¹³⁶³ (RA) *continham* (JC) *continhão*

¹³⁶⁴ (RA) *á [...]* espirito a analise (JC) *á [...]* espirito a analyse

¹³⁶⁵ (RA) *concluida [...]* áquele [...] *Aristarcho* (JC) *concluida [...]* áquelle [...] *Aristarcho*

¹³⁶⁶ (RA) *atenção* (JC) *atensão*

¹³⁶⁷ (RA) *côr enjenho* (JC) *cor engenho*

¹³⁶⁸ (RA) (JC) *fôra*

¹³⁶⁹ (RA) *passajem difficil* (JC) *passagem difficil*

¹³⁷⁰ (RA) (JC) *meiado*

¹³⁷¹ (RA) *tradução literal dela [...]* rejencia (JC) *traducção litteral della [...]* regencia

¹³⁷² (RA) *nela á* (JC) *nella á*

¹³⁷³ (RA) *Inglês contentissimo* (JC) *Inglês contentissimo*

¹³⁷⁴ (RA) (JC) *pagou-m'o*

¹³⁷⁵ (RA) (JC) *dêsse á*

Passava-se isto no correr do ano¹³⁷⁶ de 1821; no seguinte partiu¹³⁷⁷ Sr. Whyte para a Inglaterra, e eu no de 1824 para Portugal onde residi dez anos, como a seu tempo referirei; assim que passaram-se 21 anos¹³⁷⁸, no decurso dos quais seguiram¹³⁷⁹ as minhas ideias¹³⁸⁰ diversos rumos, segundo os diversos contrastes e vicissitudes da fortuna e já quase¹³⁸¹ que me tinha passado da lembrança o nome de Mr. Whyte e a análise que para ele¹³⁸² havia feito, mas um dia estando na biblioteca, como Ferdinand Denis¹³⁸³ me perguntasse que gênero¹³⁸⁴ de trabalho havia feito para aquele Inglês¹³⁸⁵; depois de lhe¹³⁸⁶ explicar, veio-me a curiosidade de saber o que ele¹³⁸⁷ a meu respeito havia dito; pedi, pois, a sua obra intitulada — *Histoire des Langues Romanes et de leur littérature depuis leur origine Jusqu'au XIV siècle* e no tomo 3º, pág.¹³⁸⁸ 414 encontrei o seguinte : « *Nous avons lu l'Africa d'un but à l'autre et confirmé dans notre jugement par l'avis d'un excellent latiniste, dont le nom peu connu jusqu'ici est destiné, nous en sommes sur, à occuper une place dans le temple de la renommée*¹³⁸⁹... » E abaixo em nota: « *M. de Moura, portugais*¹³⁹⁰. *Nous serions ingrat si nous ne reconnaissons combien nous devons à son érudition*¹³⁹¹ *classique et à la finesse de son goût.*¹³⁹² »

Cativou-me¹³⁹³ sobremaneira este rasgo de urbanidade e de cortesia¹³⁹⁴ da parte de um estrangeiro com quem nenhuma correspondência¹³⁹⁵ havia tido em tão longo trato de tempo,

¹³⁷⁶ (RA) ano (JC) anno

¹³⁷⁷ (RA) partiu (JC) partio

¹³⁷⁸ (RA) anos [...] anos (JC) annos [...] annos

¹³⁷⁹ (RA) quais seguiram (JC) quaes seguirão

¹³⁸⁰ (RA) (JC) idéas

¹³⁸¹ (RA) (JC) quasi

¹³⁸² (RA) analyse [...] ele (JC) analyse [...] elle

¹³⁸³ Jean-Ferdinand Denis (13 de agosto de 1798, Paris - 1º de agosto de 1890, Paris) foi viajante, historiador e escritor francês especialista em História do Brasil. Empreendeu viagem à América do Sul em 1816, quando teve oportunidade de conhecer e se apaixonar pelo Brasil, onde permaneceu até 1821. Sobre esta sua experiência escreveu, em parceria com o pintor Hippolyte Taunay *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, publicado em Paris de 1822. Bibliotecário da Biblioteca do Ministério da Instrução Pública. Sua dedicação em favor da cultura brasileira foi apreciada pelos intelectuais e governantes brasileiros e lhe valeu a comenda da Imperial Ordem da Rosa e a Imperial Ordem do Cruzeiro.

¹³⁸⁴ (RA) (JC) genero

¹³⁸⁵ (RA) Inglês (JC) Inglez

¹³⁸⁶ (RA) (JC) lh'o

¹³⁸⁷ (RA) ele (JC) elle

¹³⁸⁸ (RA) paj. (JC) ilegível

¹³⁸⁹ Tradução: “Lemos o *África* de uma ponta à outra e confirmamos o nosso juízo com o parecer de um excelente latinista, cujo nome pouco conhecido até aqui está destinado, estamos certos, a ocupar um lugar no templo da fama...”.

¹³⁹⁰ (RA) portuguais

¹³⁹¹ (RA) erudition

¹³⁹² Tradução: “Sr. de Moura, português. Seríamos ingratos se não reconheçêssemos o quanto devemos à sua erudição clássica e à delicadeza do seu gosto”. Toda a parte em francês está ilegível no *Jornal do Commercio*.

¹³⁹³ (RA) Cativou-me (JC) Captivou-me

¹³⁹⁴ (RA) (JC) cortezia

¹³⁹⁵ (RA) (JC) correspondencia

como o que tinha decorrido do ano¹³⁹⁶ de 1821 ao de 1841, época em que foi publicada a obra atrás citada, e sabendo que residia em França e na Normandia, não lhe quis ficar em dívida¹³⁹⁷, escrevi-lhe dando os devidos agradecimentos pelo bom conceito que havia feito do meu medíocre¹³⁹⁸ talento, e tive em resposta a carta que aqui junto, e que me animo, apesar do mal¹³⁹⁹ estado em que a achei, a pôr na augusta presença de Vossa Majestade Imperial, em justificação do que deixo dito e em retorno das mercês, que de Vossa Majestade¹⁴⁰⁰ Imperial estou continuamente recebendo, e também¹⁴⁰¹ por entender que no porvir poderá redundar em glória da pátria¹⁴⁰², de que sempre me prezei ser filho.

Pondo fim a este incidente que veio cortar a narração que ia fazendo de minha vida já medica, já literária¹⁴⁰³, nesta capital, continuarei dizendo: que com a revolução que no ano¹⁴⁰⁴ de 1820 rebentou na cidade do Porto e se estendeu por todo Portugal, me duplicou-se¹⁴⁰⁵ a freguesia¹⁴⁰⁶, em razão do grande número de fidalgos e de pessoas de distinção¹⁴⁰⁷ que, por não quererem prestar juramento às¹⁴⁰⁸ Côrtes, se passaram para esta Capital, muitas das quais eram¹⁴⁰⁹ já do meu conhecimento ; a estas juntaram-se¹⁴¹⁰ outras, que se tinham ausentado do Brasil por ocasião dos acontecimentos que motivaram¹⁴¹¹ a partida do Augusto Avô de Vossa Majestade¹⁴¹² Imperial, o Sr. Rei D. João VI. A todas assisti quando enfermas¹⁴¹³, com o maior desvelo e ainda assim sobrava-me tempo para ir ouvir as lições de agricultura do célebre¹⁴¹⁴ Thouin, e para copiar o *Theatrum Lusitanae Litterarum* de João Soares de Brito, que nunca se imprimiu e cujo manuscrito original se acha nesta biblioteca¹⁴¹⁵, e muito mais faria, que estava então no verão da vida e achava-me com forças para resistir ao trabalho e à miséria¹⁴¹⁶, a qual,

¹³⁹⁶ (RA) ano (JC) ano

¹³⁹⁷ (RA) (JC) dívida

¹³⁹⁸ (RA) (JC) medíocre

¹³⁹⁹ (RA) apesar do mau (JC) apesar do mau

¹⁴⁰⁰ (RA) Majestade [...] Majestade (JC) Magestade [...] Magestade

¹⁴⁰¹ (RA) (JC) também

¹⁴⁰² (RA) (JC) glória da pátria

¹⁴⁰³ (RA) literaria (JC) litteraria

¹⁴⁰⁴ (RA) ano (JC) anno

¹⁴⁰⁵ (RA) (JC) duplicou-se-me

¹⁴⁰⁶ (RA) freguezia (JC) [ilegível]

¹⁴⁰⁷ (RA) numero [...] pessoas de distinção (JC) numero [...] pessoas de distincção

¹⁴⁰⁸ (RA) (JC) às

¹⁴⁰⁹ (RA) quais eram (JC) quaes erão

¹⁴¹⁰ (RA) juntaram-se (JC) juntarão-se

¹⁴¹¹ (RA) motivaram (JC) motivarão

¹⁴¹² (RA) Majestade (JC) Magestade

¹⁴¹³ (RA) enfermas (JC) enfermo

¹⁴¹⁴ (RA) (JC) celebre

¹⁴¹⁵ (RA) imprimiu [...] manuscrito orijinal [...] biblioteca (JC) imprimio [...] manuscripto original [...] bibliotheca

¹⁴¹⁶ (RA) (JC) á miseria

ainda mal! me estava reservada para o inverno dela¹⁴¹⁷, se Vossa Majestade Imperial se não dignara¹⁴¹⁸ ocupar-me em tão honesto ócio¹⁴¹⁹.

Era entre os fidalgos portugueses que naquele tempo residiam em Paris¹⁴²⁰, o Conde de Linhares, o único¹⁴²¹ com quem não tinha tido ainda relações, mas uma noite, estando já para deitar-me, veio-me recado do Visconde de Asseca que sem demora fosse à¹⁴²² casa do Conde, que tendo uma menina doente, a quem assistia o Doutor Lagneau, desejava grandemente ouvir o meu parecer. Dado que sempre tive grande repugnância¹⁴²³ em meter a mão em seara¹⁴²⁴ alheia, por contemplação pelo Visconde, de quem havia tantos anos que era amigo, fui à¹⁴²⁵ casado Conde de Linhares e tendo examinado a menina, que teria de idade ao redor de quinze meses¹⁴²⁶, declarei era a doença uma encefalite¹⁴²⁷, que por se achar muito adiantada me parecia irremissivelmente mortal.

No dia seguinte conferenciei com o Dr. Lagneau e como desconcertássemos¹⁴²⁸ sobre a diagnoses¹⁴²⁹, por isso que ele sustentava uma mera congestão, ocasionada¹⁴³⁰ pela dificuldade da dentição, foi mister¹⁴³¹ chamar-se outro facultativo, e ambos nos louvamos no célebre¹⁴³² Dupuytren, tão ante-tempo¹⁴³³ roubado ao mundo e às ciências médicas¹⁴³⁴, o qual como consentisse comigo e fosse¹⁴³⁵ do mesmo parecer no concernente à¹⁴³⁶ gravidade, da doença, pediu-lhe¹⁴³⁷ o Conde continuasse a visitar a doente ao que ele anuiu¹⁴³⁸ com a declaração que dali em diante se entenderia comigo¹⁴³⁹; assim que trocadas as vezes de conferente, que era,

¹⁴¹⁷ (RA) *d'ela* (JC) *della*

¹⁴¹⁸ (RA) *Majestade* [...] *dignára* (JC) *Magestade* [...] *dignára*

¹⁴¹⁹ (RA) *ocio* (JC) [ilegível]

¹⁴²⁰ (RA) *portugueses que naquele* [...] *residiam em Paris* (JC) *portuguezes que naquelle* [...] *residião em Pariz*

¹⁴²¹ (RA) (JC) *unico*

¹⁴²² (RA) (JC) *à*

¹⁴²³ (RA) *repugnancia* (JC) [ilegível]

¹⁴²⁴ (RA) *meter* [...] *seára* (JC) *metter* [...] *seára*

¹⁴²⁵ (RA) (JC) *à*

¹⁴²⁶ (RA) *mêses* (JC) *mezes*

¹⁴²⁷ (RA) *encefalite* (JC) *encephalite*

¹⁴²⁸ (RA) (JC) *desconcertassemos*

¹⁴²⁹ (RA) (JC) *diagnosis*

¹⁴³⁰ (RA) *ele* [...] *conjestão, ocasionada* (JC) *ele* [...] *congestão, ocasionada*

¹⁴³¹ (RA) *dificuldade* [...] *mistér* (JC) *difficuldade* [...] *mistér*

¹⁴³² (RA) (JC) *celebre*

¹⁴³³ (RA) (JC) *ante-tempo*

¹⁴³⁴ (RA) *às ciencias medicas* (JC) *às sciencias medicas*

¹⁴³⁵ (RA) *comigo e fôsse* (JC) *commigo e fosse*

¹⁴³⁶ (RA) (JC) *à*

¹⁴³⁷ (RA) *pediu-lhe* (JC) *pedio-lhe*

¹⁴³⁸ (RA) *ele* [...] *anuiu* (JC) *elle* [...] *annuiu*

¹⁴³⁹ (RA) *dali* [...] *comigo* (JC) *dali* [...] *commigo*

passsei a ser médico¹⁴⁴⁰ assistente. Saiu¹⁴⁴¹, porém, desgraçadamente certo o meu prognóstico¹⁴⁴², vindo a menina a falecer¹⁴⁴³.

Insisti neste incidente por fazer a meu propósito¹⁴⁴⁴, pois que das relações que por ocasião dele¹⁴⁴⁵ tive com o Conde procedeu a minha partida para Portugal, como passo a referir.

O ano de 1821, havia deixado o Brasil¹⁴⁴⁶ prenhe de acontecimentos que deviam decretoriamente, no que se lhe seguiu¹⁴⁴⁷ de 1822, abrir a porta a uma nova ordem de coisas, o que com efeito se verificou, sendo aclamado¹⁴⁴⁸ Imperador o Augusto Pai de Vossa Majestade¹⁴⁴⁹ Imperial, o Senhor D. Pedro I, Como porém fosse indispensável¹⁴⁵⁰ para a consolidação da dita nova ordem de coisas¹⁴⁵¹, o reconhecimento das diversas potências¹⁴⁵² da Europa, o Comendador Domingos Borges de Barros, que nesse tempo se achava nesta Capital, tomou sobre si o diligenciar¹⁴⁵³, ao princípio de seu próprio¹⁴⁵⁴ moto e logo depois oficialmente¹⁴⁵⁵. Era eu assíduo em casa d'esse meu patricio¹⁴⁵⁶, e logo que foi publicada a Constituição não me descuidei de dar o meu nome, para que no porvir se não pudesse duvidar de minha naturalidade; via também a miúdo¹⁴⁵⁷, o Conde de Linhares, o qual, como fosse apaixonadíssimo¹⁴⁵⁸ da agricultura, folgava de me ouvir discorrer sobre os novos métodos¹⁴⁵⁹ de aproveitar e beneficiar as terras e sobre os instrumentos de lavoura adotados em França, e eu também¹⁴⁶⁰ não deixava de achar grande sabor em aprender dele o como se haviam¹⁴⁶¹ com seus prados artificiais os industriais¹⁴⁶² habitantes da Lombardia; que havia o Conde sido Ministro de Portugal em Turim, como havia sido seu pai o benemérito¹⁴⁶³ D. Rodrigo de Souza

¹⁴⁴⁰ (RA) (JC) *medico*

¹⁴⁴¹ (RA) *Saiu* (JC) *Sahio*

¹⁴⁴² (RA) (JC) *prognostico*

¹⁴⁴³ (RA) *falecer* (JC) *fallecer*

¹⁴⁴⁴ (RA) (JC) *proposito*

¹⁴⁴⁵ (RA) *ocasião d'ele* (JC) *occasione delle*

¹⁴⁴⁶ (RA) *ano [...]* Brasil (JC) *anno [...]* Brazil

¹⁴⁴⁷ (RA) *seguuiu* (JC) *seguio*

¹⁴⁴⁸ (RA) *coisas [...]* *efeito [...]* *aclamado* (JC) *cousas [...]* *effeito [...]* *acclamado*

¹⁴⁴⁹ (RA) *Majestade* (JC) *Magestade*

¹⁴⁵⁰ (RA) (JC) *indispensavel*

¹⁴⁵¹ (RA) *coisas* (JC) *cousas* ,

¹⁴⁵² (RA) (JC) *potencias*

¹⁴⁵³ (RA) *dilijenciar* (JC) *diligenciar*

¹⁴⁵⁴ (RA) (JC) *principio [...]* *proprio*

¹⁴⁵⁵ (RA) *oficialmente* (JC) *officialmente*

¹⁴⁵⁶ (RA) *assiduo [...]* *d'esse meu patricio* (JC) *assiduo [...]* *desse meu patricio*

¹⁴⁵⁷ (RA) (JC) *tambem a miudo*

¹⁴⁵⁸ (RA) (JC) *apaixonadissimo*

¹⁴⁵⁹ (RA) *metodos* (JC) *methodos*

¹⁴⁶⁰ (RA) *adotados [...]* *tambem* (JC) *adoptados [...]* *tambem*

¹⁴⁶¹ (RA) *d'ele [...]* *se haviam* (JC) *delle [...]* *se havião*

¹⁴⁶² (RA) *artificiais os industriais* (JC) *artificiaes os industriaes*

¹⁴⁶³ (RA) (JC) *benemerito*

Coutinho, mais conhecido em Lisboa, ele¹⁴⁶⁴ e seus descendentes¹⁴⁶⁵, com o malsoante apelido¹⁴⁶⁶ de *Roe-Vides*.

Da consonância que reinava em nossas praticas¹⁴⁶⁷, se derivou certa intimidade; de sorte que veio o Conde a confiar-me o grande apuro em que se achava, não recebendo de sua casa coisa¹⁴⁶⁸ de monta, por culpa de um irmão, a quem havia confiado a administração e governo dela em sua ausência¹⁴⁶⁹, e a necessidade que tinha de mandar alguém¹⁴⁷⁰ a Lisboa para remir-se daquele¹⁴⁷¹ aperto, e ajuntou, que não achando um sujeito mais idôneo que eu, para semelhante incumbência¹⁴⁷², por isso se havia animado a falar-me naquele assunto¹⁴⁷³. Escusei-me com as ocupações¹⁴⁷⁴ da minha profissão e com o prejuízo que devia necessariamente resultar de minha ausência¹⁴⁷⁵, por curta que fosse, e com isso me despedi.

Passados dias, achando-me com o nosso Agente¹⁴⁷⁶ Domingos Borges de Barros, contei-lhe quanto havia passado com o Conde e a proposta que me tinha sido por ele feita. “Andou mal em não estar por ela¹⁴⁷⁷, tornou-me o Borges que podia fazer à Pátria um assinalado serviço¹⁴⁷⁸.

Arma-se em Portugal contra o Brasil¹⁴⁷⁹, e tenho grande necessidade de saber em que pé estão ali as coisas¹⁴⁸⁰ e de entender-me com o nosso Agente¹⁴⁸¹ o Dr. Clemente.” Salteei-me com a observação e reparo do Borges, e o desejo bem conatural de ser útil¹⁴⁸² aos meus, de concorrer com minhas diligências¹⁴⁸³ para o reconhecimento da independência¹⁴⁸⁴ da minha nação e pátria, fez que me descendo¹⁴⁸⁵ do meu primeiro proposito, desse bom grado à fortuna

¹⁴⁶⁴ (RA) Lisboa, ele (JC) Lisboa, elle

¹⁴⁶⁵ (RA) decedentes (JC) descendentes

¹⁴⁶⁶ (RA) malsoante apelido (JC) mal-soante apellido

¹⁴⁶⁷ (RA) (JC) consonancia [...] praticas

¹⁴⁶⁸ (RA) coisa (JC) cousa

¹⁴⁶⁹ (RA) d'ela [...] ausencia (JC) della [...] ausencia

¹⁴⁷⁰ (RA) (JC) alguem

¹⁴⁷¹ (RA) d'aquale (JC) daquelle

¹⁴⁷² (RA) (JC) idoneo [...] incumbencia

¹⁴⁷³ (RA) falar-me naquele assunto (JC) fallar-me naquelle assumpto

¹⁴⁷⁴ (RA) ocupações (JC) ocupações

¹⁴⁷⁵ (RA) (JC) prejuizo [...] ausencia

¹⁴⁷⁶ (RA) Ajente (JC) Agente

¹⁴⁷⁷ (RA) ele [...] ela (JC) elle [...] ella

¹⁴⁷⁸ (RA) á Patria um assinalado (JC) á Patria um assinalado

¹⁴⁷⁹ (RA) Brasil (JC) Brazil

¹⁴⁸⁰ (RA) ali as coisas (JC) alli as cousas

¹⁴⁸¹ (RA) Ajente (JC) Agente

¹⁴⁸² (RA) conatural [...] util (JC) comnatural [...] util

¹⁴⁸³ (RA) dilijencias (JC) diligencias

¹⁴⁸⁴ (RA) (JC) independencia

¹⁴⁸⁵ (RA) pátria [...] decendo-me (JC) patria [...] descendo me

da ocasião tão bem ensejada que me oferecia¹⁴⁸⁶ para o pôr em efeito, e repisando o Conde a mesma matéria¹⁴⁸⁷ por diversas vezes, fiz-me primeiro de rogar e por fim fingi ceder, movido de suas instâncias¹⁴⁸⁸.

De tudo foi informado o Borges, que sem tardar tratou de fazer prestes os despachos.

Como, porém,¹⁴⁸⁹ podia tornar-me suspeito se viajasse com passaporte brasileiro, não sendo o nosso Agente oficialmente¹⁴⁹⁰ reconhecido, fui ter com José Maria de Brito, que acabava de ser acreditado ao pé d'El-Rei de França, na qualidade de Enviado Extraordinário¹⁴⁹¹ de Portugal, por ocasião do falecimento do Marquês¹⁴⁹² de Marialva.

Era-lhe eu bem aceito e como soubesse passava a Portugal a negócios¹⁴⁹³ do Conde de Linhares, cunhado do Marquês¹⁴⁹⁴ de Palmella¹⁴⁹⁵, então encarregado da pasta dos Negócios Estrangeiros¹⁴⁹⁶, deu-se pressa em me mandar lavrar o passaporte, ajuntando que me¹⁴⁹⁷ mandava passar como encarregado de despachos para o Marquês¹⁴⁹⁸ de Palmella. Embacei quando tal lhe ouvi dizer e, quase que me vieram vágados¹⁴⁹⁹; mas já não havia tornar atrás, lançado tinha os dados e era forçoso contentar-me com a má sorte que havia saído e de aceitar¹⁵⁰⁰, de bom ou de mau grado, os despachos da Legação Portuguesa, os quais me chegaram à¹⁵⁰¹ mão pouco depois de haver arrecadado no entreforro de um vestido decote¹⁵⁰² os do nosso Agente¹⁵⁰³.

¹⁴⁸⁶ (RA) *proposito* [...] *dêsse* [...] *á* [...] *ocasião* [...] *oferecia* (JC) *proposito* [...] *dêsse* [...] *á* [...] *ocasião* [...] *offerecia*

¹⁴⁸⁷ (RA) *efeito, e repisando* [...] *materia* (JC) *effeito, e repisando* [...] *matéria*

¹⁴⁸⁸ (RA) *finji* [...] *instancias* (JC) *finji* [...] *instancias*

¹⁴⁸⁹ (RA) *Como porém,* (JC) *Como, porém,*

¹⁴⁹⁰ (RA) *brasileiro* [...] *Ajente oficialmente* (JC) *brazileiro* [...] *Agente oficialmente*

¹⁴⁹¹ (RA) (JC) *Extraordinario*

¹⁴⁹² (RA) *ocasião do falecimento do Marquez* (JC) *ocasião do fallecimento do Marquez*

¹⁴⁹³ (RA) (JC) *negocios*

¹⁴⁹⁴ (RA) (JC) *Marquez*

¹⁴⁹⁵ Pedro de Sousa Holstein 1781-1850, Duque de Palmela, foi um soldado e estadista português durante a monarquia. Representou o país no Congresso de Viena e serviu como Ministro das Relações Exteriores e Primeiro Ministro (1834-35, 1842 e 1846). Primeiro Conde de Palmela (1812), primeiro Marquês de Palmela (1823), primeiro Duque de Palmela (1850). Foi também o primeiro duque do Faial (1833). Ver: Dias, F. A. (2017). D. Alexandre de Sousa e Holstein e a cultura lusitana numa Roma em ebulição (1790-1803). *Antíteses*, 10(20), 700–728. <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2017v10n20p700>.

¹⁴⁹⁶ (RA) *Negocios Estranjeiros* (JC) *Negocios Estrangeiros*

¹⁴⁹⁷ (RA) (JC) *m'o*

¹⁴⁹⁸ (RA) (JC) *Marquez*

¹⁴⁹⁹ (RA) *quasi* [...] *vieram vágados* (JC) *quasi* [...] *vierão vágados*

¹⁵⁰⁰ (RA) *saído e de aceitar* (JC) *sahido, e aceitar,*

¹⁵⁰¹ (RA) *Portuguêsa, os quais me chegaram á* (JC) *Portuguêsa, os quaes me chegarão á*

¹⁵⁰² (RA) (JC) *entre-forro* [...] *decóte*

¹⁵⁰³ (RA) *Ajente* (JC) *Agente*

Deu-me o Conde cartas para o Marquês¹⁵⁰⁴ e mais parentes, e o Borges para os seus amigos, e parti para Lisboa no princípio¹⁵⁰⁵ de Maio de 1824.

Chegando aos Açores, soubemos por um navio que havia pouco que largara¹⁵⁰⁶ de Lisboa¹⁵⁰⁷, dos acontecimentos ocorridos naquela corte¹⁵⁰⁸ o mês antecedente, da prisão do Marquês¹⁵⁰⁹ de Palmella e Conde de Suberra, porém quando lá chegamos¹⁵¹⁰ tudo se achava reposto no antigo pé.

O que não obstante, logo que veio a bordo a visita, tratei de descativar-me do desassossego¹⁵¹¹ e inquietação, que me causava a nobre missão de que a meu pesar¹⁵¹² me achava encarregado, entregando ao oficial¹⁵¹³, que a acompanhava, os Despachos do Brito para o Marquês¹⁵¹⁴, e desembarcando, fui-me¹⁵¹⁵ alojar em casa de um amigo o Visconde de Asseca¹⁵¹⁶, que me recebeu nos braços.

De indústria tinha feito a escolha do palácio¹⁵¹⁷ do Visconde para residir, por entender que para concluir com brevidade os negócios¹⁵¹⁸ de que ia incumbido, era da maior importância¹⁵¹⁹ poder desviar os azos a familiaridades com o irmão do Conde, coisa que seria impossível¹⁵²⁰ evitar, se fosse morar com ele. Fui-o todavia visitar logo no outro dia, entreguei-lhe as cartas do Conde e o mesmo fiz ao Marquês¹⁵²¹ de Palmella. Isto feito, tratei de conferir com o Dr. Clemente, nosso Agente¹⁵²² secreto, e para atalhar suspeitas e arredar quaisquer inconvenientes, em um bilhete que lhe fiz entregar em mão própria¹⁵²³, pedi-lhe me destinasse tempo e lugar¹⁵²⁴, onde lhe pudesse falar só por só. Assinalou-me ele para esse efeito¹⁵²⁵ certa casa da travessa da Palha, onde com efeito, o encontrei no dia e hora apazada; entreguei-lhe os

¹⁵⁰⁴ (RA) (JC) *Marquez*

¹⁵⁰⁵ (RA) (JC) *principio*

¹⁵⁰⁶ (RA) (JC) *largára*

¹⁵⁰⁷ (RA) *Lisbôa* (JC) *Lisboa*

¹⁵⁰⁸ (RA) *ocorridos naquela côrte o mês* (JC) *occorridos naquella côrte o mêz*

¹⁵⁰⁹ (RA) (JC) *Marquez*

¹⁵¹⁰ (RA) (JC) *chegámos*

¹⁵¹¹ (RA) (JC) *desasocego*

¹⁵¹² (RA) (JC) *pezar*

¹⁵¹³ (RA) *oficial* (JC) *official*

¹⁵¹⁴ (RA) (JC) *Marquez*

¹⁵¹⁵ (RA) *fui-me* (JC) *fuime*

¹⁵¹⁶ (RA) (JC) *d'Asseca*

¹⁵¹⁷ (RA) (JC) *industria [...] palacio*

¹⁵¹⁸ (RA) (JC) *negocios*

¹⁵¹⁹ (RA) (JC) *importancia*

¹⁵²⁰ (RA) *coisa [...] impossivel* (JC) *cousa [...] impossivel*

¹⁵²¹ (RA) (JC) *Marquez*

¹⁵²² (RA) *Ajente* (JC) *Agente*

¹⁵²³ (RA) (JC) *propria*

¹⁵²⁴ (RA) *logar* (JC) *lugar*

¹⁵²⁵ (RA) *Assinalou-me ele [...] efeito* (JC) *Assignalou-me elle [...] effeito*

Despachos e informei-me do estado em que se achava a Armada, que, segundo a voz publica, estavam as Cortes¹⁵²⁶ aprestando para reconquistar o Brasil¹⁵²⁷. Outras muitas conferências tive com aquele nosso Agente¹⁵²⁸ na mesma habitação e ao depois vim a saber, e conquanto sejam¹⁵²⁹ passados bons anos, ainda me pejo¹⁵³⁰ de o dizer, era uma das casas de jogo das mais afamadas daquela¹⁵³¹ capital, onde ele era certo.

A volta destas vistas e conferências ia eu correndo com os negócios¹⁵³² do Conde, para a conclusão dos quais, os únicos¹⁵³³ estorvos, que encontrava, nasciam¹⁵³⁴ da má vontade do irmão do próprio¹⁵³⁵ Conde, o qual tratava com dilações de me desesperar de levar avante o objeto¹⁵³⁶ principal para que era vindo, não sendo ele¹⁵³⁷, outro senão o de libertar o Conde dos empenhos que em França havia contraído¹⁵³⁸. O dissabor que me causava o desprimor, com que para comigo¹⁵³⁹ se havia, se compensava com o agasalho¹⁵⁴⁰ e agrado, com que era recebido por quantos me haviam conhecido em Paris¹⁵⁴¹, que era uma boa parte da nobreza, sendo convidado a seus serões e assembleias¹⁵⁴².

Verdade é que não achava neles¹⁵⁴³ grande sabor, por isso que as mais das vezes versava a conversação sobre o casamento do Sr. D. e o enxoval bonito que levava e outros assuntos¹⁵⁴⁴ familiares e caseiros. Os dois únicos passatempos que estavam¹⁵⁴⁵ então em voga eram¹⁵⁴⁶ o da manilha ou voltarete e o das charadas, e como tudo fosse jogo, quis antes ser parceiro, nos de espírito, que nos de azar; assim que, também¹⁵⁴⁷ algumas fiz, cuja soltura de indústria tornei

¹⁵²⁶ (RA) publica, estavam as Côrtes (JC) publica, estavam as Côrtes

¹⁵²⁷ (RA) Brasil (JC) Brazil

¹⁵²⁸ (RA) conferencias [...] aquele [...] Ajente (JC) conferencias [...] aquella [...] Agente

¹⁵²⁹ (RA) comquanto sejam (JC) com quanto sejam

¹⁵³⁰ (RA) anos [...] péjo (JC) annos [...] pejo

¹⁵³¹ (RA) d'aquela (JC) daquella

¹⁵³² (RA) d'estas [...] conferencias [...] negocios (JC) destas [...] conferencias [...] negocios

¹⁵³³ (RA) quais, os unicos (JC) quaes, os unicos

¹⁵³⁴ (RA) naciã (JC) nacião

¹⁵³⁵ (RA) (JC) proprio

¹⁵³⁶ (RA) objeto (JC) objecto

¹⁵³⁷ (RA) ele (JC) elle

¹⁵³⁸ (RA) contraído (JC) contrahido

¹⁵³⁹ (RA) comigo (JC) commigo

¹⁵⁴⁰ (RA) (JC) agazalho

¹⁵⁴¹ (RA) haviam [...] Paris (JC) havião [...] Paris

¹⁵⁴² (RA) (JC) assembléas

¹⁵⁴³ (RA) neles (JC) nelles

¹⁵⁴⁴ (RA) levára [...] assuntos (JC) levára [...] assumptos

¹⁵⁴⁵ (RA) dois unicos passa-tempos que estavam (JC) dous unicos passa-tempos que estavam

¹⁵⁴⁶ (RA) vóga eram (JC) voga erão

¹⁵⁴⁷ (RA) espirito [...] tambem (JC) espirito [...] tambem

óbvia e fácil¹⁵⁴⁸ por me acomodar à inteligência das senhoras e também¹⁵⁴⁹ porque o em que punha principalmente o fito era em dar-lhes um molde de como as deviam¹⁵⁵⁰ fazer.

A maior parte dessas nugas literárias com as viagens¹⁵⁵¹ e mudanças de casa, levaram¹⁵⁵² sumiço, e as que encontrei, revolvendo papéis, são tais¹⁵⁵³, que acho, não merecem nenhum¹⁵⁵⁴ emprego de olhos, por serem obras de improviso, e não de sobremão, assim que me não atrevo a levá-las à¹⁵⁵⁵ augusta presença de Vossa Majestade¹⁵⁵⁶ Imperial, salvo se assim me¹⁵⁵⁷ mandar.

Tornando à narração dos negócios¹⁵⁵⁸ do Conde de Linhares, cujo fio se ia desatando, direi que, desesperando de¹⁵⁵⁹ lhes ver fim feliz, servindo-me da procuração de que vinha munido, obriguei o irmão a vender o trigo que daquela¹⁵⁶⁰ colheita se achava debulhado e limpo e juntando a importância desta¹⁵⁶¹ venda a do ordenado de um ano de Enviado Extraordinário¹⁵⁶² de que o Conde estava por pagar, e que vim a alcançar por intervenção do Marquês de Palmella, resolvi regressar para Paris. Ao despedir-me do Marquês¹⁵⁶³, depois de me louvar pelo zelo com que me tinha havido nos negócios¹⁵⁶⁴ de seu cunhado, perguntou-me se para mim não queria nada, nem ao menos uma fita? Ao que lhe tornei: Estivesse S. Ex. certo que em tendo rendido ao Estado algum serviço, não me descuidaria de me prevalecer da boa vontade que me mostrava, e com isto me parti, e dentro em poucos dias de Lisbôa sem levar desta¹⁵⁶⁵ feita outros despachos, senão os que em particular me havia entregue o Dr. Clemente para o Comendador Domingos Borges de Barros.

Logo que fui chegado ao Havre, tive cartas do Conde que ansioso¹⁵⁶⁶ me estava esperando, que me recebeu com todas as demonstrações de agrado e de satisfação pelo serviço que lhe havia feito e não ficou menos satisfeito o Borges, com as novas que lhe dei, da frouxidão

¹⁵⁴⁸ (RA) (JC) *industria* [...] *obvia e facil*

¹⁵⁴⁹ (RA) *acomodar á inteligência* [...] *tambem* (JC) *acomodar á inteligência* [...] *tambem*

¹⁵⁵⁰ (RA) *deviam* (JC) *devião*

¹⁵⁵¹ (RA) (JC) *d'essas nugas literarias com as viagens*

¹⁵⁵² (RA) *levaram* (JC) *levarão*

¹⁵⁵³ (RA) *papeis* [...] *tais* (JC) *papeis* [...] *taes*

¹⁵⁵⁴ (RA) *nenhum* (JC) *nem um*

¹⁵⁵⁵ (RA) *leval-as á* (JC) *leva-las á*

¹⁵⁵⁶ (RA) *Majestade* (JC) *Magestade*

¹⁵⁵⁷ (RA) (JC) *m'ô*

¹⁵⁵⁸ (RA) (JC) *á* [...] *negocios*

¹⁵⁵⁹ (RA) *de* (JC) *do*

¹⁵⁶⁰ (RA) *d'aquela* (JC) *daquella*

¹⁵⁶¹ (RA) *a importancia d'esta* (JC) *á importancia desta*

¹⁵⁶² (RA) (JC) *Extraordinario*

¹⁵⁶³ (RA) (JC) *Marquez* [...] *Marquez*

¹⁵⁶⁴ (RA) (JC) *negocios*

¹⁵⁶⁵ (RA) *Lisbôa* [...] *d'esta* (JC) *Lisboa* [...] *desta*

¹⁵⁶⁶ (RA) (JC) *ancioso*

e desleixo, que observara nos que corriam¹⁵⁶⁷ com os aprestos da armada, de que soavam¹⁵⁶⁸ tão grandes espantos e de que era opinião geral que todas aquelas¹⁵⁶⁹ bravatas e carrancas de ousadia, a nada mais armavam, que atemorizar-nos¹⁵⁷⁰, para virmos quanto antes a concerto, como ao depois se verificou.

Tendo dado conta de uma e outra missão, converti-me outra vez à prática¹⁵⁷¹ da Medicina, no que não foram de tão pouco vulto, as dificuldades¹⁵⁷² com que tive de lutar por se terem afreguesado com outros médicos as famílias¹⁵⁷³, de cuja saúde estava acostumado a tratar; foi-me forçoso viver com grandíssimo registro na despesa¹⁵⁷⁴, regrando-me pelo que tinha. Entretanto não descontinuava o Conde, que se dispunha para partir com brevidade, de solicitar-me para que fosse em sua companhia, punha-me diante a olhos de uma parte a vida precária¹⁵⁷⁵ afadigosa que passava, e desamparo em que ficariam¹⁵⁷⁶ meus filhos, se por desgraça viesse a falecer, da outra, os úteis¹⁵⁷⁷ que podia colher da administração de sua casa e herdades, beneficiando-as e granjeando-as¹⁵⁷⁸, e pondo em execução os preceitos agronômicos¹⁵⁷⁹ que ouvira. Estas e outras razões que tão bem me soavam¹⁵⁸⁰ nos ouvidos, antes da minha ida a Lisboa, neles embaçavam¹⁵⁸¹ depois que de lá me tornara¹⁵⁸²; que não era já para Portugal que o coração me chamava, mas sim para a Pátria¹⁵⁸³, de que havia tão largo tempo que me achava arredado: e para onde já se me antolhava que tornava.

Que facilmente aos olhos se figura

Aquilo¹⁵⁸⁴ que se junta no desejo.

¹⁵⁶⁷ (RA) *observara* [...] *corriam* (JC) *observára* [...] *corrião*

¹⁵⁶⁸ (RA) *soavam* (JC) *soavão*

¹⁵⁶⁹ (RA) *aquelas* (JC) *aquellas*

¹⁵⁷⁰ (RA) *Armavam* [...] *atemorizar-nos* (JC) *Armavão* [...] *atemorizar-nos*

¹⁵⁷¹ (RA) (JC) *á pratica*

¹⁵⁷² (RA) *foram* [...] *dificuldades* (JC) *forão* [...] *difficuldades*

¹⁵⁷³ (RA) (JC) *afreguezado* [...] *medicos as familias*

¹⁵⁷⁴ (RA) *forçoso* [...] *grandissimo registro na despesa* (JC) *forçoso* [...] *grandissimo registro na despesa*

¹⁵⁷⁵ (RA) (JC) *precária*

¹⁵⁷⁶ (RA) *ficariam* (JC) *ficarião*

¹⁵⁷⁷ (RA) *falecer* [...] *uteis* (JC) *fallecer* [...] *uteis*

¹⁵⁷⁸ (RA) *granjeando-as* (JC) *grangeando-as*

¹⁵⁷⁹ (RA) (JC) *agronomicos*

¹⁵⁸⁰ (RA) *soavam* (JC) *soavão*

¹⁵⁸¹ (RA) *Lisbôa, neles embaçavam* (JC) *Lisboa, nelles embaçavão*

¹⁵⁸² (RA) (JC) *tornára*

¹⁵⁸³ (RA) (JC) *Patria*

¹⁵⁸⁴ (RA) *Aquilo* (JC) *Aquillo*

Esforçavam-se¹⁵⁸⁵ mais os meus na esperança que me assistia, de que tendo o Borges de mandar em breve ao Rio de Janeiro alguém¹⁵⁸⁶ com despachos, não deixaria de fazer eleição de mim, já pela amizade que me mostrava, já pela prova que lhe havia dado de meu zelo e eficácia no desempenho daquilo¹⁵⁸⁷ de que me encarregava. Nessa expectativa¹⁵⁸⁸ estava, quando me certificaram tinha aquele nosso agente¹⁵⁸⁹ nomeado para aquela¹⁵⁹⁰ missão a um filho seu bastardo. Abrasei-me em cólera¹⁵⁹¹ no primeiro súbito¹⁵⁹² com uma nova que afundava as minhas mais caras esperanças e quase¹⁵⁹³ que disse mil leis do Borges, mas logo depois tornando sobre mim e pondo os olhos nos filhos que ao redor de mim brincavam, escusei-lhe a parcialização¹⁵⁹⁴, com que naquela ocasião¹⁵⁹⁵ se havia por amor do seu. O desejo depois de arrumar os meus, as solicitações do Conde, as instâncias¹⁵⁹⁶ de minha mulher, a quem a Condessa havia ganhado à vontade, e mais que tudo, o despeito de ver tão mal galardoados os serviços, que acabava de prestar, demovendo-me de meu primeiro propósito, me impeliram¹⁵⁹⁷ a aceitar as proposições do Conde em cuja companhia parti em Outubro de 1824.

Em chegando a Lisbôa¹⁵⁹⁸, abalei para as fazendas do fidalgo, situadas no Ribatejo, a 2 léguas¹⁵⁹⁹ de Santarém e a pequena distância de Alpiarça, lugarejo¹⁶⁰⁰ que não achei nomeado nos escritores portugueses¹⁶⁰¹, tirando por Gaspar Barreiros, que em sua corografia¹⁶⁰² tratando de Almeireim¹⁶⁰³, diz era bastecido de toda a sorte de volateria e de pescado pelo rio de¹⁶⁰⁴ Alpiarça, o qual é uma mera vala¹⁶⁰⁵; e Garcia de Rezende, na crônica¹⁶⁰⁶ de D. João II, referindo como aquele monarca, sendo ainda príncipe¹⁶⁰⁷, vindo um dia de Santarém, ao passar

¹⁵⁸⁵ (RA) *Esforçavam-se* (JC) *Esforçavam-se*

¹⁵⁸⁶ (RA) (JC) *alguem*

¹⁵⁸⁷ (RA) *zelo e eficacia no desempenho d'aquilo* (JC) *zêlo e efficacia [...] daquillo*

¹⁵⁸⁸ (RA) *expectativa* (JC) *espectativa*

¹⁵⁸⁹ (RA) *certificaram [...] aquele [...] ajente* (JC) *certificação [...] aquelle [...] agente*

¹⁵⁹⁰ (RA) *aquela* (JC) *aquella*

¹⁵⁹¹ (RA) *Abrasei-me em colera* (JC) *Abrazei-me em colera*

¹⁵⁹² (RA) (JC) *subito*

¹⁵⁹³ (RA) (JC) *quasi*

¹⁵⁹⁴ (RA) *brincavam [...] parcialização* (JC) *brincavam [...] parcialisação*

¹⁵⁹⁵ (RA) *naquela [...]* (JC) *naquela ocasião*

¹⁵⁹⁶ (RA) (JC) *instancias*

¹⁵⁹⁷ (RA) *proposito, me impeliram* (JC) *proposito, me impelirão*

¹⁵⁹⁸ (RA) *Lisbôa* (JC) *Lisboa*

¹⁵⁹⁹ (RA) (JC) *leguas*

¹⁶⁰⁰ (RA) (JC) *distancia [...]* *logarejo*

¹⁶⁰¹ (RA) *escritores portugueses* (JC) *escriptores Portuguezes*

¹⁶⁰² (RA) *corografia* (JC) *corographia*

¹⁶⁰³ (RA) *Almeireim* (JC) *Almeirim*

¹⁶⁰⁴ (RA) (JC) *d'*

¹⁶⁰⁵ (RA) *méra vala* (JC) *mera valla*

¹⁶⁰⁶ (RA) *cronica* (JC) *chronica*

¹⁶⁰⁷ (RA) *aquele monarca [...]* *principe* (JC) *aquelle monarcha [...]* *principe*

pela ponte de Alpiarça ameaçara¹⁶⁰⁸ ao Cardeal da Costa de o mandar deitar dela abaixo por um dos seus moços de espora¹⁶⁰⁹. Em Janeiro do ano seguinte já ali¹⁶¹⁰ me achava instalado tanta era a ânsia que tinha de ocultar naqueles¹⁶¹¹ desvios meus enojos e mágoas¹⁶¹².

Desterrado da Pátria¹⁶¹³ por amor das letras¹⁶¹⁴, quando solteiro, e por amor dos filhos depois de casado, foi lance forçoso internar-me no estudo de agronomia, ciência¹⁶¹⁵ bem pouco conhecida dos antigos e cujos progressos são de nossos dias; assim, que não foram poucos, os que no cabo de 2 anos fizeram aquelas¹⁶¹⁶ fazendas debaixo de meu governo e direção. Os edifícios rurais que estavam¹⁶¹⁷ por terra e os que acenavam de cair, foram¹⁶¹⁸ uns concertados e outros reedificados e postos em um bom pé; as terras que estavam de pousio, foram¹⁶¹⁹ depois de analisadas, aproveitadas e afolhadas cada qual segundo a sua diversa natureza.

Melhorei a poda e amanho das vinhas e em articular o decote¹⁶²⁰ e alimpamento das oliveiras, lavor a que sempre fui presente, porque para ser bem feito requer mais conhecimentos do que de ordinário se encontra em um rude camponês¹⁶²¹. Introduzi para o aperfeiçoamento das lavras, facilidade e prontidão das colheitas, vários¹⁶²² instrumentos de agricultura, que eram ali desconhecidos, o mais notável dos quais¹⁶²³ foi um debulhador solido e grosseiro, como os que com ele deviam tratar, a que os camponeses apodaram¹⁶²⁴ trabuco, aludindo¹⁶²⁵ ao estrupido que fazia no terreiro da feira quando o trigo estava quase¹⁶²⁶ debulhado; instrumento que por sua simplicidade e barateza foi universalmente adotado por toda aquela¹⁶²⁷ vizinhança; sendo uma das mais assinaladas pegadas que nela¹⁶²⁸ deixei.

¹⁶⁰⁸ (RA) (JC) d'[...] ameaçara

¹⁶⁰⁹ (RA) d'ela [...] espóra (JC) della [...] espóra

¹⁶¹⁰ (RA) ano [...] ali (JC) anno [...] alli

¹⁶¹¹ (RA) instalado [...] ancia [...] ocultar [...] naqueles (JC) instalado [...] ancia [...] occultar [...] naquelles

¹⁶¹² (RA) maguas (JC) magoas

¹⁶¹³ (RA) (JC) Patria

¹⁶¹⁴ (RA) letras (JC) lettras

¹⁶¹⁵ (RA) ciencia (JC) sciencia

¹⁶¹⁶ (RA) foram [...] 2 anos fizeram aquelas (JC) forão [...] dous annos fizeram aquellas

¹⁶¹⁷ (RA) direção [...] edificios que estavam (JC) direcção [...] edificios que estavam

¹⁶¹⁸ (RA) acenavam de cair, foram (JC) acenavão de cahir, forão

¹⁶¹⁹ (RA) estavam [...] foram (JC) estavam [...] forão

¹⁶²⁰ (RA) (JC) póda [...] decóte

¹⁶²¹ (RA) (JC) ordinario [...] campones

¹⁶²² (RA) prontidão [...] varios (JC) promptidão [...] varios

¹⁶²³ (RA) notavel dos quais (JC) notavel dos quaes

¹⁶²⁴ (RA) deviam [...] camponeses apodaram (JC) devião [...] camponeses apodárão

¹⁶²⁵ (RA) aludindo (JC) alludindo

¹⁶²⁶ (RA) [] (JC) quase

¹⁶²⁷ (RA) adotado [...] aquela (JC) adoptado [...] aquella

¹⁶²⁸ (RA) (JC) assinaladas pégadas que nela

Com estes e outros melhoramentos acudia e respondia a terra com abundantes colheitas que tinham triplicado o rendimento anual¹⁶²⁹. Tudo prosperava e vindo o Conde passar alguns dias nas fazendas, não sabia qual admirasse mais, se a habilidade e prudência com que dava direção¹⁶³⁰ aos trabalhos, se a simplicidade e frugalidade com que vivia; sendo que me não desencontrava de um homem do campo, senão nas maneiras e no modo¹⁶³¹ com que me expressava. Mas já as herdades do Conde, que ao princípio me pareciam¹⁶³² vastas, eram um campo mui pequeno para eu poder pôr em pratica quanto tinha no pensamento, no concernente a¹⁶³³ lavoura e criação de ao: de sorte que, ambos, de concerto, arrendamos¹⁶³⁴ uma grande fazenda que com as dele¹⁶³⁵ extremava, pelo preço anual de 7¹⁶³⁶ contos de réis, sendo o Conde o rendeiro e eu o fiador, e nos dois anos seguintes foram¹⁶³⁷ as colheitas, tanto nos cereais, como nos demais gêneros¹⁶³⁸, tão copiosas, que, paga a renda, sobraram-nos¹⁶³⁹ mais de cinco contos de réis, os quais apliquei¹⁶⁴⁰ ao desempenho da casa do Conde, que se achava endividada. E, não obstante mandar-lhe eu todos os anos¹⁶⁴¹, em trigo, vinho e azeite, para cima de doze mil cruzados, todas as vezes que acertava de ir a Lisboa¹⁶⁴², achava o conde em tal aperto, que via-me necessitado, todo o tempo que ali¹⁶⁴³ me demorava, a concorrer com o dinheiro necessário¹⁶⁴⁴ para a mesa, que nunca era menos de 68400 réis, coisa¹⁶⁴⁵ que mais que muito me dissaboreava, por isso que o dinheiro que nisso despendia ficava desencaminhado de sua verdadeira aplicação¹⁶⁴⁶, que era o custeio das lavras.

No decurso desses anos havia falecido¹⁶⁴⁷ o Sr. Rei D. João VI, e havia sido exaltado ao trono¹⁶⁴⁸ o Sr. D. Pedro I, um Avô e outro Pai de Vossa Majestade Imperial; estava Portugal em paz, mas, correndo o ano de 1828, com a chegada do Sr. Infante D. Miguel, começaram¹⁶⁴⁹

¹⁶²⁹ (RA) *tinhão* [...] *anual* (JC) *tinham* [...] *annual*

¹⁶³⁰ (RA) *prudencia* [...] *direção* (JC) *prudencia* [...] *direção*

¹⁶³¹ (RA) *nos modos* (JC) *no modo*

¹⁶³² (RA) *principio me pareciam* (JC) *principio me parecião*

¹⁶³³ (RA) (JC) *á*

¹⁶³⁴ (RA) (JC) *arrendâmos*

¹⁶³⁵ (RA) *dele* (JC) *delle*

¹⁶³⁶ (RA) *anual de 7* (JC) *annual de sete*

¹⁶³⁷ (RA) *dois anos* [...] *foram* (JC) *dous annos* [...] *forão*

¹⁶³⁸ (RA) (JC) *generos*

¹⁶³⁹ (RA) *sobraram-nos* (JC) *sobráráo-nos*

¹⁶⁴⁰ (RA) *quais apliquei* (JC) *quaes appliquei*

¹⁶⁴¹ (RA) *anos* (JC) *annos*

¹⁶⁴² (RA) *Lisbôa* (JC) *Lisboa*

¹⁶⁴³ (RA) *ali* (JC) *alli*

¹⁶⁴⁴ (RA) (JC) *necessario*

¹⁶⁴⁵ (RA) *coisa* (JC) *cousa*

¹⁶⁴⁶ (RA) *aplicação* (JC) *aplicação*

¹⁶⁴⁷ (RA) *d'esses anos* [...] *falecido* (JC) *desses annos* [...] *fallecido*

¹⁶⁴⁸ (RA) *trono* (JC) *throno*

¹⁶⁴⁹ (RA) *começaram* (JC) *começárão*

a manifestar-se do Reino, alterações, que desfecharam¹⁶⁵⁰ em uma tormenta civil é permanecendo fiel a El-Rei uma parte da nobreza, ao passo que o restante dela¹⁶⁵¹ se bandeava com o Sr. Infante.

Foi o Conde dos primeiros, e, fugindo à¹⁶⁵² perseguição, se passou para a Inglaterra e de lá para o Brasil¹⁶⁵³, sem que lhe sobejasse tempo para curar do destino daquele¹⁶⁵⁴ a quem havia desinquietado e induzido a deixar, para segui-lo¹⁶⁵⁵, um modo de vida, senão lucrativo, de certo, no presente decente e no porvir esperançoso. Seguiu-se¹⁶⁵⁶ logo após estes acontecimentos, o sequestro das propriedades e fazendas do Conde, assim que vim a ficar esbulhado do fruto de quatro anos¹⁶⁵⁷ de um trabalho insano, por isso que, posto que segundo as estipulações me pudesse pagar por minhas próprias¹⁶⁵⁸ mãos, advertidamente tinha deixado de o fazer, para não aumentar¹⁶⁵⁹ o apuro, em que a casa estava, e estorvar o progresso da granjearia¹⁶⁶⁰ e lavoura.

Despossuído¹⁶⁶¹ do governo e administração das terras e herdades, para cujo aproveitamento e benfeitorizarão¹⁶⁶² havia empregado quanta força, energia e atividade¹⁶⁶³ me havia concedido a natureza, convertido em menos tempo do que o sol faz no céu¹⁶⁶⁴ o giro, de lavrador abastado a simples cabaneiro, não desfaleci¹⁶⁶⁵ da firmeza com que havia resistido aos tiros, com que desde a adolescência não cessara¹⁶⁶⁶ de me varejar a fortuna; pelo contrário¹⁶⁶⁷, fiz-lhe bom rosto, e como o depositário¹⁶⁶⁸ do sequestro, que era um lavrador vizinho, me concedesse o prazo de um mês¹⁶⁶⁹ para despejar as casas, e nesse trato de tempo, fossem à praça as fazendas, fiz nelas¹⁶⁷⁰ lanço, e consegui arrematá-las¹⁶⁷¹.

¹⁶⁵⁰ (RA) *desfecharam* (JC) *desfecharão*

¹⁶⁵¹ (RA) *d'ela* (JC) *della*

¹⁶⁵² (RA) *fujindo á* (JC) *fugindo á*

¹⁶⁵³ (RA) *Brasil* (JC) *Brazil*

¹⁶⁵⁴ (RA) *d'aquele* (JC) *daquelle*

¹⁶⁵⁵ (RA) *segui-o* (JC) *seguí-lo*

¹⁶⁵⁶ (RA) *Seguiu-se* (JC) *Seguiu-se*

¹⁶⁵⁷ (RA) *fruto de quatro anos* (JC) *fructo de quatro annos*

¹⁶⁵⁸ (RA) *próprias* (JC) *proprias*

¹⁶⁵⁹ (RA) *aumentar* (JC) *aumentar*

¹⁶⁶⁰ (RA) *granjearia* (JC) *grangearia*

¹⁶⁶¹ (RA) (JC) *Despossuido*

¹⁶⁶² (RA) *benfeitorização* (JC) *benfeitorisação*

¹⁶⁶³ (RA) *enerjia e atividade* (JC) *energia e actividade*

¹⁶⁶⁴ (RA) *céu* (JC) *céo*

¹⁶⁶⁵ (RA) *desfaleci* (JC) *desfalleci*

¹⁶⁶⁶ (RA) *adolescencia não cessára* (JC) *adolescencia não cessára*

¹⁶⁶⁷ (RA) (JC) *contrario*

¹⁶⁶⁸ (RA) (JC) *depositario*

¹⁶⁶⁹ (RA) *mês* (JC) *mez*

¹⁶⁷⁰ (RA) *á [...]* (JC) *á [...]* nellas

¹⁶⁷¹ (RA) *arrematal-as* (JC) *arremata-las*

Continuei, pois, com as lavouras, se bem que com pouco ou nenhum proveito, por não terem os gêneros extração¹⁶⁷², estando o Reino dividido em dois¹⁶⁷³ campos.

Só quem em lances tais¹⁶⁷⁴ se tem achado pôde fazer juízo da circunspeção¹⁶⁷⁵, com que era mister¹⁶⁷⁶ que me houvesse, e quão registrados¹⁶⁷⁷ devia trazer os meus pensamentos e as minhas palavras, para me não tornar suspeito nem a um, nem a outro partido.

Lembrado de que era brasileiro e por conseguinte estrangeiro¹⁶⁷⁸, não me adiantava sem ter na mão o prumo, joeirava quanto dizia ou escrevia, não me escapasse uma palavra, cujo sentido por ambíguo pudesse¹⁶⁷⁹ ser interpretado em abono ou desabono, já de uns, já de outros; e ainda assim pouco faltou que não fosse parar à¹⁶⁸⁰ cadeia, por terem minha mulher e filhos, posto em cima do meu retrato, em dia de meus anos¹⁶⁸¹, segundo o costume de França, um ramalhete de flores¹⁶⁸² em que desgraçadamente entravam algumas perpétuas-amarelas¹⁶⁸³ que nesse tempo eram tidas por símbolo¹⁶⁸⁴ da Constituição. Salvou-me o bom nome que tinha adquirido e sobretudo¹⁶⁸⁵, o ser de uma profissão, em que todos interessam, e que a todos pode ser útil¹⁶⁸⁶.

Não tardou fosse o feito posto em prova com a invasão do *Cholera-morbus*¹⁶⁸⁷, que nos anos de 1833 e 1834 desolou todas as províncias de Portugal e assinaladamente as vilas¹⁶⁸⁸ e as povoações do Ribatejo, na Estremadura. Nas de Santarém, Chamusca e seus contêrminos¹⁶⁸⁹, foi tal o estrago que fez aquele mortífero¹⁶⁹⁰ andaço, que não bastavam os facultativos que nelas residiam¹⁶⁹¹ para acudir aos que enfermavam, e como d'eles¹⁶⁹², uns fossem mortos e os demais se achassem de cama tocados do mesmo mal, acudi ao chamado dos Juizes de fora¹⁶⁹³ e mais

¹⁶⁷² (RA) *generos extração* (JC) *generos extracção*

¹⁶⁷³ (RA) *dois* (JC) *dous*

¹⁶⁷⁴ (RA) (JC) *taes*

¹⁶⁷⁵ (RA) (JC) *póde [...]* *juizo da circumspeção*

¹⁶⁷⁶ (RA) *mistér* (JC) *mister*

¹⁶⁷⁷ (RA) *rejistrados* (JC) *registrados*

¹⁶⁷⁸ (RA) *estranjeiro* (JC) *estrangeiro*

¹⁶⁷⁹ (RA) *ambiguo podesse* (JC) *ambiguo pudesse*

¹⁶⁸⁰ (RA) (JC) *á*

¹⁶⁸¹ (RA) *anos* (JC) *annos*

¹⁶⁸² (RA) (JC) *flôres*

¹⁶⁸³ (RA) *entravam [...]* *perpetuas amarelas* (JC) *entravão [...]* *perpetuas amarellas*

¹⁶⁸⁴ (RA) *eram [...]* *simbolo* (JC) *erão [...]* *symbolo*

¹⁶⁸⁵ (RA) (JC) *sobre tudo*

¹⁶⁸⁶ (RA) *interessam [...]* *póde [...]* *util* (JC) *interessão [...]* *póde [...]* *util*

¹⁶⁸⁷ (RA) *colera-morbus* (JC) *cholera-morbo*

¹⁶⁸⁸ (RA) *provincias [...]* *assinaladamente as vilas* (JC) *provincias [...]* *assignaladamente as villas*

¹⁶⁸⁹ (RA) (JC) *conterminos*

¹⁶⁹⁰ (RA) *aquelle mortifero* (JC) *aquelle mortifero*

¹⁶⁹¹ (RA) *bastavam [...]* *nelas residiam* (JC) *bastavão [...]* *nellas residião*

¹⁶⁹² (RA) *enfermavam [...]* *d'eles* (JC) *enfermavão [...]* *delles*

¹⁶⁹³ (RA) *acudi [...]* *Juizes de fóra* (JC) *acodi [...]* *Juizes de fóra*

autoridades, e como antecipadamente me tivesse prevenido para tratar da minha família, se por ventura algum dos membros dela¹⁶⁹⁴ adoecesse, com a leitura e estudo de quanto sobre tão cruel enfermidade se havia escrito¹⁶⁹⁵ em França e Inglaterra, não me achei estranho nos sintomas dela¹⁶⁹⁶ e na medicação que lhe convinha, tive a satisfação de remir, a não poucos, dos braços da morte.

Então entendi que pelo mesmo teor que uma só causa pode¹⁶⁹⁷ produzir efeitos diversos, oferece¹⁶⁹⁸ a mesma enfermidade sintomas diversos, segundo a diversidade do clima. No de Portugal o *Cholera-morbus*¹⁶⁹⁹ era um novo Proteu¹⁷⁰⁰, e tomava as formas¹⁷⁰¹ mais desvairadas e bem diferentes das que haviam¹⁷⁰² sido observadas nos climas temperados da Europa, sendo uma das mais frequentes a da apoplexia pulmonar, a qual ordinariamente cedia a repetidas sangrias.

Agora dou fé, Imperial Senhor, que tenho-me alargado muito e sobretudo¹⁷⁰³ mais do que convém, a quem fala¹⁷⁰⁴ de si e diante do seu Soberano. Sirva-me de desculpa o que em caso semelhante disse o bom Sá de Miranda:

*Mas eu sou de uns¹⁷⁰⁵ guarda-cabras,
Que se vão de ponto em ponto;
Querem só duas palavras,
Que dos gados, que das lavras,
Depois não tem fim, nem conto.*

Passarei, pois,¹⁷⁰⁶ por tudo quanto fiz enquanto¹⁷⁰⁷ grassou a epidemia, remetendo-me¹⁷⁰⁸ ao papel, que aqui junto, único de três que eram, que achei remexendo papéis¹⁷⁰⁹ velhos e ainda assim bem pouco em estado de ser posto na Augusta Presença de Vossa Majestade Imperial.

¹⁶⁹⁴ (RA) *familia* [...] d'ela (JC) *familia* [...] della

¹⁶⁹⁵ (RA) *escrito* (JC) *escripto*

¹⁶⁹⁶ (RA) *extranho nos sintomas d'ela* (JC) *extranho nos symptomas della*

¹⁶⁹⁷ (RA) *teôr* [...] póde (JC) *teôr* [...] póde

¹⁶⁹⁸ (RA) *efeitos* [...] oferece (JC) *efeitos* [...] offerece

¹⁶⁹⁹ (RA) *colera-morbus* (JC) *cholera-morbo*s

¹⁷⁰⁰ (RA) *Proteu* (JC) *Protheu*

¹⁷⁰¹ (RA) (JC) *fórm*as

¹⁷⁰² (RA) *diferentes* [...] haviam (JC) *diferentes* [...] havião

¹⁷⁰³ (RA) (JC) *sobre tudo*

¹⁷⁰⁴ (RA) *fala* (JC) *falla*

¹⁷⁰⁵ (RA) *de uns* (JC) *d'uns*

¹⁷⁰⁶ (RA) *Passarei pois* (JC) *Passarei, pois,*

¹⁷⁰⁷ (RA) (JC) *em quanto*

¹⁷⁰⁸ (RA) *remetendo-me* (JC) *remettendo-me*

¹⁷⁰⁹ (RA) *unico de tres que eram, [...]* remechendo papeis (JC) *unico de tres que erão, [...]* remechendo papeis

Pecaria contra a imparcialidade e exatidão, obrigação que corre a todo aquele¹⁷¹⁰ que escreve, se não declarasse que os moradores das diversas povoações aonde fui para tratar dos doentes, tanto no decurso desta¹⁷¹¹ epidemia, como na que se lhe seguiu do tifo, não foram¹⁷¹² remissos em sua gratidão e reconhecimento, e que a Câmara¹⁷¹³ de Chamusca veio em corpo a dar-me as graças. Também nessa ocasião¹⁷¹⁴, houve quem me acenasse com um hábito de Cristo¹⁷¹⁵.

Enquanto¹⁷¹⁶ assim me desvelava em dar a outros a vida, foi Deus servido afligir-me privando dela¹⁷¹⁷ a minha mulher. Em tão sensível¹⁷¹⁸ golpe, não foi para mim pequena consolação, ver que todos os meus vizinhos me faziam companhia na dor¹⁷¹⁹, por tal modo, que não me foi possível¹⁷²⁰ despendar um real com o enterro, com ser pomposo, não querendo ninguém¹⁷²¹ aceitar de mim, dinheiro, nem o pobre do sineiro.

Achando-me viúvo e com três¹⁷²² filhos, dois¹⁷²³ meninos e uma menina, no sertão de um país¹⁷²⁴ envolto nos horrores da guerra civil, determinei de regressar para França em findando, o meu arrendamento, o que pus em efeito¹⁷²⁵.

O cabedal com que me achei, depois de pagas as despesas¹⁷²⁶ da viagem, não arribava a mais de 12.000 Daria minguido patrimônio¹⁷²⁷ para a arrumação de tantos filhos. O primeiro, que é o único¹⁷²⁸ que me resta, sendo desinclinado às letras, apliquei-o ao commercio¹⁷²⁹, que era a sua vocação, e ao segundo ao estudo das humanidades, como aquele¹⁷³⁰ que abre a porta ao

¹⁷¹⁰ (RA) Pecaria [...] exatidão [...] aquele (JC) Peccaria [...] exactidão [...] aquella

¹⁷¹¹ (RA) d'esta (JC) desta

¹⁷¹² (RA) seguiu do tifo, não foram (JC) seguiu do tyfo, não forão

¹⁷¹³ (RA) (JC) Camara

¹⁷¹⁴ (RA) Tambem [...] ocasião (JC) Tambem [...] occasião

¹⁷¹⁵ (RA) (JC) habito de Christo

¹⁷¹⁶ (RA) (JC) Emquanto

¹⁷¹⁷ (RA) afligir-me privando dela (JC) affligir-me privando della

¹⁷¹⁸ (RA) (JC) sensivel

¹⁷¹⁹ (RA) vizinhos me faziam [...] dôr (JC) visinhos me fazião [...] dôr

¹⁷²⁰ (RA) (JC) possivel

¹⁷²¹ (RA) (JC) ninguem

¹⁷²² (RA) (JC) viuvo [...] tres

¹⁷²³ (RA) dois (JC) dous

¹⁷²⁴ (RA) país (JC) paiz

¹⁷²⁵ (RA) puz em efeito (JC) puz em effeito

¹⁷²⁶ (RA) (JC) despezas

¹⁷²⁷ (RA) (JC) patrimonio

¹⁷²⁸ (RA) (JC) unico

¹⁷²⁹ (RA) às letras, apliquei-o ao commercio (JC) ás letras, appliquei-o ao commercio

¹⁷³⁰ (RA) aquele (JC) aquella

das demais disciplinas¹⁷³¹. A ele e à¹⁷³² irmã, havia infelizmente a mãe¹⁷³³ lhes dado com o leite uma constituição débil e predisposta à¹⁷³⁴ fatal queixa de peito.

Logo que observei os primeiros sintomas desta¹⁷³⁵ cruel enfermidade, não perdoando a despesa, tratei de me mudar para o campo e sujeitá-los¹⁷³⁶ ao modo de vida e de alimentação que em tais casos aconselha a mais bem entendida dietética¹⁷³⁷; mas que aproveitam remédios¹⁷³⁸ contra um mal, cuja causa ainda não foi bem alumiada? Foi a doença fazendo progressos, e como fosse entrado o inverno, tornei-me a recolher para a cidade, onde, depois de haver consultado muitos dos meus colegas e ensaiado quanto remédio há¹⁷³⁹ nas boticas, vieram ambos a falecer no verão seguinte e quase¹⁷⁴⁰ ao mesmo tempo.

Passarei, Imperial Senhor, pelas tristes particularidades e horríveis peripécias¹⁷⁴¹ da lastimosa tragédia¹⁷⁴² de que fui juntamente ator¹⁷⁴³ e espectador, porque sinto quebrar-se-me o coração e renovarem-se as sobressaradas¹⁷⁴⁴ feridas.

Como as desgraças costumam¹⁷⁴⁵ sempre vir umas após outras, durante a doença de meus filhos, o negociante em cuja mão tinha algum dinheiro, fez como o de Grenoble, de sorte que não tive outro recurso, senão o de viver da pena¹⁷⁴⁶, e tão pouco conceito faziam de meu talento como escritor, que tendo concluído a tradução¹⁷⁴⁷ do *Talismam* de Walter Scott, não me animei a apresentá-la¹⁷⁴⁸ ao Aillaud, e dei esse encargo a um oficial português, que havia militado comigo¹⁷⁴⁹.

Leu o Aillaud a novela e achou a linguagem boa¹⁷⁵⁰, mas antes de se obrigar a comprá-la¹⁷⁵¹, mandou-a examinar por vários literatos portugueses¹⁷⁵², que nesse tempo estavam de

¹⁷³¹ (RA) diciplinas (JC) disciplinas

¹⁷³² (RA) ele e á (JC) elle e á

¹⁷³³ (RA) (JC) mãi

¹⁷³⁴ (RA) (JC) debil [...] á

¹⁷³⁵ (RA) sintomas d'esta (JC) synptomas desta

¹⁷³⁶ (RA) (JC) despeza [...] sujeita-los

¹⁷³⁷ (RA) (JC) dietetica

¹⁷³⁸ (RA) (JC) remedios

¹⁷³⁹ (RA) (JC) remedio ha

¹⁷⁴⁰ (RA) vieram [...] falecer [...] quasi (JC) vierão [...] fallecer [...] quasi

¹⁷⁴¹ (RA) (JC) horriveis peripecias

¹⁷⁴² (RA) tragedia (JC) tragedia

¹⁷⁴³ (RA) ator (JC) actor

¹⁷⁴⁴ (RA) (JC) sobresaradas

¹⁷⁴⁵ (RA) costumam (JC) costumão

¹⁷⁴⁶ (RA) pena (JC) penna

¹⁷⁴⁷ (RA) escritor [...] concluido a tradução (JC) escriptor [...] concluido a traducção

¹⁷⁴⁸ (RA) apresental-a (JC) apresenta-la

¹⁷⁴⁹ (RA) oficial português [...] comigo (JC) official portuguez [...] commigo

¹⁷⁵⁰ (RA) novela [...] linguagem boa (JC) novella [...] linguagem boa

¹⁷⁵¹ (RA) compral-a (JC) compra-la

¹⁷⁵² (RA) varios literatos portugueses (JC) varios litterátos portuguezes

residência¹⁷⁵³ nesta capital, e nomeadamente pelo Desembargador Tristão da Cunha Portugal, membro da Academia Real das Ciências¹⁷⁵⁴ de Lisboa, o qual disse ao Aillaud, segundo ao depois ele¹⁷⁵⁵ mesmo me contou, que a pessoa¹⁷⁵⁶ que havia feito aquela tradução¹⁷⁵⁷, sabia melhor português que eles¹⁷⁵⁸ ambos. Apesar desse elogio¹⁷⁵⁹, avaliou o Aillaud a minha tradução¹⁷⁶⁰ como avaliava as demais, não conforme a propriedade e valentia das expressões, mas sim segundo o número de letras¹⁷⁶¹, que tal era a bitola por onde ele¹⁷⁶² regulava, senão o merecimento da tradução¹⁷⁶³, o dinheiro que por ela¹⁷⁶⁴ devia dar.

Abaixei os ombros à¹⁷⁶⁵ carga, porque não o dia ao¹⁷⁶⁶ fazer, e botei-me a traduzir quanto lhe aprouve com os olhos do entendimento virados para a Pátria¹⁷⁶⁷, na esperança, de que se porventura, os do corpo os fechasse a mão da morte, não ficaria meu corpo sepultado no esquecimento.

Com esse intuito sem atender à¹⁷⁶⁸ escassez e modicidade da paga, esmerei-me em transferir para a língua materna as belezas originais¹⁷⁶⁹ das obras, que fui encarregado de arromançar, e se em algumas ocasiões¹⁷⁷⁰, e passos, em vez de emparelhar com o modelo, fiquei aquém dele¹⁷⁷¹, não procedeu isso de desatenção ou negligência¹⁷⁷² minha, porém do desalento que necessariamente devia de longe em longe¹⁷⁷³ apoderar-se de mim no longo decurso de uma vida encomendada¹⁷⁷⁴ a trabalhos e infortúnios, e também¹⁷⁷⁵ do afogo e precipitação, com que era forçoso me despachasse para não morrer à¹⁷⁷⁶ mingua.

¹⁷⁵³ (RA) *estavam de residencia* (JC) *estavão de residencia*

¹⁷⁵⁴ (RA) *Ciencias* (JC) *Sciencias*

¹⁷⁵⁵ (RA) *ele* (JC) *elle*

¹⁷⁵⁶ (RA) *pessoa* (JC) *pessoa*

¹⁷⁵⁷ (RA) *aquela tradução* (JC) *aquella traducção*

¹⁷⁵⁸ (RA) *português que eles* (JC) *portuguez que elles*

¹⁷⁵⁹ (RA) *Apesar d'esse elogio* (JC) *Apezar desse elogio*

¹⁷⁶⁰ (RA) *tradução* (JC) *traducção*

¹⁷⁶¹ (RA) *numero de letras* (JC) *numero de letras*

¹⁷⁶² (RA) *ele* (JC) *elle*

¹⁷⁶³ (RA) *tradução* (JC) *traducção*

¹⁷⁶⁴ (RA) *ela* (JC) *ella*

¹⁷⁶⁵ (RA) (JC) *hombros á*

¹⁷⁶⁶ (RA) (JC) *al*

¹⁷⁶⁷ (RA) (JC) *Patria*

¹⁷⁶⁸ (RA) *atender á* (JC) *attender á*

¹⁷⁶⁹ (RA) *lingua [...]* *belezas originais* (JC) *lingua [...]* *bellezas originaes*

¹⁷⁷⁰ (RA) *ocasiões* (JC) *ocasiões*

¹⁷⁷¹ (RA) *á quem d'ele* (JC) *áquem delle*

¹⁷⁷² (RA) *desatenção ou negligencia* (JC) *desatenção ou negligencia*

¹⁷⁷³ (RA) *lonje em lonje* (JC) *longe em longe*

¹⁷⁷⁴ (RA) *encomendada* (JC) *encommendada*

¹⁷⁷⁵ (RA) *infortunios, e tambem* (JC) *infortunios, e tambem*

¹⁷⁷⁶ (RA) *despachase [...]* *á* (JC) *despachasse [...]* *á*

De tantos desastres, enfados e contrastes da fortuna desapressaram-me¹⁷⁷⁷ as mercês de Vossa Majestade¹⁷⁷⁸ Imperial, e como me achasse só, e sem ter quem de mim cuidasse, determinei de casar segunda vez, e houve Deus por bem deparar-me uma mulher, como me era mister¹⁷⁷⁹, cujos desvelos e atenções¹⁷⁸⁰ me vão prolongando a existência¹⁷⁸¹, de sorte que nada mais tenho que pedir a Deus, senão que se digne conservar a Augusta Pessoa de Vossa Majestade¹⁷⁸² Imperial, e de mover-lhe o magnânimo¹⁷⁸³ coração, já de si mesmo tão inclinado à beneficência¹⁷⁸⁴, para que defira com benignidade a humilde súplica¹⁷⁸⁵ que me animo por esta ocasião a fazer subir à¹⁷⁸⁶ Augusta Presença de Vossa Majestade¹⁷⁸⁷ Imperial.

De vossa Majestade Imperial, o mais humilde súdito¹⁷⁸⁸ e criado — *Dr. Caetano Lopes de Moura*.

Paris¹⁷⁸⁹, 15 de Julho de 1852.

¹⁷⁷⁷ (RA) desapressaram-me (JC) desapressarão-me

¹⁷⁷⁸ (RA) Majestade (JC) Magestade

¹⁷⁷⁹ (RA) mistér (JC) mister

¹⁷⁸⁰ (RA) atenções (JC) attenções

¹⁷⁸¹ (RA) (JC) existencia

¹⁷⁸² (RA) Majestade (JC) Magestade

¹⁷⁸³ (RA) magnânimo (JC) magnanimo

¹⁷⁸⁴ (RA) (JC) á beneficencia

¹⁷⁸⁵ (RA) suplica (JC) supplica

¹⁷⁸⁶ (RA) ocasião [...] á (JC) ocasião [...] á

¹⁷⁸⁷ (RA) Majestade (JC) Magestade

¹⁷⁸⁸ (RA) (JC) sudito

¹⁷⁸⁹ (RA) Paris (JC) Pariz

3 DA BIOGRAFIA E DA AUTOBIOGRAFIA

3.1. CRÔNICAS: QUEM É ESSE MULATO?

Esta pesquisa se alterna em força centrípeta e centrífuga de modo complementar para a realização, e alguma análise, da edição interpretativa dos manuscritos *autobiográficos do Dr. Caetano Lopes de Moura*, natural da Bahia, tal como aparece no frontispício das obras que em vida publicou, sejam elas traduções, livros paradidáticos, biografia, dicionários e compêndios diversos, ou mesmo mais explicitamente como o autor de obras para a juventude e mocidade. É também com essa notícia, acerca da sua naturalidade, que o autor inicia seus manuscritos autobiográficos, como se viu, acrescentando ao seu local e data de nascimento a informação de que é “pardo”, dado relevante para grande parte do que se seguirá.

Acerca das tais forças acima mencionadas, elas dizem respeito aos objetivos a se ter com os manuscritos, seja pela aproximação (força centrípeta) que teremos com a sua materialidade ou a realização de uma edição interpretativa e – com essa – a possibilidade de seguirmos algum caminho para a leitura histórica do homem que ali se narrou; seja em relação àquele que historicamente fora narrado (força centrífuga) como um fato da memória intelectual e social nacionais. O afastamento e aproximação circular como propõem os movimentos apresentados através de forças possibilitará seguir o curso histórico conforme o nome do Dr. Caetano Lopes de Moura fora grafado em suas múltiplas formas.

As duas informações, local de nascimento e “raça”, são tão importantes para essa pesquisa, como se viu mais acima, quanto os objetivos a se ter com os manuscritos. E essas informações seguiram um itinerário próprio que as fizeram ascender em importância. Pela ordem, a saber, primeiro encontrei o nome, Caetano Lopes de Moura, quase sempre relacionado a estudos sobre tradução no Brasil, no entanto, de alguma maneira persistente se seguia ao seu nome algum epíteto, entre eles, de modo corriqueiro, o de “mulato baiano”.

A curiosa persistência desse epíteto, e de outros semelhantes, faz parte de uma sucessão de ficções extremadas impostas à biografia do tradutor baiano, e que, apesar de não ter começado por Cláudio Veiga, é quem vigorosamente restitui o epíteto à história de Caetano Moura e chega mesmo a reclamar, por exemplo, do articulista João Paraguassu¹⁷⁹⁰ que teria escurecido “a epiderme do mulato baiano¹⁷⁹¹”, quando, no *Jornal da Manhã*, comenta “o êxito

¹⁷⁹⁰ João Paraguassu era o pseudônimo de Paulo Filho.

¹⁷⁹¹ CLÁUDIO, Veiga. A sobrevivência de um escritor – Caetano Moura. *Universitas*, Salvador, ano 1978, n. 19, ed. especial, p. 29-43, 1978, p.35.

desse médico baiano, negro além do mais, que empolgara Napoleão.¹⁷⁹² Como se “mulato” não fosse utilizado *quase* exclusivamente para pessoas negras. Porém, João Paraguassu não deixa de demonstrar, no mesmo texto, a própria vontade ficcional em relação a Caetano Moura, ao completar a frase anterior da seguinte maneira: “Tomei as minhas notas. [...] Pensei num romance em que elle fosse o heróe¹⁷⁹³”, ao menos seria um herói cognominado negro e não mulato, mesmo assim ao que se sabe tal projeto não foi adiante. Acrescento ainda, que esse reclame de Veiga nasce do incômodo com o que havia escrito Manuel Querino, sobre Caetano Moura, quando diz que “Caetano fora médico particular de Napoleão Bonaparte¹⁷⁹⁴”, afirmação que é de fato exagerada. Ainda assim, já é possível perceber contornos de alguma atribuição heroica ao seu nome e logicamente de uma disputa racial, acerca de sua “raça”, ou mais propriamente de sua cor.

Mas esse fato incomodaria Claudio Veiga ainda mais uma vez no parágrafo seguinte do mesmo texto, quando cita, do *Jornal de Petrópolis*, o articulista Nereu Rangel Pestana que, ao escrever sobre *o médico negro* de forma elogiosa, num texto intitulado *Petrópolis e o médico negro de Napoleão*¹⁷⁹⁵, novamente se exagera acerca de uma suposta proximidade do médico com o imperador francês¹⁷⁹⁶. Além, obviamente, do “escurecimento epidérmico” já explicitado no título acima.

Ao que Veiga¹⁷⁹⁷ retruca: “É uma ascensão comparável à daqueles personagens reais que, de simples soldados, chegaram, então aos mais altos postos: Caetano Moura íntimo de Napoleão Bonaparte!”. Exclamou Cláudio Veiga, como se a imagem daquele homem negro íntimo do Imperador francês lhe usurpasse o sono. Como se tudo não passasse de uma ficção, a própria vida de Caetano Moura, por isso chega mesmo a compará-lo à “personagens reais”.

¹⁷⁹² PARAGUASSU, João. O médico de Bonaparte. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 14207, 19 fev. 1941. A vida Social, p. 11.

¹⁷⁹³ Ibid., p. 11.

¹⁷⁹⁴ Tal afirmação de Manuel Querino, diz Veiga, foi extraída de um artigo de jornal, *Os homens de cor preta na história*, publicado no dia 3 de agosto de 1922, no jornal *A tarde*, em Salvador. E com o mesmo título, *Os homens de cor preta na história*, publicado em 1923, na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (nº. 48, p. 353-363). Mas não consegui consultá-los. Por outro meio, no livro *A raça africana e seus costumes*, uma reunião de seus textos editados pela Livraria Progresso e publicados em 1955, em Salvador, consta o texto – com o igual título, *Os homens [...]*, onde Querino nos diz: “Serviu [Dr. Caetano Lopes de Moura] na Armada francesa e fôra médico particular de Napoleão Bonaparte, de quem escreveu importante biografia.” QUERINO, Manoel. *A raça africana e seus costumes*. Ed. Livraria Progresso: Salvador, 1955, p.55. É importante ressaltar que, Caetano Moura é o primeiro nome que aparece nessa seção do livro e a quem Manuel Querino dedica o maior espaço, já reconhecendo a grande contribuição de Caetano de Moura.

¹⁷⁹⁵ Não encontrei o texto *Petrópolis e o médico negro de Napoleão*, citado por Veiga, de Nereu Rangel Pestana publicado no Jornal de Petrópolis em 29/08/1942.

¹⁷⁹⁶ O que realmente aconteceu, segundo Moura, em sua *Autobiografia*, foi um encontro ocasional em que o médico baiano solicita ao Imperador francês a confirmação de sua promoção a cirurgião, para um melhor soldo, ao que foi atendido pouco tempo.

¹⁷⁹⁷ VEIGA, 1978. p.36.

Há nessas passagens um intrincado jogo semântico: pois, não compreendo como uma pessoa que tenha se descrito como “pardo” em meados do século XIX e, por motivo diverso, passa a ser tratado historicamente como “mulato” por pessoas brancas e ainda causa espanto quando o tomam por negro, tudo isso mesmo após ter tido contanto com os seus manuscritos. Eis um imbróglio dos finais dos anos 1970, mais precisamente de 1978. Ainda algo a apontar, em ambos os textos criticados por Veiga aparece a função exercida por Caetano Moura, a sua negritude e a presença de Napoleão Bonaparte, mas jamais o seu nome nos títulos. Sempre esse mesmo desencontro, inclusive alimentado anos depois por Cláudio Veiga cujo texto em que reclama “a sobrevivência” de Caetano Moura incide contra a sua negritude. Segundo, e outra coisa bastante interessante, é que, como já dito acima, Veiga contrapõe Caetano Moura a “personagens reais”, e o que seria Caetano Moura? Uma personagem de alguma ficção? Questões que perturbam faticamente os objetivos do texto de Veiga e a concretude da personagem histórica nele tratada sob os critérios que esse autor o impõe. E não esqueçamos que o livro de Cláudio Veiga sobre essa personagem histórica leva o título de *Um brasileiro soldado de Napoleão*¹⁷⁹⁸, que é uma mescla de alguns dos títulos de textos vários que de forma ou outra praticamente se repetiram ao excluírem do título o nome de quem esses textos realmente tratavam, ou desejavam tratar.

Um tempo antes, Pedro Calmon¹⁷⁹⁹ o trata como “mestiço baiano” e antecede o seu nome à função de cirurgião acrescentando a essas informações a de ter sido “um desses extraordinários personagens do Romantismo”. Parece-me que jamais Caetano Moura tenha sido apenas um homem cuja habilidade e coragem diante das circunstâncias reais da sua vida o levariam aonde chegou, apesar da sua cor e das grandes perdas que o abateram. A despeito disso, esse artigo figura entre os mais sóbrios sobre Caetano Moura, apesar de levar em seu título a mesma ausência do seu nome. Aliás, a alcunha de “mestiço” nada diz especialmente, ou diz tudo se pensarmos no contexto brasileiro, o mesmo com “mulato”. Outro fato é que se repete a percepção ficcional, e romântica, da sua vida. Apesar da sua vinculação real ao período histórico do romantismo.

¹⁷⁹⁸ VEIGA, Cláudio. **Um brasileiro soldado de Napoleão**. 2ª ed. Salvador: P55 Edições, 2013.

¹⁷⁹⁹ CALMON, Pedro. Um brasileiro nas legiões de Bonaparte. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 4 abr. 1961. Segredos e revelações da História do Brasil, p. 44-45. Esse texto trata também de um imbróglio interessante, e talvez subdimensionado, no que diz respeito à participação efetiva da intelectualidade (de pessoas) negras no próprio sentido de nação brasileira que se tentou no século XIX. Veremos esta questão no caso mais adiante a respeito da *Confederação dos Tamoios* de Gonçalves de Magalhães.

Por outro lado, Gustavo Barroso, ao escrever *Um baiano na retirada da Rússia* para o jornal *O cruzeiro*, o descreveu como um “homem de cor nascido na capital da Bahia¹⁸⁰⁰” e privilegia, como se percebe pelo título, momentos específicos das batalhas napoleônicas e algumas das relações pessoais de Caetano Moura e sua bibliografia.

Em 1950, ano seguinte ao texto de Barroso, no jornal *Correio da Manhã*, de domingo de 15 de outubro, escreve Octavio Tarquinio de Sousa: “na Bahia do fim do século XVIII, o mulatinho Caetano Lopes de Moura descobriu que o estudo lhe poderia proporcionar uma vida menos estreita e rotineira do que a do pai carpinteiro¹⁸⁰¹”. Neste texto, *Entre Napoleão e Pedro II*, Tarquinio de Sousa faz uma rememoração de alguns dos momentos da vida de Caetano Moura realçando a sua infância a partir dos estudos do latim e do grego, passando por sua formação em medicina, o exército de Napoleão e seus livros, mas sempre acentuando com um toque dramático as dificuldades pecuniárias de Caetano Moura. Contudo, talvez, o mais interessante nesse texto é que o seu autor inicia por chamar Caetano Moura de “mulatinho” e, curiosamente, conclui da seguinte maneira: o “Dr. Caetano Lopes de Moura, brasileiro, baiano, que não teve pejo em declarar ao seu imperial benfeitor”, D. Pedro II, que é “pardo”. Intercalando a esses trechos, outros constantes da *Autobiografia*, em que Moura afirma ser dessa cor como o foram seu pai, mãe, avô e avó. E Tarquinio de Sousa, ao que parece bastante impressionado com a coragem, falta de pudor ou falta de acanhamento de Caetano Moura em se revelar “pardo”, transcreve o complemento em que Caetano Moura ainda faz uma interessante observação: “dessa cor entremeia que alguns brasileiros desestimam por isso que lhe traz à memória a de alguns de seus antepassados”. Como se esse fato indelével da vida de Caetano Moura requeresse algum “pejo” por conta do seu interlocutor imperial ou do fato mesmo de sua filiação racial. É interessante como o articulista realça a qualquer custo o componente racial de Caetano Moura ao mesmo tempo em que se surpreende quando a afirmação parte do próprio. E mais uma vez, repete-se a ausência do seu nome no título, presença inominável entre imperadores.

Em tempos mais recentes, Nertan Macedo, escritor e articulista, estampa no título do seu texto, em caixa alta, o nome de Caetano Lopes de Moura para logo em seguida sintetizá-lo no *incipit* (ou *lead*) como [...] *um mulato baiano que foi médico no exército de Napoleão*¹⁸⁰².

¹⁸⁰⁰ BARROSO, Gustavo. Um baiano na retirada da Rússia. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 4 de jun. de 1949. Segredos e revelações da História do Brasil, p. 54-56;

¹⁸⁰¹ SOUSA, Octavio Tarquinio de. Entre Napoleão e Pedro II, **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de out. de 1950.

¹⁸⁰² MACEDO, Nertan. Caetano de Moura, um mulato baiano que foi médico no exército de Napoleão. **Jornal do Commercio**, Revista Nacional, n. 244, p. 8, 1981.

Esse texto é, digamos, uma resenha da primeira edição do livro de Cláudio Veiga lançado em 1978, mas realizando um apanhado mais genérico a respeito de Caetano Moura e não exatamente seguindo a organização do livro. Resume-se a praticamente aos mesmos fatos de sua miséria material que se encontra em quase todos os textos, aos seus feitos que parecem sempre depor contra essa mesma miséria, chegando mesmo a apontar o “nosso bom Dom Pedro II” como sendo quem de fato “ajudou a matar a fome do conterrâneo pobre, ilustre e auto-exilado”, feito quem doa uma esmola, esquecendo que tal ajuda pecuniária nada mais era que um pagamento em troca de serviços prestados ao império brasileiro e, conseqüentemente, ao Imperador, ou o inverso.

Seguindo o curso do tempo, João Paulo Paes, em seu livro *Tradução, a ponte necessária*¹⁸⁰³, publicado em 1990, obra em que pela primeira vez encontrei o nome de Caetano Moura, nos diz:

Passando agora para o terreno das traduções em prosa de ficção durante o período romântico, impõe-se destacar desde logo a figura daquele a quem se pode considerar como o primeiro tradutor realmente profissional, isto é, que fez da tradução, pelo menos durante certa quadra de sua vida, um meio de subsistência. Está-se falando de Caetano Lopes de Moura (1780-1860), um talentoso “pardo” baiano (como se dizia na época) de existência singularmente aventureira¹⁸⁰⁴.

Como se viu, Paes o descreve como “pardo” acrescentando com certo cuidado que era assim que se falava à época. Outro fato a apontar é que Paes chega ao nome de Caetano Moura por meio de dois textos. O primeiro é o de Brito Broca, *Os que liam os românticos*, de 1979. Esse autor ressalta o “baiano [Caetano Moura] de vida aventureira, que foi, em Portugal e em Paris, o primeiro brasileiro a exercer profissionalmente a atividade de tradutor¹⁸⁰⁵”, sem qualquer menção racial. O segundo texto é o já mencionado livro de Cláudio Veiga, *Um brasileiro soldado de Napoleão*, e retomo essa obra mais uma vez por ser a mais completa sobre Caetano Moura e por ser, ela mesma, a principal fonte da inesgotável de insistência da *mulatice* do tradutor baiano, que resultará numa fixação da utilização do epíteto de mulato com a sua publicação.

¹⁸⁰³ PAES, João Paulo. *Tradução: A ponte necessária*, aspectos e problemas da arte de traduzir. Ed. Ática: São Paulo, 1990, p.18.

¹⁸⁰⁴ Ibid, p.18.

¹⁸⁰⁵ BROCA, B. O Que Liam Os Românticos. In: BROCA, B. **Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos**. São Paulo: LIVRARIA E EDITORA POLIS, 1979. p. 101.

A partir desse livro, tomemos um caso aparte dessa história aos olhos e pesquisas de uma historiadora. A professora Adjunta de Teoria e Metodologia da História da Universidade Federal Fluminense – UFF, Isadora Tavares Maleval, que utilizou ao menos 14 (catorze) vezes o epíteto de “mulato baiano”¹⁸⁰⁶ para se referir a Caetano Moura em sua dissertação de mestrado, incluindo o título de uma das seções: “O mulato baiano ‘soldado de Napoleão’” [grifo da autora]. O grifo da autora, suas aspas, recai sobre o sintagma “soldado de Napoleão”, mas o fato é que ela retira toda expressão que compõe o título da seção por referência da obra de Cláudio Veiga. Ela reedita, mais uma vez, a presença de Caetano Moura ao reeditar o título da obra de Veiga substituindo “Um brasileiro [...]” para e novamente reconduzir Caetano Moura a ser *o mulato* e não mais e simplesmente um brasileiro.

É interessante notar que a dissertação, segundo a sua autora, observemos o seu caráter geral, resume-se da seguinte forma:

O presente trabalho busca analisar dois manuais de história do Brasil produzidos e publicados entre as décadas de 1850 e 1870. São eles: o *Epítome da História do Brasil* e o *Epítome Chronologico da História do Brasil*, escritos, respectivamente, por José Pedro Xavier Pinheiro e Caetano Lopes de Moura. Pretende-se evidenciar aspectos relativos às trajetórias dos dois autores, assim como suas inserções – diretas ou indiretas – no contexto político e cultural do Segundo Reinado e as motivações que os levaram a produzir obras voltadas ao ensino da história do país. A análise focaliza a importância conferida à história no período – sua escrita e seu ensino – para a sociedade letrada do Brasil imperial, sobretudo no que dizia respeito à consolidação de um ideal de *nação brasileira*. A historiografia gerada em torno do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o ensino da história pátria no Colégio Pedro II faziam parte de um mesmo movimento que agregava as preocupações concernentes ao fortalecimento de um sentimento de pertença à *nação*, construída sob os auspícios do Estado imperial. Desse modo, produções como as referidas obras foram importantes por formar os futuros “cidadãos ativos” do Brasil, por meio da iniciação de valores julgados adequados: o amor à “comunidade imaginada” brasileira e o respeito às instituições monárquicas¹⁸⁰⁷.

Nesse resumo, Maleval grafa a importância que ambos os autores citados tiveram para o ensino da história como um fator constitutivo do ideário, muito presente naquele momento histórico, da construção da *nação brasileira* através da escritura da história nacional e o seu ensino. Ao mesmo tempo em que aponta o papel fundamental de Caetano Moura, para o projeto de *nação*, o reduz mais adiante a mulato tomando-lhe em troca, como vimos, a sua naturalidade e nacionalidade. Algo se repete, de modo similar e com certa ironia perversa, quando se omite

¹⁸⁰⁶ Cf. MALEVAL, Isadora Tavares. **Histórias do Brasil para a mocidade: os epítomes de José Pedro Xavier Pinheiro e Caetano Lopes de Moura (1850 – 1870)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010 (Dissertação de Mestrado).

¹⁸⁰⁷ MALEVAL, 2010, p. 09.

o nome ou a origem de Caetano Moura, às vezes ambos, devolvendo-lhe estigmas racializantes. E, para mim, o que mais importa desse gesto é que isso sempre se trata de uma objetificação: “soldado de”, “médico de”, “mordomo de” etc., como se sua vida jamais pertencesse a si mesmo.

E nesse mesmo sentido, Maleval¹⁸⁰⁸ também corrobora Veiga¹⁸⁰⁹ quando esse diz que Caetano Moura fora “arrastado pela corrente da história”. Todavia, afinal, quem conduz a história? Melhor, alguém conduz a história? Ou ainda, ser “arrastado pela corrente da história” é uma expressão que se destine a um particular ou a todas as pessoas genericamente, ou a coisas? E se estando, como esteve Caetano Moura, no exército daquele que particularmente mudou os rumos de uma certa História, como o fez Napoleão Bonaparte, fora “arrastado” ou ajudou a “arrastar” as correntes da história? Perguntas que levanto de forma retórica e que não almejo respondê-las haja visto que escaparia demais ao que pretendo nesta pesquisa. Entretanto, a história não é um objeto a ser arrastada e tampouco um sujeito a arrastar objetos. A história, ela mesma, é uma realidade humana comum. Dela se participa, se compartilha e daí resulta o seu algum sentido, a sua realidade factual. E por isso, os fatos que dela emergem podem e devem ser lidos e retécidos conforme aquilo que se conhece de modos vários e não apenas através de frases cujos efeitos sejam meramente retóricos.

É certo que a professora e pesquisadora, por intermédio de Veiga, assimila muito acriticamente “o mulato baiano” a ponto de ora introduzir essa expressão como citação à Veiga – direta ou indiretamente – ora o faz sem nenhum “pejo” na forma de palavras próprias. Do mesmo modo que alguns outros, Maleval¹⁸¹⁰ inclui o trecho em que Caetano Moura diz ser “pardo”, mas isso não é suficiente para alguma grande consideração ou revisão do que Veiga reitera diversas vezes chamando-o de mulato¹⁸¹¹.

Em dado momento, Maleval afirma que “O fato de um ‘mulato de origem humilde’ – maneira pela qual Caetano se apresentava em sua autobiografia – ter conseguido reconhecimento em um momento em que a cor da pele pesava bastante já teria feito dele quase um ‘herói’¹⁸¹²” e disso decorre que, para mim, não fica explícito se ela está fazendo referência ao “mulato” ou a “origem humilde” quando tenta informar ser a maneira pela qual Caetano

¹⁸⁰⁸ Ibid., p. 27.

¹⁸⁰⁹ VEIGA, 1979, p. 49.

¹⁸¹⁰ MALEVAL, 2010, p.26.

¹⁸¹¹ Não quero entrar no mérito precisamente semântico, pois nunca se tratou do que pode ser encontrado em algum dicionário, estamos lidando com um fato público e reiterado da história racial brasileira em um dos seus mais emblemáticos exemplos, a do mulato e da mulata.

¹⁸¹² Ibid., p.32, grifo da autora.

Moura “se apresentava em sua” *Autobiografia*¹⁸¹³, pois que, como indiquei antes, ela mesma transcreve o “sou pardo”, esse sim, modo pelo qual o tradutor baiano se apresentou já no primeiro parágrafo. Como visto em suas próprias palavras mais acima. O “mulato de origem humilde” não pertence a esse documento.

Vejamos, então, a sua nota explicativa, e contraditória, acerca dessa dúvida:

Tomamos aqui a expressão [“mulato de origem humilde”] pela qual o próprio Caetano Lopes de Moura se afirma, mas sem esquecer uma determinada posição crítica frente a ela. Talvez o autor quisesse exatamente expor as dificuldades que passou devido “ao acidente da cor” e às barreiras financeiras para heroicizar ainda mais a sua vida. Isso deve estar em mente quando trabalhamos com uma escrita de cunho memorialista como esta¹⁸¹⁴.

Nessa tentativa de explicar o uso da expressão “mulato de origem humilde”, mais uma vez ressaí muito mais a dúvida e a desconfiança a Caetano Moura, se somando às forças centrífugas que na história insistem em apartá-lo da própria realidade e, dessa vez, o acusando de “Talvez [...] heroicizar ainda mais a sua vida”, conjecturando fatos e desconfiando até da sua pobreza como, por exemplo, no trecho em que Maleval diz: “Apesar de ser supostamente de família humilde, com poucas posses, acabou indo para a Europa com a ajuda do pai de um colega seu para quem dava aulas¹⁸¹⁵.” A sua origem pobre é um dos primeiros fatos apontados através de documentos, que dizem das suas origens, encontrados por Cláudio Veiga¹⁸¹⁶.

Além do mais, a frase citada carece de lógica quando o “supostamente” perde sua força hipotética ao ser seguida da afirmação de que Caetano Moura foi para Europa através da ajuda do pai de um colega seu, como Maleval constata na *Autobiografia*, e não pelas próprias custas ou das posses de algum familiar, essa informação ainda não se pode contestar factualmente. Inclusive, é o que ecoa em uníssono entre todos citados até aqui.

¹⁸¹³ As únicas duas presenças da palavra “humilde” na autobiografia, exatamente no final do texto, grifo nosso: “para que defira com benignidade a *humilde* súplica que me animo por esta ocasião a fazer subir à Augusta Presença de Vossa Majestade Imperial.

De vossa Majestade Imperial, o mais *humilde* súdito e criado — Dr. Caetano Lopes de Moura.”

¹⁸¹⁴ *Ibid.*, nota de rodapé 71.

¹⁸¹⁵ *Ibid.*, p.27.

¹⁸¹⁶ Diz Cláudio Veiga (2013, p. 24), acerca dessas origens, na nota de rodapé 21: “Em fins de maio e princípio de 1795, o mestre carpinteiro Maximiano Lopes de Moura trabalhou num alpendre da Ordem 3.^a de São Domingos.” ARQUIVO DA ORDEM 3.^a DE SÃO DOMINGOS, RECEITA E DESPESA, 1744-1799, F.212 r. Acrescento ainda, Veiga (2013, p.26): “Em 1805, a Santa Casa de Misericórdia para 179\$700 ‘ao mestre Carpinteiro Antônio Lopes de Moura... importância de seus jornais, dos oficiais e serventes que trabalharam nas obras das Enfermarias do Hospital desta St. Casa e em algumas propriedades da sua administração.” ARQUIVO DA ORDEM 3.^a DE SÃO DOMINGOS, RECEITA E DESPESA, 184-185, V.915, f.37 r. Como se vê, trata primeiro do pai de Moura e depois do seu irmão, mestres carpinteiros. O desejo do irmão Antônio em se tornar mestre carpinteiro como o pai é descrito por Moura em autobiografia.

Uma outra questão em relação a essa nota de rodapé é que não fica explícito o que quer a pesquisadora. Pois, ela diz que somente o fato de Caetano Moura “ter conseguido reconhecimento em um momento em que a cor da pele pesava bastante já teria feito dele quase um ‘herói’¹⁸¹⁷”, mas, antes, na mesma frase, ela lança mão da expressão “mulato de origem humilde”, alegando ser o modo como ele se apresenta e, tentando justificar o uso dessa expressão, escreve: “Talvez o autor quisesse exatamente expor as dificuldades que passou devido ‘ao acidente da cor’ e às barreiras financeiras para heroizar ainda mais a sua vida¹⁸¹⁸”. Ou seja, ao mesmo tempo em que Maleval reconhece um quase heroísmo em Caetano Moura, o toma em suspeição nessa mesma direção. Estamos diante de um impasse? A resposta é, não!

Para mim, está-se diante de um objeto da história, mudo ainda que tenha falado, emudecido. Arrastado não pelas correntes da história, mas construído e suspeitado pelo lápis daqueles que o historicizaram. Em sua *Autobiografia*, Caetano Moura narra sucessos e desgraças, perdas, conquistas e glórias passageiras, lamentos, fardos e enfados e uma persistente dificuldade material e deveríamos, a despeito de qualquer dúvida, lembrarmos que era um homem negro. O quão heroico há nisso? Quais dúvidas pairam sobre esse fato? E, finalmente, não existe o trecho “mulato de origem humilde” em sua *Autobiografia*, entre os documentos já diversas vezes citados.

Tudo isso poderia ser suficiente não fosse pelo fato de que a professora e pesquisadora, Isadora Tavares Maleval, ter feito praticamente toda a carreira acadêmica estudando temas ou questões, instituições e fatos que cruzam com a vida e obra de Caetano Moura. A sua tese de doutoramento¹⁸¹⁹, grosso modo, trata do interessante tema da realização da história através dos arquivos do IHGB que Caetano Moura é/foi um dos seus notórios correspondentes, e figura entre aqueles responsáveis pela sua sedimentação inclusive como membro honorário. Assim, Caetano Moura emerge mais uma vez, e forçosamente, pela sua importância para esse instituto, mas o que mais ressaí aos olhos dessa vez é o fato de a pesquisadora tratar a questão racial presente na *Autobiografia*. Uma exceção à regra. Porém, de modo um tanto controverso para dizer o mínimo.

Vejamos,

O preconceito era agravado pela característica que Caetano carregava estampada em seu corpo e, possivelmente, na maneira como falava: “O

¹⁸¹⁷ MALEVAL, *ibid.*, p.32, grifo da autora.

¹⁸¹⁸ MALEVAL, *ibid.*, nota de rodapé 71.

¹⁸¹⁹ MALEVAL, Isadora Tavares. **Entre a “arca do sigilo” e o “tribunal da posteridade”**: o (não) lugar do presente nas produções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 2015. 348 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

acidente da cor e a terra da minha naturalidade, longe de serem conciliadores da consideração deles para comigo, deviam motivar-lhes aversão, senão desprezo”. Não poucas vezes passou por situações como esta, que descrevia com tristeza¹⁸²⁰.

A pesquisadora, após lançar mão desse trecho acima e de mais um outro em que Caetano Moura narra um episódio de racismo, comenta: “Aos poucos, o mulato foi reconhecido por seu trabalho e inteligência. Sobre isto também não faltarão relatos na escrita memorialista.” Primeiro, como vimos, o trata insistentemente por “mulato” quando o próprio se apresenta como “pardo” e o faz enquanto analisa episódios de racismo narrado e sofrido por Caetano Moura. Esse solilóquio, esse recurso dramático e pessoal, “o mulato”, ainda se repetirá outras 5 (cinco) vezes, seja por citação direta a Veiga seja por assimilação dessa realidade imposta ao nome de Caetano Moura. Ao que conclui a seção da sua tese, *Precaução na escrita autobiográfica de Caetano Lopes de Moura*, da seguinte maneira,

O trabalho de escolha daquilo que devia ou não ser dito foi feito com primor pelo mulato baiano. Ainda assim, mesmo com todas as precauções tomadas, o “Dr.” não deixava de nutrir receio de que sua vida fosse lida por um amplo público no presente. Isto era tarefa para os homens do futuro, definitivamente¹⁸²¹.

Assim, o “Dr.” Caetano Moura, o tal do mulato baiano, por desejar que a sua biografia fosse lida somente após a sua morte, escolhia com certo “primor [...] mulato” ou com certo *medo negro* aquilo que devia ou não falar ao Imperador. Pelo visto o “sem pejo”, apontado por Tarquínio de Sousa, não se repete aqui. Para esse articulista, foi um gesto de coragem Caetano Moura afirmar-se pardo, já na tese de Maleval, mesmo as cenas de racismo narradas nessa “escrita memorialista” não foram suficientes para que aplacasse o desejo de criar uma dúvida razoável acerca das escolhas feitas naquela narrativa enviada ao Imperador do Brasil, D. Pedro II, mesmo que, na *Autobiografia*, o receio tenha sido expressado e explicado, pelo fato de citar pessoas que ainda estavam vivas. Receio justificável, pois, se tratava de uma narrativa pessoal que envolvia naturalmente outras pessoas que deveriam ser informadas antes que certas notícias fossem publicizadas. Se há razões maiores, ou particulares, é necessário que se apresente o contraditório, não suposições ou criações.

É necessário ainda ponderar que, se mesmo hoje em dia é complexo falar ou narrar situações de racismo, a partir do conjunto de informações que sabemos sobre as pessoas negras

¹⁸²⁰ Ibid., p. 254.

¹⁸²¹ Ibid., p. 277.

no mundo, no período de Caetano Moura era ainda mais complicado, inclusive quando se é correspondente do Imperador da maior nação escravagista do ocidente, de toda história do mundo? Ainda uma questão me deixa curioso: quais informações sobre a vida de Caetano Moura ficaram de fora de sua *Autobiografia* que deveriam ter sido informadas ao Imperador, ou ao mundo? Ou ainda, segundo a constatação de Maleval, ao afirmar que “O trabalho de escolha daquilo que devia ou não ser dito foi feito com primor pelo mulato baiano¹⁸²²” essa sentença responde a quais questões objetivas, do que trata essa afirmação? Não poderia ser na ideia de que o “mulato” é esperto, um *mulato baiano*, porque ser mulato é ser esperto de um modo nada especial em nossa cultura. Ser *baiano* muito menos. Ainda será recorrente a presença de “o mulato baiano” em outros trabalhos de Isadora Tavares Maleval¹⁸²³, na forma de citação à Veiga e ou à Afonso Celso¹⁸²⁴, mas também de modo direto e sem alguma ponderação. Entretanto, e de forma alguma atenuadora, sua dissertação de mestrado e tese de doutorado não são trabalhos dispensáveis e me serviram como fonte diversa sobretudo porque tratam do valor histórico e da contribuição de Caetano Moura para construção da memória nacional, da mesma forma me serviram os outros textos trazidos anteriormente. E de modo algum me visto o papel para atribuir algum rótulo de racista a qualquer uma das pessoas citadas, no entanto, o uso expressivo de atribuições raciais de cunho pejorativo é um fato exposto na linguagem e se, e quando, utilizadas necessitam ser relevadas e tomadas criticamente. E esse ato não é uma maneira de editar a história passada até o presente, de modo a realizar a sua profilaxia. É uma ação crítica e, portanto, ética.

A esse respeito, do *ethos*, numa acepção antiga, que dizia respeito à boa disposição das mobílias dentro de uma casa de forma que todos possam transitar, com certa tranquilidade, sem que tropecem ou esbarrem em algo, evitando acidentes. Nesse sentido, a ética deve admitir a mobilidade das coisas e o trânsito para melhor conformação do espaço segundo as pessoas que

¹⁸²² Ibid., p. 277.

¹⁸²³ Cf. MALEVAL, I. T. **O Brasil em manuais escolares**: escrita e ensino da história em meados do oitocentos. Revista Ars Histórica, v. 1, p. 80/1-88, 2010. p.08; MALEVAL, I. T. Escrita (auto)biográfica e pudor historiográfico: Caetano Lopes de Moura e os limites para uma história do presente a partir do IHGB. In: ARAUJO, V. L. (Org.); Oliveira, Maria da Glória de (Org.). (Org.). **Disputas pelo passado: história e historiadores no império do Brasil**. 1ed. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012, v., p. 188-203.; MALEVAL, I. T. **A história contada através dos livros**: o Brasil em manuais escolares oitocentistas. In: XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro. XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010. É interessante notar que em um dos textos sobre Moura, em que a professora e pesquisadora Isadora T. Maleval escreveu em parceria com Sheila Hue, não aparece a expressão *mulato baiano*. MALEVAL, I. T. ; HUE, S. M. . **Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, tradutor das obras de Walter Scott e editor de Os Lusíadas**. In: Eduardo da Cruz; Andreia Alves Monteiro de Castro. (Org.). **Brasil e Portugal no século XIX: encontros culturais**. 1ed. Rio de Janeiro: UERJ, Cátedra Garret, 2019, v. 1, p. 243-256.

¹⁸²⁴ CELSO, Afonso. Caetano Lopes de Moura. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, v. 40, set. de 1932.

o compartilhem. Desse modo, a ação crítica deve também admitir-se em trânsito, assim como a História muda através de fatos que se conhecem *a posteriori*, algo que se assemelha à tradução sem que o dicionário seja a sua regra, onde possivelmente estaria sua solução com uma resposta objetiva prévia ao significado requerido de uma palavra que não se conhece, mas o contexto é diverso e muda o sentido das palavras. Com isso, a ação crítica não prescinde a interpretação, e, por isso, devem admitir-se móveis até que uma melhor organização ou conformação das coisas, uma melhor ética, se disponha. Dito isso, preciso ainda acolher mais um exemplo em torno da mobilidade das coisas para alguma conformação de Caetano Moura em nossa história nacional.

3.2. ESTUDOS MEDIEVAIS NO BRASIL: ALGO PÍCARO.

Vimos que há uma extensa dificuldade em admitir a presença histórica de Caetano Moura, não me parece existir um bom lugar para sua conformação em nossa memória. É perceptível como a sua aparição fantasmagórica causa espanto, é quase um herói-fantasma! É estranho que tenha sido pobre, que tenha sido negro, que tenha sido “Dr.” ou médico, foi um tradutor tardio para custear a própria vida, tendo exercido essa profissão já no último terço da vida etc. Apontado às vezes como um mal tradutor, médico sem clientela, historiador limitado, exegeta diletante, cientista sem objeto confinado a ser objeto,¹⁸²⁵ em síntese, mulato, híbrido, sem conformidade. Confinado aí, apesar de ter editado o *Cancioneiro d’el Rei D. Diniz* e de *Os Lusíadas*, da mordomia real de D. Pedro II, do exército de Napoleão Bonaparte, das suas dezenas de traduções, ainda assim, em lugar nenhum coube. Não lhe foi dado um bom lugar, por falar nisso, tomemos mais um exemplo, digamos, passível de uma confrontação ética.

Pois, para encerrar esse trecho malogrado da história sobre Caetano Moura, preciso fazer referência ao texto *Estudos medievais no Brasil*¹⁸²⁶, de Hilário Franco Junior., Yara

¹⁸²⁵ No começo do texto *A experiência vivida do negro*, título muito sugestivo ao que tratamos aqui, Frantz Fanon exprime as suas expectativas, e da pessoa negra em geral, diante do mundo: “Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu.” FRANTZ, Fanon. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. de Renato da Silveira. EDUFBA Salvador, 2008, p.103.

¹⁸²⁶ FRANCO JR, Hilário; VIEIRA, Yara Frateschi; MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. Estudos Medievais no Brasil. **Revista de poética medieval**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 177-219, 2008.

Frateschi Vieira e Lênia Mongelli, que rememora o itinerário desses estudos no Brasil e apontam Caetano Lopes de Moura e Francisco Adolfo de Varnhagen como seus precursores, o primeiro nem tanto assim.

Veja-se,

Dois nomes representam a fase inicial dos estudos medievais feitos por brasileiros. Caetano Lopes de Moura, embora nascido no Brasil, no estado da Bahia (1780), estudou Medicina em Coimbra, doutorou-se na França, serviu na armada francesa durante o Império e morreu em Paris, em 1860; ali publicou, em 1847, o *Cancioneiro d'el Rei D. Diniz*¹⁸²⁷.

Ao que, sem muitos floreios, emendam que “O julgamento dos especialistas a essa edição, passou-o com toda a clareza Carolina Michaëlis de Vasconcelos”. Então, o texto transcreve parcialmente as análises, ou “julgamento” (?), de Vasconcelos, a saber:

A edição é defeituosíssima [...] tão ilegível como a do Collegio dos Nobres, não só para os menos versados em paleographia. O trabalho de Caetano Lopes de Moura, que de modo algum estava preparado para a difícil empresa, restringe-se a um punhado de notas e a uma Introduçãozinha¹⁸²⁸.

Omitindo o restante da sentença de Vasconcelos – ou “o julgamento dos especialistas”, mesmo tendo apresentado apenas um nome (ainda que seja um grande nome), não se pode dizer que sejam especialistas no plural – que completa a citação acima da seguinte forma: “[...] e a uma Introduçãozinha, na verdade um pouco mais ampla e succulenta do que fora a de Lecussan Yerdier”, assim, ao cortar essa última frase e, que se saiba, do primeiro parágrafo da breve análise de Vasconcelos, tira-lhe já uma pontinha de mérito. Pelo visto, a julgar por esse e outros detalhes do texto, Caetano Moura não mereceria nenhum. Já que, ainda viriam de Vasconcelos mais algumas considerações menos desfavoráveis em relação à edição de Caetano Moura, inclusive, comparando-a com de Varnhagen, mesmo que, conforme Vasconcelos, a desse último tenha maior valor.

Por outro lado, não são trabalhos comparáveis se tivermos em vista a extensão e o número de códices utilizados por ambas. A edição realizada por Moura teria sido uma edição interpretativa de uma fração parcial do *Códice 4803, da Vaticana*, e a de Varnhagen foi uma edição crítica na presença de ao menos duas cópias completas do mesmo *Códice 4803*, o de Roma e o de Madrid, além da própria edição de Caetano Moura, uma outra do Colégio dos

¹⁸²⁷ JR; VIEIRA; MONGELLI, 2008, p. 193.

¹⁸²⁸ VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada, 2 vols., Halle, Alemanha: Max Niemeyer, 1904, v. II, p.17.

Nobres e diversas outras edições parciais citadas na *Notícia crítica* do seu *Cancioneirinho*¹⁸²⁹. Entretanto, compará-las não será o meu objetivo, me deterei às considerações a Caetano Moura.

Reitero que não faço essas ponderações para de alguma forma restaurar o valor histórico ou mesmo técnico do *Cancioneiro* editado por Caetano Moura, ainda mais porque essa edição é, de fato, a inauguradora e isso não depende do seu alto valor histórico ou filológico, outra vez, trata-se da própria existência dessa edição. Porém, tendo em vista que Caetano Moura estava diante de apenas uma cópia da extração parcial de um manuscrito da Vaticana, recentemente identificado, realizou a edição que lhe foi possível, de fato limitada. Mas, àquela altura já teria publicado 27 livros, e no mesmo ano do *Cancioneiro*, em 1847, publicou também a primeira edição para o público brasileiro de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, mas nada disso parece relevante em suas dificuldades.

Ainda assim, no imenso trabalho realizado por Carolina Michaelis de Vasconcelos, tratando de analisar as edições disponíveis do *Cancioneiro da Ajuda* e da *Vaticana*, aponta de modo coeso os problemas e defeitos em todas as edições a que teve acesso, nada mais natural ao trabalho de levantamento e análise de edições, inclusive apontando outros achados ou características da edição e do trabalho de Caetano Moura, como por exemplo:

Não leu as trovas todas, mas notou vários nomes de auctores. Communica também alguns dados sobre D. Denis, seu pae Affonso III, e vários personagens históricos, que se distinguiram como trovadores (Fernão Fernandes Cogominho 1261; João Lobeira 1278; Diogo Lopes de Bayão 1264). Folheando o volume, descobriu uma das cantigas do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, attribuida a certo poeta, cujo nome lhe parecia ser Joan Vaz (erro por Juan Vaasques)¹⁸³⁰.

Por esse trecho, não me parece que Vasconcelos estava procurando realizar um “julgamento”, mas análises, com certeza, e seu trabalho tem um imenso valor. Parece-me que Hilário Franco Jr., Yara Frateschi Vieira e Lênia Mongelli se satisfizeram, por algum motivo, com o primeiro parágrafo de Vasconcelos e, por conseguinte, nem sequer relevaram a Caetano Moura algum mérito apontado inclusive por essa pesquisadora ao atribuir à sua edição ter identificado com correção e antecipadamente alguns dos trovadores citados acima etc.

Mas, e mais uma vez, como o objetivo aqui não é avaliar as edições realizadas dos códices da *Ajuda* e da *Vaticana*, quero ainda apontar algumas características que aparecem no texto de Franco Jr., Vieira e Mongelli que se somam aos anteriores, com alguma semelhança,

¹⁸²⁹ DINIS, D. *Cancioneirinho de trovas antigas colligidas de um grande cancionero da biblioteca do Vaticano*. Editor: Varnhagen, Francisco Adolfo de, Vienna : Typographia I. e R. do E.e. da Corte, 1872. p.3-33.

¹⁸³⁰ VASCONCELOS, 1904, II, p. 17.

no sentido de ocultar (dispersar, centrifugar) a presença ou importância de Caetano Moura ao descrevê-lo de modo peculiar.

Logo em seguida à citação de Carolina Michaelis de Vasconcelos, o texto ressalta os três interesses que se tem em relação à edição realizada por Caetano Moura, quais são:

O primeiro, a maneira pela qual Lopes de Moura conseguiu ter acesso ao precioso códice, que ele próprio explicita na sua Prefação (“graças á illustrada intervenção e patriótico zelo do Ex^{mo} Snr. Visconde da Carreira”), ou seja, através de favor pessoal; o segundo, o seu caráter ocasional, uma vez que na *Autobiografia*, escrita para acompanhar uma carta dirigida ao imperador D. Pedro II, em 1852, Lopes de Moura não menciona essa edição, embora faça alarde de suas traduções; o terceiro, o fato de ele mencionar, no mesmo prefácio, como modelos da sua edição, os trabalhos feitos em França por Raynouard, Roquefort, Paulin Paris e outros. Vivendo em Paris, e não sendo um especialista, era natural que Lopes de Moura não conhecesse os trabalhos elaborados na Alemanha, principalmente de F. Wolf e F. Diez¹⁸³¹.

Acerca desses três interesses é justo reorganizá-los de maneira que faça melhor sentido à história documentada e não ao julgamento desse e dessas autoras. De tal modo, em relação ao primeiro interesse, ou de como Caetano Moura teve acesso ao códice, ressalte-se que não foi um favor exatamente a ele como pode parecer na citação acima. Mesmo que de fato isso não importe. Mas se pode ler na Prefação de Caetano Moura presente no *Cancioneiro*¹⁸³² de onde Franco Jr., Vieira e Mongelli retiraram, com parcialidade, a indicação desse certo “favor” o seguinte:

o meritissimo editor da presente publicação, o Snr. J.P. Aillaud, tendo sido informado pelo Snr. J.J. Roquete, professor de litteratura portugueza no collegio Estanslao, que na livraria do Vaticano existia um codice, onde se achavão as poesias d'El Rei D. Diniz, determinou de encher em parte o vazio immenso, que se observava nesta parte tão essencial da litteratura portugueza, e teve a ventura de o pôr em effeito, graças á illustrada intervenção e patriotico zelo do Exm^o Snr. Visconde da Carreira, o qual no meio das importantes occupações annexas ao eminente posto que occupa, acha ainda tempo para empregar-se em tudo quanto diz respeito á antiga litteratura portugueza (DINIS, 1847, p. VIII-IX).

Como se percebe, se houve um favor pessoal¹⁸³³ não o foi exatamente para Caetano Moura, mas a J.P. Aillaud que era o proprietário da editora em Paris, de mesmo nome, que

¹⁸³¹ JR.; VIEIRA; MONGELLI, 2008, p. 194.

¹⁸³² DINIS. D. **Cancioneiros**. Edição e notas do Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris, França: J.-P. Aillaud, 1847. Gr. IN-8º. p. VIII-IX.

¹⁸³³ Como acréscimo, a pesquisadora Carolina Michaelis de Vasconcelos (1904, II: p.16) narra os acontecimentos, ou a sucessão de favores, da seguinte maneira: “O illustre slavista Kopitar encarregou-se, a pedido de Wolf, de promover essas pesquisas, mas como, executadas frouxamente pelos empregados do Vaticano, não surtissem o efeito desejado, fallou do seu propósito e das suas tentativas infructuosas a um franciscano português, o Padre J. I. Roquete. Este, valendo-se da influência de outro Embaixador português, o Visconde da Carreira, conseguiu que os Custodes, renovando a campanha com mais interesse, descobrissem o importantissimo códice 4803, um

Caetano Moura prestava serviços à soldo como editor e tradutor. Mas disso decorre uma interrogação: qual o valor científico dessa informação, desse favor? *A priori*, nenhum. Para qualquer outro tipo de pessoa, isso teria sido compreendido como um sinal de boa relação, de habilidades sociais e políticas, coisas de aristocrata. Mas, uma resposta possível é que talvez não apresente o fetiche heroico da descoberta em primeira pessoa, do achado imprevisto ou previsto que reluz sob os olhos do desbravador, como se os arquivos da história estivessem plácidos à espera do sopro divino do intelectual, que daí faz emergir as verdades mais vivas dos papéis, códices, manuscritos e hieroglifos. Certamente, não foi esse o feito realizado por Caetano Moura, não nesse caso, o rebaixando assim à alguma classe que não sei qual. E ensaio essa resposta porque mais adiante no texto *Estudos Medievais no Brasil* esse suposto valor é atribuído a F. A. Varnhagen. Ainda assim, em outras situações, Caetano Moura identificou, copiou, editou e remeteu ao Brasil, em serviço à D. Pedro II, manuscritos, mapas, cópias raras e edições diversas. Na verdade, é justo tentar em algum momento reunir essas informações a partir de suas correspondências com o imperador do Brasil, D. Pedro II, para quem em geral era destinada as “encomendas”. Este é um ótimo caminho para que se possa investigar ainda mais os serviços realizados por Caetano Moura na Europa e outras questões adventícias.

O segundo ponto considero um tanto mais complexo, porque ainda mais pessoal. Existe aí uma certa precipitação quando dizem que na “*Autobiografia*, [...] dirigida ao imperador D. Pedro II, em 1852, Lopes de Moura não menciona essa edição, embora faça alarde de suas traduções”, o que se quer dizer com essa ausência e, mais uma vez, o que se quer supor? Se se pode assim nomear, qual a cientificidade dessa “hipótese”? Para mim, seriamente, Franco Jr., Vieira e Mongelli expõem um *desejo* crítico editorial, como Maleval e tal como, e conjecturam que a ausência de uma informação desejada é um dado suficiente para apontar algum embuste retórico na *Autobiografia*. Essa desconfiança de que Caetano Moura tivesse realizado uma contrafação e que, sabendo disso, agiu de modo fortuito para escondê-la ao Imperador em sua correspondência impõe-me, outra vez, questionar a origem dessa suposição, dessa advertência? Porque, qual é o proveito objetivo que se espera retirar dessa questão? Isso não quer dizer que se deva ratificar tudo ou qualquer coisa encontrada em um manuscrito ou qualquer outro

verdadeiro thesouro, no qual, a par do Cancioneiro procurado de D. Denis, surgia, em torno do monarca, uma plêiade brilhante de mais de 100 poetas, com um pecúlio de 1200 e tantas poesias gallaico-portuguesas. Parece que Wolf planeou editá-lo. Adolpho Tobler, então um novel romanista, mas de há muito uma das glórias mais resplandescentes da nova sciencia, coordenou logo a lista dos trovadores, a instancias do professor de Vienna, penso que em 1847. Mas antes que este chegasse a realizar o seu intento, um brasileiro, bem recommendado, conseguiu por empenhos diplomáticos que lhe fossem extractadas as poesias de D. Denis, o melhor e mais fecundo dos poetas ahi representados, e ainda então, na mente de muitos, o primeiro que em Hespanha metrificara em rima, á imitação dos Avernos e Limosinos.”

documento. Todo documento é autêntico em sua materialidade, nem todos tem o mesmo valor, é preciso dimensioná-los. No entanto, está-se a tratar de um documento conhecido. Editado e lido por pessoas a seu tempo ou mais próximas ao tempo do autor. Os relatos a seu respeito são razoavelmente em bom número, e o destinatário foi um dos homens mais poderosos da sua época. À *Autobiografia* de Caetano Moura muito mais elementos foram adicionados que retirados. No limite, algumas das informações ali contidas, escritas por um homem já com 72 anos, foram precisadas: fatos históricos, datas, lugares e ou nomes. Ainda não encontrei, entre aqueles que estudaram ou leram a *Autobiografia*, tácita acusação documentada sobre a não veracidade de qualquer informação. Quanto às questões acima, espero alcançar algum ensaio de resposta com o que virá.

Contudo, antes ainda de alguma resposta, em carta enviada por Caetano Moura a D. Pedro II, com data de 24 de setembro de 1846¹⁸³⁴, transcrita parcialmente por Cláudio Veiga, em que se pode ler sem ressaio: “[...] dou pela primeira vez a ler as trovas que um dos Augustos Progenitores de Vossa Majestade Imperial se deleitava em compor nos poucos momentos que lhe davam de folga os negócios do seu reino¹⁸³⁵”. Assim, a suposição de que Caetano Moura não comenta a edição do *Cancioneiro* em sua *Autobiografia*, por ocasionalidade da sua realização, desconsidera, por exemplo, mesmo que em termos diferentes (quase nunca são os mesmos), a realização da edição de *Os Lusíadas*, de Camões; a reedição de *O castrioto Lusitano* sobre a edição de 1679, do Frei Raphael; a participação como um dos editores e revisores de manuscritos para a construção da obra *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo (1842-1860)* do Visconde de Santarém; exemplos que bastariam para demonstrar que o exercício do seu trabalho como editor não foram ocasionais. E do imenso trabalho de tradução, edição e notas, a partir dos manuscritos do autor, Saint-Adolphe, J. C. R. Milliet, em Paris, para a composição do *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*, publicado em 1845, em dois volumes e com 1375 páginas, reeditada primeiro em 1863, também em Paris, e recentemente, em 2014, em Minas Gerais. Portanto, é falsa a alegação baseada na ocasionalidade editorial de Caetano Moura, que

¹⁸³⁴ É verdade que essa carta é anterior à publicação comercial do *Cancioneiro*, mas não posso afastar a possibilidade de que Imperador tenha tido acesso à edição antecipadamente. Acrescento isso, pois há cartas de Caetano Moura ao Imperador que ainda não foram analisadas. No entanto, insiro esse trecho de uma correspondência na tentativa de demonstrar que não havia silêncio a seu respeito. A não ser que suponhamos que Caetano Moura estaria realizando um plano ainda mais elaborado para enganar o Imperador, com a ajuda do livreiro e editor J.P. Aillaud, do padre J.I. Roquete e do Visconde de Carreira, algo que não posso alimentar. Além disso, não resta esclarecido somente através do trecho citado se um exemplar do *Cancioneiro* fez parte da correspondência. Não há motivos para fazer suposições que não ajudem a entender situações concretas.

¹⁸³⁵ MOURA, C.L. de. Cartas ao Imperador. ARQUIVO GRÃO-PARÁ. Petrópolis, 24 set. 1846 *Apud* VEIGA, 2013, p.143.

sem muito trabalho poderia ser verificada. Além disso, a autobiografia foi escrita em 1852, cinco anos após a edição do *Cancioneiro*, e que nesse manuscrito não se encontram tantas informações acerca das publicações de Caetano Moura que àquela altura já passavam de trinta livros.

A terceira afirmação¹⁸³⁶, que talvez não cause tanto espanto, supõe que a realização de edições (críticas?) devem caminhar somente em direção à metodologia germânica e, mais uma vez, levanta uma suposição sem apresentar seu fundamento e conclui, com muita certeza, sem demonstrar alguma fatualidade. Tendo em vista a própria afirmação, na citação mais acima, de que naquela altura da história o método germânico ainda não havia encontrado ecos na França. E que Caetano Moura, inclusive, indica quais modelos de edição se baseou.

Porém, supostamente, alguma explicação ou ensaio de resposta possa advir do que se seguirá das palavras de Franco Jr., Vieira e Mongelli quando afirmam que “Lopes de Moura representaria assim o tipo de intelectual diletante – e, acrescentemos, algo pícaro – contra o qual se levantará a escola de Gaston Paris na França e já tornado obsoleto, na Alemanha, pelas instituições universitárias¹⁸³⁷.” Ora, se supõe-se que Caetano Moura não conhecia os métodos germânicos, se àquela altura Gaston Paris ainda findava a primeira infância, se nas instituições alemãs aquele método já estava obsoleto – mas Caetano Moura vivia na França – então, essas informações deveriam servir, senão para circunstanciar os limites da crítica, para ao menos considerá-la em uma perspectiva distinta, própria ao documento que se analisa e o seu local de produção. Mesmo porque, esse modo de crítica da filologia só tomaria a sua forma mais bem acabada algumas décadas após a edição de Caetano Moura.

Sendo assim, a edição fora realizada, sob o contexto descrito, há mais de 170 anos e esse é um dado relevante. Pois, nada mais lógico que quando se analisa procedimentos distintos que basearam a realização de edição de códices, por exemplo, deve considerar seu contexto de produção e recepção e a não conformação entre métodos que se confrontem ou se distinguem. Ou ainda, métodos que talvez nem existisse naquele contexto. Ainda algo mais, aquele era um momento de mudanças metodológicas como o texto afirma. De todo modo, posso dizer com alguma segurança, que mesmo hoje essa discussão não está resolvida no que diz respeito ao tratamento filológico para todas as formas de se editar códices, manuscritos etc., nem estava ao

¹⁸³⁶ Adiciono aqui, como forma de rememorarmos, a terceira afirmação: “[...] o fato de ele mencionar, no mesmo prefácio, como modelos da sua edição, os trabalhos feitos em França por Raynouard, Roquefort, Paulin Paris e outros. Vivendo em Paris, e não sendo um especialista, era natural que Lopes de Moura não conhecesse os trabalhos elaborados na Alemanha, principalmente de F. Wolf e F. Diez; (JR.; VIEIRA; MONGELLI, 2008, p. 194)”

¹⁸³⁷ JR.; VIEIRA; MONGELLI, 2008, p. 194.

tempo de Caetano Moura, como querem Hilário Franco Jr., Yara Frateschi Vieira e Lênia Mongelli. Haja visto que em 1928, no século seguinte, Joseph Bédier em dois ensaios complementares, sob o título de *La tradition manuscrite du Lai de l'Ombre. Réflexions sur l'art d'éditer les anciens textes*¹⁸³⁸, rediscute a própria edição crítica que realizou, sob os moldes germânicos, do *Lai de L'ombre*, de Jean Renart, em 1890. Nessa obra, Joseph Bédier reelabora a própria compreensão sobre o tratamento dado a edição de manuscritos antigos ou de tradições de manuscritos que buscam por arquétipos ou originais perdidos seguindo a trilha de erros comuns até possivelmente a forma mais primitiva do texto, a forma original. Certamente, não foi como realizamos a nossa edição interpretativa, que em semelhança com Bédier, elegeu-se o “bom/melhor manuscrito” pelo critério da sua integralidade. Por apresentava-se como o ponto mais equilibrado para o desenvolvimento de uma pesquisa, para uma edição.

Assim, esse texto de Joseph Bédier faz avançar uma linha crítica em direção a Gaston Paris e não é nem mencionado no texto *Estudo medievais no Brasil*, mas o retomo como contraponto para suscitar mais uma questão: a partir de quais questões as autoras e o autor desse texto erigem Gaston Paris contra Caetano Moura? Pelo que se percebe, o fazem para ascender uma voz de autoridade, para acusá-lo, eis um “julgamento”. E cuja sentença é a seguinte: Caetano Moura é apenas um diletante, que é, ao mesmo tempo “não-científico” e sem seriedade, fortuito, ocasional. E para encerrá-lo em uma ficção, vestem-no com a roupa de uma personagem, ele é “algo pícaro”, um bufão, que, sem muitos enleios interpretativos, é o mesmo que malandro. E não necessito ir ainda mais longe para identificar a quais pessoas a palavra *malandro* se refere no Brasil, sem muitas dúvidas, nasce com os *mulatos*, com as pessoas negras, ex-escravizados ou que desses descenderam como, por ocasião, é o caso do Dr. Caetano Lopes de Moura.

Invariavelmente, como antes já aponte, os adjetivos ou epítetos – entre os tantos objetivos – retiram de Caetano Moura o seu pertencimento ao Brasil. Pícaro, por exemplo, é uma personagem romanesca comum à literatura hispânica e dessa acepção literária estrangeira consigo compreender o que afirmaram mais adiante: “Francisco Adolfo Varnhagen [...] Da mesma forma que Lopes de Moura, não era um produto genuinamente nativo¹⁸³⁹”. Veja-se, o primeiro era filho de uma portuguesa (possivelmente) e de um alemão, nasceu na Vila de Sorocaba em São Paulo, viveu em Portugal, na Espanha e no Brasil grande parte da vida. O

¹⁸³⁸ Apenas um acréscimo: por coincidência, esses ensaios de Joseph Bédier foram traduzidos e editados e comentados por mim e pelo Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza publicado pela Edufba, sob o título de *A Tradição Manuscrita do Lai De L'ombre. Reflexões sobre a arte de editar os textos antigos*, 2023.

¹⁸³⁹ JR.; VIEIRA; MONGELLI, 2008, p. 195.

segundo nasceu em Salvador, mudou-se para Portugal com mais ou menos 20 anos de idade e seus pais também nasceram na Bahia. Assim, do que se trata ser um “produto genuinamente brasileiro”? Já que no texto os *Estudos Medievais no Brasil*, de Franco Jr., Vieira e Mongelli, dizem que o objetivo primeiro é “[...] a necessidade de reconhecer a contribuição medieval na formação da nação e as suas continuidades ao longo dos séculos XVI-XXI”. Outra vez a nação, e Caetano Moura não pode participar dela, da sua construção. Ele nem é “genuinamente brasileiro”, o que será ser brasileiro? Seus antepassados foram arrancados do continente africano e trazidos como escravizados, os pais de Varnhagen vieram ao Brasil em condições inversas, em que se assemelham? Não são a mesma coisa, não se pode tranquilamente paralelizá-los. Mas o fazem sob as mesmas circunstâncias já vistas mais acima, para talvez afastar Caetano Moura de ser apenas *um brasileiro*. E é somente nessas circunstâncias que Franco Jr., Vieira e Mongelli aproximam os dois precursores dos estudos medievais no Brasil, abrindo um vão para o que tradutor brasileiro possa ser consumido na insuficiência do seu trabalho e, como última sentença, negando-lhe a completa cidadania brasileira. Fazendo o teuto-brasileiro passar a frente, ser a vanguarda. Assim como defenderam o método filológico germânico mais acima.

É verdade que sempre há mais do que se pode saber ou lembrar, mas os vestígios das forças impressas contra a história sempre deixam algum arrasto pelo qual tentamos enveredar, eis o imenso trabalho com a memória. Talvez tenha sido por esse caminho a persistência dessa escrita “memorialista” de Caetano Moura, que como a sua edição do *Cancioneiro*, e como as tentadas edições da sua memória e presença, se aproximam, exatamente, por serem imperfeitas. E curiosamente, uma edição sem falhas, perfeita, segundo os métodos germânicos, seria imprestável. Há nisso alguma ironia.

3.3. INTEPRETAÇÃO E CRÍTICA E INTEPRETAÇÃO

Assim, toda essa ventura é apenas uma parte – já considerável – da recepção da vida e da obra de Caetano Moura na literatura nacional. Ainda que tenha sido o primeiro tradutor profissional brasileiro viveu três quartos da vida na Europa, para lá rumou com o intuito de se formar em medicina. Também naquele continente realizou mais ou menos 40 obras e outros tantos trabalhos. E ao que consta, colhida por fontes diversas, de fato atravessou uma enormidade de acontecimentos históricos quase todos longe da pátria que insistia em estampar em seus livros na forma de “natural da Bahia”, sucedendo o próprio nome, materializando talvez

a memória da sua localidade, reiterando sempre a relação irreduzível do local de nascimento ao próprio nome.

E, de forma inequívoca, tanto o nome quanto a naturalidade de Caetano Moura chegaram até nós, e parece ter sido o desejado por ele ao gravá-los em seus livros, é o que nos informa em sua *Autobiografia*. E acredito também ter ficado demonstrada a recorrência de epítetos diversos como *o mulato baiano*, e de outros que quase sempre interpõe nominalmente o aspecto racial de Caetano Moura retirando-lhe, “em troca”, a sua nacionalidade, e, todavia, a sua explícita naturalidade.

Além disso, ao se apagar a expressão “natural da Bahia”, como ele se apresentava em suas obras, e talvez ilegível ao curso da nossa História, substituindo-a pela expressão “o mulato baiano” expõe, sobremaneira, um processo muito semelhante à concepção mesma que se tem no Brasil sobre todas as populações e pessoas “não-europeias”, sobretudo às populações negras, que também foram descritas historicamente como um elemento exterior à própria nação, exterior ao que é “local”. Haja visto que diversas acepções de mulato, e mais propriamente aquela que a descreve como um processo de hibridização, que quer dizer qualidade *daquilo* que não se é genuíno, aquilo que não é e não pode ser *natural*: estranho ou estrangeiro. De tal modo, ao se referir a pessoas, quer dizer que são inconformes ou necessitam ser distinguidas, assim ele não é “natural da Bahia”; – Sejam mais específicos, diriam. Ele é um mulato da Bahia, *o mulato baiano*. Ao caso aqui exposto, a expressão “mulato baiano” já é uma edição de *natural da Bahia* porque poderia ser *o médico baiano*, *o tradutor baiano* ou até mesmo *o legionário baiano*¹⁸⁴⁰. Todas essas expressões poderiam se referir ao médico Caetano Moura, mas as expressões que se impuseram de forma mais uniforme têm características racializantes. Ainda assim, o traço comum entre todas as expressões é a adjetivação da naturalidade ou da nacionalidade. E se apresentam diversa e recorrentemente, tal qual refrão ou estribilho, como um elemento romântico de realce enveredada na saudade e na distância da pátria que Caetano Moura de algum modo nutriu. Mas essa saudade foi traduzida durante a história, como se fosse de alguma forma elogiosa, através de adjetivações controversas.

Sendo assim, a questão racial não deve ser compreendida aqui como uma tese sorrateiramente plantada como uma forma de realçar ou insistir em alguma “estrangeiridade”, ou estranhamento, que se atribua a Caetano Moura, natural da Bahia como quis. Essa saudade expressada, também na forma da sua naturalidade, aparece através dos seus escritos autobiográficos mais de uma vez como um objetivo a ser alcançando, mas sempre frustrado.

¹⁸⁴⁰ CALMON, 1961, p. 44-45.

Um objetivo um tanto romântico, concordo, o retorno à pátria após deixá-la em busca de um sonho, não o primeiro sonho, mas o que o levaria a curar pessoas, o de se tornar médico, como aqueles que o curaram de uma pleurisia na juventude ainda antes de partir para Europa, fato narrado em seu manuscrito biográfico.

Mas esse desejo de retornar à pátria, que Caetano Moura descreve desde a saída da Bahia como um sonho futuro, pode ser também percebido em seu manuscrito como parte de frustrações de momentos de sua vida em que as circunstâncias o impediram de realizá-lo. Ainda assim, a pátria permanecerá como um projeto em sua vida, mesmo à distância e sem seu retorno, através dos seus livros e do seu nome que se mantiveram presentes por um certo tempo mesmo após a sua morte, e não posso dizer que esteja completamente apagado, esta pesquisa ainda é uma constatação da sua alguma presença. Finalmente, Caetano Moura jamais retorna à pátria, na verdade, ele simplesmente fracassa em seu sonho. A saga heroica não se completará justamente porque não verá o regresso de Caetano Moura à terra natal. Assim sendo, com o tempo, essa ausência parecerá mais com um mito que como um herói.

De tal modo, esses dados que acima relevei não puderam ser ignorados ou rebaixados a meros elementos circunstanciais ou coincidências do destino, da história. Por fim, é bom lembrar outra vez que a principal obra, já mencionada, sobre Caetano Moura foi escrita pelo professor e pesquisador Claudio Veiga, *Um Brasileiro soldado de Napoleão*, que, como se viu, nem traz o seu nome na capa, substituindo-o pela sua nacionalidade como que por ironia do destino, mas no mesmo movimento de exclusão do nome de quem realmente se trata o livro, algo sempre há de faltar. E o título traz curiosamente o nome de outro Imperador, a quem o nome de Caetano Moura se ligou também por ter escrito a *História de Napoleão Bonaparte desde o seu nascimento até a sua morte* (1846), muitos anos depois de servir como ajudante de cirurgia na Legião Portuguesa sob o comando de Napoleão I. Como se leu em sua *Autobiografia*, ele narra um encontro rápido com este, e foi o momento mais íntimo, momento em que Caetano Moura pede sua promoção. Preocupado com o soldo e as despesas da vida.

De todo modo, acredito que seria menos provável que a edição desses escritos autobiográficos fosse aventada por mim, como um projeto de doutoramento, antes mesmo que esses dois dados, local de nascimento e raça, se impusessem. Quase que se tornaram condições para a edição dos seus manuscritos. Mas explicitar tais fatos não é um prognóstico, nem é uma desculpa a respeito de algum viés sócio-histórico-racial que emergiu durante a realização desta pesquisa, pois esse cruzamento de informações se mostrou relevante em todos os caminhos pelas quais essa pesquisa se deparou, sem atalhos. Esteve ambos os dados em insistente relação

e aparição em obras diversas, publicações em jornais, resenhas, teses, dissertações e artigos e que despertavam ainda mais, e a cada vez, o meu interesse e curiosidade sobre Caetano Moura.

Por outro lado, estão presentes no manuscrito algumas cenas de racismo que logicamente não estão assim nominadas, mas que são descritas como tais, como um preconceito relativo à “cor” ou “tez” do seu autor.

No entanto, em nenhuma das obras até aqui citadas se trata muito diretamente desses fatos biográficos, nem a de Cláudio Veiga, que como alguns autores e autoras tiveram contato com o manuscrito, além de uma numerosa quantidade de documentos. Esse pesquisador chegou mesmo a afirmar que Caetano Moura não tratou sobre o assunto e, por isso e outros elementos, retirou-lhe o direito a um lugar entre as pessoas negras *avant-garde* no assunto das questões raciais. Esta é uma infeliz decisão, sobretudo ao partir de um autor que é branco e não relevou o racismo explícito em autobiografia e ainda o tratara por *mulato baiano*¹⁸⁴¹. Inclusive militando contra aqueles que chamavam Caetano Moura de um homem negro, pois o escurecia demais. Com isso, não estou requerendo o tal lugar negado por Veiga a Caetano Moura, mas o fato é que há em sua autobiografia fatos explícitos de natureza discriminatória e deveria haver algum peso que o seu autor estivesse narrando tais fatos ao Imperador da maior nação escravagista, o Brasil.

Dito isso, reitero que não foi necessário criar hipóteses raciais, pois, ao que logo se mostrou e foi o que invariavelmente se explicitou em muitos desses textos sobre Caetano Moura, antes mesmo que os objetivos próprios desses textos tenham sido expressados. E, para mim, não é tão estranho a ênfase de sua negrura sob óbices controversos e contraditórios por tantos autores e autoras. E assim, o *mulato baiano* e congêneres sucedia, teimosamente, ao seu nome e se mantinha independentemente do aspecto em que cada uma dessas obras se utilizava da personagem histórica e real, e nem sempre antecedida do Doutor, Caetano Lopes de Moura. O epíteto de Doutor é menos lembrado que o de *mulato*. Repito que esse fato me causa ainda mais interesse quando o autor(a) admite conhecer a sua autobiografia, pois, como vimos, já no segundo parágrafo dessa obra, o autor afirma ser “pardo”. Mesmo assim, não pretendo entender o que “sou pardo” significava para Caetano Moura, mas ainda não compreendo o motivo factual para “traduzi-lo” por “mulato”, ou por qualquer outra, essa autorreferência. E eu o trato, hoje, como um *homem negro*. O fato é que, na maioria das vezes a atribuição racial era a expressão de um estranhamento ou um agravamento da diferença, de

¹⁸⁴¹ De acordo com Veiga (2013, p. 199): “Em sua autobiografia, desfilam fatos – sem dúvida, verídicos, na quase totalidade, mas selecionados, lisonjeiros. Pobre, consegue ascender socialmente, por meio dos estudos. Mulato, assume conscientemente a petulância dos mulatos, dando-lhe, porém, o brunido da cultura.”

uma suposta excepcionalidade de Caetano Moura em sendo uma pessoa negra, eis a admiração: um homem negro entre dois imperadores. Mas, nada disso parece ter alterado definitivamente o destino do seu nome.

De todo modo, e se é verdade que o pesquisador quando se debruça sobre as temporalidades das coisas passadas, instrumentalizado com as ciências do tempo ou ciências históricas, sempre estará diante de uma encruzilhada entre a descrição e a interpretação, ou de outra forma, entre a objetividade dos fatos e a sua hermenêutica, o que restaria a um filólogo ou à filologia? Pois, ao se tratar de editar um manuscrito autobiográfico de um homem negro que nasceu na Bahia, viveu no século XIX, lutou no exército de Napoleão, foi correspondente do Imperador Dom Pedro II e médico residente no hospital Hôtel-Dieu em Rouen, na França, cujo o cirurgião-chefe foi Achille-Cleophas Flaubert, pai do escritor Gustave Flaubert, como não escapar à materialidade do seu manuscrito autobiográfico para se aproximar do seu autor como a história o descreveu, através de certas peculiaridades, buscando seus sentidos, sua interpretação, quando o seu autor foi um certo *mulato baiano*? O que fazer com os adjetivos, senão interpretá-los? Por esses motivos, diante das circunstâncias citadas, se impôs a necessidade de superar a materialidade do manuscrito, mesmo que parcialmente, para perseguir algumas possíveis razões do seu *rasuramento* histórico, seu embaçamento. Ou mais propriamente, a tentativa da sua rasura como num gesto físico de expulsão, como quando se utiliza uma borracha para borrar o grafite escuro no papel claro para que seus vestígios desapareçam da história, mas permanecem nela como um borrão, ou algum vestígio.

Se, por um lado, a presença material dos seus manuscritos é o que alimenta em parte a sua superação, por outro, esta pesquisa objetivou em seu princípio apenas a edição interpretativa, também crítica, e os detalhamentos dos seus processos, ou seja, a centralidade da edição sempre foi a principal direção. No entanto, como tão logo se viu, os conflitos em torno do nome de Caetano Moura muitas vezes ignoraram as tantas informações desse manuscrito. E não acredito que tenha sido por falta de acesso na maior parte dos casos, afora os que admitiram ler a *Autobiografia*. Assim, quase foi necessário lê-lo como contraponto da própria história, porque parte dela fora narrada independentemente de Caetano Moura e do seu próprio texto biográfico.

De outra maneira, essa cruzada entre a descrição ou a crítica, que para a História, como ciência do tempo por excelência, significa se abster em realizá-las ao mesmo tempo, sob risco de organizar os fatos de um modo que antes faça mais a vontade de quem historia do que propriamente estabelecer a *ordem e progresso* dos eventos em suas relações *realmente* históricas, através de fatos documentais e as informações deles obtidas.

Porém, isso não acontece sem antes demonstrar por algum meio a autenticidade e a veracidade dos fatos documentados e consequentemente, do documento e a partir do tipo de documentação. E esse cuidado é necessário para não incorrer no equívoco, entre outros, de realizar uma hiper-interpretação dos fatos, ou pura ficcionalização da história, meta-historicização sem proveito. Disso decorre a questão, quem é o “mulato baiano”? Em que se apoiam esses epítetos e as expressões correlatas? Apoiam-se, como vimos algumas vezes, em criações também ficcionais. Em vontades criadoras em torno de um nome-objeto. No caso mais agravado, que é a questão racial: se não há imagens, pinturas, daguerreótipos, que retratem Caetano Moura, somente a sua obra e as suas palavras atestam a sua presença física no mundo, no que se sustentam as suposições acerca da *tonalidade* de sua negrura? Eu não o afirmo *negro* em busca de uma cor, embora Caetano Moura afirme ser esse o problema que enfrentou algumas vezes, sobretudo em forma de dúvidas, desconfiança. E há inúmeros relatos disso: na infância quando uma milícia portuguesa tentou levá-lo ao serviço militar forçado; na Europa, nos acampamentos militares quanto atuava como médico; da primeira vez que realizou um serviço profissionalmente como tradutor; quando estudante, já em Rouen etc. E é a partir desses fatos que o nomeio um homem negro. Essa é a imagem que posso esboçar de Caetano Moura, pois ele próprio nos informa o que está acontecendo, e atribuiu à “cor de sua tez” a razão maior de parte dos fatos listados acima. Esses sim são vestígio insistentes que não poderiam ser ignorados. Não adianta, então, inventá-lo amigo de Napoleão Bonaparte, *mulato* assim ou assado, pícaro e tantas outras personagens ficcionais.

É interessante notar que a história como disciplina rigorosa, como ciência, emerge mais ou menos a partir da revolução francesa e percorre todo o século XIX em desenvolvimento. E não é por coincidência que esse processo de narração pragmática do tempo e do espaço se tenha desenvolvido quase ao mesmo tempo da “fundação” dos modernos estados-nações europeus. Era uma necessidade, e existem correlações diversas entre a emergência de certas ordens sociais, as ciências que elas produzem e a sua arte, naturalmente. Assim, esse fato fundacional foi abundantemente documentado por toda parte do mundo ocidental por exemplo através da literatura, onde os tantos esboços de projetos nacionais ganharam o imaginário coletivo, percorrendo desde o passado indígena a certos momentos difíceis que uma população precisou atravessar para se tornar um povo, se enxergar como uma unidade, a trajetória heroica dos vencedores. Portanto, aspectos raciais, morais, políticos e tantos outros podem compor um documento ficcional, uma obra literária. E por isso mesmo podem revelar informações diversas e circunstancialmente precisas sobre o seu tempo histórico, suas condições de produção e recepção etc.

No caso da Europa, e por consequência se ouvirá seus ecos no Brasil, Walter Scott é quem desponta com seus romances históricos como modelo inicial de maior sucesso. No Brasil, somente mais tarde se verá em José de Alencar a forma mais bem acabada desse tipo de romance. Mas que teve em Caetano Moura o principal intermediário através de suas traduções, principalmente as tantas que realizou de Walter Scott, a ponto de acrescentar ao seu nome, além de “natural da Bahia”, o de ser “tradutor de Sir Walter Scott”.

Mas o fato é que, antes da emergência da história como narração pragmática, e mesmo depois disso, grande parte da documentação em que se funda a história é efetivamente literária, religiosa etc. Em outras palavras, fatos narrados através da história, como história efetiva, sempre se alimentaram de documentos diversos, do relato de um mito à fotografia de um ritual, poemas, provérbios antigos etc., tudo o que se dispõe. Então, desvincular a história da ficção, suspeito, é como retirar da história a própria história. Assim, a história sempre é a história daquilo que continua e não daquilo que doravante aconteceu. É a história daquilo que continua, de uma forma ou outra, através dos mais diversos registros.

Nesse sentido, um escrito autobiográfico é quase sempre tomado como um gênero literário, mas que navega em rios caudalosos da memória e em suas mais diversas surpresas e limitações factuais ou constatáveis. Entretanto, de um modo mais ou menos amplo, esses fatos ou dificuldades são conhecidos pelos estudos filológicos, históricos, pois, grande parte das literaturas antigas são mais fatos da memória, popular ou particular, que documentos reportando, digamos assim, a originalidade de alguma autoria (coletiva ou individual). As poesias épicas, as cantigas, cirandas, os contos, o teatro popular e igualmente os mitos, que e quando descritos abundam em versões e inversões a depender do momento histórico, do local, da cultura e dos seus meios de reprodução e circulação.

De tal modo, me parece que a existência da *Autobiografia* de Caetano Moura, pela dificuldade da sua adequação em gênero e, portanto, pelas dificuldades que impõe à liberdade dos pesquisadores quanto a sua interpretação e/ou leitura, resulta num emaranhado abordagens em sentido documental.

É também por esse motivo que esta pesquisa se revolve o tempo inteiro em busca de um ponto de equilíbrio, repetindo-se, insistindo. Pois, ao que pareceu, esse ponto de equilíbrio não pôde residir somente nas palavras de Caetano Moura, como um ponto de partida verdadeiro a ser refutado. Pelo contrário, sua narrativa parece quase sempre depor contra si mesmo. Quando Caetano Moura confere a si elogios, é vaidoso. Quando narra desgraças, tenta se vestir de herói. Enquanto isso, as diversas cenas de racismo são ignoradas. E grande parte dessas hipóteses controversas, apresentadas como interpretações “sólidas”, advêm do próprio documento, pelo

fato de ser um manuscrito biográfico em primeira pessoa. Fato esse que, aliás, passou a ser a própria presença – escrever em primeira pessoa – de tudo aquilo que não é científico ou, mais precisamente, sem objetividade.

É evidente que não se deve acatar simplesmente como verossímil todo o seu conteúdo, mas o seu conteúdo é também a fonte do seu valor. Assim sendo, ao que parece, o modo em que na História se encontrou para regular essa balança é mirar no próprio autor, evidentemente, na sua autoridade: diretamente advinda da primeira pessoa. E por se tratar de um homem negro, ao que se viu, se redobram a atenção. De outro modo, a sua autoridade fundava-se diretamente em sua presença racializada. Ou seja, a sua presença era inversamente proporcional à sua autoridade, quanto mais necessário for escutá-lo (lê-lo em seu relato) mais crível se torna os que tentam explicá-lo, (denunciá-lo?). O *mulato* é essencialmente um caso de polícia.

Por tudo isso, a preparação do manuscrito biográfico em uma edição interpretativa aliada a alguma discussão do entorno biográfico e bibliográfico de Caetano Moura, sobretudo uma análise um pouco mais interessada em compreender o que se disse sobre o tradutor baiano a partir justamente dessa peça biográfica, é novamente uma insistência em suas palavras e obra. Mesmo porque não se trata de um fato novo da História em geral, e na história das Letras no Brasil; pois, se trata da edição interpretativa¹⁸⁴² de um manuscrito autobiográfico já publicado por ao menos duas vezes em sua integralidade. E mais, publicados como fatos históricos comemorativos e homenageadores, em 1902, nos cinquenta anos após ter sido escrito e, em 1912, nos cinquenta anos do documento nos arquivos do IHGB. Com isso, temos de um lado a história tal qual fora documentada e realizada como um fato social ou coletivo e, por outro, uma reunião de fatos que não nos explicam a ausência histórica de um certo *mulato baiano*, cujo nome é Caetano Moura.

Desse modo, como não atender ao apelo à interpretação histórica de um manuscrito biográfico de uma tão notável ausência que é a de Caetano Moura, e, também, porque não oferecer a edição integral dos seus manuscritos, insistindo pela terceira vez, como forma de tornar acessível uma narrativa em primeira pessoa de um intelectual negro do século XIX? E por intelectual negro, compreenda-se, não no sentido de um engajamento racial que não

¹⁸⁴² De modo direto, os termos que a caracterizam não têm relação com o que até aqui discutimos entre descrição e crítica ou descrição e interpretação histórica. Trata-se, então, dos meios e técnicas utilizados para o estabelecimento de uma edição a partir do tipo de documentação reunidos e os objetivos a se ter com os mesmos pelo editor-filólogo. Ainda que semelhantes, esses conceitos não são símiles na Filologia e na História. Apesar disso, essas disciplinas se aproximam em sentidos históricos e materiais ainda que se afastem em seus objetivos primeiros. Por outro lado, essas disciplinas não compartilham essas denominações conceituais à toa, pois, ambas nascem em sentido disciplinar no mesmo período histórico, o século XIX, sob auspícios comuns. Spina nos aponta essas e outras *Fronteiras entre a História e a Filologia*. SEGISMUNDO, Spina. **Introdução à Edótica** (Crítica textual). São Paulo: Cultrix, Edusp, 1977, p.74-75.

objetivo validar ou demonstrar, mas cuja ausência histórica, em sentido memorial, fora embaçada muito em função desse traço fenotípico como tentei demonstrar quando Caetano Moura foi tema, assunto, de pesquisas ou personagem de crônicas, artigos e ensaios etc.

Nesse caso, a opção pela edição interpretativa se deu como forma de majorar o acesso a biografia de Caetano Moura, ampliando talvez seu alcance ao modernizar a grafia, adicionar notas explicativas, sempre realçando as informações contidas no manuscrito como uma fonte privilegiada para a compreensão do estado geral da obra e da vida do seu autor.

Assim, ter como objetivo a edição de um manuscrito já é dizer do seu valor, me parece lógico, mas quase nunca serão pelos mesmos motivos. Os nossos ainda é pela sua ausência na história, mais do que a sua existência nos arquivos nacionais que tal qual um mito, de fato, apenas existe esquecido ou distante, e essas duas condições o nome de Caetano Moura preenchem. E talvez, tenha sido como um mito que finalmente tenha vindo a luz o epíteto de *o mulato baiano*, para ser esquecido e apontado à distância. Talvez seja essa a condição primeira de todo mito, se manter toda vida à distância. E contraditoriamente, acredito que essa distância da pátria foi um dado relevante para ter tido algum tipo atenção, seja em vida ou *post-mortem*. Pois, como os mitos nascem da admiração e do espanto e estão sempre distantes (no tempo-espaço), o apontado aqui se expressou fatalmente na forma de um *mulato baiano* radicado em Paris, e que indesejavelmente repito, como aqueles argumentos que se apresentam ingênuos e vazios, e que repetidos inúmeras vezes ganha corpo se amontoando em sua própria recorrência como um fato incontornável.

Sendo assim, não pretendo corrigir fatos históricos, revisá-los *stricto sensu*, tampouco, lutar contra qualquer evidência contrária, mas a existência própria desses manuscritos e a sua edição aqui apresentada já suplantam qualquer argumento de que Caetano Moura fora apagado por completo. Para mim, o seu nome seguido da sua naturalidade foram informações suficientemente justificadoras, aliadas às suas realizações como tradutor, para que esta pesquisa chegasse a seu termo, e pelo fato evidente de não existirem tantas documentações em primeira pessoa de pessoas negras brasileiras daquele período, sobretudo nas circunstâncias narradas por Caetano Moura.

Enfim, não desejo desviar do fato de que também sou um homem negro, tradutor e editor, e no momento em que descobri o nome de Caetano Moura, residia na rua que seu nome batiza, no bairro da Federação, em Salvador, na Bahia. Mas todas essas coincidências me suscitaram uma única questão: por qual motivo jamais ouvi falar sobre esse ilustre médico baiano?

4 A OBRA-VIDA AUSENTE: VIDA E VIDA...

4.1. A BIOGRAFIA COMO OBRA ACIMA DE TODA OBRA.

Até aqui vimos que Caetano Moura foi o primeiro tradutor profissional brasileiro¹⁸⁴³. Além disso, foi quem realizou a primeira edição de *Os Lusíadas*¹⁸⁴⁴ para o público brasileiro e a primeira edição dos *Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz*¹⁸⁴⁵, a partir de um testemunho parcial¹⁸⁴⁶ dos *Cancioneiros da Vaticana*. Por si só, esses dados já seriam suficientes para um empreendimento crítico de natureza acadêmica. mas se, e quando, aliados à particularidade racial do seu autor e no tempo das suas realizações, meados do século XIX, nos expõe de um modo ou outro a natureza ainda mais complexa e curiosa das suas realizações ao seu tempo.

Apesar de apontar na direção das realizações primeiras de Caetano Moura, tal qual a obra de um intelectual humanista do dezoito, ainda que negro, não é ou foi aqui uma prioridade realçar esses mesmos feitos inaugurais ou primeiros como uma excepcionalidade do seu gênio, ou algo parecido. Sobretudo porque o seu relato autobiográfico nos ensina coisa diferente a respeito dessas produções em suas dificuldades e circunstâncias. Com isso, Caetano Moura jamais nos pareceu um autêntico intelectual do dezoito, mesmo porque essa medida é um tanto aristocrática ou no mínimo pequeno burguesa, algo distante do que encontramos em seu relato.

Portanto, nesta pesquisa, contrariamente, preferi me demorar sobre os fatos que talvez tenham servido de empecilho para o reconhecimento de ao menos alguns desses fatos apontados acima como “inaugurais¹⁸⁴⁷”. Além do mais, como escreve o filósofo argelino Jacques Derrida¹⁸⁴⁸, existe um vício ocidental por relevar a *primeiridade* das coisas, uma busca incessante de gêneses, de marcos inaugurais, que invariavelmente servem para erigir novas *onto-teologias* que fundamentam a construção dos tantos mitos fundadores (fundacionais), quase todos baseados em explicações ou interpretações das mais gerais com objetivo de

¹⁸⁴³ Cf. VEIGA (1978; 2013), PAES (1990) e BROCA (1956; 1978).

¹⁸⁴⁴ CAMÕES, L. *Os Luziadas*: nova edição, segundo a do morgado de Matheus, com as notas e vida do autor pelo mesmo, corrigida segundo as edições de Hamburgo e de Lisboa, e enriquecida de novas notas e de uma prefacção pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris. 1847, in-12°.

¹⁸⁴⁵ DINIS, D. *Cancioneiro d'el Rei D. Diniz*. Pela primeira vez impresso sobre o manuscrito da Vaticana, com algumas notas illustrativas, e uma prefacção historico-litterária pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris: J.P. Aillaud, 1847.

¹⁸⁴⁶ Como vimos mais acima, segundo Vasconcelos (1904, II, p.16) essa edição foi realizada parcialmente a partir do códice 4083 e que “um brasileiro, bem recommendado, conseguiu por empenhos diplomáticos que lhe fossem extractadas as poesias de D. Denis” e daí compreende-se como e o porquê essa obra foi intitulada exclusivamente *Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz*.

¹⁸⁴⁷ Se viu mais acima, na seção 3.2 como se tentou de forma deliberada fazer passar Vanhargen à frente de Caetano Moura sobre a primeira edição dos *Cancioneiros de D. Diniz*.

¹⁸⁴⁸ Cf. DERRIDA, J. *Gramatologia*. Ed. Perspectiva: São Paulo, 2011, 400p.

posicionar a importância de um ou outro nome no princípio ou no nascimento de vanguardas, correntes disciplinares, campos de estudos, fazeres específicos e até nações. Mas com Caetano Moura esse “vício” não se mostrou, a não ser, logicamente, com o fato de ele ter sido o primeiro tradutor profissional brasileiro. Mas isso não foi exatamente um feito, e sim, como vimos, também uma necessidade. Mas jamais foi somente uma necessidade, lemos que suas primeiras traduções ou ensaios de traduções foram ainda quando estudante de latim e grego, ou durante a guerra traduzindo manual de cirurgia, não publicado e sem paradeiro.

Apesar disso, me parece ao menos digno de nota que tais feitos tenham sido subestimados e esquecidos ou tornados historicamente irrelevantes a exemplo do que vimos no texto *Estudos Medievais no Brasil*. Estranho é que o vício ocidental apontado por Jacques Derrida não se repetiu para o caso aqui relevado, nenhum dos feitos primeiros realizados por Caetano Moura pareceram dignos de nota. Pelo contrário, causam suspeições. Sobretudo se considerarmos que tais realizações são de um homem indelevelmente negro. Com isso esse *duplo* esmaecimento, o das suas obras e da sua presença intelectual, se agravam de modo exponencial.

É evidente que esse *duplo*, ou essa divisão em vida e obra, pode tranquilamente ser utilizado como uma estratégia de pesquisa para que a crítica à obra seja apartada das especulações da vida pessoal, mas isso jamais se deu no caso aqui apresentado. Sua vida é explicitamente a obra mais considerada, e parece que a sua obra jamais conseguiu se apartar da sua vida. Como um pêndulo, a crítica à sua obra sempre se deu em relação à sua vida.

De todo modo, esse esmaecimento ou rasura da vida-obra de Caetano Moura é um fato recorrente na história da literatura no Brasil quando se trata da intelectualidade de pessoas negras, conseqüentemente, será necessário incluir o nome de Caetano Moura dentre aqueles praticamente ignorados apesar da importância histórica. De tal forma, elencar outros nomes de intelectuais negros e negros que tenham sido de um modo ou outro submetidos aos processos de apagamento de suas presenças e contribuições, hoje em dia, se apresenta como uma tarefa mais possível se observarmos algumas mudanças de rumo provocadas por pesquisas que se depararam com um caminho semelhante com que temos aqui. Semelhantes no sentido de não se furtar em lidar com os fatos que se descortinam durante o desenvolvimento de uma pesquisa como, por exemplo, questões ligadas à racialização de certas individualidades de modo que isso também seja um fato que responda às questões que parecem não ter sido feitas que são, em geral, as que dizem respeito à racialização como processo de apagamento, silenciamento e exclusão.

Ainda assim, aqui não se objetiva provar que alguma “mão invisível” retirou da história um intelectual muito produtivo pelo fato dele ter sido um homem negro. A questão aqui é precisamente outra, é mostrar como a sua própria biografia de homem negro parece depor contra a sua obra. Pois, se retirássemos os fatos biográficos de Caetano Moura da maioria dos textos sobre ele restaria apenas algumas linhas críticas à sua obra. Ao que vimos até então, trata-se quase exclusivamente da sua vida como obra única a interferir, quase sempre em prejuízo, em sua produção intelectual.

Por exemplo, com Machado de Assis aconteceu de um modo diferente quando o fato racial fora quase sempre ausentado de sua presença histórica, da sua biografia, algo que, entre outras coisas, interditaria muitas possibilidades na interpretação do seu olhar crítico sobre as relações sociais do seu tempo; também deve ser verdade que a ausência longa desse Machado de Assis negro se deva logicamente por sua importância na história cultural do Brasil, que é também o fundador da Academia Brasileira de Letras, e foi exatamente na revista dessa academia que a *Autobiografia* de Caetano Moura foi publicada em 1912.

Por outro lado, com Lima Barreto parece ter havido algo em sentido diverso ao que se fez com Machado de Assis, quando questões mais íntimas, pessoais, sobrepuseram a sua obra em um grau importante, ao ter recebido atenção excessiva da crítica em detrimento da sua obra. Preferiu-se, muitas vezes, falar da sua caligrafia ou de seu algum vício à agudeza e criatividade com que ficcionalizou os problemas do seu tempo, ao passo em que a ausência do fato racial servia talvez para neutralizar um suposto, ainda que escancarado, racismo; algo semelhante com Maria Firmina dos Reis, mulher negra, que em 1859, publicou o seu primeiro romance, *Úrsula*. Apenas para citar alguns poucos casos razoavelmente conhecidos.

Enfim, essa lista cresce ano após ano e é ainda muito mais vasta, chegando mesmo aos limites mais profundos da nação brasileira. Apenas me detive a poucos exemplos, mas ela segue se estendendo desde o direito, perpassando a política, a engenharia, a medicina, as ciências sociais, a pedagogia etc., alcançando praticamente todas as áreas do conhecimento e da cultura em sentido geral.

Entretanto, essa percepção e necessidade de restaurar à história nomes e obras de intelectuais negros e negras já se manifesta explicitamente em Manuel Querino¹⁸⁴⁹, que se dedicou a compor dessas listas já ao seu tempo, e Caetano Moura já aparecia nela. Todavia, à medida que *novos* nomes são integrados à essa “lista”, cresce também a compreensão das formas, métodos e mecanismos que se reelaboram pragmaticamente a cada caso, mas que não

¹⁸⁴⁹ QUERINO, Manoel. *A raça africana e seus costumes*. Ed. Livraria Progresso: Salvador, 1955, p.55.

diferem muito em seus fins. Não é um plano secreto da nossa política histórica, pelo contrário, é descritível e discernível em seus diversos aspectos e essa pesquisa igualmente se envereda em alguns desses fatos. Enfim, vejamos mais algumas dessas questões e casos que pairam ou entornam o tradutor baiano.

4.2. A TRADUÇÃO DAS OBRAS DE WALTER SCOTT: EDIÇÕES E REEDIÇÕES:

Já se disse aqui que Caetano Moura ficou muito conhecido por ter sido tradutor das obras do também já mencionado escritor inglês Walter Scott. No entanto, a partir da primeira década de 1900, as obras do escritor inglês foram reeditadas no Brasil e supostamente retraduzidas para essas novas edições publicadas pela H. Garnier. A esse respeito ressalta uma questão curiosa, para dizer o mínimo, que logo veremos e que precisaria ser exclusivamente analisada devido a sua extensão e complexidade. Mas tentarei expor as premissas postas até aqui, algumas hipóteses e alguns caminhos para a sua melhor compreensão.

O fato é que alguns títulos homônimos das traduções realizadas por Caetano Moura desse autor inglês foram reeditados, a partir da primeira década do século XX, pela H. Garnier Livreiro-Editor – posteriormente Editora Garnier –, desse período foram identificados sete títulos republicados. Dessas sete reedições dos romances de Walter Scott, dois títulos foram assinados por dois tradutores *a priori* diferentes, e nos outros cinco títulos, as traduções foram colocadas sob anonimato. A partir desse cenário, seria interessante identificar a procedência de todas as traduções, seus tradutores, para que possamos saber se há entre essas obras alguma contrafação das obras traduzidas por Caetano Moura sem, obviamente, a menção ao seu nome para o caso das obras homônimas e anônimas.

Por outro lado, as outras duas obras foram atribuídas ao tradutor *K. de Avellar*, mas que aparece em outras obras da editora H. Garnier como *R. d'Avellar* e algumas variações desses nomes, essas duas obras são traduções dos romances de Walter Scott publicadas em 1906. Inicialmente, esses dois nomes, ou pseudônimos, são atribuídos a Henrique Lopes de Mendonça, português, nascido em 1856, que além de tradutor, foi militar, historiador, escritor, arqueólogo naval, e um profícuo escritor entre outras atividades.

É a tradutora, pesquisadora e professora Denise Bottman quem primeiro aventou a suposição dessas e de muitas outras contrafações na história da tradução brasileira, é também quem afirma se tratar de Henrique Lopes de Mendonça os pseudônimos acima. Em seu texto

*Ecos de Portugal no Brasil*¹⁸⁵⁰, a pesquisadora analisa, comparando pequenos trechos de uma ainda suposta contrafação das *Aventuras do sr. Pickwick*, de Charles Dickens, 1906, publicada sob o pseudônimo do tradutor K. d'Avellar, com pequenos trechos da mesma obra assinada pelo tradutor português e publicada em Portugal, no ano de 1897, as comparando também com o mesmo trecho da obra publicada originalmente na língua do autor, em inglês. Para a pesquisadora, resulta dessas análises o seguinte: “Constatar-se-ia a recorrente igualdade de soluções, bem como um inexplicável enxugamento de vários trechos, eliminando frases inteiras¹⁸⁵¹.”

E um pouco mais adiante conclui:

Assim, se a voz tradutória de Henrique de Lopes Mendonça logo se fez ouvir no Brasil por meio dos recursos ventríloquos da H. Garnier – a uma distância de apenas oito ou nove anos entre o lançamento em Portugal e a contrafação no Brasil –, seu boneco K. d'Avellar continua a se fazer ouvir há mais de cem anos entre o público brasileiro, quando menos nos hilariantes poemets da obra¹⁸⁵².

Apesar de razoavelmente bem demonstrado pela pesquisadora Denise Bottman (2017), apesar da pouca extensão de sua análise, nesse exemplo específico, para o caso da obra de Charles Dickens, há realmente um fato precedente que sustenta o argumento utilizado pela professora e pesquisadora de modo mais assertivo: o tradutor português de fato já havia traduzido a obra em questão. E a partir dessa obra teria produzido a sua “contrafação” brasileira.

Entretanto, para as outras obras, as que ele não tenha previamente traduzido, existe uma série de dificuldades para acatar o argumento de que se trata apenas do tradutor português para todos os casos desses pseudônimos, pois, seria difícil que tantos pseudônimos, K. d'Avellar, K. de Avellar, K. de Avelar, K. d'Avelar, R. d'Avellar, R. de Avelar etc., para obras publicadas quase ao mesmo tempo, tratar-se da mesma pessoa, do mesmo autor.

Veja-se, se nos atermos ao computo daquilo que Henrique Lopes de Mendonça produziu em vida nada aponta para a existência de algum desses pseudônimos, nenhuma informação desse tipo ressaí das fontes oficiais portuguesas e sobretudo através da sua biografia em forma de tese¹⁸⁵³, produzida na Escola Naval portuguesa, por ser o biografado um arqueólogo naval, dissertação essa que apresenta farta documentação anexa, incluindo fac-símiles de cartas,

¹⁸⁵⁰ BOTTMAN, Denise. ECOS DE PORTUGAL NO BRASIL, III - O caso d'As Aventuras do Sr. Pickwick, de Charles Dickens. Jul. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/33900888/ECOS_DE_PORTUGAL_NO_BRASIL_III_O_caso_dAs_Aventuras_do_Sr_Pickwick_de_Charles_Dickens. Acesso em: 13 dez. 2023.

¹⁸⁵¹ Ibid., n.p.

¹⁸⁵² Ibid., n.p.

¹⁸⁵³ MONTEIRO, Bruno Miguel dos Santos. *Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*. 2019. Master's thesis — [s. n., s. l.], 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/30295>. Acesso em: 13 dez. 2023.

documentos pessoais, documentação militar, cópias de bilhetes e agendas etc., tudo isso a partir do espólio oficial de Henrique Lopes de Mendonça. E mais ainda, não aparece nesse bem documentado estudo nenhuma menção a obras de Walter Scott entre as traduções portuguesas de Henrique Lopes de Mendonça, e em nenhuma outra fonte consultada sobre as suas traduções, não há menção a Walter Scott inclusive entre as traduções incompletas, quase todas de William Shakespeare, que compõem o seu acervo documental oficial. Também não há nenhuma menção a pseudônimos nesse relato biográfico, mesmo sabendo que essa pesquisa se deu numa escola naval militar com outros interesses específicos, ainda assim aparece uma obra, *Delenda Albion*¹⁸⁵⁴, do autor/tradutor português em questão, publicada sob seu único pseudônimo informado, *Lusos*. É evidente que essas informações não anulam simplesmente o constatado pela pesquisadora Denise Bottman, mas para o estado geral da questão acredito repô-la em termos mais iniciais, ou apenas em termos não finais.

Enfim, se essas duas traduções de Walter Scott forem do tradutor português, não serão exatamente contrafações, tendo em vista que não há traduções do autor inglês em seus espólios, ou seja, seriam traduções inéditas. Esse fato inclusive dificulta a admissão do mesmo argumento da pesquisadora para todas outras obras com estes mesmos pseudônimos.

Retomando o deixado mais acima, as duas obras de Walter Scott em questão são: *Quintino Durward* e *A prisão d'edimburgo* ambas republicadas em 1906. Nesse mesmo ano, no entanto, K. de Avellar etc., teria lançado aqui no Brasil outras três obras, totalizando cinco traduções em 1906, alcançando desse ano até 1913¹⁸⁵⁵ dezesseis obras traduzidas segundo o levantamento da pesquisadora ao tempo do texto em questão, 2017. Por outro lado, entre as obras publicadas nesse mesmo período por Henrique Lopes de Mendonça, supostamente o dono do(s) pseudônimo(s), em Portugal, chega-se a quase duas dezenas no mesmo período, incluindo aí três traduções publicadas em Portugal mais alguns romances, livros de poesia, dramaturgia etc.:¹⁸⁵⁶ um feito absurdo! Mas não se restringe a essas publicações, há ainda crônicas em jornais, dezenas de conferências sobre história, arqueologia naval e outros assuntos ligados à vida militar, além de uma infinidade de textos e obras incompletas. Dito de outra forma, a questão não pode e não deve ser percebida como resolvida.

¹⁸⁵⁴ *Delenda Albion*, Lisboa, Emprensa Bordalo Pinheiro, 1883. [Versos publicados com o pseudônimo Lusos em 1883].

¹⁸⁵⁵ Segundo o levantamento Bottman (2017) esse seria o número total, mas está significativamente defasada, existem outras obras com esses pseudônimos. Mas essa questão é outra e pode ser ampliada para horizontes mais vastos, em busca de autores para as traduções em questão.

¹⁸⁵⁶ MONTEIRO, Bruno Miguel dos Santos. *Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*. 2019. Master's thesis — [s. n., s. l.], 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/30295> . Acesso em: 13 dez. 2023.

Então, essa metamorfose “Avellar”, e todos os seus desdobramentos citados mais acima, não resta confirmada a sua identidade para todos os casos. Pois, somente um caso foi timidamente analisado, cujos resultados são apenas indiciários e ainda distantes de uma extrapolação a todas as obras em que aparecem os tais pseudônimos.

Ainda assim, tudo isso diz respeito a apenas duas das sete obras em questão, dentre as republicadas e homônimas às traduzidas por Caetano Moura, dos livros de Sir Walter Scott, restando então outras cinco obras desse mesmo autor inglês onde a tradução é colocada sob anonimato. Um estranho anônimo as traduziu. O que nos entrega o outro caminho, que como se disse mais acima, precisaria de uma dedicação exclusiva, de mais tempo e análises diretas das obras em questão.

Mas antes de continuarmos com as demais obras e para uma dimensão um pouco mais geral das edições e reedições em questão, segue abaixo a lista correlacionada. Têm-se as obras de Walter Scott traduzidas por Caetano Moura à esquerda e os títulos correlatos reeditados entre 1906 e 1907 pela H. Garnier à direita:

- | | |
|--|---|
| a. <i>Os Puritanos da Escócia</i> . Vertido em português por Dr. Caetano Lopes de Moura, Paris, J.P. Aillaud, 1837. | a. <i>Os puritanos da Escócia</i> , tradução anônima. H. Garnier, 1906. |
| b. <i>O Talismã, ou Ricardo na Palestina</i> . Traduzido do inglês pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris, J.P. Aillaud, 1837. | b. <i>O talisman, ou, Ricardo na palestina</i> . Tradução anônima, H. Garnier, 1906. |
| c. <i>Waverley, ou há sessenta annos</i> . Vertido pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris, J.P. Aillaud, 1844. | c. <i>Waverley</i> . Tradução anônima, H. Garnier, 1906. |
| d. <i>Quentino (ou Quintino) Durward, ou o escocês na corte de Luís XI</i> . Vertido por Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris, J.P. Aillaud, 1838; | d. <i>Quentino Durward</i> , trad. k. d'avellar, H. Garnier, 1906. |
| e. <i>A prisão de Edimburgo</i> , por Walter Scott. Paris. 1844, 4 vols. | e. <i>A prisão d'edimburgo</i> , trad. k. d'avellar, H. Garnier, 1906. |
| f. <i>O Misanthropo, ou o anão das pedras negras</i> . Vertido em português pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, Paris, J.P. Aillaud, 1836, tradução de Caetano Moura. | f. <i>O misanthropo, ou, o anão das pedras negras</i> , tradução anônima, H. Garnier, 1907. |
| g. <i>Ivanhoé, ou o regresso do cruzado</i> . Vertido em português pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, Paris, J.P. Aillaud, 1836, tradução de Caetano Moura. | g. <i>Ivanhoé – romance histórico</i> , tradução anônima, H. Garnier, 1906. |

Diante desse quadro, restou identificar as outras edições homônimas em língua portuguesa (Brasil e Portugal) que tenham sido publicadas e quem as traduziu antes dessas reedições brasileiras. Nesse caso, se buscou apenas as traduções dos mesmos títulos indicados acima, como um modo de seguir parte do argumento da pesquisadora Denise Bottman que comparou, evidentemente, uma obra que tenha sido antecipadamente traduzida pelo suposto tradutor que assina como *K. de Avellar* e talvez as suas variações. Além disso, fez-se um levantamento das obras e de quem as traduziu para que se possa também incluir estes nomes como possibilidades de terem sido as fontes das contrafações, em se comprovando se tratar de contrafações.

Para tanto, na tese em Estudos da Tradução, sob o título *Poéticas da Imperfeição*¹⁸⁵⁷, 2010, a pesquisadora Maria Alexandra Ambrósio Lopes analisa os modos de autoria através das traduções portuguesas de Walter Scott, sua narrativa histórica e seus contextos, voltando-se mais exclusivamente para o principal tradutor do autor inglês em Portugal, na primeira metade do Oitocentos: André Joaquim Ramalho e Sousa (1790 - 1857). Ainda assim, como parte importante da tese, a pesquisadora realizou um levantamento ano a ano (até mais ou menos 1850), bastante extenso, das traduções publicadas de Walter Scott na Europa, evidentemente integrando as de Caetano Moura como se fossem portuguesas, mesmo tendo sido produzidas em Paris. Mas isso é apenas para informar que as traduções do brasileiro estão incluídas no trabalho. E o resultado, tradutores e obras em português, é o seguinte:

André Joaquim Ramalho e Sousa¹⁸⁵⁸: traduziu *Ivanhoé*, 1836¹⁸⁵⁹; *Quintino Durward*¹⁸⁶⁰ de 1938-39 e *Waverley, ou há sessenta annos*¹⁸⁶¹ de 1945;

E. P. Câmara traduziu *Ivanhoé: ou o regresso do cruzado*¹⁸⁶²;

Miguel Antonio da Silva traduziu *Waverley, ou há sessenta annos*¹⁸⁶³.

¹⁸⁵⁷ LOPES, Maria Alexandra Ambrósio. *Poéticas da imperfeição* : autores e tradutores na primeira metade de oitocentos : Walter Scott e André Joaquim Ramalho e Sousa. 2010. Doctoral thesis — [s. n., s. l.], 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/4403> . Acesso em: 13 dez. 2023.

¹⁸⁵⁸ Consideramos apenas os títulos homônimos àqueles traduzidos por Caetano Moura. Pois, o tradutor português, assina também:

1. *Anna de Geierstein*, ou a donzela do nevoeiro. Novela de Sir Walter Scott, traduzida por A.J. Ramalho e Sousa. Lisboa, Tip. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1843.
2. *Kenilworth*. Novela da Walter Scott traduzida por Antonio José Ramalho e Sousa, Lisboa, Tip. da Sociedade P. dos Conhecimentos Úteis, 1841-42.

¹⁸⁵⁹ *Ivanhoé*. Trad. por Antonio José Ramalho, Lisboa, 1836.

¹⁸⁶⁰ *Quintino Durward*. Trad. A. J. Ramalho e Sousa [Lisboa], 1938-39.

¹⁸⁶¹ *Waverley, ou há sessenta annos*, Walter Scott, trad. A. J. Ramalho e Sousa [Lisboa], 1945.

¹⁸⁶² *Ivanhoé: ou o regresso do cruzado*, de Walter Scott. Trad. E. P. Câmara [Paris], 1937.

¹⁸⁶³ *Waverley, ou há sessenta annos* . Traduzido por M.A. da Silva [Lisboa], 1844-45.

Há ainda, *O Talisman*, sem atribuição de tradutor e publicada em Lisboa¹⁸⁶⁴, que será apenas apontada, mas não será aqui considerada por se tratar de um novo aparte.

Decorre do exposto que ainda restariam três das obras cujo único tradutor em língua portuguesa é exclusivamente Caetano Moura, a saber: *Os Puritanos da Escócia* (1937), *A prisão de Edimburgo* (1844) e *O Misanthropo, ou o anão das pedras negras* (1836), e que, portanto, podem ser o melhor começo para alguma análise mais detalhada acerca de tal questão. Assim, é necessária uma análise comparativa dos textos, com uma amostra significativa para cotejo com o objetivo de confirmar ou excluir completamente a possibilidade de contrafação. Sendo assim não é possível antecipar conclusões, apenas enveredar ou apontar alguns dos elementos que se sobressaem e que talvez nos leve a melhores termos sobre essa questão, no futuro.

4.3. UM ROMÂNTICO FORA DO ROMANTISMO: OUTRA VEZ A NAÇÃO.

É interessante realçar que o romancista e historiador escocês Walter Scott integra um grupo específico de autores particularmente importantes e populares no século XIX – e parte do XX, tendo vendido milhões de livros e traduzido rapidamente para as principais línguas ocidentais. Esse que talvez tenha sido o maior autor em alcance, com certeza da primeira metade do século XIX, tanto no Brasil como em quase todo mundo influenciado, e/ou dominado, pelas mudanças culturais que se passavam no continente europeu¹⁸⁶⁵, tendo obtido muito sucesso e bastante influência.

Em terras brasileiras, os livros do historiador e romancista escocês foram muito bem recebidos e teve o Imperador D. Pedro II¹⁸⁶⁶ como seu leitor, fazendo parte de suas leituras de

¹⁸⁶⁴ LOUSADA, Isabel. *Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica em português, 1554-1900*. 1998. Doctoral thesis — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, [s. l.], 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/3253>. p. 258. “Maria Laura Pires indica como possível tradutor o Dr. Rosas, “visto que num artigo de 'O Correio das Damas' (Vol. VI, 1844, p. 20) há uma referência a uma tradução de *O Talisman* por esse autor, e foi esta a única que encontrei além da versão de Caetano Lopes de Moura *O Talisman ou Ricardo na Palestina de 1837*.”

¹⁸⁶⁵ Segundo Vasconcelos (2008, p.15), “Os romances de Walter Scott – que se tornaram conhecidos como os Waverley Novels – aportaram no Brasil enquanto ainda faziam uma bem-sucedida carreira europeia. Primeiro autor a desfrutar de renome verdadeiramente internacional em vida, Scott teve incontáveis leitores na Grã-Bretanha e nos continentes europeu e americano. Desde a publicação de Waverley, em julho de 1814, os vinte e seis Waverley Novels, escritos ao longo de 18 anos, obtiveram enorme sucesso comercial e gozaram de espantosa popularidade, tendo vendido em torno de 2 a 3 milhões de exemplares nas ilhas britânicas até 1860, e tendo sido exportados, reimpressos e, quase de imediato, traduzidos para a maioria das línguas européias.” Ver: VASCONCELOS, Sandra G. T. Figurações do Passado: o Romance Histórico em Walter Scott e José de Alencar. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 18, p. 15–37, janeiro-junho 2008.

¹⁸⁶⁶ Isso não é mera coincidência, Walter Scott ou Sir Walter Scott era conhecido como o escritor dos Imperadores, tal era a sua influência na formação intelectual de diversos nomes dessa classe ou casta exclusiva.

formação, evidentemente também através das populares traduções feitas por Caetano Moura, traduções que foram produzidas em Paris, cidade em que havia umas das principais editoras especializadas em livros em língua portuguesa, a J.P. Aillaud.

No que diz respeito às leituras e até os apontamentos do Imperador do Brasil, que constam dos seus *Diários*¹⁸⁶⁷ em passagens diversas, incluindo a indicação da obra e o seu tradutor, anotações da década de 1840 de quando D. Pedro II tinha entre 15 e 20 anos de idade. É possível encontrar anotações sobre outras leituras, estudos de línguas estrangeiras e comentários de traduções em que o imperador se empenhava. Afinal, é conhecido o seu interesse pelas linguagens artísticas em geral. Assim, a esta breve lista das atividades intelectuais do Imperador incluo mais especificamente o apreço pela literatura e o papel desta na elaboração de alguma identidade nacional para o Brasil, algo comum às nações “ocidentais” daquela época, quando a literatura ainda ocupava alguma centralidade na sedimentação das jovens culturas nacionais do século XIX. Ainda que, com o intuito de amparar essa nação vindoura, se tenha narrado uma anterioridade histórica tanto fundada em mitos próprios, de geografia nacional, tanto materializada no mais das vezes em fórmulas e objetos culturais advindos exclusivamente da Europa, como talvez não devesse deixar de ser, pois são os verdadeiros antepassados desta nação sob o ponto de vista do Imperador. Isso também se deu logicamente através de outros aparelhos “estatais” imperiais: teatro, biblioteca, tipografia, museu, o próprio IHGB, que Caetano Moura foi sócio-correspondente, se incluem nessas ações de retaguardas nacionais.

Enfim, a participação direta de D. Pedro II era também diversa, mas destaco aqui um acontecimento específico em que Caetano Moura foi convocado pelo imperador a se pronunciar a respeito de uma questão nacional, mais uma vez a nação.

Vejamos o que narra o professor Claudio Veiga:

Em 1856, Lopes de Moura é solicitado pelo Imperador para pronunciar-se a respeito do poema de Gonçalves de Magalhães – a *Confederação dos Tamoios* – Ei-lo envolvido na grande polêmica que agitou o mundo intelectual de então e se prolongou até na Europa.

É conhecido o episódio. Havendo patrocinado D. Pedro uma edição da *Confederação dos Tamoios*, saem os primeiros exemplares a 20 de maio de 1856. Poucos dias depois, a 10 de junho, aparece no *Diário do Rio de Janeiro* a primeira carta de José de Alencar, estopim da história polêmica. Seguiram-se mais sete cartas.

Patrocinador da edição, encarrega-se D. Pedro de difundir o poema. Por intermédio da Mordomia, são remetidos exemplares da obra a várias personalidades: José Maria do Amaral, Antonio Gonçalves Dias, João

¹⁸⁶⁷ Cf. BEDIAGA, Begonha (Org.). *Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

Francisco Lisboa, Francisco Inácio de Carvalho, Martius, Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Varnhagen, o Príncipe de Wied-Neuwied. Caetano Moura também é mobilizado.¹⁸⁶⁸

E a resposta de Caetano Moura, cuja carta compõe o espólio das correspondências ao Imperador, é transcrita integralmente como apêndice na obra de Cláudio Veiga (2013 p. 235-245) com glosas do Imperador em alguns trechos da carta¹⁸⁶⁹. De um modo geral, o tradutor baiano se colocou entre aqueles que se posicionaram contra o sentido estético da obra, opinião oposta à do Imperador. Dessa situação, sintetiza Claudio Veiga: “Tem Gonçalves de Magalhães por defensores – o próprio Imperador, Porto Alegre e Monte Alverne. Varnhagen, Gonçalves Dias, Alexandre Herculano pronunciaram-se contra. Lopes de Moura se alinha entre os últimos¹⁸⁷⁰”.

Dessa polêmica “fundacional”, em que o Imperador travou **polêmicas** com José de Alencar, que sob o pseudônimo Ig.¹⁸⁷¹ escreveria mais sete cartas, e desembocaria ainda na publicação de *O guarani* em 1857, obra que serviu de resposta, como exemplo modelar de romance “verdadeiramente” com ares nacionais em contraposição à *Confederação dos Tamoios* de Gonçalves de Magalhães, impresso na tipografia de Paula Brito patrocinada pelo Imperador, como já se disse.

Assim, Pedro Calmon, em 1961, na seção Segredos e Revelações da História do Brasil, do jornal *O cruzeiro*, em um texto cujo título é *A urgência de um poema nacional*, sintetiza esses acontecimentos sobre a necessidade de um poema nacional da seguinte maneira:

A ideia de dar-se ao Brasil o Poema, um largo e nobre poema, da espécie orgânica da *Iliada* (que é Grécia, da *Eneida* (que é o Império Romano), dos *Lusíadas* (que é Portugal), foi em 1855 a obsessão patriótica de D. Pedro II. [...] pois, do seu bolso mandou imprimir a obra – todavia traído no propósito e na ambição [...]. Equivocou-se quanto ao poeta [...]. Equivocou-se quanto ao tempo [...]. Equivocou-se, principalmente, quanto ao assunto [...]¹⁸⁷².

A partir daí Pedro Calmon desdobra o que ele sintetiza como os três erros cometidos pelo Imperador, a saber: o de ser Gonçalves de Magalhães o poeta errado, por escrever um poema-histórico anacrônico, ultrapassado, cujo herói foi um aliado francês contra o império lusitano, do qual descendia D. Pedro II, ou seja, assunto errado.

¹⁸⁶⁸ Veiga, 2013, p. 190-192.

¹⁸⁶⁹ Ibid, p.235-245. Cláudio Veiga anexa ao seu livro como apêndice a transcrição da carta de Caetano Moura, encontrada no Arquivo Grão-Pará, com as glosas do Imperador D. Pedro II.

¹⁸⁷⁰ Ibid., p.191.

¹⁸⁷¹ Segundo Pedro Calmon, Alencar assinava “Ig, de Iguaçu, heroína do poema (explicou ele na carta de agosto de 1856, em que saiu do pseudônimo para a assinatura arrogante, J. d’Alencar)”. Como que por ironia essa assinatura de José de Alencar tem a forma semelhantes aos pseudônimos mencionados acima, K. d’Avellar etc.

¹⁸⁷² CALMON, Pedro. A urgência de um poema nacional. *O cruzeiro*. Segredos e revelações da História., n. p. 44-45, 8 abr. 1963.

Será curioso notar que nesse acontecimento Caetano Moura e José de Alencar concordarão, direta ou indiretamente. Como de algum modo mostra Pedro Calmon quando diz que o tradutor baiano “não teve papas na língua: esfregou-lhe os galicismos” acrescentando a explicação de que “a construção e colocação é francesa” nos versos do poema. Por outro lado, Alencar alegava que o poema de Gonçalves de Magalhães falhava em semelhante propósito, faltava a ele ser nacional na forma e no conteúdo. À época desse artigo, Pedro Calmon acresce que as opiniões do tradutor baiano foram retiradas da carta à D. Pedro II que, segundo ele, era inédita no Arquivo Imperial de Petrópolis.

Uma observação de passagem: essas cartas de Caetano Moura ao Imperador ainda podem guardar muitas informações sobre o médico baiano, pelo menos sobre os serviços efetivamente prestados ao Império e talvez algo de sua vida além do trabalho. O professor Cláudio Veiga cita algumas delas, há outras citadas aqui e ali em trechos dispersos. Além do Imperador, há menções a Caetano Moura em cartas de Ferdinand Denis e Filinto Elísio, ou ainda a correspondência de Caetano Moura com o Conde de Linhares e o Visconde de Carreira, por exemplo. Algumas poucas foram encontradas, apenas a cópia de uma carta ao Imperador com envio de documentos de interesse histórico e outras enviadas pelo Conde de Linhares a Caetano Moura e, evidentemente, o próprio manuscrito autobiográfico, mas sem qualquer outra documentação anexa.

Assim, retomando de onde deixamos mais acima, esse acordo ao acaso entre José de Alencar, o principal escritor (inaugurador?) dos romances históricos no Brasil do século XIX, e Caetano Moura, o principal tradutor desse mesmo gênero romanesco no mesmo período, nos remete para o entorno da elaboração mesma do que viria a ser o romance histórico no Brasil.

Vejamos, se Caetano Moura começa a traduzir esses romances já em 1836 e José de Alencar apresenta sua primeira história nessa direção apenas em 1857, é de supor que as traduções tenham sido ao menos conhecidas por esse último. E evidentemente aquele modelo de Walter Scott teria servido a Alencar, assim como serviu a muitos outros escritores, pois era considerado a melhor forma do romance àquele período. E é justamente o que tenta José de Alencar em seu primeiro romance, e em grande parte de sua obra: apresentar no discurso literário – através do modelo de romance histórico – uma alternativa de narrativa de fundação nacional ou a sua história pela ficção. Igualmente, muitos outros modelos literários também ocuparam semelhante função política durante a história.

Mas nada disso é novidade, até porque a obra de José de Alencar é de fato identificada, por alguns dos seus críticos e pesquisadores, como tendo sido influenciada pelo autor inglês, mas também recebeu influências das obras de outros autores como Fenimore Cooper, René de

Chateaubriand, e isso é de algum modo confirmado, com algumas ressalvas feitas pelo próprio José de Alencar, em sua obra-resposta ou autobiografia intelectual, publicada *post-mortem*: *Como e porque sou romancista*, 1893¹⁸⁷³. Nela José de Alencar diz ter devorado “os romances marítimos de Walter Scott e Cooper, um apoz outro;” ainda que no parágrafo seguinte, de um modo um tanto contraditório, pondera que “nada valia para mim as grandiosas [obras] marinhas de Scott e Cooper” (p. 38-39), e como forma de responder àqueles que o criticavam de copiar os autores citados, afirma mais adiante que

Mas Cooper descreve a natureza americana, dizem os críticos. E que havia ele de descrever, senão a cena de seu drama? Antes dele Walter Scott deu o modelo dessas paisagens à pena, que fazem parte da cor local.

O que se precisa examinar é se as descrições de *O guarani* têm algum parentesco ou afinidade com as descrições de Cooper; mas isso não fazem os críticos, porque dá trabalho e exige que se pense. Entretanto, basta o confronto para conhecer que não se parecem nem no assunto, nem no gênero e estilo¹⁸⁷⁴.

Essas afirmações de José de Alencar nos parecem anacrônicas hoje em dia, pois, mais que a forma do romance histórico, sua paisagem, seu estilo e/ou assunto que desenrola a narrativa, é a função própria do romance através desses e outros elementos que também deve ser considerada. Inclusive, *O guarany*, 1857, o seu romance-resposta à refrega em torno da *Confederação dos Tamoios*, aloca-se facilmente entre tantos outros romances semelhantes em que personagens europeizados lidam de modo derradeiro com populações indígenas. Encontro que resultará fatalmente naquele presente histórico de José Alencar, ou o quase extermínio dessas populações.

É certo que formas narrativas anteriores aos romances históricos se apoiaram muitas vezes em esquemas parecidos, conquistadores *versus* conquistados, ou a saga heroica de um povo etc. Entretanto, os contextos em que essas histórias passarão a se desenrolar sobretudo a partir do século do XIX, abrigará discursos políticos mais adequados às complexidades nacionais do período em questão, tendo em vista que este tipo de literatura foi coluna importante dos estados que emergiram e se distinguiram também por este meio, através das suas línguas nacionais em forma de literatura e outros produtos do espírito. Nesse contexto, a tradução é crucial para o trânsito de informações e para a diferenciação dessas produções literárias, mas também serviu à homogeneização dessas mesmas produções ao permitirem que os modelos fossem prontamente conhecidos e copiados, até mimetizados. Em proporção ao sucesso avassalador, foi o que aconteceu especificamente com Walter Scott e o seu modelo de romance.

¹⁸⁷³ ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy. Ribeiro, 2013. 74 p.; 21 cm.

¹⁸⁷⁴ Ibid., p. 39.

Curiosamente, Alencar admite que, o seu primeiro e inacabado romance, *Os contrabandistas*, “sim, poder-se-hia dizer, apesar da originalidade da concepção, que foram inspiradas pela leitura do *Piloto*, novela” de Fenimore Cooper, traduzida por Caetano Moura que também traduziu outra obra citada, *O derradeiro mohicano: historia americana*. Entretanto, ele ainda segue por algumas páginas tentando distanciar as suas obras, sobretudo “*Iracema*” e o “*Guarany*”, das características, influências ou dos moldes daquelas obras a que era acusado de imitar, atribuindo as inspirações às paisagens nacionais ou ainda acrescentando outros livros e autores que teria lido com o mesmo afincamento com que lia Cooper, Scott e Chateaubriand.

Além das próprias informações que Alencar nos dá, existem pesquisas¹⁸⁷⁵, artigos acadêmicos e outros textos¹⁸⁷⁶ que analisaram as aproximações desses autores – traduzidos por Caetano Moura – com o romantismo brasileiro; ou ao menos citam as suas influências no movimento romântico brasileiro de modo mais genérico, outros, no entanto, precisam as relações com a obra de José Alencar mais especificamente, mas há os que divirjam dessas relações sem, no entanto, encerrar a questão.

Assim sendo, em relação nomeadamente a Walter Scott, essas questões se devem, naturalmente, pelo fato dele ter sido um dos autores mais recorrentes em qualquer pesquisa sobre as principais características do que se convencionou chamar de romance histórico. Essa que é uma forma fundamental para a compreensão do Romantismo, para a compreensão do romance como modelo predominante no dezoito, para a revolução tipográfica do século XIX e, no limite, para contextualizar também a emergência dos estados nacionais modernos na Europa, sobretudo. E essa distinção em gênero, desse estilo romanesco, foi utilizado para caracterizar também obras ao estilo de autores – citados mais acima – como Fenimore Cooper¹⁸⁷⁷ a quem se atribui ter inaugurado o estilo no continente americano e ainda mais a François-René de

¹⁸⁷⁵ Cf. VASCONCELOS, 2008.

¹⁸⁷⁶ Por exemplo: em um longo texto publicado em homenagem ao seu centenário no *Correio da Manhã*, 1 de maio de 1929, p.3, ocupando totalmente a capa e se distribuindo por mais quatro folhas dentro daquele número em que se discute, entre muitas outras questões da vida e obra de José de Alencar, a relação de *Iracema* com *Atala* a primeira novela de François-René de Chateaubriand e, também, a relação de José de Alencar com Fenimore Cooper em linha direta com Walter Scott. Inclusive, há menções aos livros traduzidos por Moura como base das análises comparativas. CORREIO da Manhã (RJ) 1929 - DocReader Web. *Um grande romancista*. Comemora-se hoje o centenário do nascimento de José de Alencar Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pagfis=39955 . Acesso em: 13 dez. 2023.

¹⁸⁷⁷ No mesmo sentido, comparativo e aproximativo, agora especificamente de José Alencar com Fenimore Cooper, conferir, p. ex.: CAVALIERE, Mauro. **Comparando O Último dos Moicanos de James Fenimore Cooper e O Guarani de José de Alencar**: a adaptação americana do romance histórico europeu. ACTAS do II Congresso de Hispanistas e Lusitanistas Nórdicos. Estocolmo, Out. de 2007, (p. 316-325).

Chateaubriand¹⁸⁷⁸, mesmo que às vezes seja considerado um “pré-romântico”, ecoa numa constante influência sobre os autores do romantismo.

Nessa toada, outro livro que também consta dos reeditados pela H. Garnier Livreiro-Editor, os da seção anterior, nas primeiras décadas do século passado e que havia sido traduzido no século XIX é *Ivanhoé*, também de *Walter Scott* – história particularmente popular – que fora reeditada como, *Ivanhoé – Romance Histórico*, 1906¹⁸⁷⁹, relevando a sua importância através da especificação do gênero, retomando-o talvez como estratégia comercial. Inclusive, a relação desse autor com as traduções de Caetano Moura gerou algumas informações desconstruídas ao se atribuir, às vezes, à Caetano Moura uma tradução de *Ivanhoé* quando na verdade se tratava de uma edição portuguesa do mesmo título. Mas – de fato – esse livro também foi traduzido¹⁸⁸⁰ por Caetano Moura. Mas logo abandonou-se as vendas por ter sido veiculado um ano antes por uma tradução portuguesa.

Assim, independente do que veremos mais adiante sobre José Alencar e Caetano Moura, é de fato extensa a participação desse último no mercado editorial brasileiro antes e durante o romantismo brasileiro, mais a sua importância pode ser ainda mais significativa.

É certo que José de Alencar ainda desenvolverá o seu estilo para além das obras *indianistas*¹⁸⁸¹, citadas acima, em direção a obras cujas narrativas se passam em outros passados histórico-ficcional, como acontece em romances históricos, e ao mesmo tempo se

¹⁸⁷⁸ Vale ainda um acréscimo, os autores Fenimore Cooper e Chateaubriand, dos Estados Unidos e da França respectivamente, tiveram obras traduzidas por Caetano Moura, a saber: *O Piloto*, *Os Natchez* e *O Derradeiro Mohicano*, obras essas que também tiveram grande apelo à sua época por motivos semelhantes àsquelas de Walter Scott.

¹⁸⁷⁹ Além da publicação da edição em livro de *Ivanhoé*, também foi publicado como folhetim no Correio Paulistano, em 44 partes, tendo a sua primeira parte publicada na edição de segunda-feira do dia 31 de julho até a edição de 9 de outubro de 1905, também com tradução anônima.

¹⁸⁸⁰ Segundo Sacramento Blake, entre as obras traduzidas por Caetano Lopes de Moura, incluem-se: “Obras selectas de sir Walter Scott, traduzidas em portuguez Paris, Guillard, Aillaud&C., 24 vols. in-12°. — Compõe-se esta collecção dos seis romances procedentes, e mais do — *Ivanhoé*, ou o regresso do cruzado, por Walter Scott, 4 vols. — Este deixou de ser publicado antes, porque, quando ia ser dado ao prelo, sahia á luz em Pariz uma traducção por E. P. da Camera, em 1837, e já no anno anterior havia sido publicada outra traducção em Lisboa, de A. I. Ramalho.” SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Edição do Conselho Federal De Cultura — BRASIL — 1970. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro 1893 (Segundo Volume), p.13.

¹⁸⁸¹ “Foram os romances que fizeram de José de Alencar (1829-1877) o escritor mais famoso do Romantismo brasileiro. Ele soube retratar com acuidade a vida da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX (Senhora, A Viuvinha), bem como narrar histórias situadas tanto em outras regiões brasileiras (O Gaúcho, O Sertanejo), como em épocas anteriores (As Minas de Prata, A Guerra dos Mascates). No entanto, seu maior mérito foi o de ter criado, pela primeira vez na literatura brasileira, personagens de índios, em três romances primordiais: O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874).” In: Cristina Duarte-Simoes, « José de ALENCAR, *Cartas a favor da escravidão* - Tâmis PARRON (org.) », *Caravelle* [En ligne], 93 | 2009, mis en ligne le 01 avril 2021, consulté le 15 décembre 2023. URL : <http://journals.openedition.org/caravelle/9823> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/caravelle.9823> .

propôs a regionalizar os temas dos seus livros com os chamados *romances regionalistas*: *O gaúcho* (1870), *O tronco do ipê* (1871), *O sertanejo* (1875) e *Til* (1872) são exemplos disso.

Por outro lado, consta da obra Alencar romances considerados de mais fôlego nesse sentido, mais próprios ao romance histórico, como em *As minas de prata* (1862/1865) e a *Guerra dos mascates* (1871/1873). Uma tentativa ambiciosa de integrar o todo (a nação) às narrativas mais particulares (regionais) que supostamente a compunham. De outro modo, após ter “identificado” a direção que seguirá a nação, segue Alencar a detalhá-la mais detidamente em seus aspectos particulares. Portanto, a obra de José de Alencar carrega consigo alguma vontade antropológica e histórica própria ao seu tempo, ao demonstrar a necessidade de inventariar o terreno por completo, determiná-lo. Para isso mantém um olhar no humano caricaturado em certo passado, na geografia nacional, e ao mesmo tempo mantém a ambição das ciências (ou dos seus intelectuais) na continua afirmação positiva da sociedade, tal e qual se apresentava naquele presente histórico, a recontar as glórias e misérias superadas do passado da nação, e se e quando necessário, através também de uma apologia à escravidão (negra). Algo que de fato fará sem meias palavras em a *Carta a favor da escravidão* publicada em sob o pseudônimo de Erasmo¹⁸⁸².

Ainda assim, existe uma relação entre Caetano Moura e José de Alencar, seja por aquele ter traduzido alguns dos principais exemplos do que eram os romances históricos, atuando com isso diretamente para o seu desenvolvimento no Brasil, e já se viu mais acima que a participação do tradutor baiano no cenário editorial brasileiro do século XIX é muito mais amplo. Portanto, não seria absurda a ideia de analisar as traduções de alguns desses romances, a partir de trechos satisfatórios, para que possam nos informar sobre os possíveis traços característicos de Caetano Moura em seu exercício. Essa análise pode ainda identificar intervenções de outras naturezas, como mudanças de capítulo, estilos ou padrões empregados, figuras de linguagens, adaptações, identificar a integralidade da tradução, se há distorções em relação ao texto de partida e de que tipo, enfim, informações que possam servir para construir alguma identidade entre as traduções de Caetano Moura, quais houver etc. Daí para, como sugeriu o próprio José de Alencar, uma comparação direta, não exatamente em relação à obra de Walter Scott, mas em relação às traduções desse autor realizadas pelo médico baiano em confronto com algumas obras de José de Alencar.

¹⁸⁸² “As *Novas Cartas Políticas de Erasmo*, apresentadas na edição [...] sob o título de *Cartas a favor da escravidão*, contêm sete missivas dirigidas a D. Pedro II entre junho de 1867 e março de 1868.” Cristina Duarte-Simoes, « José de ALENCAR, *Cartas a favor da escravidão* - Tâmis PARRON (org.) », *Caravelle*, 93 | 2009, 314-317.

De todo modo, se José de Alencar alega não ter se “inspirando” nem na forma, nem no assunto e nem nas paisagens dos livros de Walter Scott, Fenimore Cooper ou Chateaubriand, que Caetano Moura traduziu para português, e se há tantas alegações acerca da insuficiência do tradutor baiano, seria de bom proveito analisar as suas traduções para uma análise sobre como propriamente o tradutor baiano realizou o seu trabalho. É preciso lembrar que distorções, alterações, adaptações em traduções do século XIX e grande parte do XX não era algo incomum. Mas cada tradutor se autoriza de modos variados a depender das circunstâncias. Da mesma forma, copiar modelos literários seja de prosa ou poesia foi a regra, quase nunca a exceção, no desenrolar da história da literatura e certamente ainda no século XIX, chegando mesmo a ser a prescrição em muitos momentos dessa mesma história.

Nessa direção, vejamos o que aponta Marcos Roberto Flaminio Peres, pesquisador e professor da USP, em seu artigo *Walter Scott's Waverley distorted translation by the Brazilian Romanticism: the case of Caetano Lopes de Moura*¹⁸⁸³, a partir do qual esclarece que a influência do autor de língua inglesa, nos autores franceses, se deu através das populares traduções de Auguste-Jean-Baptiste Defauconpret. E que foi através da língua francesa, a língua franca de cultura no século XIX, que aquele autor escocês de língua inglesa ganhou notoriedade continental, ou seja, em toda Europa ocidental.

De tal forma que,

A influência avassaladora do escritor escocês Walter Scott sobre grande parte dos romancistas da primeira metade do século XIX é notória, para onde quer que olhemos. O seu ponto de inflexão foi na França, onde teve um impacto direto em todo o sistema literário – não apenas nos escritores e críticos, mas também no público leitor. “Seus romances são alguns dos livros mais lidos nas salas de leitura”, sinal da “verdadeira paixão” que despertam entre os leitores franceses, tendo se tornado objeto de um “processus de canonização coletiva” (RAULET-MARCEL, 2013, p. 27, 28). Entre críticos e prosadores, de Sainte-Beuve a Balzac, de Alfred de Vigny e Charles Nodier a Victor Hugo e Alexandre Dumas, todos leram e absorveram em maior ou menor grau a escrita de Scott. Na visão do autor de *Lundis*, que moldou e surpreendeu toda uma geração, esta foi “une époque où l’imitation de Walter Scott est presque une contagion nécessaire, même pour de très hauts Talents” (uma época em que a imitação de Walter Scott é quase um contágio necessário, mesmo entre os mais altos talentos); para Nodier, Scott representava “toute la littérature d’un siècle [toda a literatura de um século]” (RAULET-MARCEL, 2013, p.28)

Escapar da influência das obras de Walter Scott parecia ainda mais difícil sob esse contexto, pois não se tratava apenas de copiar o seu estilo, mas repetir o seu sucesso, e como

¹⁸⁸³ PERES, Marcos Flaminio. Walter Scott's Waverley distorted translation by the Brazilian Romanticism: the case of Caetano Lopes de Moura. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 18, n. 31, p. 120-129, 2017. Tradução. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/410>. Acesso em: 13 dez. 2023.

indica a citação acima, o sistema de leitura no século XIX se formou em torno do que e de como escrevia Walter Scott. Com efeito, o sistema editorial também sofreria mudanças necessárias.

Vejamos o que diz o prof. Flaminio Peres,

Mas o maior exemplo da presença de Scott num escritor, tanto no seu significado como na dimensão da sua obra, é Balzac, cujo primeiro romance publicado em seu próprio nome – ou seja, o primeiro “signé Balzac” – segue o modelo de Os romances de Scott. Assim, em seu próprio título *Les Chouans*, ou *la Bretagne en 1799*, de 1829, evoca o primeiro da série de romances Waverley de Scott: *Waverley*, ou *os sessenta anos depois* (1814). Mas *Les Chouans* também evoca os romances de *Waverley* no seu tema, tratando de uma revolta que tem lugar numa província remota – a Bretanha, no caso de Balzac, e a Escócia, no de Scott – contra um poder centralizador sediado em Paris, em um caso, ou em Londres no outro¹⁸⁸⁴.

E mesmo que os autores ou leitores franceses pudessem ler diretamente do inglês, “como Stendhal ou Vigny”, teria ainda assim a sua disposição os livros de Scott traduzidos em francês quase imediatamente ao lançado em língua inglesa, pois o tradutor Auguste-Jean-Baptiste Defauconpret recebia os manuscritos direto do prelo de Londres, complementa o artigo.

Assim, ainda antes de transportarmos esse cenário em direção a José de Alencar, no Brasil, observemos um elemento curioso do contexto francês, sob o aspecto do tradutor acima mencionado e a sua participação na difusão das obras de Walter Scott.

A construção deste fenómeno deveu-se em parte a alguém pouco mencionado nas histórias literárias, mas que, no entanto, se revelou essencial, pois adaptou Scott a gostos de leitores bastante diferentes dos da língua inglesa, com expectativas e formas muito particulares de representação¹⁸⁸⁵.

Entretanto, “adaptar” uma obra não é tão somente traduzi-la, há nuances que as distinguem razoavelmente bem, a depender dos elementos que se apresentem como resultado dessa tradução que desliza rumo a uma adaptação. Elementos como os que mais acima enumerei

¹⁸⁸⁴ Ibid., p.121.: “But the greatest example of Scott’s presence in a writer, both in his significance and in the dimension of his work, is Balzac, whose first novel published under his own name – in other words, the first “signé Balzac” – follows the model of Scott’s novels. Thus in its very title *Les Chouans*, ou *la Bretagne en 1799*, from 1829, evokes the first of Scott’s Waverley novel series: *Waverley*, or *tis sixty years since* (1814). But *Les Chouans* also evokes the Waverley novels in its subject matter, dealing as it does with a revolt that takes place in a remote province – Brittany, in the case of Balzac, and Scotland, in Scott’s – against a centralizing power seated in Paris, in one case, or in London.” Tradução própria.

¹⁸⁸⁵ Ibid., p.121-122.: “The construction of this phenomenon took place partly due to somebody seldom mentioned in literary histories but who has nonetheless shown himself to be essential, since he adapted Scott to the tastes of readers quite different from those of the English language, with highly particular expectations and forms of representation.”

para o caso de se analisar as traduções realizadas por Caetano Moura. E no caso francês, explica o prof. Flaminio Peres:

Barnaby faz uma análise detalhada da tradução de Defauconpret de *Old Mortality* (1816), o primeiro dos romances a sair na França, e explica diversas escolhas arbitrárias feitas por ele, a começar pelo título, que se tornou *Les puritains d'Écosse* (1817). Mas há outros exemplos que Barnaby sublinha na versão francesa: “Em muitos aspectos, os *Puritains* de 1817 é uma típica ‘*belle infidèle*’ [bela infiel]. As passagens descritivas são radicalmente reduzidas. Os flashbacks são suprimidos e as passagens expositivas [são] inseridas para garantir a unidade da ação. As digressões autorais e as passagens em que as personagens se dedicam à introspeção são sacrificadas em prol de um avanço rápido. A linguagem é despojada de cores locais ou de ousadia figurativa e transformada num francês clássico suave” (BARNABY, 2006, p. 37)¹⁸⁸⁶.

Como se disse, recriações e reelaborações em processos tradutórios existiram em graus variados em tempos diversos para situações particulares. Em geral, a situação do tradutor nunca é favorável a alterações estruturais na obra em questão. No caso francês, diante de um cenário político e histórico de disputas quase infindas entre a França e as Ilhas britânicas, a Inglaterra ou Reino Unido, seria difícil imaginar que a concretização de um certo tipo de literatura, moldada nesse terreno estrangeiro, pudesse simplesmente se estabelecer em solo francês sem qualquer intervenção, sem qualquer aclimação¹⁸⁸⁷. Por outro lado, não se poderia prever com exatidão como isso ocorreria, mas quase sempre ocorria.

Ressalta igualmente dessa citação, que uma das intervenções do tradutor francês ressoará diretamente nas escolhas tradutórias de Caetano Moura, ainda que algumas de suas obras viessem grafado que fora traduzido do inglês, nem todas se pode identificar essa informação e ainda que conste, nessas condições, é difícil imaginar um cenário em que o tradutor baiano não tenha se utilizado das traduções francesas para compor as suas próprias traduções (ou traduções adaptadas) em língua portuguesa. Assim como o título mencionado (*Les puritains d'Écosse*, 1817, traduzido por Defauconpret) coincide com título do mesmo livro de Walter Scott traduzido por Caetano Moura, como já vimos mais acima, *Os puritanos da Escócia* (1837) em vez de *Old Mortality* (1816). Mas o tradutor francês ainda incidiria em

¹⁸⁸⁶ Ibid., p.122.: “Barnaby makes a detailed analysis of Defauconpret’s translation of *Old Mortality* (1816), the first of the novels to come out in France, and explains several arbitrary choices made by him, starting with the title, that became *Les puritains d'Écosse* (1817). But there are other examples Barnaby underlines from the French version: “In many respects, the 1817 *Puritains* is a typical ‘*belle infidèle*’. Descriptive passages are radically reduced. Flashbacks are suppressed and expository passages [are] inserted to secure unity of action. Authorial digressions and passages where characters engage in introspection are sacrificed for rapid forward movement. Language is stripped of local colours or figurative boldness and rendered as smooth Classical French” (BARNABY, 2006, p. 37).”

¹⁸⁸⁷ É praticamente o mesmo que exigia José de Alencar na refrega com D. Pedro II, acerca de *As confederações dos Tamoios* visto mais acima.

outras importantes intervenções: supressão de capítulo, redução drástica de prefácio resultando em sérias alterações de sentido acerca da crítica literária de Walter Scott aos romances de cavalaria, segundo Flamínio Peres. É certo que hoje em dia esses casos parecem mais raros, mas ainda existe uma enormidade de livros em que a sua forma e o seu conteúdo são adaptados, muitas vezes reduzidos, para uma suposta melhor recepção entre um certo público leitor.

A respeito de Caetano Moura, o professor e pesquisador Flamínio Peres, afirma:

“Pode-se dizer que, numa escala mais modesta, Lopes de Moura desempenhou para a ficção romântica brasileira o mesmo papel que Defauconpret desempenhou na França”, numa estratégia certamente devida à repercussão provocada pelo trabalho de Defauconpret.

Aproveitando o sucesso alcançado pela “marca” Scott, Lopes de Moura fez questão de mandar imprimir nas capas dos seus livros os dizeres “tradutor das obras de Walter Scott”.

Pode-se ter certeza de que a tradução que ele fez de *Waverley* em 1844 se baseia não na obra original (de 1814), mas na versão francesa de Defauconpret, de 1826¹⁸⁸⁸.

E ao que acredita ser os indícios, aponta o domínio maior da língua francesa, a disponibilidade das edições francesas e certamente a influência do tradutor francês (estilo de tradução?), acresce ainda os argumentos do professor e pesquisador Claudio Veiga ao notar a grande demanda de trabalhos e o domínio muito maior da língua francesa por parte do tradutor baiano radicado em Paris. E como uma amostra desse domínio linguístico, diz Claudio Veiga que nessa cidade Caetano Moura partilhava de um círculo notável de personagens francesas como Ferdinand Denis que, sabe-se, desempenhou um importante papel na primeira geração romântica brasileira.

Entretanto, conclui o professor, através de

um estudo contrastivo, baseado em indicações essencialmente textuais encontradas nas traduções de Lopes de Moura, permite-nos afirmar que nas suas traduções ele de fato seguiu mais as versões escritas por Defauconpret do que os originais do próprio Walter Scott. O que é ainda mais surpreendente, porém, é que Lopes de Moura encontrou soluções próprias, afastando-se tanto do original em inglês como da versão francesa [...] ¹⁸⁸⁹

E assim, com um pouco mais de precisão,

Ele [Caetano Moura] segue o exemplo de Defauconpret já nos títulos que dá aos romances de Scott, todos seguindo ao pé da letra o exemplo do francês. Assim *Old*

¹⁸⁸⁸ Ibid., p. 122-123.: “It could be said that, on a more modest scale, Lopes de Moura played the same role for Brazilian Romantic fiction as Defauconpret did in France. He moved to France as a young man with the intention of studying medicine and spent most of his life in that country, becoming a translator at an advanced age so as to overcome growing financial difficulties.”

¹⁸⁸⁹ Ibid., p. 122.: “However, a contrastive study, based on essentially textual indications found in Lopes de Moura’s translations, allows us to state that in his translations he did in fact follow versions penned by Defauconpret more than the originals of Walter Scott himself. What is even more surprising, however, is that Lopes de Moura found solutions of his own, straying both from the original in English and from the French version.”

mortality passa a ser *Les puritains d'Écosse* e, em português, *Os puritanos da Escócia*; *The heart of Midlothian* é convertido em *La jail d'Edimbourg* e, em português, em *A prisão de Edimburgo*.¹⁸⁹⁰

Não nos parece ser o caso de alguma contestação, a tradução *mot-à-mot* dos títulos franceses não parecem meras coincidências. Até porque existem outras conjunções entre as obras, como as detalhadas no artigo para o caso do romance *Waverley*, que intitula toda a série scottiana, e explicitam ainda mais a questão,

o exemplo da tradução de *Waverley* que considero mais significativo, pois sinaliza o distanciamento definitivo de Lopes de Moura das suas duas matrizes, elevando-o a um estatuto quase “autoral”, é a sua supressão deliberada de dois capítulos. Esses dois capítulos são fundamentais não apenas para a compreensão de *Waverley*, mas também compreender o próprio conceito de ficção que está latente no corpus da obra de Scott. Refiro-me aos capítulos inicial e final – “Introdutório” e “Um Pós-escrito, que deveria ter sido um Prefácio”.¹⁸⁹¹

Esses argumentos apresentam fatos que podem distinguir rapidamente, ao menos no que diz respeito as estruturas dos livros, as traduções de Caetano Moura das outras traduções com títulos homônimos aos do tradutor baiano, resolvendo, por exemplo, as questões da seção anterior sobre as reedições realizadas pela H. Garnier. Assim, os dois títulos citados (*A prisão de Edimburgo* e *Os puritanos da Escócia*), parecem reafirmar as suposições acerca das contrafações nas reedições dos livros de Walter Scott da seção anterior. Pois, entre os três títulos exclusivos traduzidos apenas por Caetano Moura, e que restaram por confirmar se se tratava de contrafações de suas traduções, dois deles estão citados aqui. E não são citados à toa, estão citados por apresentarem uma distinção característica por influência do modelo francês das traduções das obras de Walter Scott, o que explicaria porque apenas Caetano Moura traduziu para a língua portuguesa os títulos da maneira como os traduziu, pois tomou como exemplo a tradução do francês. Assim sendo, se Caetano Moura não seguiu o título original, como se viu, e o distorceu a exemplo do francês, é muito provável que uma reedição com o mesmo título distorcido seja uma contrafação da obra de mesmo título, este é um forte indício.

¹⁸⁹⁰ Ibid., p. 123.: He follows the lead of Defauconpret already in the titles he gives to Scott's novels, all of them following the Frenchman's lead to the letter. Thus *Old mortality* becomes *Les puritains d'Écosse* and, in Portuguese, *Os puritanos da Escócia*; *The heart of Midlothian* is converted into *La prison d'Edimbourg* and, in Portuguese, into *A prisão de Edimburgo*.

¹⁸⁹¹ Ibid., p. 124.: “However, the example of the translation of *Waverley* I consider most significant, since it signals Lopes de Moura's definitive distancing from his two matrixes, raising him to an almost “authorial” status, is his deliberate suppression of two chapters. These two chapters are fundamental not only to the understanding of *Waverley* but also to understand the very concept of fiction that is latent to the corpus of Scott's work. I refer to the initial and final chapters – “Introductory” and “A Postscript, which should have been a Preface”.

A especificidade das traduções realizadas por Caetano Moura, ao menos nos casos mencionados no artigo, no qual são apresentadas alterações, quase adulterações, supressões, recriações, acréscimos, distorções de várias ordens que talvez o caracterizassem como autor-tradutor em semelhança, em quase *verossimilhança*, ao modelo francês. Nesse sentido, é de se supor que alguma influência e ou repercussão mais específica possa ser identificada entre os românticos brasileiros. Pois, diante do exposto, Caetano Moura teria apresentado obras diversamente modificadas da versão inglesa, mediadas por edições francesas; mas ainda seria necessário dimensionar quais obras passaram por processo de adaptação semelhante entre as traduzidas por Caetano Moura.

Obviamente diante de tantos fatos, é de se questionar:

1) porque é que Lopes de Moura, visto pelos seus contemporâneos e pelo proprietário da editora Aillaud como altamente competente, ignorou abertamente estes dois capítulos cruciais de *Waverley*, criando uma tradução “de autor” de Scott, por assim dizer; e 2) uma questão que inevitavelmente decorre da primeira é: qual o significado desta versão de *Waverley*, que poderíamos qualificar como “distorcida”, para a recepção dada a Walter Scott pelos românticos brasileiros, especialmente Alencar?¹⁸⁹²

Ponto de partida desta seção, Caetano Moura e o romantismo brasileiro, movimento do qual seu nome não integra, mas que esteve ligado de um modo ou outro, como se viu, seja pelo círculo de amizade em Paris, como Ferdinand Denis, que inclusive por sua proximidade com Caetano Moura, é que escreve o verbete sobre o tradutor numa famosa enciclopédia francesa. Ou ainda, por ter traduzidos alguns importantes romances dos autores mais populares da época, autores e títulos que haviam redimensionado o sistema literário desde o público leitor ao processo de produção do livro e conseqüentemente o aumento exponencial do número de traduções veiculadas. E também por isso fora chamado a se declarar acerca das *Confederações dos Tamoios*, cuja questão da identidade nacional estava posta, mas também com a participação direta na composição dos arquivos nacionais, como sócio correspondente do IHGB.

Ainda assim, entre as possibilidades de respostas levantadas pelo prof. Flaminio Peres para as suas próprias questões, a partir das tantas reconfigurações realizadas por Caetano Moura em sua tradução ou adaptação das três obras de Walter Scott mencionadas no artigo, assim

¹⁸⁹² Ibid., p. 126.: “1) why did Lopes de Moura, seen by his contemporaries and by the owner of Aillaud publishers as highly competent, openly ignore these two crucial chapters of *Waverley*, creating an “author’s” translation of Scott, so to speak; and 2) one question that inevitably leads from the first is: what is the significance of this version of *Waverley*, which we could describe as “skewed”, to the reception given to Walter Scott by Brazilian Romantics, especially Alencar?”

[...] pode-se dizer que, da mesma forma que na sua obra, Scott alimentou deliberadamente o culto ao autor – uma “autorização”, uma espécie de jogo de esconde-esconde com o leitor (RAULET-MARCEL, 2013, p.30), como destacou Raulet-Marcel – também este culto ao autor parece ter contaminado o seu mais importante e famoso tradutor – Defauconpret, como visto acima – e também o homólogo mais modesto de Defauconpret, aquele que foi mais fundamental no sistema literário brasileiro – Caetano Lopes de Moura.¹⁸⁹³

Disso decorre que não se pode simplesmente acusar Caetano Moura de distorcer a obra através da tradução, apesar de ser um fato “verdadeiro” como apontados mais acima. No entanto, não se pode colocar esta “verdade” no campo próprio da má-fé, ainda que apresentem problemas que hoje em dia podem ser considerados procedimentos antiéticos, e no limite, um tipo de falsificação como até se tentou atribuir a Caetano Moura no caso da edição inédita dos *Cancioneiros de D. Diniz*.

Entretanto, apesar desses males, essas práticas eram comuns ao seu tempo e podem justamente por isso facilitar a construção de uma identidade mais singular das traduções realizadas por Caetano Moura. De outro modo, essas adaptações servem como marcas distintivas dessas traduções, especialmente, como vimos, no caso das obras de Walter Scott. Para enfim tentar-se entender como e se essas alterações, ou “aclimatação” ao público brasileiro, legaram algum traço distintivo para nossa literatura à sua época sobretudo.

Pois que,

[...] se foi de fato através da versão de *Waverley* de Lopes de Moura que José de Alencar entrou em contato com um autor tão seminal como Walter Scott, precisamos refletir sobre o efeito que essa versão “distorcida” pode ter tido no conceito de ficção que o futuro escritor, ainda em formação, começava a delinear. E, num nível mais amplo, precisaremos também refletir sobre as consequências disso para a produção ficcional romântica brasileira como um todo.¹⁸⁹⁴

Ainda que José de Alencar em “Como e porque sou escritor” afirme ter lido Balzac em francês, para quem sabe tentar escapar da sombra de Walter Scott, mas tendo sido Balzac um grande leitor e “imitador” de algum estilo e forma das obras de Walter Scott, inclusive tendo

¹⁸⁹³ Ibid., p. 126.: “[...] it could be said that, in the same way as in his work Scott deliberately nurtured the cult of the author – an “authorialisation”, a kind of game of hide-and-seek with the reader (RAULET-MARCEL, 2013, p.30), as Raulet-Marcel has pointed out – so does this cult of the author appear to have contaminated his most important and famous translator – Defauconpret, as seen above – and also Defauconpret’s more modest counterpart, one who was more fundamental in the Brazilian literary system – Caetano Lopes de Moura.”

¹⁸⁹⁴ Ibid., p. 127. “[...] if it was indeed through Lopes de Moura’s version of *Waverley* that José de Alencar came in touch with an author as seminal as Walter Scott, we need to reflect on the effect that this “distorted” version may have had on the concept of fiction that the future writer, still being formed, was beginning to outline. And, on a wider level, we will also need to reflect on the consequences of this to Brazilian Romantic fictional production as a whole.

lido o autor escocês também através das traduções de Defauconpret, faz com que tudo isso nos pareça um círculo sem fim de influências recíprocas e cruzadas de Walter Scott sobre Alencar.

É certo que José de Alencar teve acesso aos livros traduzido por Caetano Moura ainda muito moço, no Ceará, afinal, até o Imperador também o lera em sua juventude, apesar de poder ler em outros idiomas o fez também através das traduções de Caetano Moura. Ao que parece, por todas as notícias que temos e pela grande quantidade de anúncios, por longos anos, sobre a chegada, venda, ou reposição de estoques das obras de Walter Scott, traduzidas por Caetano Moura, ao seu tempo foram de fato muito apreciadas, e isso não nos parece algo duvidoso.

Enfim, o prof. Marcos Flamínio Peres ainda lidará com as questões em torno de José de Alencar e Walter Scott em outros textos como *Universos ficcionais: o romanesco em Walter Scott e José de Alencar* (2016), artigo em que contrasta *Waverley* (1814) com *As minas de prata* (1865-66) em busca de similaridades narrativas; e *O herói passivo em Walter Scott e José de Alencar* (2020) artigo em que analisa a construção da figura do herói em ambos os autores através de *Waverley* (1814) do escritor escocês com *O guarani* (1857) e *As minas de prata* (1865-66) do brasileiro.

Portanto, para o Prof. Marcos Flamínio Peres,

Sabe-se que desde criança Alencar foi um leitor insaciável de romances e que Walter Scott não lhe escapou do interesse, como ele mesmo declara em sua peça autobiográfica: “Devorei os romances marítimos de Walter Scott e Cooper, um após o outro; mas nada para mim superou as magníficas histórias marítimas de Scott e Cooper ou as batalhas heróicas de Marryat”. Mais adiante, destaca a importância do autor escocês na pintura de uma paisagem: “Walter Scott deu o modelo para essas paisagens desenhadas à caneta, que fazem parte da cor local” (ALENCAR, 1953, p.65,70). Mas, para além das alusões biográficas explícitas, Scott está presente na construção de romances como *O guarani*, como tem sido frequentemente apontado pela crítica, e sobretudo em *As minas de prata*, em que a composição do herói, Estácio, contém claramente os sinais do “herói passivo” de *Waverley*, conforme análise dos romances de *Waverley* feita por Alexander Welsh (1992[1963])¹⁸⁹⁵

Ao que parece, será difícil para José de Alencar escapar definitivamente das comparações com a obra de Walter Scott, poucos escaparam ao seu modelo em quase todo século XIX. Por outro lado, tem-se Caetano Moura o principal tradutor desse escritor no Brasil,

¹⁸⁹⁵ Ibid., p.127.: “It is known that from his childhood Alencar was an insatiable reader of novels and that Walter Scott did not escape his interest, as he himself declares in his autobiographical piece: “I devoured Walter Scott’s and Cooper’s seafaring novels one after the other; [...] but nothing for me surpassed the magnificent sea stories of Scott and Cooper or Marryat’s heroic battles”. Further ahead, he points out the Scottish author’s importance in painting a landscape: “Walter Scott provided the model for these landscapes drawn with a pen, that are part of local colour” (ALENCAR, 1953, p.65,70). But, beyond the explicit biographical allusions, Scott is present in the construction of novels such as *O guarani*, as has quite often been pointed out by critics, and above all in *As minas de prata*, in which the the composition of the hero, Estácio, clearly contains the signs of *Waverley*’s “passive hero”, according to the analysis of the *Waverley* Novels made by Alexander Welsh (1992[1963])”

mas vimos mais acima que o tradutor brasileiro, seguindo o modelo francês, realizou uma série de alterações, distorções, reeditando quase completamente as obras no processo de tradução, ao ponto de se confundir com ações do que acreditamos ser propriamente a de “autor”. Assim sendo, a presença de Caetano Moura no sistema literário brasileiro pode e deve ser ainda mais vertical, talvez até de algum modo em sentido estruturante, seria ainda necessárias mais pesquisas.

CONSIDERAÇÃO LIMINAR

Em primeiro lugar: esta pesquisa realizou por meio dos testemunhos coletados a edição interpretativa da *Autobiografia* do médico e tradutor Caetano Lopes de Moura, objetivo maior a que nos propomos. Pois, para mim, a importância daquilo que o médico e tradutor baiano narrou era fundamental para uma investigação mais horizontal de sua obra e vida, entretanto, seu relato logicamente extrapola esse objetivo. Porque, por ser homem negro, nascido *livre* ainda no século XVIII, nos relata complexidades de sua experiência de vida, com a postura de um intelectual discreto que assistiu a grandes transformações na Europa e no mundo num período de muitos turbilhões no ocidente.

É também um importante relato autobiográfico sob um ponto de vista ainda escasso, o de pessoas negras brasileiras ao seu tempo, haja vista a dificuldade por que passavam justamente no século de maior intensificação do domínio colonial muito necessário para financiar as novas engrenagens da revolução técnica por que passou todo século XIX. Ainda assim, mesmo tendo nascido pobre e negro, as contribuições de Caetano Moura surpreendem até os mais dedicados amantes das humanidades e não somente por suas traduções que contabilizamos aos menos 23 obras, tendo até alguma atenção do Imperador do Brasil, D. Pedro II com quem trocou correspondências, a biografia aqui editada, já se disse, é uma delas.

Dito isso, considero que este trabalho de pesquisa e a consequente realização da edição interpretativa aqui apresentada desse relato autobiográfico tem um valor intelectual e histórico-social relativo para a memória nacional. Pois, essa pesquisa parece compor a memória daqueles que, por muitos motivos explícitos e não, jamais são lembrados ainda que não completamente esquecidos. Aqueles e aquelas que permanecem em geral não-mencionados.

Além disso, e tendo em vista que também exerço as funções de tradutor e editor, editor-crítico (acadêmico) ou no mercado editorial não acadêmico, e tal qual Caetano Moura, também sou um homem negro, informações que aparecem aqui como coincidências, mas que não são irrelevantes se levarmos a sério o fato mesmo da divisão do trabalho em seu aspecto sócio-raciais no Brasil. Ora, as coincidências me levaram ao menos a imaginar as dificuldades de produção dessas obras independentemente dos seus contextos. Daí a encontrar os contextos, se possível for, com a ajuda ou através do relato em primeira pessoa de quem as produziu. Esse “quem”, objetivamente: deve ser um dado relevante no sentido de entender as “coincidências” que, por exemplo, são reiteradas ao longo da lista daqueles(as) escreveram sobre Caetano Moura ou daqueles(as) que utilizaram o seu nome quase sempre vinculado ao epíteto de *o mulato baiano* e semelhantes.

A verdade é que, ainda hoje, esses lugares de construção mais explícitos da cultura, mais públicos, o intelectual é uma figura pública, são e sobretudo foram quase exclusivamente ocupados por pessoas brancas. Pois, a suposição de desconfiança à intelectualidade negra não é apenas uma suposição, como ao tempo de Caetano Moura ele narrou como fato, e como se viu igualmente em relação a pesquisas acadêmicas e outras notícias sobre seu trabalho e a sua vida.

Ao apontar, na seção anterior, as edições de *Os Lusíadas* e dos *Cancioneiros de Dom Diniz* realizadas por Caetano Moura e a tradução de ao menos 23 obras, comprovadamente, do francês, inglês e alemão, essas informações já deveriam ser suficientes para alguma lembrança de sua presença intelectual. Haja visto o ineditismo de alguns desses feitos apesar dos empecilhos materiais.

No entanto, o que se percebeu no decorrer da pesquisa é que a sua biografia, por revelar um estado constante de falta recursos materiais e outras atribulações, parecia interditar a sua relevância intelectual para a posteridade. Parece não haver lugar para um intelectual tão profícuo e miserável. E nisso confessam praticamente todos e todas que utilizaram de um mesmo refrão para sintetizar a vida do seu espírito, sua vida intelectual, a saber: ele é um “forçado às letras¹⁸⁹⁶”. Não foi obra exatamente do seu espírito humanista, ele foi apenas um operário, um escravo das letras? É curioso notar como essa expressão, que reflete o exercício que Maximiano Lopes de Moura, pai de Caetano Moura, realizava com seu filho a treiná-lo como um homem para letras, é retomada na expressão que tenta sintetizá-lo novamente como um dileitante das letras ou um operário delas.

À medida que nos distanciamos de Caetano Moura, das suas realizações ao seu tempo, as pesquisas em torno dele e da sua obra servem muito mais a justificar o seu esquecimento. Por outro lado, ele reaparece aqui e ali como uma figura curiosa, interessante, romântica, um herói de ocasião. Mesmo que a sua biografia e obra nos obrigue a considerá-las em meio a uma diversidade de situações importantes na Europa e no Brasil, ainda assim não parece ter havido razões suficientes para arrancá-lo da solidão histórica em que ainda permanece.

Veja-se que além das obras até aqui citadas, há ainda obras que integrariam os estudos históricos como o *Epitome chronologico da historia do Brazil*¹⁸⁹⁷ (que é um resumo

¹⁸⁹⁶ Cf. WYLER, Vivian. Soldado da fortuna, forçado das letras, amigo de imperadores. **Jornal do Brasil**, Caderno B, p. 9, 2 fev. 1980. Esse artigo se inclui entre aqueles que se seguiram à publicação do livro de Claudio Veiga. É perceptível o título que sintetiza Caetano Moura como numa equação total. Exprime bem os sentidos dados pela obra de Veiga.

¹⁸⁹⁷ MOURA, C. L. *Epitome chronologico da historia do Brazil para uso da mocidade brasileira*. Paris: [s.n.], 1863, 349 pags. in-8º, com um mappa.

cronológico da história nacional, que é considerado um dos primeiros livros didáticos da história do Brasil); uma popular biografia de Napoleão Bonaparte¹⁸⁹⁸, a primeira escrita por um brasileiro e certamente de um que tenha participado do seu exército; além do *Dicionário geográfico e histórico*¹⁸⁹⁹, obra de referência até nossos dias e recentemente reeditada¹⁹⁰⁰, com tradução, notas e acréscimos realizados a partir do “manuscrito inédito francês”, por Caetano Moura. Afinal de contas, ele era um editor!

Mas, há também a tradução de obras do Duque de La Rochefoucauld, August von Kotzebue, as *Cartas de Heloísa e Abelardo*, A-F-J. Freville e J-F. Marmontel e outras obras paradidáticas que serviam para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras¹⁹⁰¹ – tendo recebido também uma edição francesa¹⁹⁰² – e que foram admitidas em cursos e ementas colegiais aqui no Brasil, de partida no colégio D. Pedro II¹⁹⁰³, e da mesma forma o *Epitome* que fez parte dos livros didáticos das nascentes escolas públicas nacionais; também revisou e ou participou da composição de obras diversas como o *Tratado de geographia universal*¹⁹⁰⁴ e algumas outras não confirmadas até o presente. Ou ainda, publicações curiosas como *A Arte de curar a si mesmo nas doenças venereas com o receituário correspondente*¹⁹⁰⁵, também o drama vaudeville *Arthur ou dezesseis annos depois*¹⁹⁰⁶ que obteve alguma repercussão e fora encenada

¹⁸⁹⁸ MOURA, C. L. **História de Napoleão Bonaparte desde o seu nascimento até a sua morte**, seguida da descrição das cerimônias que tiveram lugar na trasladação do seu corpo da ilha de Santa Helena para Paris e do seu funeral. Obra extraída dos melhores autores, especialmente das obras de Mr. Thiers. Paris: [s.n.], 1846, 2 vols.

¹⁸⁹⁹ SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet; MOURA, C. L. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*, contendo a origem e história de cada província, cidade, vila e aldeia; sua população, comércio, indústria, e produtos mineralógicos; nome e descrição de seus rios, lagoas, serras e montes; estabelecimentos literários, navegação e o mais que lhe é relativo. Obra coligida e composta por Milliet de Saint Adolphe e trasladada em português do mesmo manuscrito inédito francês (com numerosas observações e adições). Ornada de um mapa geral do Império do Brasil e de cinco planos das cidades e portos principais. Paris, 1845, 2 vols., 1.375 pags. in-8º — Ha uma edição de Paris, 1863, in-8º. Paris, 1845.

¹⁹⁰⁰ SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*. Tradução e acréscimos de Caetano Lopes de Moura. Ed. Fundação João Pinheiro; IPEA: Belo Horizonte; Brasília, DF, 2014. 2v.

¹⁹⁰¹ MOURA, C. L. **Nova guia da conversação moderna, em francez e portuguez**, para uso dos viajantes e das pessoas que se dão ao estudo das duas línguas. Paris, 18** — Nova edição, revista, correcta e augmentada de diálogos sobre ás viagens, caminhos de ferro, navios a vapor, etc. Paris : [s.n.], 1865.

¹⁹⁰² MOURA, C. L. **Dialogues usuels et familiers à l'usage des voyageurs** et des personnes qui étudient l'une ou l'autre langue. França: Mesnil-Dramard. Idiomas: Francês, Português. Editor: J. F. da Costa, 1896.

¹⁹⁰³ BRASIL. Ministério do Império: **Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ)**. 2ªed. 1864, p.09. <http://memoria.bn.br/DocReader/720968/6646>

¹⁹⁰⁴ BALBI, Adrien; MOURA, C. L. **Tratado de geographia universal, physica, histórica e política**; redigido segundo um novo plano, o conforme os últimos tratados do paz; precedido dos princípios geraes de geographia astronômica, physica e política, colligidos principalmente do Tratado de geographia de Adrien Balbi. Paris, 1858, 2 vols. in-8º com um atlas — Esta é a segunda edição, revista e inteiramente refundida.

¹⁹⁰⁵ *A Arte de curar a si mesmo nas doenças venereas com o receituário correspondente*, por Godde de Liancourt. Paris, 1839, in-8º, com uma estampa.

¹⁹⁰⁶ *Arthur ou dezesseis annos depois*: drama-vaudeville em dous actos, de Dupeuty, Fontau e Dravigny. Paris, 1841, in-8º.

por algumas semanas em diversas partes do Brasil, como se pode comprovar pelas muitas divulgações nos jornais da época.

Todas essas informações, que não totalizam os feitos e as realizações conhecidas do Dr. Caetano Lopes de Moura, não foram suficientes para que esse intelectual permanecesse como um fato perene da memória nacional. Assim, para mim, não há alguma possibilidade de afastar também o aspecto racial como um fato pregnante às formas comuns de apagamento das tantas pessoas e realizações negras no Brasil.

Por fim, a sua morte foi eternizada materialmente num pomposo mausoléu erguido no Cemitério do Père-Lachaise, em Paris, custeado por D. Pedro II, que, acima de qualquer suspeita, era de fato um dos seus principais admiradores. E que conforme seus *Diários*¹⁹⁰⁷ visitou o túmulo de Caetano Moura e ficou bastante chateado com as condições, tendo em vista financiar os contínuos cuidados necessários. É o que se pode ler da transcrição dos *Diários*, no dia 1º de novembro de 1890, sábado, e parecem melancolicamente antever algum futuro:

Depois estive no Père Lachaise. Infelizmente o lado da cidade estava escurecido. Vi as principais sepulturas que são estas numerosas e não esqueci a de Heloisa e Abellard. Indicaram-me a sepultura do Dr. Caetano Lopes de Moura, e a lápide de Filinto Elísio. Nada se pode ler nelas e estão muito maltratadas apesar do dinheiro que tenho dado para o contrário. Assim mesmo pus flores sobre elas. Vou falar à Teresópolis¹⁹⁰⁸.

Mas a despeito de todas as desconfianças e suspeitas em torno da presença de Caetano Moura no mundo, o ocaso da sua presença foi materializada em um enorme mausoléu, ele temia não ser lembrado em sua pátria, *natural da Bahia*, ainda mais uma vez lamentando jamais ter retornado à nação, tentou, em forma de obra, vida-é-obra, manter o próprio corpo (o seu nome) presente na memória do seu lugar natal: “botei-me a traduzir [...] com os olhos do entendimento virados para a Pátria, na esperança [...] de que [...] não ficaria meu corpo sepultado no esquecimento.” Mesmo diante da pobreza, miséria ou limitações pecuniárias, a pior herança é não ser memória.

¹⁹⁰⁷ BEDIAGA, Begonha (Org.). *Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

¹⁹⁰⁸ BEDIAGA, p. 864 – 865.

REFERÊNCIAS

- ACADÊMICOS: Alberto de Oliveira. *In: Biografia de Alberto de Oliveira*. Rio de Janeiro, 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia> .
- ALENCAR, J. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893.
- ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy. Ribeiro, 2013. 74 p.
- ALLÉGRET, Marc. MOUTON Georges, comte and général - napoleon.org. Disponível em: <https://www.napoleon.org/em/history-of-thetwoempires/biographies/mouton-georges-comte-and-general/> .
- ARAUJO, Ernesto da C. De. *Biographia do Dr. Caetano Lopes de Moura* - Escripta por elle mesmo. *Jornal do Commercio*, n. 88, p. 1-2, 29 mar. 1902.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARQUIVO DA ORDEM 3.^a DE SÃO DOMINGOS, RECEITA E DESPESA, 184-185, V.915, f.37 r.
- ARQUIVO DOS AÇORES (1878), edição fac-similada pela edição de 1888, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, XIII: 382-405. *Archivo dos Açores*; publicação periodica destinada à vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia Açoriana.
- ARQUIVO NACIONAL, Registro de Decretos da Mordomia da Casa Imperial (1840 – 1846)
- BALBI, A. *Tratado de geographia universal, physica, histórica e política*. Tradução de Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris: [s.n.], 1858.
- BARROSO, G. Um baiano na retirada da Rússia. **O Cruzeiro**, 04 Junho 1949. 54-46.
- BEDIAGA, Begonha (Org.). *Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.
- BÉDIER, J. *A tradição manuscrita do Lai de l'Ombre* : reflexões sobre a arte de editar os textos antigos. Trad., notas e comentários: Edson César de Sousa Sobrinho e Arivaldo Sacramento de Souza. Edufba: Salvador, Brasil, 2023. 142p.
- BERENTSEN, William H. Saxony | History, Capital, Map, Population, & Facts. 20 jul. 1998. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Saxony-state-Germany> .
- BOTTMANN, Denise. *Ecos de Portugal no Brasil, III - O caso d'As Aventuras do Sr. Pickwick*, de Charles Dickens. Jul. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/33900888/ECOS_DE_PORTUGAL_NO_BRASIL_III_O_caso_dAs_Aventuras_do_Sr_Pickwick_de_Charles_Dickens.

BRASIL. *Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ)*. Ministério do Império. [S.l.], p. 09. 1864.

BRITANNICA, T. Editors of Encyclopaedia (2023, January 1). Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/> .

BROCA, B. O Que Liam Os Românticos. In: BROCA, B. *Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos*. São Paulo: LIVRARIA E EDITORA POLIS, 1979. p. 96-116.

CALDEIRA, Jorge (org.). *José Bonifácio de Andrada e Silva*. São Paulo: Ed. 34. 2002. (Col. Formadores do Brasil).

CALMON, Pedro. A urgência de um poema nacional. *O cruzeiro*. Segredos e revelações da História., n. p. 44-45, 8 abr. 1963.

CALMON, Pedro. *Um brasileiro nas legiões de Bonaparte*. *O Cruzeiro*, 04 Abril 1961. 44-45.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARTA régia a Manuel da Cunha e Meneses, governador da Bahia, comunicando ter sido nomeado para este posto Afonso Miguel de Portugal e Castro, marquês de Valença]. Lisboa [Portugal]: [s.n.], 05 jul. 1779. 1 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mssp0000437/mssp0000437.pdf.

CAVALIERE, Mauro. *Comparando O Último dos Moicanos de James Fenimore Cooper e O Guarani de José de Alencar*: a adaptação americana do romance histórico europeu. ACTAS do II Congresso de Hispanistas e Lusitanistas Nórdicos. Estocolmo, Out. de 2007, (p. 316-325).

CELSONO, A. Caetano Lopes de Moura. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 40, Setembro 1932.

CHATEAUBRIAND, V. D. *Os Natchez*: história americana. Tradução de Traduzida do francês pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris: [s.n.], 1838.

COOPER, F. *O Derradeiro Mohicano, historia americana acontecida em 1757*. Paris: [s.n.], 1838.

COOPER, F. *O Piloto, novela maritima*. Tradução de vertida em portuguez pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris: J-P. Aillaud, 1838.

CORREIO da Manhã (RJ) 1929 - DocReader Web. *Um grande romancista*. Comemora-se hoje o centenário do nascimento de José de Alencar Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pagfis=39955 .

DEGORTES, M. (2018). Patronage and vanity of Diogo Inácio Pina Manique in the nineties of the eighteenth century: the monument to the Queen Mary I of Portugal. New documents. *ARTis ON*, (7). <https://doi.org/10.37935/aion.v0i7.186> .

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Ed. Perspectiva: São Paulo, 2011, 400p.

DIAS, F. A. (2017). D. Alexandre de Sousa e Holstein e a cultura lusitana numa Roma em ebulição (1790-1803). *Antíteses*, 10(20), 700–728. <https://doi.org/10.5433/19843356.2017.v10n20p700>.

DINIS, D. *Cancioneirinho de trovas antigas colligidas de um grande cancionero da biblioteca do vaticano*: precedido de uma noticia critica do mesmo grande cancionero, com a lista de todos os trovadores que compreende pela maior parte portuguezes e gallegos. Editor: Varnhagen, Francisco Adolfo de, Vienna : Typographia I. e R. do E.e. da Corte, 1872, 172 p.

DINIS, D. *Cancioneiros*. Edição e notas do Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris, França: J.-P. Aillaud, 1847. Gr. IN-8°. p. VIII-IX.

DUARTE, Luiz Fagundes. *Os palácios da memória*: ensaios de crítica textual. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

DUARTE-SIMÕES, Cristina. « José de ALENCAR, *Cartas a favor da escravidão* - Tâmis PARRON (org.) », *Caravelle* [En ligne], 93 | 2009, mis en ligne le 01 avril 2021, consulté le 15 décembre 2023. URL : <http://journals.openedition.org/caravelle/9823> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/caravelle.9823>.

DUNN, L. C. et al. *Raça e Ciência*. Tradução de Fernando dos Santos Fonseca. São Paulo: Perspectiva, v. II, 1970.

DUPEUTY, C.; AVRIGNY, G. L. R. D.; FONTAN, L. M. *Arthur ou dezesseis annos depois*: drama-vaudeville em dous actos. Tradução de Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris: [s.n.], 1841.

FRANCO JR, Hilário; VIEIRA, Yara Frateschi; MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. Estudos Medievais no Brasil. *Revista de poética medieval*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 177-219, 2008.

FRANTZ, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil, sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 3ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora UnB, 2008.

JR, Hilário Franco.; VIEIRA, Y. F.; MONGELLI, L. M. D. M. Estudos Medievais no Brasil. *Revista de poética medieval*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 177-219, 2008.

LEIRIS, M. et al. *Raça e Ciência I*. Tradução de Dora Ruhman e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, v. I, 1970.

LIANCOURT, G. D. *A Arte de curar a si mesmo nas doenças venereas com o receituário correspondente*. Tradução de Dr. Caetano Lopes de Moura. Paris: [s.n.], 1841.

LOPES, Maria Alexandra Ambrósio. *Poéticas da imperfeição* : autores e tradutores na primeira metade de oitocentos : Walter Scott e André Joaquim Ramalho e Sousa. 2010. Doctoral thesis — [s. n., s. l.], 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/4403>.

- LOUSADA, Isabel. *Para o estabelecimento de uma bibliografia britânica em português, 1554-1900*. 1998. Doctoral thesis — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, [s. l.], 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/3253>.
- MACEDO, N. Caetano de Moura, um mulato baiano que foi médico no exército de. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 244, 1981. 8.
- MACHADO, U. [E. A.]. *ANTOLOGIA DA REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, v. (Coleção Afrânio Peixoto; 95), 2010.
- MALEVAL, Isadora T. *A história contada através dos livros: o Brasil em manuais escolares oitocentistas*. In: XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro. XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010.
- MALEVAL, Isadora T. *O Brasil em manuais escolares: escrita e ensino da história em meados do oitocentos*. Revista Ars Histórica, v. 1, p. 80/1-88, 2010.
- MALEVAL, Isadora T. *Entre a “arca do sigilo” e o “tribunal da posteridade”: o (não) lugar do presente nas produções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.
- MALEVAL, Isadora T. Escrita (auto)biográfica e pudor historiográfico: Caetano Lopes de Moura e os limites para uma história do presente a partir do IHGB. In: ARAUJO, V. L. (Org.); Oliveira, Maria da Glória de (Org.). (Org.). *Disputas pelo passado: história e historiadores no império do Brasil*. 1ed. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012, v., p. 188-203.
- MALEVAL, Isadora T.; HUE, Sheila. M. *Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, tradutor das obras de Walter Scott e editor de Os Lusíadas*. In: Eduardo da Cruz; Andreia Alves Monteiro de Castro. (Org.). *Brasil e Portugal no século XIX: encontros culturais*. 1ed. Rio de Janeiro: UERJ, Cátedra Garret, 2019, v. 1, p. 243-256.
- MALEVAL, Isadora. T. *Histórias do Brasil para a mocidade: os epítomes de José Pedro Xavier Pinheiro e Caetano Lopes de Moura (1850 -1870)*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.bdtu.uerj.br:8443/bitstream/1/13212/1/Dissertacao%20Isadora%20Tavares.pdf> . Dissertação de Mestrado.
- MARQUES JUNIOR, Milton. *Dicionário da Eneida - Livro IV: O Amor Funesto de Dido e Eneias*. João Pessoa: Idea e Zarinha Centro de Cultura, 2012.
- MINUTA de Credencial enviada por D. João VI (1767-1826) para a Imperatriz da Áustria informando que Pedro José Joaquim Vito de Meneses Coutinho (1775-1823), o marquês de Marialva, será substituído por Rodrigo Navarro de Andrade para exercer as funções de encarregado de negócios em Viena. - Itamaraty Digital. Disponível em: <https://atom.itamaraty.gov.br/index.php/min-l203-m03-p02-1817-11-14-01> .
- MONTEIRO, Bruno Miguel dos Santos. *Biografia de Henrique Lopes de Mendonça*. 2019. Master's thesis — [s. n., s. l.], 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/30295> .

MOURA, Caetano Lopes de. *Biografia de Caetano Lopes de Moura escripta pelo mesmo*. 15 jul. 1852. Localização: Biografia de Caetano Lopes de Moura escrita por ele mesmo, IHGB, T. 24, p. 703, 1861.

NAPOLÉON.ORG. Une paix éphémère entre la France et l'Angleterre. In: *LA PAIX D'AMIENS (25 MARS 1802)* : . Paris, 2023. Disponível em: <https://www.napoleon.org/histoire-des-2-empires/dossiers-thematiques/la-paix-damiens-25-mars-1802-une-paix-ephemere-entre-la-france-et-langleterre/> .

ODORICO MENDES, Manuel. *Eneida brasileira* ou tradução poetica da epopéa de Publio Virgílio Maro. Paris: Typographia de Rignoux, 1854. 550 p.

PAES, J. P. *A ponte necessária, aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

PARAGUASSU, J. O médico de Bonaparte. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14207, 27 Fevereiro 1941. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pagfis=5317 .

PARAGUASSU, João. O médico de Bonaparte. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 14207, 19 fev. 1941. A vida Social, p. 11.

PERES, Marcos Flaminio. Walter Scott's Waverley distorted translation by the Brazilian Romanticism: the case of Caetano Lopes de Moura. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 18, n. 31, p. 120-129, 2017 Tradução. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/410> .

PESTANA, N. R. Petrópolis e o médico negro de Napoleão. *Jornal de Petrópolis*, 29 Agosto 1942.

QUERINO, M. *A raça africana e seus costumes*. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

RELVAS, Eunice. A Lisboa de Gomes Freire (1781-1817) *Revista Militar* N.º 2605/2606 - Fevereiro/Março de 2019 - Número Temático, pp 339 - 358. <https://run.unl.pt/handle/10362/94383> .

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, n.10 (out.) de 1912. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: IHGB, 1839-2021. ISSN 0101-4366. Trimestral. DOI 10.23927/issn.2526-1347.RIHGB.2021(487). Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107718-revista-ihgb-tomo-xxiv.html> .

REVUE DE L'EMPIRE. Edité par M. CH.-ED. TEMBLAIRE, DIRECTEUR-RÉDACTEUR. AN 4. Paris. Imprimerie de Lacombe, 1845. P. 368-371. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6518638p/f389.item> .

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, Volume VI.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, Volume III.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, Volume I.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Edição do Conselho Federal De Cultura — BRASIL — 1970. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro 1893 (Segundo Volume).

SAID, E. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. M. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*. Tradução de com numerosas observações e adições pelo Dr. Caetano Lopes de Moura portuguez do mesmo manuscrito inedito francez. Paris: Aillaud, 1845.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. M. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*. Tradução de Caetano Lopes de Moura. Belo Horizonte; Brasília: Ed. Fundação João Pinheiro; IPEA, 2014.

SEGISMUNDO, S. *Introdução à Edótica (Crítica textual)*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1977.

SOARES, Francisco Sérgio Mota [et al]. *A Biblioteca Pública da Bahia: dois séculos de história*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011. 204p.:Il.

SOUSA, O. T. D. Entre Napoleão e Pedro II. *Correio da Manhã*, 15 de Outubro 1950.

SOUSA, O. T. D. Outro Baiano. In: SOUSA, O. T. D. *De várias províncias*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e saúde, 1952. p. 26-32.

STONE, L. Prosopografia. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, Junho 2011.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada, 2 vols., Halle, Alemanha: Max Niemeyer, 1904, v. II.

VASCONCELOS, Sandra G. T. Figurações do Passado: o Romance Histórico em Walter Scott e José de Alencar. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 18, p. 15–37, janeiro-junho 2008.

VEIGA, C. A sobrevivência de um escritor – Caetano Moura. *Universitas*, n. 19, 1978. 29-43.

VEIGA, C. *Um brasileiro soldado de Napoleão*. 2ª. ed. Salvador: P55 Edições, 2013

WYLER, Vivian. Soldado da fortuna, forçado das letras, amigo de imperadores. *Jornal do Brasil*, Caderno B. p. 9, 2 fev. 1980.

BIBLIOGRAFIA DE CAETANO LOPES DE MOURA

TRADUTOR:

ABÉLARD, P. **d'Heloisa e Abailard**. Traduzido e editado por: Filinto Elysio e Caetano Lopes de Moura. Paris : J.-P. Aillaud, 1838. Romance.

CHATEAUBRIAND, F.R. **Os Natchez**: história americana. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris : J.-P. Aillaud, 1837. Ensaio histórico.

COOPER, J. F. **O derradeiro mohicano**, história acontecida em 1757. Trad.: Caetano Lopes de Moura]. Paris : J.-P. Aillaud, 1838. Romance.

COOPER, J. F. **O piloto**, novella marítima. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris : J.-P. Aillaud, 1838. 196p. Romance.

DUPEUTY, C. D. **Arthur, ou Depois de desaseis annos**, drama-vaudeville em 2 actos. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud, 1841, 108 p. Teatro.

ECKARTSHAUSEN, Von. **Deos é todo puro amor, preces e orações quotidianas**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud. 1838, 379p. Religião.

FRÉVILE, A.F.J. **História dos cães celebres**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Pariz: J.-P. Aillaud, 1845, 295p. História.

GENLIS, S.-F.C. **D. Inez de Castro**, novela. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud, 1837. 242p. Romance.

GODDE DE LIANCOURT, C.-A. **Arte de se curar a si mesmo nas doenças venereas, com uma pharmacopea ou receitauario correspondente**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Pariz: J.-P. Aillaud, 1939. Medicina.

KOTZEBUE, A.von. **Contos a meus filhos**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud, 1838. Contos. (Geschichten für meine Söhne).

KOTZEBUE, A.von. **Misanthropia e arrependimento**, drama em 5 actos e em prosa. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud, 1841. Teatro.

LORGUES, R.de & FRANÇOIS-FELIX. A. **Jesus Christo perante o seculo, ou triumpho da religião christã proclamado pelas recentes descobertas das sciencias naturales**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Pariz: J.-P. Aillaud, 1848, 400p. Religião.

MARMONTEL, Jean –François. **Os incas ou a destruição do Peru**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud, 1837. História.

MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, J.C.R. **Diccionario geographico historico e descriptivo do imperio do Brazil**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud, 1845. Dicionário.

ROCHEFOUCAULD, F.de La. **Maximas e sentencias Moraes**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud, 1840. Catálogo.

SCOTT, W. **A Prisão de Edimburgo**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J. Bailland, 1844. Romance.

SCOTT, W. **O Talisman, ou Ricardo na Palestina**. Trad.: Caetano Lopes de Moura Paris: J. Bailland, 1837. Romance.

SCOTT, W. **Os Puritanos da Escossia**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris : J. Bailland, 1837. Romance.

SCOTT, W. **Quentino Durward, ou o Escosseiz na corte de Luis XI**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J. Bailland, 1938. Romance.

SCOTT, W. **Waverley, ou Há sessenta annos**. Trad.: Caetano Lopes de Moura]: J. Bailland, 1844. Romance.

SCOTT, W. **O. Misanthropo, ou o Anão das pedras negras**, por Sir Walter Scott. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.P. Aillaud, 1838. Romance.

SCOTT, W. **Ivanhoé**, por Sir Walter Scott. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.P. Aillaud, 1837. Romance.

TARBÉ DES SABLONS. **Mez de Maria ou nova imitação da Santíssima Virgem**. Trad.: Caetano Lopes de Moura. Paris: J.-P. Aillaud 1845. Religiosa.

EDITOR:

JESUS, Raphael de. **Castrioto Lusitano**. Paris, J-P. Aillaud. In-8°.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**, nova edição... corrigida segundo as edições de Hamburgo e de Lisboa. Paris, J-P. Aillaud In-12. Reedição: 1959, Paris, Firmin Didot.

D. DINIS, Rei de Portugal. **Cancioneiros de D. Dinis**. Paris, J.-P. Aillaud, Gr. In-8°.

BALBI, Adriano. **Tratado de geografia universal, física, história e política**. Paris, V^a. J.-P. Aillaud, Monlon e Cia. In-8°, 2v.

AUTOR:

MOURA, C.L.de. **A Mythologia da mocidade, ou Historia dos deoses, semideoses e divindades allegoricas da fabula, seguida da descripção dos lugares celebres da antiguidade mythologica**. Pariz: J.-P. Aillaud, 1840, 104p. Mitologia.

MOURA, C.L.de. **O livro indispensavel, ou Novissima collecção de receitas, concernentes artes, officios, e economia domestica e rural, colligidas das obras mais celebres, recentemente publicadas em França e Inglaterra**. Paris: J.-P. Aillaud, 1845, 262p. Manual.

MOURA, C.L.de. **Harmonias da Creação**. Pariz: J.-P. Aillaud, 1946. 466p. Mitologia.

MOURA, C.L.de. **Novo guia de conversação moderna em francez e em portuguez**. Paris: Baudry, 1846. 224p. Didático.

MOURA, C.L.de; ZIRARDINI; BELLENGER. **Nouveau guide de conversations modernes em français, italien, espagnol, portugais**. Paris, Baudry, 1846. Didático.

MOURA, C.L.de. **Historia de Napoleão Bonaparte, desde o seu nascimento até à sua morte**. Pariz, J.-P. Aillaud, 1846. Biografia.

MOURA, C.L.de. et al. **Nouveau guide de conversations modernes, ou Dialogues usuels et familiers em six langues, français, anglais, allemand, italien, espagnol, portugais**. Par MM. Belenger, Witcomb, steuer, Zirardini, Pardal et Moura. Paris: Yve Baudry, 1854. 217p. Didático.

MOURA, C.L.de. **Epitome chronologico da historia do Brasil para o uso da mocidade brasileira**. Pariz: Va J.-P. Aillaud, Noulon e Ca, 1860, 349p. História.

MOURA, C.L.de. **Biografia do Dr. Caetano Lopes de Moura escrita por ele mesmo**. R. Acad. Bras.de Letras, (9): 85, 1912. Autobiografia.

ANEXO A - BIOGRAFIA DE CAETANO L. DE MOURA, 1ª PARTE DO MANUSCRITO, 1852.

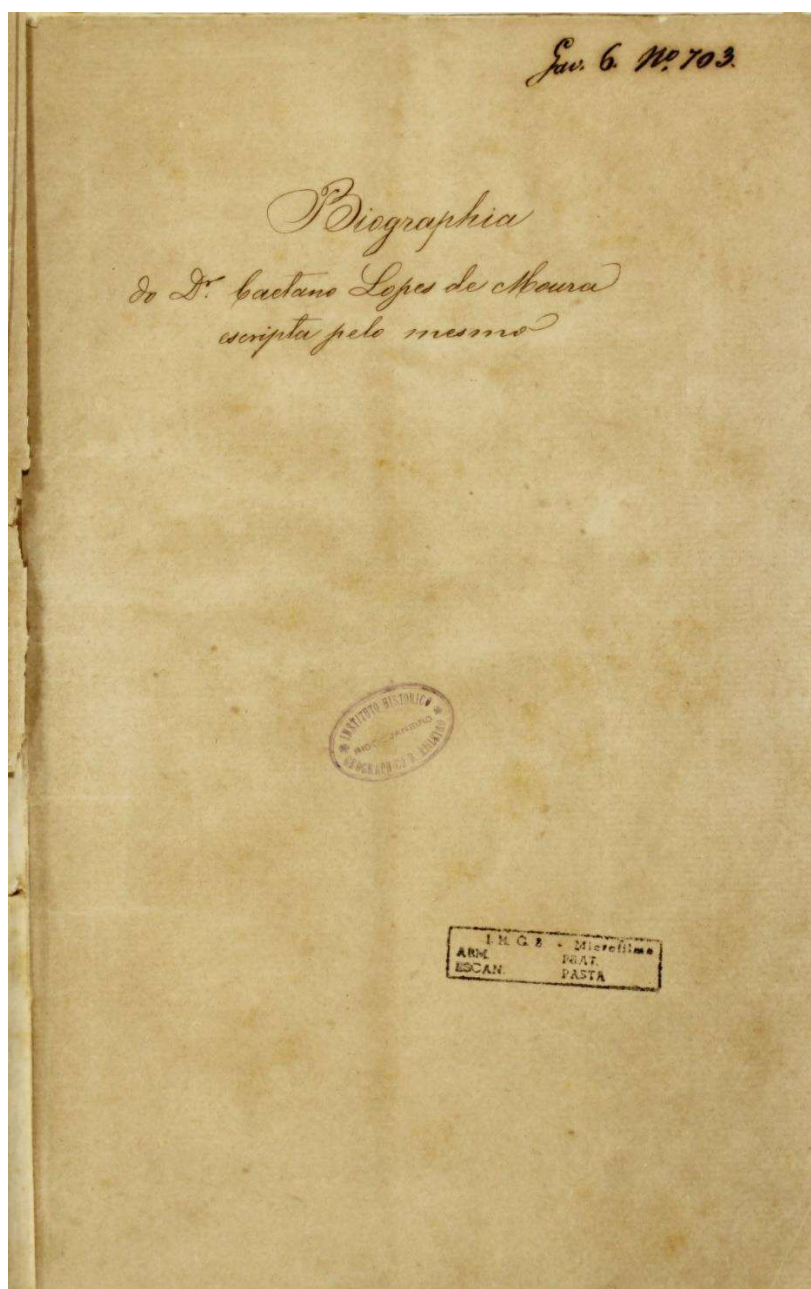


Figura 2 Capa dos manuscritos biográficos de Caetano Lopes de Moura (1852). IHGB. Acesso integral: https://drive.google.com/drive/folders/1vw4NcQ_NZNu4bGstgeg_DvU05E38u6th

ANEXO B - BIOGRAFIA DE CAETANO L. DE MOURA, JORNAL DO COMMERCIO, 1902.

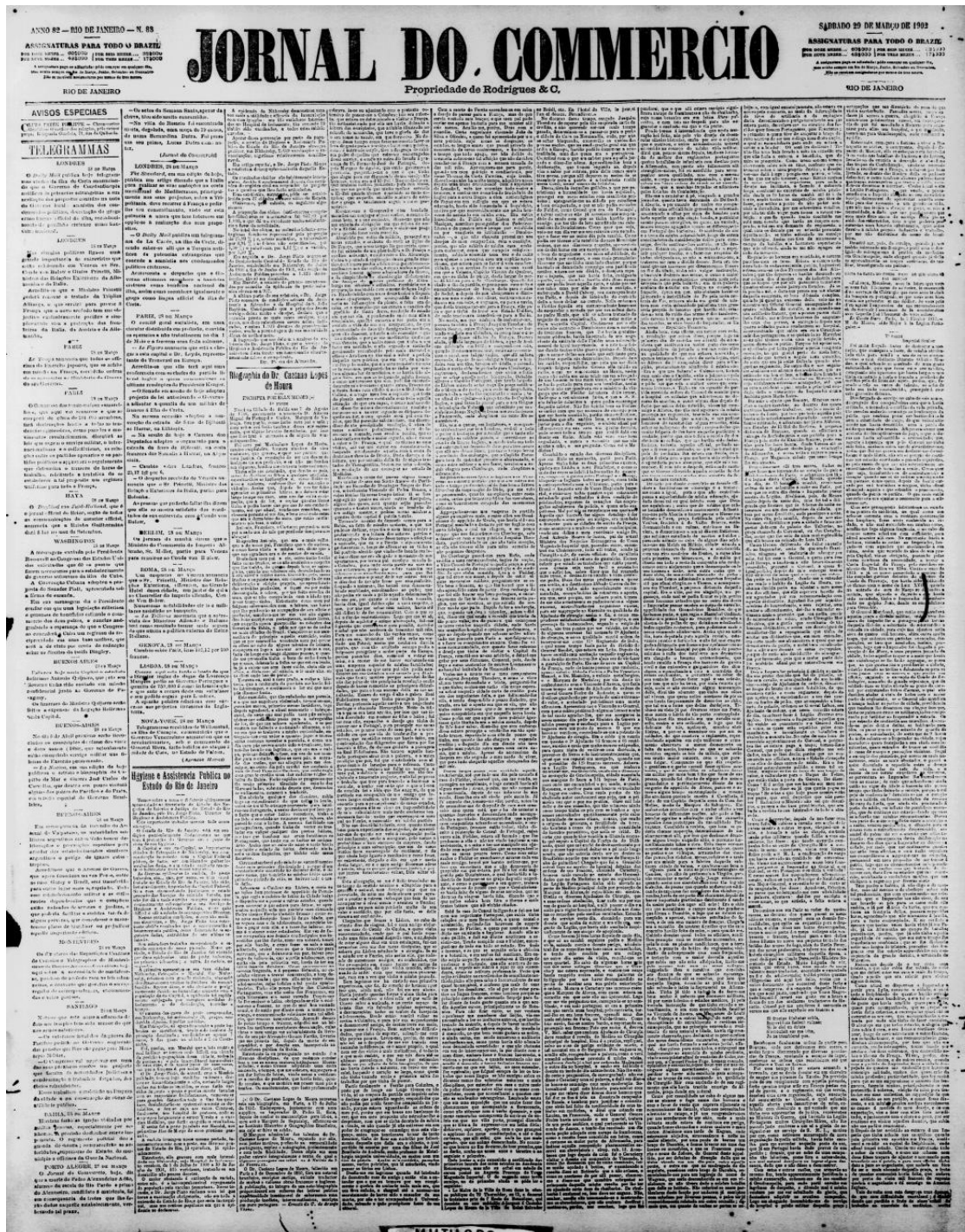
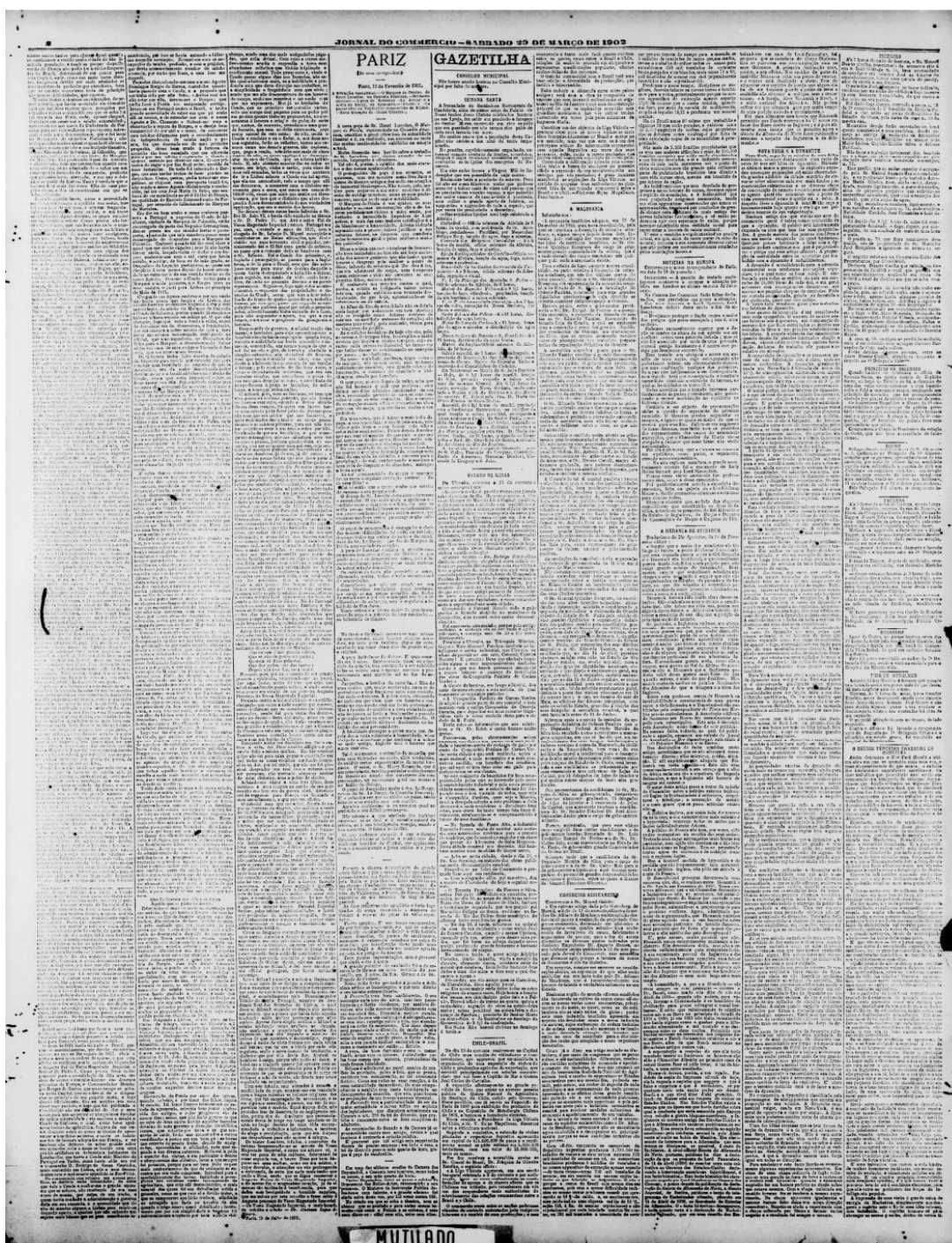


Figura 3 Biografia de Caetano Lopes de Moura. *Jornal do Commercio*, 1902, p.1. Acesso integral: https://drive.google.com/drive/folders/1zNa-L_t2ri_kKnh8I0z7xpecfjAGc8f

Figura 4 Biografia de Caetano Lopes de Moura. *Jornal do Commercio*, 1902, p.2. Link para acesso integral



ANEXO C - BIOGRAFIA DE CAETANO L. DE MOURA, NA REVISTA DA ABL, 1912.

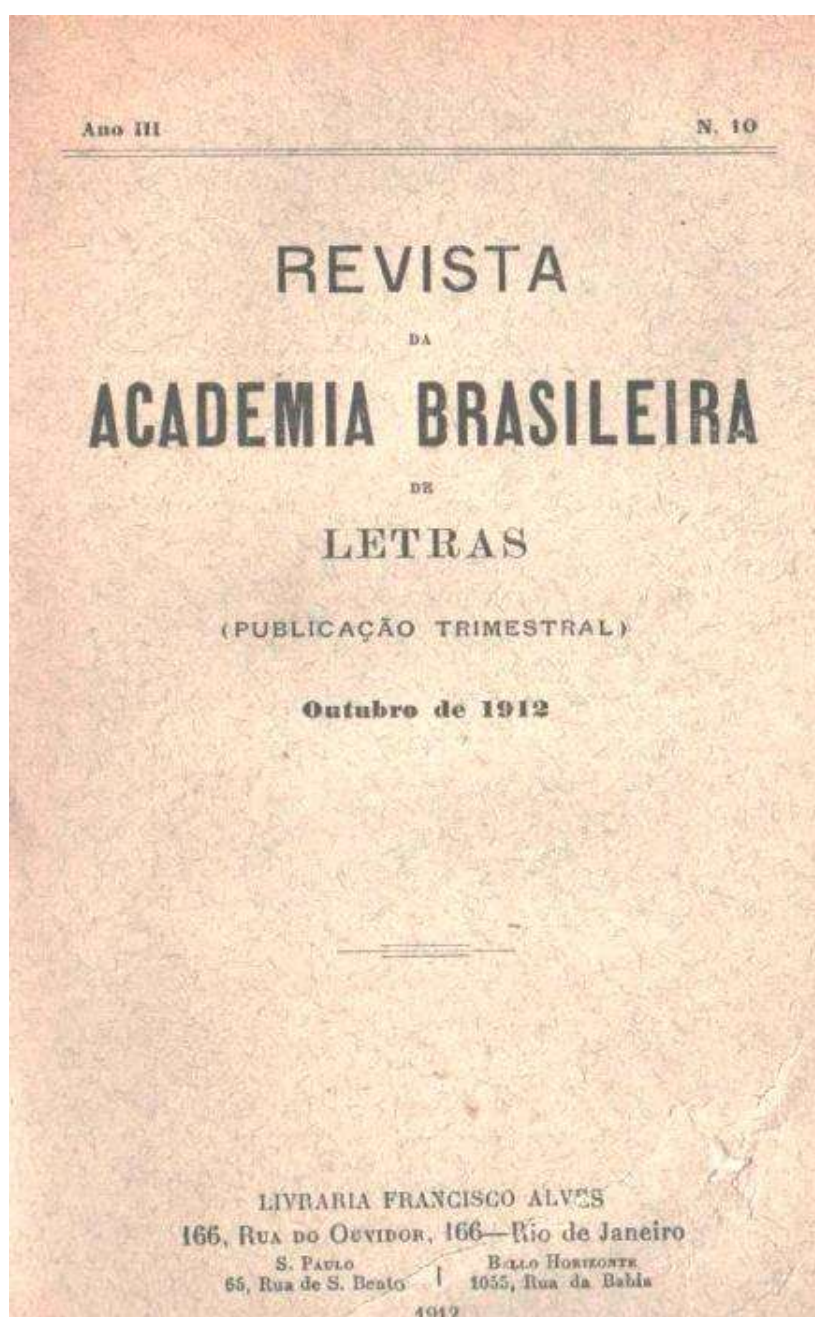


Figura 5 AUTOBIOGRAFIA do Dr. Caetano Lopes de Moura: editado por Alberto de Oliveira. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano III, v. 2, ed. 10, capa Outubro 1912. Acesso integral: <https://drive.google.com/drive/folders/1zRHZ09ngw0yQOLcTi7AglrYRzf-Tgo4o>

Autobiografia do Dr. Caetano Lopes de Moura

editada por Alberto de Oliveira

2ª Parte

(Continuação)

Imperial Senhor

Foi-me forçado haver de destroçar a narração, que começava a fazer de minha atribulada vida, para acudir a um dos meus compatriotas, o mui distinto literato Odorico Mendes, o qual achando-se assaltado de uma grave enfermidade, quis que fosse eu o seu medico, comquanto não ignorasse que havia largos anos, tinha encostado a borla e trocado a profissão de medico pela de literato: agora, porém, que, fazendo o zêlo as vezes de talento, se acha de todo em todo convalecido, proseguirei com este grosseiro debuxo.

Desobrigado do serviço no cabo de seis anos, disgregado dos companheiros com quem havia militado, e tornado á escuridão da vida privada, tão casadas andavam comigo as lembranças da patria, que nenhum pezar me haviam deixando, nem a autoridade do cargo, de que voluntariamente me havia demitido, nem a perda do soldo que com ele vencia. Afigurava-se-me que acabava de descativar-me do jugo a que a duras me havia submetido a necessidade; que mercês á injustiça que pelo Coronel me havia sido feita, acabava outra vez de abrazeirar-me; assim que dei-me pressa em desfazer-me do uniforme e mais librés, não sei se porque de continuo me estavam acordando o passado cativo, se pelo receio de

Figura 6 AUTOBIOGRAFIA do Dr. Caetano Lopes de Moura: editado por Alberto de Oliveira. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano III, v. 2, ed. 10, p. 205, Outubro 1912.

ANEXO D - ARTIGOS E CRÔNICAS

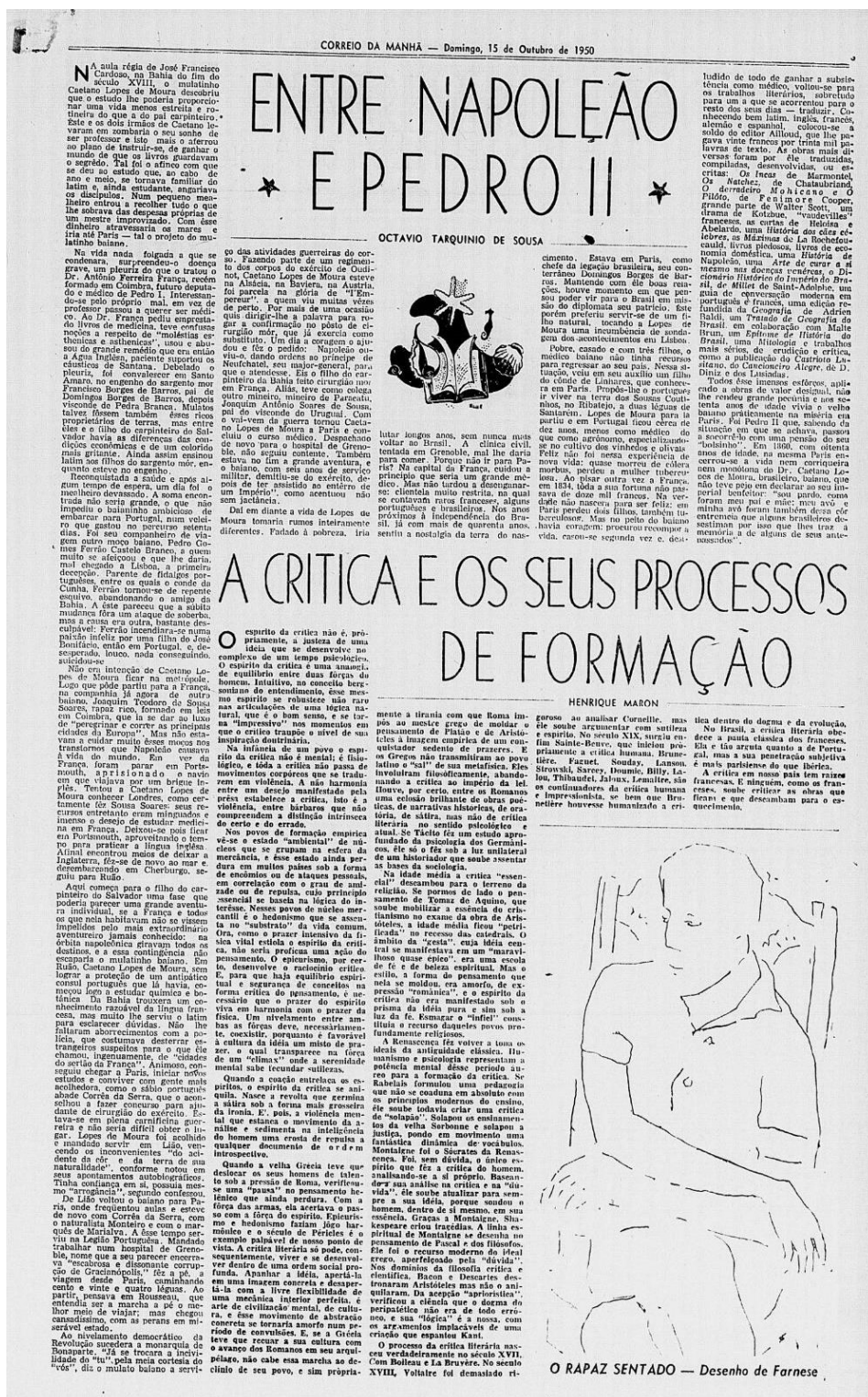
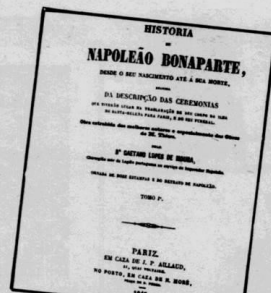


Figura 7 SOUSA, Octavio Tarquinio de. Entre Napoleão e Pedro II, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de out. de 1950. Acesso integral: https://drive.google.com/drive/folders/1zkhoWHydjlYiepiB_XCYJ0nE9IfTtDU

Página 8



O mausoléu de Caetano, no Cemitério do Père Lachaise, construído a mando de D. Pedro II



Histórias de Napoleão (frontispício), escrita pelo aventureiro mulato baiano

CAETANO DE MOURA

Um mulato baiano que foi médico do exército de Napoleão

NERTAN MACEDO

ESTUDANTE DE MEDICINA

Um mulato baiano, protegido de Dom Pedro Segundo, foi médico militar do Exército de Napoleão Bonaparte.

A vida desse brasileiro, muito mais interessante do que a dos sr. Luiz Viana Filho ou Angelo Calmon de Sá, ou mesmo Caetano Veloso e Gilberto Gil, dois expoentes atuais da "cultura" tupiniquim, está contada num livro que merecia ter maior repercussão — "Um brasileiro soldado de Napoleão", de autoria do professor Cláudio Veiga da Universidade Federal e da Universidade Católica de Salvador.

Chamava-se o mulato baiano, a quem Pedro II pediu que lhe escrevesse o relato da sua existência aventureira, Caetano Lopes de Moura, e de quem Silvio Romero diria, por sua vez, que foi um dos mais notáveis prosadores da literatura nacional. O jovem Caetano está sepultado no cemitério de Père Lachaise, em Paris, num túmulo que o segundo imperador do Brasil, seu amigo e admirador, mandou erigir. Bons tempos aqueles, em que os ossos dos homens inteligentes, como o doutor Caetano, mereciam maior respeito e recebiam as honras do Estado e eram enterrados no mesmo cemitério onde jazem o Marechal Ney, Balzac, Musset, Chopin — e onde, certamente, não encontrarão vagas as "celebridades" de hoje, a exemplo do senador, escritor e imortal José Sarney.

DA BAHIA À FRANÇA

Caetano de Moura nasceu e viveu a infância e a adolescência na Bahia dos fins do século XVIII. No início do século XIX viajou para a França, onde morreu em idade avançada, a 21 de dezembro de 1860, já durante o Segundo Império, o de Napoleão III, sobrinho do "Grande", e alcunhado "O Pequeno".

Caetano, filho de família humilde, viveu sua juventude, intensamente, na "Salvador" colo-

nia. Pôde estudar, entretanto, naquela pequena e pobre cidade de sessenta mil almas, distribuídas entre as raças branca, negra e ameríndia. Seu pai, Maximiliano, era mestre carpinteiro, "homem sisoado e de são costumes, da reputação de ser um dos mais insignes na sua profissão e se não me herdou em riquezas, herdou-me certo em bons costumes", dir-lo, por escrito, o rebento aventureiro e nômade.

Sabatinado em grego, pelo então governador da Bahia, o Capitão-General Fernando José de Portugal, o nosso herói conseguiu escapar do serviço militar obrigatório a El Rei.

Parece que, na sua juventude, andou empolgado, pelas ideias republicanas da Revolução Francesa.

Um dia, Caetano embarca na galera "Real Fidelíssima", com destino a Lisboa, em companhia de um amigo, Pedro Gomes Ferrão, que se suicidou, pouco depois da chegada de ambos a Portugal. A travessia Bahia-Europa demorava, naqueles tempos, mais de setenta dias. Nutrido, já então, de excelente cultura, muita erudição, Caetano começou, de Lisboa, a sua espantosa e movimentada vida na França de Napoleão Bonaparte, cuja biografia escreveria mais tarde. Sabia ele muito bem e profundamente o português, o latim e o grego. Viveu no Velho Mundo mais de meio século da sua existência. E nunca mais retornou ao Brasil, embora se confessasse em seus escritos sempre saudosos da terra natal.

Acompanhou, em Lisboa, com interesse, as manobras clandestinas pela emancipação nacional. Seguiu depois para a Inglaterra, onde pouco se demorou, sonhava na verdade, com a França de Bonaparte.

Caetano e este será o momento supremo da sua agitada existência — participou da batalha de Wagram. Não como simples soldado, mas cirurgião. Amputou muitas pernas e braços de soldados franceses. Esteve

Napoleão, então primeiro-cônsul, dominava, então, completamente o cenário político da França pós-revolucionária, quando Caetano desembarcou, pela primeira vez, em Cherburgo.

De Cherburgo, demonstrando viva impaciência, mudou-se para Ruão, na Normandia. Não queria ficar em Ruão, queria Paris, mas foi em Ruão que encontrou boas condições para melhor conhecer a medicina, carreira que já o vinha tentando. Frequentou, com a maior desenvoltura, os cursos de química, botânica e anatomia, revelando-se bom estudante. "E, atrevido, parece que o acanhamento é o menor dos seus pecados", afirma o prof. Cláudio Veiga.

Em 1807, chegou finalmente a Paris. Em tudo na França, em Paris, particularmente, estava presente então no gênio criador do "Petit Caporal".

Caetano, no Val-de-Grâce, hospital militar, começou a trabalhar, enquanto prosseguia os seus estudos na Faculdade de Medicina de Paris. Quase não dispunha de recursos, mas de uma incrível força de vontade. Ingressou, depois, em Grenoble, na Legião Portuguesa, que lutaria ao lado de Napoleão, no exato momento em que um príncipe português, Pedro I, iria proclamar a independência do Brasil, sua pátria. Caetano, porém, já estava engajado no exército francês, onde gritava, como todo bom soldado, e com seu sotaque baiano, o famoso "Vive L'Empereur!" — Ouviria, um dia, dos próprios lábios de Napoleão, estas palavras entusiasmadas e impressionantes: "A água que paira sobre Paris cobrirá os povos com suas asas, do Bósnio ao Tejo".

Caetano e este será o momento supremo da sua agitada existência — participou da batalha de Wagram. Não como simples soldado, mas cirurgião. Amputou muitas pernas e braços de soldados franceses. Esteve

naquela batalha, em companhia de soldados ilustres: Davout, Oudinot, Massena, Mac Donald e Marmont. Todavia, médico caridoso, pensou mais os seus feridos do que na grande luta travada. Luray e Percy, dois grandes médicos do serviço de saúde do exército napoleônico, eram, na verdade, os kiffs maiores do jovem cirurgião baiano, quando se feriu na batalha de Wagram.

FACE A FACE COM NAPOLEÃO

Napoleão, de volta da campanha, falou aos soldados da Legião Portuguesa, nas Tulherias. Que o ouviram embevecidos, empolgados, pela demagogia do Corso. E foi, nas Tulherias, a primeira vez que Caetano viu o seu exército uma permanência mais demorada na cidade de Paris. A galegada vibrou de satisfação ante a generosidade imperial.

Num gesto ousado, embora autorizado, pelos seus superiores, e no momento preciso em que Bonaparte vai se retirando das Tulherias, Caetano dele se aproximou.

E conta, em suas memórias: "... cheguei-me a ele e levando a mão ao chapéu, cortesia usada pelos militares quando falam aos seus superiores, lhe disse que, tendo, naquela campanha, feito as vezes de Cirurgião-Mor, a contento de meus superiores, vinha, com licença deles, pedir a Sua Majestade Imperial a confirmação do cargo que havia servido na qualidade de serventório".

O bom francês do mulato baiano causou viva impressão a Napoleão, que o ouviu atencio-

N.º 244 **Revista NACIONAL**

samente. Tendo, a seguir, indagado aos chefes presentes, se o que Caetano estava afirmando era verdade. Ouvindo a confirmação das palavras do baiano, Napoleão "voltou-se para o Príncipe de Neuchâtel, seu Major-General, e revestindo-se de certo ar de majestade lhe disse: "Apealvos, Príncipe", ao que, endereçando-me, com afabilidade de palavra, ajuntava: "Dai-lhe por escrito o vosso nome", ao que satisfeito, e estava feita a merce".

A despeito de toda aquela majestosa pompa (e como se tal episódio houvesse ocorrido aqui mesmo no Brasil), a verdade é que Napoleão esqueceu a promessa feita a Caetano de Moura, como qualquer candidato a um governador, em vésperas de eleição, na Bahia.

Passada a epopeia napoleônica, Caetano continuou a viver, na pobreza, escrevendo e traduzindo livros numerosos, de Chateaubriand a Fenimore Cooper, mas sempre colocando, nas capas das edições, abaixo do nome — "Dr. Caetano Lopes de Moura — Natural da Bahia".

Sua vida, seus talentos não de impressionar, mais tarde, nosso bom Dom Pedro II. Este, sim, é que ajudou a matar a fome do conterrâneo pobre, ilustre e auto-exilado. Aquele erudito mulato baiano, que foi soldado e médico de Napoleão, escritor, editor, tradutor e até mesmo, num período mais difícil da sua vida, sempre e sempre atribuída, administrador de uma propriedade ribetana, em Portugal, onde chefiou lavradores e muito aprendeu sobre agronomia. Matéria da qual os nossos ministros da Agricultura são quase sempre jejuos.

FAÇA TAMBÉM OS 13 PONTOS

Novos depoimentos sobre a eficiência do manual A CHAVE DOS 13 PONTOS, de Edmo Franzard Paixão:

- "Seu manual está sendo muito comentado neste Estado" — Eng.º Dr. C.N.F. (Jundiaí — SP)
- "M fizemos 13 pontos 8 vezes com o uso de seu manual e não apenas 4, como tem sido publicado em seus anúncios" — Sr. O.L.S.R. (Ramos — RJ)
- "M me fez obter 4 vezes, na última, fui o único acertador de Brasília, com um prêmio de Cr\$ 4.799.922,92. Joguei apenas Cr\$ 2.885,00" — Sr. H.D.C.B. (Brasília — DF)
- "Nunca fiz mais de 7 pontos; agora já estou fazendo até 12" — Sr. C.M.F.A. (Olimia — PE)
- "Nunca fiz mais que 11 pontos; depois que comprei A CHAVE DOS 13 PONTOS fiz 13 pontos nos testes 513 e 525" — Sr. J.J.S. (Salvador — BA)
- "Solicito o ESQUEMA FRONTO. Informo que já fiz 13 pontos 2 vezes pelo livro (manual) anteriormente recebido" — Sr. J. F. (Santa Maria — RS)
- "Obtive êxito com A CHAVE DOS 13 PONTOS. M fiz por 2 vezes 13 pontos (testes 520 e 528), o que antes nunca foi possível" — Sr. A.M.A. (Jaguariúna — SP)
- "M ganhei duas vezes usando seu genial manual" — Sr. I.S.C. (Brasília — DF)
- "Aqui, em Salvador, diversos pesos falam muito bem de seu livro (manual) e eu desejo estar incluído entre eles" — Sr. A.E.M. (Salvador — BA)
- "Por esse sistema já consegui onze e até doze pontos, antes raramente ultrapassava os sete ou oito pontos" — Sr. A.T.R. (Goiânia — GO)
- "Adquiriti o manual há quinze dias e já fiz 13 pontos" — Telefunken de um advogado de Andradina — SP.

Depois receber o manual A CHAVE DOS 13 PONTOS. Segue junto este postal () ou cheque nominal () para EDMO FRANZARD PAIXÃO, no valor de Cr\$ 2.500,00. Não usamos Recibo Postal. Cx. Postal 2424 — Rio de Janeiro-RJ. — CEP. 20030

Nome _____ Rua _____
CNP _____ Cidade _____ Est. _____

Figura 8 MACEDO, Nertan. Caetano de Moura, um mulato baiano que foi médico no exército de Napoleão. *Jornal do Comercio*, Revista Nacional, n. 244, p. 8, 1981.

GUIA SEMANAL DE IDÉIAS E PUBLICAÇÕES

SOLDADO DA FORTUNA, FORÇADO DAS LETRAS, AMIGO DE IMPERADORES

Mais de um século depois de sua morte um livro relembra aos brasileiros a vida aventureira de Caetano Lopes de Moura

Vivian Wyler

Fé Caetano Lopes de Moura Lopes se dizer que teve uma vida rica. Se não de bens materiais — ele não tem —, num desastroso investimento boa parte do dinheiro que ganhou — pelo metal —, mas de experiência. Filho de um modesto carpinteiro baiano, quis o primogênito estudar. E assim aprendeu seu pouco de latim. Graças, porém, a uma piçurinha que quis fazer, acabou descobrindo que a verdadeira vocação era a Medicina. Participou da famosa Conjunção de Alfaideia, e acabou definitivamente a mais forte razão que o levou a abandonar a terra natal, transferir-se para a Universidade de Coimbra, juntamente com o amigo Pedro Ferrão, que também se interessava por química. Já em Coimbra, conheceu a filha de José Bonifácio, então professor de Metalurgia naquele centro educacional português.

Com o apoio de um patrono, João da Silva e Oliveira, vai para a França testemunhando em 1803 a ruptura da Paz de Amiens. Antes, porém, passa uma temporada em Portsmouth, onde aprende o inglês que mais tarde lhe permitirá ser o famoso tradutor de Walter Scott, Fenimore Cooper e outros autores de língua inglesa. Depois de estudar na Academia de Rouen, tendo por professor de anatomia o conhecido Jean Laumonier, chega a Paris em 1807, para ingressar na *École Polytechnique*. Mas não se segue, porém, e ali na Legião Portuguesa, o que lhe dá o prestar um status social mais elevado, aproxima-o de Napoleão Bonaparte, sobre quem mais tarde escreveria, quando

Essa, em resumo, a trajetória do milúto que no fim da vida, mesmo sem voltar ao país onde nasceu, seria considerado Oficial da Ordem da Rosa, eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, admirado por D Pedro II, irrefreável, ao morrer em 1860 (aos 80 anos de idade), num mausoléu construído às expensas do próprio Imperador, sob os cuidados de ninguém menos do que Luísa Margarida, Condessa de Barral. O mausoléu mantém-se em bom estado, no

Com riqueza de detalhes, a pouco lembrada história desse jornalista, escritor e jornalista, que pode ser lida agora em um livro recém-publicado pela Editora Atica, de São Paulo: Um homem de letras, de 1982 (pag. 381). O autor, Cláudio Veiga, é professor do Instituto de Letras da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade Católica de Salvador. Em sua pesquisa, ele utilizou-se da autobiografia de Lopes de Medeiros, de 1909, de Lopes de Medeiros II (e por isso praticamente isenta de detalhes íntimos), além de muitos documentos e livros, como o Arquivo Nacional, Arquivo Nacional, Arquivo Histórico do Itamaraty, Arquivo do Grão Pará, Museu Imperial de Petrópolis e Arquivo de São Paulo. Com esses dados, reconstruiu a obra e a personalidade de Lopes de Moura, morto há 120

[illegible][illegible]

BOLOGNA
IN
EMILIA,
E
SISTEMA DI IRRIGAZIONE DI FERRARA,
CON
UNA DI ANTICHISSIME HYDRAULICHE.
CON
DELLA CITTÀ DI FERRARA,
NEL 1810.
PER IL MUSEO DI SCIENZE E LETTERE DI
FERRARA.

PARIGI.
QUESTA DI A. P. AILLAUD,
PARIGI.

(1810.)

Folhas de rosto de obras de Caetano, uma das quais a primeira edição do Cancioneiro de D. Diniz com base no manuscrito existente no Vaticano

Mesmo antes de fazer a sua campanha da Áustria como integrante da Legação Portuguesa, Napoleão escreveu a respeito de si um grande adágio de Napoleão: "O homem que não sabe sofrer é um personagem de *Opérette*" e o Negro, de Sentinai — teve a ideia de passar o Imperador, depois da queda do Império, a sofrer, onde passou a viver depois de 1815. "Direi talvez-somente que não sei sofrer", escreveu ele, "e talvez nem sequer me acesse de por os meus dentes no chão, que tal era o desejo dos deuses da guerra — do seu desarmamento em consequência da sua vitória sobre o curso. A situação é estranha da biografia de Napoleão".

Na autobiografia escrita por ele em 1823, Napoleão escreveu: "Carleto Lopes de Moura não merece muitos detalhes sobre a sua vida, mas a sua história é interessante, após a batalha de Waterloo, ele foi enviado para a França onde era uma espécie de escravo em sua carreira. Na verdade, ele foi tratado como uma prisioneiro, pelo fato de, como mencionado, ele não sabia sofrer, que estimulava dorça para fugir da guerra. Não conseguindo escapar, ele foi enviado para a França, onde ele foi recebido por Napoleão, que lhe concedeu por Napoleão uma grande concessão por Napoleão, mas tarde ao Exército francês, ele foi enviado para o Exército do serviço, o que possibilitaria sua graduação como doutor em medicina".

[illegible]

A black and white photograph showing a group of men, some on horseback, holding a large flag. The scene appears to be outdoors, possibly during a military or revolutionary event. The men are dressed in period clothing, and the flag is being held high by several individuals. The image is somewhat grainy and has a historical feel.

Ambulância militar francesa na campanha da Áustria, da qual participou Caetano de Moura sob as ordens de Napoleão

[illegible]

Atestado médico fornecido por
Caetano de Moura como oficial de Serviço de Saúde
da Legião Portuguesa

dele, o seu preville, o seu amor de Marcondes, O Talismão, de Walter Scott; Inês de Castro, do Almeida Garrett; O Conde de Morleães, de Fernimore Ouse; Abalhar, de Tódo Padre Amer, do alemão Von Eckart; Memórias das Doenças Venereas, de J. B. de Almeida; O Conde de 1940 seria o ano da primeira obra do próprio Lopes de Almeida, O Conde de Morleães, anterior a tradução do Castiello de Marcondes, de J. B. de Almeida, Jesus que murçaria a sua vez em 1941, que marcaria o Dicionário de Marcondes, de J. B. de Almeida, e o Dicionário de Marcondes, de J. B. de Almeida, auxiliar Castiello a ser convidado para integrar o Instituto de Marcondes, de J. B. de Almeida.

Em 1940, a reatuação profissionalmente um autor de obras das mais caridas didáticas, Castiello foi convidado a traduzir o Conde de Morleães — em um dos seus caros livros — para o português, o que o classificou como "um dos mais notáveis propositores de uma reforma da literatura portuguesa que provocou esse eloquio foi o Conde de Morleães, de Walter Scott, publicado em 1846, 10 anos antes da primeira obra de Lopes de Almeida, a francesa Anne Gagnière. Para a língua, Castiello pedira e obteve a tradução de J. B. de Almeida, em caso de viuvez, que lhe deu o nome de J. B. de Almeida.

Tradutor de Walter Scott e de Almeida, Castiello foi também natural da Bahia foram doados

[illegible]

UM dos bons lançamentos editoriais da próxima semana trará o selo da Nova Fronteira. Trata-se de O Mar, o Mar, romance de Iris Murdoch, que disputa com Doris Lessing a condição de maior escritora de língua inglesa nos dias de hoje. O Mar, o Mar, que recebeu em 1978, ano de seu aparecimento, o Grande Prêmio da Crítica Literária da Inglaterra, é a história de um famoso diretor de teatro que, aos 60 anos, retira-se para uma casa no litoral em busca da solidão, da simplicidade e da

infância. Numa boa tradução de Thea Fonseca o livro de Murdoch sairá com 524 páginas, ao preço de Cr\$ 400 o exemplar.



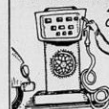
**A PROSA
QUE ENTUSIASMOU
SILVIO ROMERO**

FRAGMENTO DE HARMONIAS DA CRIAÇÃO

[illegible]

**Encadernações
Estela**

Todos os tipos. Técnica artesanal aprimorada. Restauração de livros R. D.
 Eduardo Lima, 121 - Moura. Tel.: 43-3680. Botucatu, SP. E. Senador Daltro

TURISMO

QUARTA-FEIRA
CADERNO B
JORNAL DO BRASIL

catálogo
relatório
livro, etc.

LAYOUT, ARTE FINAL
DIAGRAMAÇÃO, COM-
POSIÇÃO, DESENHO.
studio c
242-2874 222-9271

Figura 9 WYLER, Vivian. Soldado da fortuna, forçado das letras, amigo de imperadores. *Jornal do Brasil*, Caderno B. p. 9, 2 fev. 1980.

SEGREDOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL

UM BAIANO NA RETIRADA DA RUSSIA

Como um brasileiro se tornou veterano do Exército de Napoleão.

Por CUSTAVO BARROSO
da Academia Brasileira de Letras — Doutor da Universidade de São Paulo



OFICIAL INFANTE DA INFÂNCIA DA LEGIÃO PORTUGUESA DE NAPOLEÃO



SOLDADO E OFICIAL DA INFÂNCIA DA LEGIÃO PORTUGUESA DE NAPOLEÃO

O PODEROSO militar de Napoleão I fez um eclipse na famosa campanha da Rússia em 1812, a qual terminou na mais desastrosa das retiradas. Nessa memorável campanha, tomou parte um brasileiro nato por razões históricas, o que a grande maioria de seus patriotas ignora.

Por ele, o Dr. Custódio Lopes de Moura, barão de São José da capital da Bahia em 1788 e barão em Paris no ano de 1800, com 40 anos de idade. De família paupérrima, conseguiu com dificuldade a instrução primária e, depois de cursar um ano a cadeira de latim, se tornou mestre de sala. Com suas economias de professor, foi a Coimbra estudar medicina, ingressando no corpo de saúde de Roberto Purgueiro e entrando em campanha contra os invasores franceses do General Junot, em 1807.

Tendo ocupado o posto de tenente, em 1808, saiu para o Brasil em 1808 e, em 1809, foi nomeado oficial de saúde da Legião Portuguesa, destinada a combater os franceses nas campanhas napoleônicas. Foi organizado e considerado pelo Tenente General Marquês de Almeida, auxiliado pelo General Joaquim Frutuoso de Almeida, que, anos mais tarde, seria considerado como traidor, em face do Tejo, na capitulação de 5 de Julho. Compunha-se de 3 brigadas de infantaria com 4 regimentos, de uma de cavalaria com 2 regimentos de caçadores de 1 batalhão de artilharia. Foram seus brigadeiros e colonéis Rodrigo de Lacerda, Pimenta, Góes, Brás, Moura, Roberto Pereira de Aguiar, Frutuoso, na Marinha de Guerra, e Luís e de Paula de Lima, de Góes de S. Miguel e de S. José, o Visconde de Albuquerque e o capitão que seria mais tarde o famoso Duque de Alcázar, Luís e Brás, que hoje seria considerado colaboracionista dos franceses. O General francês foi testemunha sua vitória sem par nas batalhas de Wagram, Drais, Moson e na sangrenta retirada do Berezina. Assim, a história da Legião Portuguesa, desde o seu ingresso na Rússia, a queda e a vitória, é uma história de glória e de heroísmo.

Todavia, se os filhos que a presenciaram se sentiam entusiasmados pelo fuzil de uma espada, a soldadagem humilde recusava o incentivo por um ideal estranho fora da pátria. Daí as divergências constantes e numerosas que obrigaram Junot a mandá-la, no mês de 1808, para Burgos, onde foi incorporada ao corpo de saúde do Marechal Soult, Duque da Beria, Coronel General dos Chevaliers e Cavaleiros da Guarda Imperial. Depois, o próprio Napoleão I a passou, via, fixada em Baiona, comendo sócia e fuzil de um magnífico prestigio de sua presença. Em França, antes de partir para a campanha contra a Rússia, em 1812, os oficiais da Legião, motivados pelas deserções, foram preenchidos por quantos colaboracionistas e emigrados. Seu uniforme era, na infantaria, cirível e pardo com vivos vermelhos e barbaleta alta, levada na frente na cavalaria, verde e ouro, com alombar e capote encarnado por um salicóide de 18: na artilharia, azul, com uma coroa encarnada. Com sua indumentária, tomou parte na sangrenta batalha de Wagram, onde perdeu dois terços do efetivo.

Em 1812, no preparo Napoleão a campanha da Rússia, o Marechal de Almeida a reorganizou em 2 regimentos de infantaria e 2 de cavalaria, com 4 mil homens. Entrando no território russo, a infantaria da Legião rompeu a água brava a passagem do Dnieper, seguindo o corpo das tropas de Kutusov em Vasilisa, onde novamente perdeu dois terços do efetivo, e tomou parte brilhante na batalha de Borodino, no dia 7 de Setembro, finda a qual, pela ordem estabelecida, um batalhão. A cavalaria, durante toda a campanha, foi encarregada da proteção dos combates da Guarda Imperial, tendo derrotado várias vezes os cosacos do General Bagrat.

Vieram as duas legiões da retirada da Rússia. O Marechal Ney levou o derrotado batalhão português no seu corpo de saúde, que defendeu a retaguarda das tropas imperiais. O Marechal Morier, Duque de Trevis, tomou para o seu corpo o último regimento de cavalaria. Ambos ocupados a cavalo de Portugal, enviados por 2 mil homens, apressaram-se, em 1813, a defender as suas posições perdidas na neve e deram fenderam-se como leões durante horas até que o grosso das forças de Morier veio ilhé-las.

Após a terrível passagem de Berezina, a Legião Portuguesa estavam tão somente 350 homens sob o comando de General Pereira de Almeida. O Marechal de Almeida, depois das fadigas da campanha, em 1813, e Napoleão tomou o comando. Pereira de Almeida, depois, de Drais, onde se houve valentemente na campanha de 1813. Os restos das legiões foram passaram a ser comandados pelo bravo Filipe Magalhães, reabrindo nesta quadra popular.

Genie, lá seu Medeiros
Com sua espada no lado
E seu chapéu desdobrado
Na frente do batalhão!

Coronel Legião de Moura, legião, antes gloriosa Legião Portuguesa de Napoleão como Chevalier e aliziu ao elevado posto de Chevalier-Mor do Exército Francês. Após a retirada da Rússia, foi chefe do corpo de saúde das guardas de Drais e Drais, onde prestou invariáveis serviços. Foi de perto o Imperador Napoleão e, certa vez, pessoalmente, dele recebeu o galardão de sua vitória.

Depois e exilado o Imperador dos Franceses, a quem lealmente serviu, o filho brasileiro continuou-se em medicina pela Faculdade de Paris e exerceu a clínica durante algum tempo na capital de França, que exerceu para sua residência definitiva. Durante os Cem Dias, isto é, no período que medeia entre a vinda de Napoleão da ilha d'Elba e o desastre definitivo de Waterloo, o Dr. Custódio Lopes de Moura, foi Chevalier-Mor da Marinha de Guerra do Império Francês.

Como se vê, esse filho da Bahia participou das guerras de Napoleão, conhecendo pessoalmente o seu Marechal, assim a glória sem par do Império Francês e a sua decadência, foi testemunha de grandes

(Continua na página 16)

O CRUZEIRO

— 54 —

4 de Junho de 1949

Figura 10 BARROSO, Gustavo. Um baiano na retirada da Rússia. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 4 de jun. de 1949. Segredos e revelações da História do Brasil, p. 54;



SEGREDOS E REVELAÇÕES

PEDRO CALMON

UM BRASILEIRO NAS

DA HISTÓRIA DO BRASIL

LEGIÕES DE BONAPARTE

O CIRURGEIRO Castano Lopes de Moura — mentiu balcão de muito engenho e cultura — foi um desses extraordinários personagens do Romantismo que tanto poderiam ser biografados por Alexandre Dumas (que fez o perfil de Garibaldi) como por Camilo Castelo Branco (cronista da "Maria da Ponte"). Nasceu em 1780, encharcou-se de ambição e latim na terra natal, estudou Medicina em Coimbra, engajou-se (arrebitado de entusiasmo "francês") na Legião Portuguesa, que ao mando do Conde de Almeida Freire de Andrade saiu de Lisboa à incorporação-se no Grande Exército, seguiu, através da Europa, as águias bonapartistas, com elas entrou da Rússia em 1812, empilhando-se naquele terrível inverno, o mala fédo do sono, e trouxe afinal a fardela de oficial voluntário por seu redigido triste de facultativo, para atender em Gernoble a uma ciência humilde. Contemplou ali o resumo do Imperador — fugitivo da ilha de Elba; e muitos anos depois (em 1832), numa página sincera, descreveu esta hora espantosa da História Universal.

Guarda-se, no arquivo da Casa Imperial, em Petrópolis, o capítulo de "memórias" em que Castano Lopes de Moura desenhava, ao vivo, a exaltação popular produzida ao longo das estradas de França pela vinda de Napoleão, em 1810. *Petroleum* Alberto de Oliveira, em dois números da Revista da Academia Brasileira, em 1912. Tem o prestígio e o pitoresco das confissões literárias desse comvente recente. "Era na verdade o mesmo (disse o cirurgião, que se metera com o povo para ver de perto, no seu capote cinzento, o "petit caporal") o mesmo que tantas vezes havia visto, já em Paris, já na Alemanha, no campo de batalha; parecia-me, porém, que já não tinha aquela segurança de ânimo que em outro tempo lhe transmitia ao semblante; que se lhe divisavam uns longos de tristezas..." E (continua, filosoficamente), "depois de ter assistido ao entorpecimento de um império, que tinha chegado em manilhas quando pela primeira vez apanhei em França" já ficava, comendo com o duro trabalho o pão da subsistência. Foi a luta da emancipação da pátria que lhe revelou, inesperadamente, as suas aptidões de escritor. Como estivesse então em Paris, Domingos Borges de Barros, seu contemporâneo e antigo deputado às Cortes de Portugal, assumiu a função de agente de D. Pedro I — em que logo o confirmou o governo "independente" — e valeu-se da amizade de Castano Lopes de Moura com o Conde de Linhares para o incumbir de saber em Lisboa o que se preparava (ou se armava) contra o Brasil. Desempenhou-se da missão secreta junto do agente oculto da independência em Portugal, outro brasileiro, tremendo Álvaro de Oliveira Mendes, entregando-lhe as mensagens, que trouxera escondidas no fardo do casaco, numa casa de faveleira da Rua da Palma. Não lhe suspeitaram os movimentos porque se acobertava com outro encargo, o do Conde de Linhares para o irmão que não lhe mandava as rendas; e protegia-se com a benevolência do Marquês de Palmela, ministro de estrangeiros e cunhado do primeiro. Tornou a Paris com a notícia tranquilizadora de que não se cogitava a sério de nenhuma expedição à América, sendo as ameaças e os boatos endereçados à diplomacia, a braços com a questão do reconhecimento do novo império.

Deitou Castano Lopes de Moura a clínica para acompanhar o fidalgo seu amigo às propriedades ribeiranas, de Alparaz, perto de Santarém, confiando-lhe suas teorias de agricultor científico. Administrou-as realmente com habilidade e proveito. Mas, tomando o Conde de Linhares o partido liberal, quando, em 1828, se cindiu o reino entre setúrios e inimigos do "usurpador" D. Miguel, as suas terras foram confiscadas pelo rei "absoluto"; e em breve reaparecia em Paris o cirurgião, sem dinheiro e sem destino, a tentar outra

espécie de atividade. Procurou o famoso editor Aillaud, que, com Firmin Didot dominava o mercado português do livro — e empregou-se na tradução, a 20 francos 30 mil letras, dos romances da moda, a começar pelo *Talisman*, de Walter Scott. Calu-lhe aí a máscara de médico sábio, de legiãoário saudista, de conspícuo itinerante, de lavrador boêmio; e recuperou a sua personalidade de escritor, que versava com castigada perfeição o vernáculo, conhecendo como raras os modelos e primores da língua, e capaz de desmontar bibliotecas à casa de textos preciosos. Não era vã presunção. Narra na autobiografia (a que vimos aludindo) o seu encontro com o filósofo inglês Bruce Whyte, que não achava quem lhe resumisse o poema latino de Petrarca, "Africa". O sábio admitiu-se do seu oferecimento, desconfiado da pele escura do sujeito, que decididamente não tinha a aparência de um erudito; e ao ver-lhe, ter-se e clara, a verdade difícil, lhe disse os maiores elogios. Perpetuou-se em nota ao 1.º volume de sua monumental "História das línguas romanas e de sua literatura, desde a origem até o século XIV". Bruce Whyte acrescenta que, apesar de pouco conhecido, o "excentrico latinista, estava destinado a ocupar um lugar no templo da fama". Mas protesta, os seus votos não se cumpriram. Castano Lopes de Moura arranjou um lugar apagado na lista dos correspondentes literários de D. Pedro II. Em 1846 o Imperador encarregou-o de pesquisar documentos de interesse para a história, a geografia, as letras, os limites do Brasil. E aquele copista laborioso, que se fartava de traduzir, a tanto por linha, a literatura corrente, entrou corajosamente pelos cartórios de Paris, acambrado-se com o visconde de Santarém, da quem foi enfermeiro devotado, e com o beneditino Ferdinand Denis, abou, transcreveu, identificou tesouros linguísticos e históricos, e até morreu, em 1869, exerceu com correção o emprego confidencial de secretário "in partibus" do Imperador do Brasil.

Por conta própria escreveu Castano Lopes de Moura alguns livros estimáveis, como a "História de Napoleão Bonaparte" (a que não falta a referência às acalimações de Orestes); as "Harmonias da Criação", em primeira mão o "Cancionário de D. Diniz", da Vaticana, o "Epitome Cronológico do Império do Brasil para uso da mocidade".

Malogrou-se-lhe o sonho de escrever uma história pátria des-sompeçada das curiosidades e banalidades que até aí a enroscavam, nos compêndios escolares.

Troux a questão de investigar-se contra o método proposto por Martins, que fazia principiar pela história das tribos selvagens a dieta País de raças misturadas e obscuros rotários. Queixou-se entrosada na da Europa, civilizada desde o descobrimento, como um ramo florido do tronco Bérico; e neste sentido o seu classicismo insistente, com a raiz nos romances medievais, em também atitude — e definição.

Acabou muito pobre, reputado pelos seus livros, sentimentalmente agarrado ao seu país, o ilustre Castano Lopes de Moura, que dorme o sono derradeiro em túmulo perpétuo do Père Lachaise, comprado pelo Imperador — para que tivesse pelo menos um pouco, entre tantas vicissitudes e jornadas, na cidade luminosa que o hospedou meio século sem nunca o conhecer. Na História de Napoleão Bonaparte, que Aillaud lhe encomendara em 1846, orgulhosamente se intitulou: "Dr. Castano Lopes de Moura, cirurgião-mor da Legião Portuguesa ao serviço do Imperador Napoleão". Vestia mentalmente o uniforme do Grande Exército, para compor o seu último destino. Mas dobrou do colete de camurça das soldadas de Gomes Freire de Almeida, enérgico e fiel, o coração brasileiro!

O CRUZEIRO, 4. 3. 1961

Figura 11 CALMON, Pedro. Um brasileiro nas legiões de Bonaparte. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1961. Segredos e revelações da História do Brasil, p. 44-45.